

POLIANA ROSSI BORGES

**ESTRUTURA MORFOFONOLÓGICA DAS
FORMAS FUTURAS NAS *CANTIGAS DE
SANTA MARIA***

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Lingüística e Língua Portuguesa.

Orientador: Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari

ARARAQUARA – SP
2008

POLIANA ROSSI BORGES

ESTRUTURA MORFOFONOLÓGICA DAS FORMAS FUTURAS NAS *CANTIGAS DE SANTA MARIA*

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Lingüística e Língua Portuguesa.

Orientador: Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari

Membros componentes da Banca Examinadora:

Presidente e Orientador(a): Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari
(UNESP / Campus de Araraquara)

Membro Titular: Prof. Dr. Ademar Silva
(UFSCAR)

Membro Titular: Prof. Dr. Seug-Hwa Lee
(UFMG)

Membro Titular: Profa. Dra. Beatriz Nunes de Oliveira Longo
(UNESP / Campus de Araraquara)

Membro Titular: Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti
(UNESP / Campus de Araraquara)

Local: Faculdade de Ciências e Letras
Universidade Estadual Paulista – UNESP
Campus de Araraquara – SP

Dedico este trabalho

**Às duas pessoas mais importantes da minha vida:
meu pai, Roberto, e minha mãe, Maria Lucia.**

E ao meu grande amor, Marcelo.

AGRADECIMENTOS

Ao final dessa etapa tão importante e difícil da minha vida, percebo que só consegui ultrapassar todos os obstáculos e realizar meus sonhos devido ao apoio de pessoas realmente importantes para mim. Em especial, gostaria de agradecer:

Primeiramente a DEUS, a Ele devo tudo o que tenho em minha vida e Lhe agradeço pelas pessoas tão especiais que ele colocou em meu caminho.

A GLADIS MASSINI-CAGLIARI, minha orientadora, a quem agradeço os ensinamentos, a força, os “puxões de orelhas” e, principalmente, toda a compreensão nos difíceis momentos que enfrentei durante esses quatro anos de doutorado. Depois de mais de seis anos trabalhando juntas, ela é hoje para mim muito mais que uma orientadora, é um modelo de mulher e profissional, que muito eu admiro.

A toda a minha FAMÍLIA, meus pais, Roberto e Maria Lucia, meu irmão Fredy, meus avós, tios, primos, que sempre me incentivaram e rezaram por mim em todos os momentos de minha vida.

Aos meus PAIS, meus pilares. Difícil traduzir em palavras o quanto sou grata a eles.

Ao MARCELO SUITER, meu marido, companheiro de muitos anos, que acompanha meus estudos desde o mestrado, obrigada pela força, pela compreensão e pelo carinho em todos os nossos momentos juntos.

A minha sogra, SÔNIA, que olha pela minha família.

A ROSANE BERLINK e BEATRIZ LONGO, minhas professoras, pela ajuda e pelos conselhos no exame de qualificação, que muito auxiliaram no êxito deste trabalho.

Aos meus AMIGOS, em especial TALITA MARINE, pelo carinho, pela amizade e pela força nos inúmeros momentos de desânimo.

Aos bons AMIGOS que fiz em Florianópolis, em especial FÁBIO e IRIA, obrigada por todo o apoio e a amizade nos momentos de que mais precisei, obrigada por me adotarem no período em que estive longe de minha família.

A todos os FUNCIONÁRIOS e PROFESSORES da UNESP, por todo o auxílio, enquanto fui aluna dessa Universidade.

A TODOS, MEU MUITO OBRIGADA.

Para ser grande sê inteiro
Nada teu exagera ou exclui
Põe quanto és no mínimo que fazes
Assim em cada lago a lua toda brilha
Porque alta vive

(Fernando Pessoa)

Resumo

Esta tese tem por objetivo o estudo da estrutura morfofonológica das formas verbais futuras do Português Arcaico (PA), no período conhecido por trovadoresco (fins do século XII até meados do século XIV), determinando se essas formas podem ser consideradas simples (uma única palavra fonológica) ou compostas ou perifrásticas (duas palavras fonológicas). Em outras palavras, objetiva-se determinar se, na época em questão, essas formas eram analíticas (formadas pelo infinitivo do verbo principal + verbo *aver* conjugado no presente do indicativo, no futuro do presente, ou pelo infinitivo do verbo principal + verbo *aver/ir*, no pretérito imperfeito do indicativo, no futuro do pretérito) ou sintéticas (cuja estrutura é radical + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal).

O *corpus* é composto das 420 *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X, tomadas a partir da edição de Mettmann (1986a, 1988, 1989).

A pesquisa parte do mapeamento e do levantamento quantitativo de todas as formas futuras presentes no *corpus*, classificando-as quanto ao tipo (aparentemente sintéticas ou indubitavelmente analíticas), relacionando os dados mapeados com a ocorrência de clíticos e o posicionamento do acento. Os resultados obtidos são analisados a partir de critérios para distinção de formas simples e compostas colhidos em estudos anteriores (MASSINI-CAGLIARI, 1999, 2006). Foi analisado, também, o grau de gramaticalização entre o verbo principal e o auxiliar de futuro, a partir dos critérios estabelecidos por Bybee, Pagliuca e Perkins (1991).

Os resultados obtidos mostram que os futuros do presente e do pretérito em PA devem ser considerados formas analíticas, constituídas do infinitivo do verbo principal mais o verbo *aver* conjugado no presente do indicativo, para o futuro do presente, ou do infinitivo do verbo principal seguido do verbo *aver/ir*, no pretérito imperfeito do indicativo, para o futuro do pretérito. A possibilidade de se escreverem as partes constituintes desses verbos separadamente (e até mesmo na ordem invertida, em alguns casos) e entre elas ser possível intercalar uma preposição ou um pronome clítico, além do padrão prosódico que apresentam, que preserva o acento primário nas duas bases, são evidências que indicam que, na época trovadoresca, ancestral do Português Europeu (PE) e do Português Brasileiro (PB) atuais, as formas verbais futuras eram, ainda, perifrásticas – e não compostas (por não se verificar uma coesão interna inquebrável entre seus elementos constituintes) e nem simples (por apresentarem essas formas um padrão acentual próprio de sintagmas ou compostos, e não de palavras simples ou derivadas).

Palavras-chave: verbo, futuro, português arcaico, mesóclise, acento, fonologia, *Cantigas de Santa Maria*.

Abstract

The objective of this Dissertation is to study the morphophonological structure of the future verb forms in Archaic Portuguese (AP) spoken during the so-called archaic period (late 12th C until mid 14th C), in order to establish whether these forms can be considered simple forms (a single phonological word) or compound or periphrastic (two phonological words). In other words, our objective is to determine if at the studied period these forms were analytical (formed with the infinitive of the main verb + verb *aver* in the present, the future indicative, or by the infinitive of the main verb + *aver/ir* in the past imperfect) or synthetic (base form + theme vowel + mood-time inflection + person-number inflection).

The *corpus* is formed of 420 *Cantigas de Santa Maria* by Afonso X edited by Mettmann (1986a, 1988, 1989).

Firstly, all future forms found in the *corpus* were mapped, quantified and classified as to their type (apparently synthetic or positively analytic) and these data were related with the occurrence of clitics and the stress position. The results obtained were analyzed according to criteria used in former studies (MASSINI-CAGLIARI, 1999, 2006) to distinguish simple and compound forms. The degree of grammaticalization between the main verb and the auxiliary of future was also analyzed according with criteria determined by Bybee, Pagliuca e Perkins (1991).

The results show that the future indicative and conditional tenses in MP must be regarded as analytical forms, formed with whether the infinitive of the main verb and verb *aver* conjugated in the present indicative, in the case of future indicative, or the infinitive of the main verb and verb *aver/ir* conjugated in the past imperfect indicative, in the case of the conditional. The fact that the parts forming these verbs could be written separately (and even invertedly in some cases), and also that a preposition or a clitic pronoun could be placed between them, as well as their prosodic pattern, preserving the primary stress on two bases, are evidences that, in AP, the predecessor of modern European Portuguese (EP) and Brazilian Portuguese (BP), future verb forms were still periphrastic, and not compound (for an unbreakable internal cohesion of its forming elements was not verified) or simple (since these forms present a stress pattern that is typical of phases or compounds, and not of simple or derivate words).

Key-words: verb, future, Archaic Portuguese , mesocclisis, stress, Phonology, *Cantigas de Santa Maria*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 2.1 – Miniatura que acompanha o Prólogo, 29

Figura 2.2 – Cantiga XX, fol. 30r – Códice de Toledo, 52

Figura 2.3 – Ilustração: códice dos músicos (E), 55

Figura 2.4 – Cantiga 416 – Códice E, 57

Figura 2.5 – Milagre, Códice MsT.1.I, cantiga 74, 59

Figura 2.6 – Imagem de Maria, Códice MsT.1.I, cantiga 42, 61

Figura 2.7 – Sexto quadro, miniaturas T100, CSM100, 62

LISTA DE TABELAS

Tabela 3.1. Ocorrências de formas no *corpus*, 72

Tabela 3.2. Ocorrências de formas futuras sintéticas e analíticas, 74

Tabela 3.3. Ocorrências de pronomes clíticos com formas verbais futuras, 75

Tabela 3.4. Pessoas da conjugação dos verbos no futuro do presente e do pretérito, 76

Tabela 3.5. Pessoas da conjugação dos verbos no futuro do presente com pronomes enclíticos, 86

Tabela 3.6. Tipos de pronomes enclíticos que acompanham o futuro do presente, 88

Tabela 3.7. Pessoas da conjugação dos verbos no futuro do pretérito com pronomes enclíticos, 90

Tabela 3.8. Tipos de pronomes enclíticos que acompanham o futuro do pretérito, 92

Tabela 3.9. Pessoas da conjugação dos verbos no futuro do presente com pronomes mesoclíticos, 93

Tabela 3.10. Tipos de pronomes mesoclíticos que acompanham o futuro do presente, 95

Tabela 3.11. Pessoas da conjugação dos verbos no futuro do pretérito com pronomes mesoclíticos, 99

Tabela 3.12. Tipos de pronomes mesoclíticos que acompanham o futuro do pretérito, 99

Tabela 3.13. Pessoas da conjugação dos verbos no futuro do presente com pronomes proclíticos, 101

Tabela 3.14. Tipos de pronomes proclíticos que acompanham o futuro do presente, 103

Tabela 3.15. Pessoas da conjugação dos verbos no futuro do pretérito com pronomes proclíticos, 107

Tabela 3.16. Tipos de pronomes proclíticos que acompanham o futuro do pretérito, 108

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

A – analítico
C – grupo clítico
CSM – *Cantigas de Santa Maria*
DM – determinado
DT – determinante
E – Códice dos músicos – El Escorial, Real Monasterio de San Lorenzo, MS B.I.2
ECh – Evite Choque Acentual
encl. – ênclise
F – Códice de Florença. Firenze, Biblioteca Nazionale Centrale, Banco Rari, 20.
FP – futuro do pretérito
FT – futuro do presente
I – frase entonacional
inf. – infinitivo
mesocl. – mesóclise
O – onset; ataque silábico
p/P – pessoa
PA – Português Arcaico
PB – Português do Brasil
PE – Português Europeu
PD – pé defectivo, pé degenerado
pl – plural
procl. – próclise
R – radical
R – rima
s – singular
s – *strong/forte*
S – sintético
SF – sufixo flexional (= desinência)
SMT – sufixo modo-temporal (= desinência modo-temporal)
SNP – sufixo número-pessoal (= desinência modo-pessoal)
s/p – sem pronome
SQ – Sensibilidade quantitativa
T – Códice rico ou Códice das histórias. El Escorial, Real Monasterio de San Lorenzo, MS T.I.1
T – tema
To – Códice de Toledo. Madrid, Biblioteca Nacional, MS 10.069
U – enunciado
v – verso
VT – vogal temática
x – proeminência
w – *weak/fraco*
φ – frase fonológica
ω – palavra fonológica
Σ – pé
σ – sílaba
⊂ – sílaba leve
— – sílaba pesada

– limite de constituinte morfológico ou fronteira de palavra

* – sílaba final de rimas ramificadas, portadoras de acento por inerência

. (ponto) – atonicidade; ausência de proeminência.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.1. Perífrase do futuro e novo sintagma verbal, 10

Quadro 2.1. Distribuição das cantigas de acordo com sua origem, 39

Quadro 3.1. Forma contracta do verbo *aver* homófona ao verbo *ir* no pretérito imperfeito do indicativo, 84

SUMÁRIO

Introdução, 1

1 Diversas abordagens sobre o tempo futuro, 7

1.1 Futuro, do latim ao português: análises históricas, 7

1.2 Análises semânticas, 13

1.2.1 Uso dos tempos futuros em Português, 16

1.3 A estrutura dos tempos futuros, segundo gramáticos e lingüistas, 18

1.4 Análises morfofonológicas, 24

1.5 Considerações finais, 28

2. Corpus, 29

2.1 Português Arcaico, 31

2.2 As *Cantigas de Santa Maria*, 36

2.3 A vida de Afonso X, 41

2.4 A linguagem escolhida por Afonso X, 44

2.5 Os códices, 49

2.5.1 Códice de Toledo (To), 52

2.5.2 Códice Escorialense (E), 54

2.5.3 Códices ricos (T/F), 58

2.6 A autoria, 63

2.7 A edição de Mettmann, 66

2.8 Considerações finais, 68

3. Formas verbais futuras nas *Cantigas de Santa Maria*, 70

3.1 Formas analíticas, 76

3.1.1 Formas analíticas do futuro do presente, 77

3.1.2 Formas analíticas do futuro do pretérito, 79

3.2 Pronomes clíticos, 85

3.2.1 Pronomes enclíticos, 85

3.2.2 Pronomes mesoclíticos, 92

3.2.3 Pronomes proclíticos, 101

3.3 Considerações finais, 112

4. Estrutura morfofonológica das formas futuras, 115

4.1 Critérios de distinção entre formas simples e compostas, 116

4.1.2 Critérios de Massini-Cagliari (1999), 116

4.1.2.1 Co-ocorrência em PA de formas sintéticas e analíticas, 117

4.1.2.2 Possibilidade de mesóclise, 120

4.1.2.3 Dois futuros com uma única terminação, 125

4.1.2.4 Padrão acentual, 125

4.2. Critérios de Bybee, Pagliuca e Perkins (1991), 154

4.2.1 Fusão com o verbo, 154

4.2.1.1 Análise do grau de fusão do futuro do presente em PA, 158

4.2.1.2 Análise do grau de fusão do futuro do pretérito em PA, 176

4.2.2 Dependência, 190

4.2.2.1 Dependência do auxiliar de futuro do presente em PA, 192

4.2.2.2 Dependência do auxiliar de futuro do pretérito em PA, 194

4.2.3 Redução, 195

4.3 Considerações finais, 197

Conclusão, 201

Referências, 209

Apêndice, 218

INTRODUÇÃO

O objetivo principal desta tese é o estudo da estrutura morfofonológica das formas verbais futuras do Português Arcaico (doravante PA), no período conhecido por trovadoresco (princípio do século XIII até meados do século XIV) – referente à primeira fase do período arcaico.¹ Através do estudo de processos morfofonológicos desencadeados pela flexão verbal e pela formação dos tempos futuro do presente e do pretérito (ou condicional) em PA, pretende-se descrever a estrutura morfofonológica das formas futuras na língua dos trovadores.

A partir da análise das formas verbais futuras em PA, pretende-se averiguar se, na época em questão, estas eram analíticas (formadas pelo infinitivo do verbo principal + verbo *aver*, conjugado no presente, ou *aver/ir*, no pretérito imperfeito, dependendo de se tratar do futuro do presente ou do pretérito) ou sintéticas (cuja estrutura é radical + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal). Algumas gramáticas históricas, como a de Nunes (1969), afirmam que para o Português Brasileiro (de agora em diante, PB) houve uma perfeita junção dos componentes; assim, como resultado, tem-se atualmente uma forma simples. Advertem, porém, que há ainda uma certa “consciência” do caráter composto desses verbos, devido à possibilidade de mesóclise. Já estudos fonológicos mais atuais, como Bisol (1992) e Massini-Cagliari (1999, 2006), acreditam ser o futuro, tanto em PA como em PB, uma forma composta, devido à possibilidade de esses verbos terem dois acentos, um na base e outro na “desinência”.

¹ Os historiadores e filólogos são unânimes em situar seu início no século XIII, porque é nesse momento que a língua portuguesa aparece documentada; já o limite final desse período é uma questão em aberto (MATTOS E SILVA, 1989, p. 15-19), como apresentaremos na seção 1 desta tese.

Foram os fatos assinalados desde os trabalhos mais tradicionais a respeito das cantigas medievais galego-portuguesas que apontaram para a relevância do estudo das formas verbais futuras no PA, fundamental para a construção de um panorama mais completo dos fenômenos da Fonologia e da Morfologia da língua naquela época e, portanto, para um melhor conhecimento da história da nossa própria língua.

O que encontramos nas Gramáticas Históricas sobre a flexão verbal e as mudanças na forma (fonético-fonológica) que os verbos assumem, tanto quanto às alterações nas desinências modo-temporais quanto às vogais temáticas, por exemplo, é uma descrição desse fenômeno no período arcaico, sem muitas averiguações quanto à natureza das mudanças desse período até a formação do PB.

Para se analisar a natureza das mudanças por que passou o tempo futuro em PA, escolheu-se como fonte para a constituição do *corpus* do presente trabalho analisar textos escritos selecionados do material poético remanescente do galego-português medieval. A consideração de textos poéticos é de grande importância quando se quer estudar um período passado da língua que não possui registros orais gravados na época, uma vez que a partir da observação de textos metrificados podem ser levantadas hipóteses sobre certos aspectos da pronúncia da língua daquela época, sobretudo com relação à prosódia (nível de descrição que merece relevo quanto ao objeto desta tese, já que a determinação da quantidade de acentos por palavra é crucial para determinar o *status* das formas futuras medievais como simples ou compostas ou, ainda, perifrásticas).

O *corpus* é composto das 420 *Cantigas de Santa Maria* (doravante, CSM) de Afonso X, tomadas a partir das edições interpretativas e fac-similadas disponíveis ao

Grupo de Pesquisa *Fonologia do Português Arcaico*.² Estão disponíveis ao Grupo de Pesquisa³ microfimes de todos os quatro manuscritos em que sobreviveram as cantigas religiosas em galego-português, fornecidos à orientadora desta pesquisa pelas Bibliotecas depositárias dos originais, além dos fac-símiles do códice Escorial (E - códice dos músicos) e Toledo (To).⁴

A seção 1 deste trabalho, “Diversas abordagens sobre o tempo futuro”, como o próprio título diz, trata das variadas abordagens de estudos sobre o tempo futuro em português. Começamos apresentando uma perspectiva das abordagens diacrônicas sobre o assunto, desde o latim até o português atual, partindo da formação histórica desse tempo, passando pelas mudanças por que passou ao longo desse percurso, e pelas alterações de uso, nas diversas épocas do português. Apresentamos, em seguida, algumas análises semânticas, resumindo algumas idéias trazidas por trabalhos anteriores que estudam o valor modal desse tempo e seu uso em PB. São apresentadas a seguir algumas análises estruturais feitas por lingüistas e gramáticos e abordagens presentes em manuais de morfologia, que constroem quadros da estrutura morfológica dos tempos verbais; chegando, finalmente, a análises da estrutura morfofonológica desses tempos, tanto para o PA (período que é o foco deste trabalho), quanto para o PB e o Português Europeu (doravante, PE) atuais.

² Sobre a justificativa para a escolha do *corpus* e suas principais características, ver seção 2, nesta tese.

³ O presente trabalho está vinculado ao Grupo de Pesquisa “*Fonologia do Português Arcaico*”, registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq (liderado pela orientadora do presente trabalho), que tem como objetivo principal a descrição de aspectos fonológicos da Língua Portuguesa no seu período dito arcaico, em especial o trovadoresco (fins do século XII até meados do século XIV). Congrega um grupo de estudantes de Graduação e de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Câmpus de Araraquara. Através da descrição de fenômenos segmentais e supra-segmentais do português medieval, o grupo pretende, a longo prazo, chegar à descrição do componente fonológico da língua, naquela época, e a hipóteses de mudanças lingüísticas ocorridas, desde as origens do português até os dias de hoje. A relevância das pesquisas reside, principalmente, na descrição, ao lado de fenômenos fonológicos segmentais, de fenômenos *prosódicos* (tais como acento, ritmo) e outros fenômenos que exigem um tratamento não-segmental (estruturação silábica e outros processos dela dependentes) de um período passado da língua.

⁴ Sobre os manuscritos em que sobreviveram as CSM, ver seção 2.5.

Em relação à natureza morfofonológica do futuro nas línguas, apresentamos as idéias de Bybee, Pagliuca e Perkins (1991), que desenvolveram critérios para se analisar o grau de fusão entre o verbo principal e seu auxiliar de futuro; e os estudos de Massini-Cagliari (2006), para o PA, Bisol (1992), para o PB, e Mateus (2002 [1983]), para o PE, que classificam essas formas futuras como compostas, devido ao seu comportamento prosódico.

Na seção 2, apresentamos o *corpus* escolhido para analisar o futuro em PA: as CSM. Primeiramente, apresentamos a importância de se trabalhar com um *corpus* poético quando a análise da prosódia da língua está em foco, já que é possível depreender, através da estrutura metrificada dos versos, o padrão de silabação das seqüências, bem como a localização dos acentos e das pausas, e outros fatos fonéticos de um período da língua do qual não temos mais falantes sobreviventes ou qualquer tipo de gravação. Como exigência de qualquer estudo histórico, delimitamos, ainda na seção 2, o período focalizado por este trabalho, entre os anos de 1221 e 1284, período de vida de Afonso X, quando foram compostas as CSM e, para uma melhor compreensão desse *corpus*, apresentamos brevemente alguns fatos da vida de seu autor/compilador, Afonso X, e as diversas especulações sobre a real autoria das cantigas.

Discute-se, também, nessa segunda seção, as razões da escolha da língua galego-portuguesa pelos trovadores da corte de Afonso X, espaço em que a língua nativa era o castelhano. São apresentados, ainda, os testemunhos das cantigas que chegaram até nós: E (códice do Escorial, conhecido como códice dos músicos), T (códice rico da Biblioteca Escorial), F (códice de Florença) e To (códice de Toledo). Por último, apresentamos a edição eleita como base para a análise das cantigas religiosas galego-portuguesas e as razões para esta escolha: a edição interpretativo-crítica de Mettmann

(1986a, 1988, 1989), que baseou sua edição no manuscrito mais completo, o códice Escorial (E) - porém não o mais “rico” (T e F), nem o mais antigo (To).

Na seção 3, foi feito um levantamento quantitativo e qualitativo do comportamento das formas futuras em PA, a partir do mapeamento das ocorrências de verbos nesses tempos específicos nas CSM. Analisamos se essas formas aparecem conjugadas de maneira sintética ou analítica (fundidas ou não com o verbo auxiliar *aver/ir*); se são acompanhadas de pronomes clíticos – e, nesse caso, quais clíticos são esses e em que posição se encontram em relação ao verbo (próclise, ênclise, mesóclise) –; e as pessoas em que os verbos no futuro estão conjugados. Todas essas averiguações dão pistas da estrutura morfofonológica das formas futuras em PA, e permitem definir, finalmente, na seção seguinte, se essas formas devem ser consideradas como sintéticas ou analíticas.

Na última seção, determinamos a natureza morfofonológica das formas futuras em PA, com base no levantamento quantitativo efetuado na seção anterior e em critérios e questões teóricas desenvolvidas por estudos anteriores (apresentados na primeira seção). Para desenvolvermos essa análise, dividimos a seção em duas partes. Na primeira, analisamos o futuro em PA a partir dos critérios desenvolvidos por Massini-Cagliari (1999, 2006): co-ocorrência de formas sintéticas e analíticas, possibilidade de mesóclise, dois futuros com uma única terminação, padrão acentual das formas. Na segunda parte da seção 4, foram analisados em relação ao futuro em PA os critérios desenvolvidos por Bybee, Pagliuca e Perkins (1991). As idéias desenvolvidas por esses lingüistas para averiguar o grau de gramaticalização entre o verbo principal e o auxiliar de futuro se relacionam à fusão, à dependência ou à redução do auxiliar, quando anexado ao verbo principal. A possibilidade de fusão é o item mais relevante em relação aos dados apresentados nesta tese, por se mostrar mais produtivo, devido à baixa

ocorrência de alomorfes do verbo auxiliar, fenômeno que é a base de análise dos critérios de dependência e de redução.

Os resultados obtidos mostram que os futuros do presente e do pretérito em PA devem ser considerados formas analíticas, constituídas do infinitivo do verbo principal mais o verbo *aver* conjugado no presente do indicativo, para o futuro do presente, ou do infinitivo do verbo principal seguido do verbo *aver/ir*, no pretérito imperfeito do indicativo, para o futuro do pretérito. A possibilidade de se escreverem as partes constituintes desses verbos separadamente (e até mesmo na ordem invertida, em alguns casos) e entre elas ser possível intercalar uma preposição ou um pronome clítico, além do padrão prosódico que apresentam, que preserva o acento primário nas duas bases, são evidências que indicam que, na época trovadoresca, ancestral do PE e do PB atuais, as formas verbais futuras eram, ainda, perifrásticas – e não compostas (por não se verificar uma coesão interna inquebrável entre seus elementos constituintes) e nem simples (por apresentarem essas formas um padrão acentual próprio de sintagmas ou compostos, e não de palavras simples ou derivadas). Tal resultado confirma, mais uma vez, a relevância do movimento histórico de transformação de formas sintéticas em analíticas, acontecido no português, desde as suas origens no latim, mostrando que a força desse movimento talvez seja ainda maior do que o que imaginaram os primeiros filólogos e gramáticos históricos que a apontaram (cf. seção 1 desta tese), uma vez que mesmo formas aparentemente sintéticas podem ser, de fato, consideradas analíticas.

1. Diversas abordagens sobre o tempo futuro

Muitos gramáticos e lingüistas já desenvolveram estudos sobre o tempo futuro. As abordagens escolhidas foram as mais diversas: análises diacrônicas desse tempo verbal, descrevendo sua evolução desde o latim até o português contemporâneo; análises morfo-semânticas que consideram o futuro como um modo e não como um tempo verbal; até análises mais recentes sob a perspectiva das novas teorias morfológicas e fonológicas.

A presente seção tem por objetivo apresentar essas abordagens para melhor se entender a estrutura morfológica do tempo futuro, sua formação desde o latim e seu uso no PA e no PB atual, para, finalmente, no final deste trabalho, podermos classificar as formas futuras como sendo de natureza simples ou perifrástica em PA.

1.1 Futuro, do latim ao português: análises históricas

Segundo Câmara Jr. (1967, p. 29), o latim apresentava a partir do século III a.C. três formas de futuro: a) futuros arcaicos, como *faxo* e *capso* – que se associavam aos futuros em *-so* do grego e do osco-umbro e em *-syá* do sânscrito; b) formas de origem subjuntiva, como *ero* e os futuros imperfeitos normais da 3ª e 4ª conjugação – *legam* e *uenies*; c) formas em *-bo* da 1ª e 2ª conjugação, como *cantabo*, de raiz indo-européia *-bhwe*.

No início do século XIII, quando o português primeiramente aparece documentado, percebe-se o abandono definitivo de todas essas formas de futuro, que não passaram para as línguas românicas. Já se haviam perdido os futuros perfectivo e

imperfectivo do latim e começava a se formar uma locução verbal para expressão da futuridade. Segundo Mattos e Silva (1993, p. 37) “as distinções que marcam o sistema verbal do PA, em confronto com o atual, decorrem, fundamentalmente, de diferenças no nível da morfologia”.

A razão do desaparecimento do futuro em *-bo* no latim vulgar, nas primeira e segunda conjugações, é explicada por Coutinho (1971, p. 276) pela semelhança de algumas formas com as do perfeito do indicativo: *ambit – amavit, amabimus – amavimus*; do futuro em *-am*, nas terceira e quarta conjugações, igualmente pela semelhança de algumas formas com as do indicativo e subjuntivo presente: *leges – legis, leget – legit, legam – legam*. Para Coutinho (1971, p. 276), essas semelhanças deviam “confundir” o povo “inculto”, portanto a necessidade de sua eliminação da linguagem falada especialmente.

Para preencher as lacunas decorrentes das perdas de certos tempos verbais, tornou-se necessária a criação de novas formas, o que se deu ainda no latim vulgar ou, mais provavelmente, no romance. Coutinho (1971, p. 276) lista as seguintes novas criações: o futuro, o condicional, as formas analíticas do presente e imperfeito da voz passiva, os tempos compostos. Dentre essas novas formas verbais criadas no romance estão o futuro do presente, que indica um processo posterior ao momento em que se fala, e o futuro do pretérito ou condicional.

Sobre esse último tempo, Câmara Jr. (1967, p. 3) nos adverte que, sendo as formas verbais em *-ria* uma criação românica e por isso não considerada pela tradição clássica greco-latina, criou-se um problema de nomenclatura “delicado e controvertido”. Segundo o autor, a escolha do termo **condicional** para se referir às formas em *-ria* mostra a inclinação pelas características de um “*modo* de realização do processo verbal, e, não, do *tempo* da sua ocorrência” (CÂMARA JR., 1967, p. 4) e que essa escolha

decorreu da focalização de um molde frasal de uma correlação em que a frase assertiva toma o aspecto de uma apódose⁵ condicionada por uma prótase condicionante, como no exemplo dado pelo autor, em (1.1):

(1.1) “Se eu fôsse rico, compraria uma casa.” (CÂMARA JR., 1967, p. 4)

A condição da prótase é apresentada como imaginária, como irreal, e essa irrealidade é compartilhada pela apódose, que dela é a consequência. Segundo o autor, o esquema condicional com a forma verbal em *-ria* “exclui, em princípio, a possibilidade da concretização dos dois processos verbais nela conjugados” (CÂMARA JR., 1967, p. 5).

Câmara Jr. (1967, p. 7) ainda explica que, independentemente do uso sincrônico, a origem da terminação decorrente de um pretérito – como mostraremos a seguir – e a associação formal com o futuro românico levaram alguns gramáticos a estabelecer a denominação perifrástica **futuro do passado** ou do **pretérito**.

Todas as gramáticas históricas consultadas abordam de maneira muito semelhante a evolução do futuro do presente e do futuro do pretérito.⁶ Todas são unânimes em afirmar que o futuro românico não advém do futuro latino; o latim popular já substituíra o futuro latino e criara um tempo novo, “socorrendo-se para isso de uma forma perifrástica, constituída pelo infinitivo, junto ao presente e imperfeito do verbo *habeo*” (NUNES, 1969 p. 319).⁷ Essa substituição do futuro simples, sintético, pelo perifrástico começou cedo e penetrou inclusive nos textos literários, no início muitas

⁵ Segundo o Dubois (1973, p.63), designa-se apódose a oração principal que, colocada depois de uma subordinada condicional (chamada prótase), indica a consequência ou a conclusão desta.

⁶ Gramáticas históricas consultadas: Ali (1971), Coutinho (1971), Bueno (1955), Nunes (1969), Silva Neto (1952), Williams (1973[1938]). Além destes, foi consultada a análise de Câmara Jr. (1975).

⁷ Alguns gramáticos históricos apenas comentam superficialmente a evolução do futuro latino para o PA, enfocando somente a substituição da forma sintética pela analítica com o verbo *haver*: Souza da Silveira (1952, p. 52) e Melo (1957, p. 187).

vezes sem a significação clara de futuro. Como nos explica Bueno (1955, p. 161), abaixo:

Desaparecidas as formas sintéticas do futuro em *bo* (*amabo, debebo*) a língua latina vulgar as substituiu por uma perífrase – *amare habeo, debere habeo* – fazendo de ambos os elementos um sintagma verbal em que *amare* perdeu sua acentuação própria, graças às alterações fonéticas do conjunto. O segundo elemento ficou reduzido a *ei, ás, á, emos, eis, an, [...]*.

O quadro abaixo exemplifica essa substituição por uma perífrase proposta por Bueno (1955, p.161) e o surgimento de um sintagma verbal em que o radical perdeu sua acentuação própria.

Futuro do Presente	Futuro do pretérito
Cantar + ei – cantaréi	Cantar + ia – cantaríia
Cantar + ás – cantarás	Cantar + ias – cantarías
Cantar + á – cantará	Cantar + ia – cantaríia
Cantar + emos – cantarémos	Cantar + íamos – cantaríamos
Cantar + eis – cantaréis	Cantar + íeis – cantaríeis
Cantar + ão – cantarão	Cantar + iam – cantaríiam

Quadro 1.1. Perífrase do futuro e novo sintagma verbal

Silva Neto (1952, p. 255) acredita que esta perífrase tem o seu ponto de partida no latim da África, pois é muito freqüente nos textos de teólogos de lá naturais. Daí teria se expandido pela Itália e pelas províncias ocidentais do Império.

Esse futuro, segundo Bueno (1955, p.161), constituído do presente do indicativo do verbo *haver* ou do imperfeito do mesmo verbo e de infinitivo, não tinha uma ordem fixa; nem sempre a disposição dos elementos teria sido infinitivo + verbo *haver*, existindo até *ei amar, ás amar, á amar*, etc., bem como a intercalação da preposição *de*, *ei de amar, ás de amar*, etc.

Mas, ainda segundo esse autor, dois futuros com ordem fixa logo se tornaram mais comuns. Um era formado de *de* + *infinitivo* após as formas do presente do indicativo do verbo *haver*, como em *hei de ir*, enquanto o outro era formado pela adição, como sufixos ao infinitivo, das formas do presente do indicativo do verbo *haver* (menos o elemento *hav-* da primeira e segunda pessoas do plural); assim temos: *-ei*, *-ás*, *-á*, *-emos*, *-ei*, *-ão*.

Williams (1973[1938], p. 212) também se refere ao futuro do pretérito, chamando-o de condicional. Esse teria se formado como o futuro do indicativo, mas com o imperfeito do indicativo (menos o elemento *hav-*) em lugar do presente do indicativo. As terminações do futuro do pretérito são, portanto, *-ia*, *-ias*, *-ia*, *-íamos*, *-íeis*, *-iam*.

Sobre as formas do verbo *aver*, Huber (1986[1933], p. 230-235) aponta que, em vez das formas plenas *avemos*, *avedes*, usam-se as “formas abreviadas (*h*)emos, (*h*)edes”, junto ao infinitivo, na formação do futuro do presente. Comparando o condicional com o futuro do presente, afirma que as “formas tri ou tetrassilábicas foram substituídas pelas formas abreviadas di- e trissilábicas”; termina dizendo que todas as “formas abreviadas perderam o radical *av-*, tornando-se simples terminações”.

Do ponto de vista formal, houve a aglutinação dos dois vocábulos com uma redução fonética das formas do verbo *haver*. O ponto de partida, segundo Câmara Jr. (1975, p.130), foi o esvaimento da consoante intervocálica /b/; as vogais então em contato se assimilaram, ditongaram e contraíram: *a(b)eo* > *aio*; *a(b)e(b)a* > *ea* > *ia*, etc.

Para Câmara Jr. (1975, p. 130) a combinação do infinitivo com o presente do verbo *haver*, em grande parte da România, estabeleceu-se como uma locução volitiva, focalizando, do presente, a vontade que uma ocorrência se desse; ao mesmo tempo, estabelecia-se uma locução paralela, do ponto de vista do passado.

O falante, que no momento atual declara que quer cantar, que pretende cantar, que está no propósito de cantar, por exemplo (*cantare habeo*), também podia reportar-se a um momento pretérito em que teve a mesma vontade, a mesma pretensão, o mesmo propósito. Daí, nas Gálias e na Ibéria uma locução análoga com o pretérito imperfeito de *habere* (*cantare habebam*). (CÂMARA JR., 1975, p. 130)

Silva Neto (1952, p.255), citando Vossler, procurou explicar esse novo tipo de futuro por fatores extralingüísticos, sobretudo como resultado de uma mudança operada na mentalidade dos povos que falavam latim. A cultura clássica permitia aos latinos uma atitude objetiva em relação ao futuro, mas a derrocada do mundo antigo e o aparecimento de um período de profundas preocupações religiosas acarretou a perda da posição objetiva em relação ao futuro, substituindo-a por um sentimento de incerteza, medo e esperança. “Por isso, em vez de farei (*faciam*) dir-se-ia *devo, quero, posso fazer*” (SILVA NETO, 1952, p. 255).

Segundo Câmara Jr. (1975, p. 128), o latim vulgar, ao contrário do latim clássico, não propiciava o uso do futuro como um tempo verbal, pois este não é próprio do uso coloquial de qualquer língua. Para o autor, o emprego de um tempo futuro depende de condições especiais de comunicação lingüística, que deve ser pautada mais por um raciocínio objetivo do que por um impulso comunicativo espontâneo; portanto, o surgimento desse tempo resulta de uma maior elaboração intelectual. No latim vulgar, o que predominava era o uso do tempo presente com valor semântico de futuro, uma referência temporal, desde que não houvesse uma motivação modal específica para levar o falante a outro uso.

Ali (1971, p. 143), como os demais gramáticos históricos, explica toda a nova formação do futuro na língua portuguesa, mas também preocupa-se em explicar o porquê da perda de uma sílaba em verbos como *trazer, dizer e fazer* na formação do

futuro. Durante muito tempo acreditou-se que a existência das formas breves *trarei*, *direi* e *farei* eram devidas à sincopação das formas mais extensas, sem no entanto dar a razão do desaparecimento da sílaba em tão poucos casos. Ali (1971) explica o fenômeno referindo os futuros diretamente aos infinitivos *dir(e)*, *faz(e)* e *trar(e)*, já existentes em latim vulgar; para *jarei*, caso não se trate de uma forma analógica, haveria o infinitivo *jar*.

1.2 Análises semânticas

Muitos estudos sobre esse tempo verbal voltaram-se para a importância das oposições modais, já que o futuro expressa sempre um pensamento que parte do possível para a certeza. Essa análise é comumente feita por lingüistas que estudam os tempos verbais, como Câmara Jr. (1975), que, na sua gramática histórica sobre o português, analisa o futuro sob o ponto de vista da modalidade, principalmente quando esse é expresso por uma perífrase; Corôa (1985), que parte de uma interpretação semântica do tempo nos verbos em português para mostrar que é possível chegar a uma interpretação temporal; e Silva (2002), que desenvolveu sua tese sobre o futuro no português falado sob o ponto de vista da modalidade.

Comrie (1985, p. 43) compara os tempos presente, pretérito e futuro, primeiramente afirmando que o futuro é apresentado como sendo semelhante temporalmente ao pretérito, apenas em uma direção temporal oposta; mas também acrescenta um sentido em que o futuro é claramente diferente do pretérito, a modalidade:

The past subsumes what may already have taken place and, barring science fiction, is immutable, beyond the control of our present actions. The future, however, is necessarily more speculative, in that any prediction we make about the future might be changed by intervening events, including our own conscious intervention. Thus, in a very real sense the past is more definite than the future. Following on from this, one might argue that while the difference between past and present is indeed one of tense, that between future on the one hand and past and present on the other should be treated as a difference of mood rather than one of tense. (COMRIE, 1985, P. 43-44)

Para Bybee e Pagliuca (1987), o morfema de futuro também não é estritamente temporal, pois pode expressar desejo, intenção, obrigação, necessidade, iminência, hábito, verdades gerais, comando, pedido, suposição. Os autores defendem a idéia de que o futuro pode expressar certas modalidades dependendo do significado original da palavra da qual o futuro se origina (em inglês: *will, shall, be going to*), como podemos perceber abaixo:

We would argue that the original sense of these verbs is not lost entirely, but is rather retained in certain contexts, and hence futures from different sources will have different shades or flavors of meaning. Thus a future derived from a verb meaning desire may have a sense of will or willingness in certain contexts, a future derived from obligation may give an obligation sense occasionally, and a future derived from movement may give the sense of being headed along a certain path, which gives a meaning often labeled, erroneously we believe, as intention. (BYBEE; PAGLIUCA, 1987, p. 112)

Câmara Jr. (1967, p. 20) ressalta a interferência do modo na categoria de tempo; segundo ele, as formas temporais assimilam um matiz modal na base das compreensões complexas que têm, para a mente humana, as noções de tempo, passado e futuro, e assim acrescenta especificamente sobre o futuro:

Em relação ao futuro, o caráter modal ainda é mais nítido e se pode dizer pacificamente compreendido e aceito, embora não se tenham tirado daí tôdas as inferências que o fato comporta. Pode-se mesmo adiantar que a intromissão da dúvida, da mera potencialidade, da expectativa, do anelo, da volição com a idéia de futuro é constante na linguagem espontânea. Sem subintenções subjuntivas, potenciais, optativas, imperativas, o tempo futuro, para a asserção franca, se realiza essencialmente pela forma de presente. (CÂMARA JR., 1967, p. 21)

Porém, Câmara Jr. (1967, p. 27) acredita que essa análise mórfico-semântica não impede a tendência das formas, criadas por um impulso de expressão modal, a se fixarem, por fim, com um valor temporal.

Em relação ao PB, Pontes (1973) verificou que o futuro do presente é raríssimo na fala do português contemporâneo e que todos os exemplos colhidos por ela têm em comum o traço da dúvida, da irrealidade; por isso, considerou essas formas como expressão meramente modal, marginal no sistema verbal. Já o futuro do pretérito ocorreu com maior frequência em seu *corpus*; como marca morfológica dessas formas, a autora segmenta o morfema */-ria/*, cuja significação geral “parece ser modal, ligada à irrealidade, refere-se, mais frequentemente, a uma hipótese, estando relacionado ao pretérito do subjuntivo” (PONTES, 1973, p. 95).

Câmara Jr. (1967, p. 27), Pontes (1973), Corôa (1985), Comrie (1985), Bybee e Pagliuca (1987) acreditam que todas as maneiras de expressar futuro são baseadas na modalidade; o futuro é menos definido, já que não sabemos tanto do futuro como sabemos do passado, pois é apenas uma possibilidade. Côroa (1985, p. 57) afirma que “o futuro (...) expressa sempre um pensamento que parte do possível para a certeza: interpretações antecipadas sobre este movimento fornecem os empregos modais; interpretações posteriores fornecem os empregos temporais”; já o futuro do pretérito inscreve o processo em um “*vir-a-ser*” carregado de incertezas, a realização ou não de algo não lhe é pertinente.

1.2.1 Uso dos tempos futuros em Português

Quando trata do futuro em sua gramática, Ali (1966, p. 64) se preocupa em nos mostrar as aplicações desse tempo verbal. Começa explicando seu uso literal: “o futuro exprime fatos inexistentes, mas realizáveis ou posteriormente ao momento atual em que se fala, ou posteriormente à época de que se fala” (ALI, 1966, p. 164). Temos assim, respectivamente, o futuro do presente e do pretérito.

Depois do uso literal do futuro, coloca-nos outros empregos desse tempo como seu uso com valor de imperativo, ora categórico (*honrarás pai e mãe*), ora simplesmente sugestivo, isto é, quando procura provocar no outro apenas o sentimento da necessidade de efetuar a ação (*dar-me-ás o dinheiro quando puderes*). Para Teyssier (1987, p. 262), esse emprego do futuro com valor de imperativo seria um dos diversos empregos modais do futuro. Segundo o autor, empregado com o seu valor temporal, exprime acontecimento que o locutor situa no futuro; só esse seria o “futuro propriamente dito” (TEYSSIER, 1987, p. 260).

Outra aplicação do futuro, segundo Ali (1966, p.165), ocorre quando por meio dele exprimimos a incerteza sobre os fatos próprios do tempo atual; o gramático o denomina de “futuro problemático” ou “futuro da incerteza” (*Neste quarteirão haverá uns oito prédios desalojados*). Acrescenta que o futuro problemático pode ser usado em frases interrogativas, em que seria uma maneira polida que não obrigaria o interlocutor a responder (*Que casa será esta?*).

Ainda segundo o autor, as duas formas do futuro também servem para caracterizar as asserções condicionais, dependendo o emprego de uma ou outra forma do sentido da proposição condicionante. Se esta se refere a um fato cuja realização consideramos possível, empregaremos o futuro do presente; se o fato não se realizou e

nem se realizará, usaremos o futuro do pretérito (*Se me oferecerem o lugar, aceitarei / Se me oferecessem o lugar, aceitaria*).

Terminando suas explicações sobre o emprego do futuro, Ali (1966, p.165) critica o uso do termo **modo condicional**, referindo-se ao futuro do pretérito, devido a esse emprego em orações condicionais, pois as formas verbais do latim e do grego, embora diferentes e não especializadas, eram usadas com a mesma função e esse termo não era aplicado.

Câmara Jr. (1975, p.131) analisa o emprego do futuro do pretérito afirmando que este tem um uso limitado, já que depende de uma circunstância especial: é preciso que o falante faça a evocação de um momento pretérito, imagine situações posteriores a este momento, situando-se no momento em que se fala, como explicado abaixo:

É preciso que o sujeito falante, reportando-se ao passado e continuando a situar-se no presente, considere, dessa posição por assim dizer ubíqua, o que ocorreu posteriormente no momento passado a que assim se reportou. (CÂMARA JR., 1975, p. 131)

Câmara Jr. (1975, p. 132), em relação ao PA, reforça a idéia de as formas futuras serem de emprego parcial, confinadas à língua escrita e a certas situações orais formais, assim como acontecia em latim vulgar. O autor acredita que, ao lado da tripartição do tempo em presente, pretérito e futuro, há outro sistema bipartido de pretérito, de um lado e, de outro lado, um presente que abarca o futuro. Esse sistema é o das formas marcadas para o passado em referência ao momento da comunicação, e o presente, sem “assinalização” própria, expressa presente, futuro ou um tempo indefinido, respectivamente, como nos seguintes exemplos: *parto agora, parto amanhã, parto sempre de casa às 10 horas* (CÂMARA JR., 1972[1970], p. 90). Ainda segundo o autor, a língua literária joga com a existência dos dois sistemas e tira daí efeitos estilísticos, para, pelo segundo sistema, apresentar o presente e seu futuro, ou o pretérito

e seu futuro, como um segmento temporal único. Dentro do segundo sistema, o futuro funciona com seu caráter modal, e passa a equivaler a um subjuntivo.

Câmara Jr. (1972[1970], p. 88) afirma que não há como separar o tempo e o modo. O primeiro se refere ao momento da ocorrência do processo, visto do momento da comunicação, o segundo a um julgamento implícito do falante a respeito da natureza, subjetiva ou não, da comunicação que faz. Entretanto o autor acrescenta que é comum em português um emprego modal dos tempos verbais, e coloca o exemplo do futuro expressando dúvida, em que não há implicação temporal.

1.3 A estrutura dos tempos futuros, segundo gramáticos e lingüistas

O tema desta seção está diretamente ligado aos objetivos do nosso estudo: o estabelecimento da natureza simples ou perifrástica das formas verbais de futuro. Nesta seção, serão apresentados estudos tradicionais e atuais a respeito da estrutura da forma verbal futura. Adiante, na seção 1.4, serão apresentadas abordagens morfofonológicas mais recentes a respeito da mesma questão.

As gramáticas normativas da Língua Portuguesa (por exemplo, Cunha e Cintra, 1985, p. 381)⁸ e os manuais de morfologia feitos por lingüistas (KEHDI, 2001; LAROCA, 2001) tratam o futuro de maneira muito semelhante (apesar da distância teórica entre eles): a partir de uma visão sincrônica, consideram as formas verbais do

⁸ Cunha e Cintra (1985, p. 382) acrescenta a seguinte observação sobre diacronia, depois da apresentação dos quadros da conjugação dos tempos futuros: “O FUTURO DO PRESENTE E O FUTURO DO PRETÉRITO são formados pela aglutinação do INFINITIVO do verbo principal às formas reduzidas do PRESENTE e do IMPERFEITO do indicativo do auxiliar *haver*: *amar + hei*, *amar + hia* (por *havia*), etc.”

futuro do presente e do pretérito como palavras simples, flexionadas a partir da fórmula geral da estrutura do vocábulo verbal português: T (R + VT) + SF (SMT + SNP).⁹

Câmara Jr. (1972 [1970], p. 99) assim apresenta os sufixos modo-temporais do futuro do presente e do pretérito em sua análise sincrônica do PB:¹⁰

(1.2)

IdFt1: /ra`/ tônico em P 2, 3, 6.

Alomorfia: /rê`/ tônico em P 1, 4, 5.

IdFt2: /ri`a/.

Alomorfia: /ri`e/ em P 5.

Baseados nessa descrição, os manuais de morfologia do português (que comumente são utilizados em cursos introdutórios de Lingüística) elaboraram quadros da conjugação de verbos nas três conjugações, a partir dos elementos mórficos que constituem os tempos do futuro do presente, exemplo (1.3), e do pretérito, exemplo (1.4):

(1.3) Futuro do presente

1ª conjugação

R	VT	SMT	SNP
cant	a	re	i
cant	a	rá	s
cant	a	rá	Ø
cant	a	re	mos
cant	a	re	is
cant	a	rã	o

2ª conjugação

R	VT	SMT	SNP
vend	e	re	i
vend	e	rá	s
vend	e	rá	Ø
vend	e	re	mos
vend	e	re	is
vend	e	rã	o

3ª conjugação

R	VT	SMT	SNP
part	i	re	i
part	i	rá	s
part	i	rá	Ø
part	i	re	mos
part	i	re	is
part	i	rã	o

⁹ A fórmula utilizada por esses dois autores é baseada em Câmara Jr. (1972[1970], p. 94); as abreviaturas T, R, VT, SF, SMT, SNP significam, respectivamente, “tema”, “radical”, “vogal temática”, “sufixo flexional”, “sufixo modo-temporal”, “sufixo número-pessoal”.

¹⁰ Segundo Câmara Jr. (1972 [1970], p. 99) no futuro do presente do indicativo o morfema /ra`/ é tônico na 2ª, 3ª e 6ª pessoas e sofre alomorfia (/rê`/) nas 1ª, 4ª e 5ª pessoas. No futuro do pretérito do indicativo, a forma é /ri`a/ em todas as pessoas, exceto na 5ª pessoa, em que há alomorfia (/ri`e/).

(1.4) Futuro do pretérito

1ª conjugação

R	VT	SMT	SNP
cant	a	ria	Ø
cant	a	ria	s
cant	a	ria	Ø
cant	a	ría	mos
cant	a	rie	is
cant	a	ria	m

2ª conjugação

R	VT	SMT	SNP
vend	e	ria	Ø
vend	e	ria	s
vend	e	ria	Ø
vend	e	ría	mos
vend	e	rie	is
vend	e	ria	m

3ª conjugação

R	VT	SMT	SNP
part	i	ria	Ø
part	i	ria	s
part	i	ria	Ø
part	i	ría	mos
part	i	rie	is
part	i	ria	m

Como, do ponto de vista diacrônico, as formas futuras do português têm origem em uma perífrase, é necessário explicar como as formas perifrásticas teriam se transformado em simples.

Nas línguas indo-européias, na construção perifrástica, são combinadas uma das formas nominais do verbo (infinitivo, gerúndio ou particípio), na qual se concentra o significado do conjunto, com uma forma flexional de outro verbo usado para auxiliar. Nesse auxiliar está a significação gramatical: as categorias número-pessoais e modo-temporais. As construções perifrásticas são “dois vocábulos fonológicos e morfológicos que se associam numa unidade lexical superior” (CÂMARA JR., 1975, p. 164).

Para Câmara Jr. (1975, p. 163) a tendência à aglutinação de certas estruturas, que na história lingüística faz da expressão perifrástica uma forma flexional, depende de três fatores:

1. Ascensão em importância da noção gramatical que a perífrase traduz.

As conjugações perifrásticas se dispõem, numa série, a rigor aberta, em ordem decrescente da intensidade da significação lexical do auxiliar. Nessa escala, são menos ou mais gramaticalizadas. Na gramaticalização mais forte, o auxiliar está com a significação lexical esvaziada e se tornou um mero índice da categoria que se destina a exprimir. (CÂMARA JR., 1975, p. 164)

2. Obsolescência da significação lexical do verbo que entra como auxiliar, isto é, aquele a que cabe o mecanismo gramatical do conjunto.

3. Possibilidades fonológicas da construção em sua morfofonêmica.

Para o autor, todos esses três fatores enumerados se verificam na perífrase do futuro e do condicional, com os auxiliares *habeo* e *habebam*, respectivamente, e o infinitivo do verbo principal para construir um novo futuro flexional, nesse caso, uma forma sintética.

Câmara Jr. (1975, p.164) acredita que essa junção resulta em uma unidade semântica na composição, que não corresponde necessariamente a uma ordem fixa das formas constituintes, e também não impede entre elas possível intercalação de locuções ou vocábulos.

Nunes (1969, p. 320) crê que, no início, logo que o português e as demais línguas latinas se socorreram de *habeo*, havia perfeita consciência da composição do futuro e do condicional, pois houve um tempo em que os dois elementos do futuro (verbo no infinitivo e *habeo*) não estavam aglutinados: *amarei*, *amaria* – *amar hei*, *amar hia*, que coexistiam ao lado de *hei amar*, *havia amar*, ou ainda, na linguagem literária, *hei de amar*, *hia de amar*. Mais tarde perdeu-se essa consciência pelo uso freqüente da forma simples, pois o verbo *habeo* se “soldou ao infinitivo por forma tão íntima que os dois vocábulos vieram a formar um só”. Mesmo assim, Nunes afirma que essa consciência não se perdeu totalmente, mas sobrevive nos casos em que entre essas formas se coloca um pronome.

Williams (1973[1938], p. 211), semelhantemente a Nunes, acredita que o futuro e o condicional têm hoje formas contractas, simples, mas que o falante ainda não perdeu a consciência de sua natureza composta, usando o mesmo argumento usado

posteriormente por Nunes, uso de pronomes entre as formas, mas acrescentando a possibilidade de dois futuros formados por uma única desinência.

Sua natureza simples se revela pela perda do acento do componente infinitivo nuns poucos verbos do latim vulgar, e.g., *salrei* (de **salire-aio*), enquanto sua natureza composta se revela pela construção encontrada nos cancioneros primitivos de dois futuros formados com uma só terminação, e.g., *direy e non estar* ¹¹ [...], e pelo contínuo uso de pronomes infixos. (WILLIAMS, 1973[1938], p. 211)

Concordando com os demais autores, Coutinho (1971, p. 277) afirma que nunca se perdeu a consciência da composição do tempo futuro, “tanto assim é que se pode intercalar nele o pronome oblíquo, o mesmo acontecendo no condicional, e dizer *amá-lo-ei, puni-lo-ei*”.

Huber (1986[1933], p. 230) acredita que, tanto para o futuro quanto para o condicional, é frouxa a ligação entre o verbo principal no infinitivo e seu auxiliar, e a mesóclise e a possibilidade de se usar uma preposição entre os elementos provam essa frouxidão.

Já Silva (2002) e Araújo (2005) procuram evidenciar que as formas de futuro analíticas e sintéticas tendem a se alternar em padrões cíclicos. Eles acreditam que só esse tipo de análise pode encontrar respostas para a instabilidade desse tempo verbal e o aparecimento de novas perífrases que expressam futuridade, como o verbo *ir* + *infinitivo*. Silva (2002) não considera que o aparecimento da forma sintética implicava no desaparecimento da forma perifrástica antecedente, não havendo uma fase exclusivamente analítica ou sintética, sendo que os dois tipos de futuro podem coexistir até que o uso de um deles predomine.

¹¹ Nessa estrutura mencionada por Williams (1973[1938], p. 211) só o primeiro verbo recebe a desinência de futuro (*direy*), o segundo verbo não a recebe, mas deve-se interpretá-lo como futuro também. Embora o autor admita essa possibilidade, nenhum caso pôde ser encontrado no *corpus* analisado nesta tese.

O desenvolvimento do *t.vb*¹² futuro do latim ao românico revela um processo cíclico-padrão no qual a forma perifrástica inicial que se sintetiza é, por sua vez, substituída por uma nova estrutura perifrástica, repetindo essa sequência de eventos. (SILVA, 2002, p. 61)

Silva (2002, p. 64) sugere que a colocação do auxiliar atua como um fator determinante da aglutinação, ou seja, sua colocação antes ou depois do verbo principal pode resultar em uma forma analítica ou sintética. Se um verbo auxiliar for colocado antes do verbo principal resultaria em uma forma analítica, se colocado depois do verbo principal teríamos um forma sintética:

A ordem *cantare habeo* aparece na formação do futuro românico sintético. Entretanto, no vernáculo românico, a forma sintética era ladeada por formas não sintéticas de dois tipos.

No primeiro, a infixação de pronomes é responsável pela disjunção e reflete a ordem *cantare habeo*: *cantar-lhe-ei*, tendo em comum com o *chanterai* a sua origem e o significado temporal básico. Excetuando-se o português, no qual a produção dessa forma está em declínio, não foi conservada nas outras línguas românicas modernas. Especula-se como causa para essa não manutenção a rivalidade direta com a forma sintética como também a rejeição a uma estrutura com um pronome infixado.

No segundo, a formação disjuntiva, com ou sem a preposição *ad* ou *de*: *hei de trabalhar*, *j'ai à travailler* = *tenho de trabalhar*, reflete *habeo cantare*. Manteve a sua modalidade de obrigação original e sobreviveu em todas as línguas românicas modernas. Tem em comum com o primeiro tipo a preservação da forma analítica. (SILVA, 2002, p. 64).

Resumindo, para Silva (2002), um futuro sintético, sincronicamente, segue paralelamente a uma formação analítica de origem aspectual ou modal; as formas que expressam temporalidade são sintéticas e as que indicam modalidade são analíticas. À medida que as formas do futuro se temporalizam, elas tendem a se sintetizar, o que reforça a inferência de que as formas que primeiramente expressam temporalidade são sintéticas, como explicado mais detalhadamente abaixo:

¹² Para Silva (2002), *t.vb* é abreviatura para *tempo verbal*.

O processo parece obedecer à seguinte ordem: um alto grau de temporalidade corresponde a um nível limiar de opacidade nas colorações modais ou aspectuais e vice-versa. Quando uma forma – *cantabo* ou *chanterai* – atinge esse grau de temporalidade e, obviamente, um nível limiar de opacidade modal ou aspectual, uma nova forma de futuro surge – *cantare habeo* e *je vais chanter* -, na qual as noções modais ou aspectuais são mais evidentes. (SILVA, 2002, p. 66)

1.4 Análises morfofonológicas

Bybee, Pagliuca e Perkins (1991) desenvolvem uma análise morfológica das formas futuras, propondo alguns critérios que definiriam uma forma como sintética ou analítica, isto é, discutindo o grau de gramaticalização entre o verbo auxiliar e o verbo principal, se existe ou não fusão entre essas formas na formação do futuro, se apenas uma dependência entre os elementos ou ainda uma redução do verbo auxiliar de futuro nas línguas analisadas.

Semelhantemente a Câmara Jr. (1975), esses autores chegaram a alguns critérios para classificar essas formas em simples ou compostas: a) a ortografia convencional; b) a intervenção de uma palavra entre as formas; c) alomorfias condicionadas pelo verbo auxiliar; d) alomorfias condicionadas pelo verbo principal; e) se há mudanças no verbo principal em relação ao tom, ao acento, ou mudanças em uma vogal ou consoante¹³.

Esses cinco fatores juntos, segundo Bybee, Pagliuca e Perkins (1991, p. 35), permitem calcular o grau de fusão entre o verbo auxiliar e o infinitivo do verbo principal; para tanto, dá-se um valor numérico para as variantes em cada campo, como explicado abaixo:

¹³ Nesta seção as idéias desses lingüistas serão apresentadas brevemente; na seção 4 deste trabalho analisaremos essas questões em relação ao tempo verbal futuro em PA.

FUSION:

1. Written bound: N=0; H=1; Y=2
 2. Open class intervening: N=1; Y=0
 3. Phonological process conditioned by stem: N=0; Y=1
 4. Lexical conditioning: N=0; Y=2
 5. Conditions stem change: N=0; T or S=1; V or C=2
- (BYBEE, PAGLIUCA E PERKINS, 1991, p. 35)

As letras N e Y significam respectivamente *non* e *yes*, respectivamente; H, em relação à escrita da palavra, refere-se à hifenização entre os verbos; T, S, C significam, respectivamente tom, mudança na vogal ou mudança na consoante. Os valores numéricos foram escolhidos de maneira a mostrar que uma maior gramaticalização irá refletir uma nota maior. Abaixo temos a explicação da escolha desses fatores:

Assuming that grams develop from free lexical items, those that can be and are written bound are more grammaticized than those are not, with hyphenated and variable representation assigned an intermediate value. 'Open class intervening' refers to the possibility of non-grammatical elements occurring between the gram and the verb stem. Such possibilities usually decrease as a gram fuses with the verb, [...]. Phonological processes in the gram conditioned by the stem will occur only as the gram starts to become more fused with the stem. This would be an early indication of fusion. 'Lexical conditioning' refers to allomorphy conditioned by the lexical classification of the verb stem (i.e. conjugation class). Such allomorphy usually arises only after the affix has been attached to the stem long enough for phonological processes to lose their productivity and for reanalysis to occur. Under 'conditions stem change', tone or stress changes count less than consonant or vowel changes, since the former may be predictable on a phonological basis, while we exclude that possibility or the latter. (BYBEE; PAGLIUCA; PERKINS, 1991, p. 35-36)¹⁴

Já Massini-Cagliari (2006, p. 96) analisa as formas futuras em PA a partir de seu comportamento prosódico e acredita que essas formas são compostas: ao infinitivo do verbo principal, no futuro do presente, foram acrescentadas as formas do verbo *aver*, no presente do indicativo, ou do pretérito imperfeito do mesmo verbo, no caso do futuro do pretérito. Para Massini-Cagliari (2006, p.97), o comportamento prosódico dos

¹⁴ Todos esses fatores apontados por Bybee, Pagliuca e Perkins (1991), acrescidos de outros que ainda serão mostrados neste trabalho, serão analisados em relação ao PA na seção 4 desta tese.

compostos é semelhante ao da perífrase (duas palavras prosódicas independentes), tendo tantos acentos quanto forem as bases; já as formas simples e derivadas comportam-se como uma palavra fonológica, na medida em que a elas corresponde um acento lexical.

[...] nos tempos Futuro do Presente e do Pretérito do Indicativo, o acento primário era atribuído primeiramente a cada uma das bases componentes do composto; posteriormente, o acento mais à direita receberia o *status* de principal, dada a Regra Final, que se aplica em PB nos níveis superiores ao da palavra, fazendo com que, de todos os acentos concatenados, o último seja o mais forte [...]. (MASSINI-CAGLIARI, 2006, p. 97)

Com relação às formas futuras em PA, Massini-Cagliari (2006, p. 99) propõe a mesma solução: como compostas, essas formas possuiriam dois acentos, um para cada base; no estabelecimento da relação de proeminência entre esses acentos, o segundo tem precedência, segundo o padrão do PA, que seria: nos compostos, o acento da última base é o principal. Observe o exemplo retirado da página 97 de Massini-Cagliari (2006):¹⁵

(1.5) (x)
 (x) (x)
 [amar] [ei]

Em relação ao PE, Mateus (2002 [1983], p. 244-245) já havia chegado à mesma conclusão a que Massini-Cagliari (2006) chegou com relação ao PA, utilizando como

¹⁵ No exemplo (1.5), x representa proeminência, ou seja, os acentos em cada nível; em um primeiro momento, nas palavras compostas, cada base é acentuada, quando feita uma relação de proeminência entre os acentos, o segundo tem precedência, por regra sem exceções, em PA. Os parênteses representam os limites de constituinte (no primeiro nível, os limites entre as bases, e, no segundo, os limites da palavra – composta, no caso).

principal argumento a possibilidade de mesóclise nas formas futuras, mas ainda a partir da possibilidade de acento nas duas bases:¹⁶

Concluimos portanto que as formas do futuro e do condicional divergem de todas as outras formas verbais pela existência de duas fronteiras de morfema seguidas que, por um lado, bloqueiam a actuação da regra (3)¹⁷, e por outro permitem a inserção de fronteiras de palavra com a manutenção dos dois acentos primitivos. Esta proposta pode assim considerar-se um argumento de apoio à hipótese de que o futuro e o condicional são constituídos com o morfema de infinitivo. (MATEUS, 2002 [1983], p.244-245)

Bisol (1992, p. 79) chega à mesma conclusão que Mateus (2002 [1983]), mas em relação ao PB. Para a autora, cada uma das partes que compõem o futuro mantém a sua autonomia, como o fazem as palavras compostas, recebendo acentos primários individuais, dos quais somente o último permanece.

1.5 Considerações finais

Como vimos no desenvolver desta seção, existem já alguns estudos desenvolvidos sobre os tempos futuros, no português, sob diversas abordagens. Todas elas, com certeza, ajudam-nos a entender a estrutura da forma verbal futura, desde o latim vulgar, passando pelo PA, até o PB atual.

Diacronicamente não há dúvidas de que as formas verbais do tempo futuro atual eram, na sua origem, formas perifrásticas, formadas pelo auxiliar *aver* (conjugado no presente ou pretérito imperfeito do indicativo) + o infinitivo do verbo principal. Alguns

¹⁶ A análise da atribuição do acento às bases, ou seja, a análise da atribuição do acento lexical em PA, será desenvolvida mais profundamente na seção 4 deste trabalho.

¹⁷ Em Mateus (2002[1983], p. 241), Regra (3) refere-se à regra de atribuição de acento às palavras simples e derivadas.

Regra (3): Acentuar a última vogal do {tema_[vb]} (MATEUS, 2002[1983], p. 241).
{radical }

estudiosos acreditam que houve um momento da língua em que as pessoas tinham consciência de que essas formas eram compostas por duas palavras, embora, no PB atual, essa consciência esteja se perdendo.

Através de uma análise mais detalhada, pretendemos, nas seções 3 e 4 desta tese, finalmente definir o *status* das formas futuras em PA: se sintéticas ou analíticas, através da análise das CSM, *corpus* escolhido como representativo desse período da língua portuguesa.

2. *Corpus*



Figura 2.1. Miniatura que acompanha o Prólogo – códice dos músicos, Escorial (E).

Fonte: http://www.pbm.com/~lindahl/cantigas/images/cantiga_2small.jpg

(acesso em 15 julho 2008).

As *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X, a maior coletânea medieval de poesias em louvor à Virgem Maria e destinadas a serem cantadas, foram escolhidas para constituição do *corpus* deste trabalho, pois é da observação de textos poéticos que se podem levantar questões sobre aspectos da pronúncia da língua daquela época, sobretudo com relação à prosódia (cf. Massini-Cagliari, 1995, 1999), fenômeno cuja observação é crucial para a presente pesquisa, uma vez que da determinação da estrutura prosódica das formas verbais futuras (no que diz respeito sobretudo à quantidade de acentos) depende a determinação da sua estrutura morfológica. A consideração da rima e da quantidade de sílabas por verso é imprescindível para o estudo de aspectos fonológicos de um período da língua do qual não se tem arquivos sonoros.

Massini-Cagliari e Cagliari (1998, p. 83) exemplificam por que é tão importante a consideração da poesia em uma análise lingüística das línguas antigas:

A tradição da análise poética tem mostrado que a poesia pode revelar a duração das sílabas, a localização do acento e pausas (cesuras) e um valor melódico/rítmico de natureza acústica. Com base na observação desses fatos, desenvolveram-se, dentro dessa tradição de análise poética, vários “métodos de descrição [...]”.

Para Mattos e Silva (2001, p. 32), a documentação lingüística fornecida pelo conjunto da lírica medieval galego-portuguesa é riquíssima, pois os dados obtidos a partir da consideração desses testemunhos são essenciais para o conhecimento do léxico da época e de outros aspectos da língua:

O fato de serem poemas de estrutura formal em versos rimados os torna fundamentais, no que concerne a estudos de história da língua, para o conhecimento de fatos fonéticos desse período, como sejam, por exemplo, questões referentes aos encontros entre vogais (hiatos/ditongos), ao timbre vocálico (abertura/fechamento), vogais e ditongos nasais/orais. A morfologia tanto a nominal como a verbal também tem nessa documentação uma fonte fundamental. A questão da sintaxe aí representada deve ser considerada, tendo sempre presente que o caráter excepcional e variável é essencial na construção poética.

Muito já foi discutido sobre a relação entre os dados recolhidos dos documentos medievais e a língua falada indiretamente representada pela língua escrita à qual dá sustentação. É possível, a partir da escrita produzida pelos compiladores das cantigas medievais galego-portuguesas, chegar ao português falado na época? Mattos e Silva (2001, p. 39) acredita que sim, pois não havia um controle gramatical normativo naquela época, o que faz com que os textos do período arcaico tenham variações constantes, fato que também é indicador de usos da fala.

[...] sendo a documentação escrita que permanece, e sendo essa uma representação convencional da fala, desta teremos nos documentos um reflexo que permite tirar conclusões até certo ponto seguras, no nível fônico-mórfico, já que, não havendo então uma normatização ortográfica, a análise da variação da escrita oferece indícios para alguma percepção da voz. Do mesmo modo, se o que está escrito procura espelhar a voz e esta nos falta, pelo escrito se pode depreender, embora não integralmente, a língua no seu uso primeiro, em qualquer dos níveis em que se pode estruturá-la: fônico, mórfico, sintático, discursivo. (MATTOS E SILVA, 2001, p. 39)

2.1 Português Arcaico

As CSM, escolhidas para compor o *corpus* desta tese, foram mandadas compilar por Afonso X (1221-1284), tendo sido produzidas principalmente no período final de sua vida; encaixam-se, portanto, no período chamado de “arcaico” do desenvolvimento do português, fase que tem seus limites cronológicos entre os séculos XIII e XV. Segundo Mattos e Silva (1989, p. 15):

[...] o lugar de produção coincide com os limites históricos em que o português era usado como língua escrita – e isso não se restringe aos limites da nação portuguesa, como se sabe – e os informantes são os produtores (autores, tradutores, copistas) dos documentos que, elaborados naqueles limites cronológicos, chegaram até o pesquisador actual.

Em qualquer estudo de carácter histórico, tende-se a uma delimitação das épocas durante as quais o objeto de estudos, neste caso em particular a língua, apresenta uma certa coerência, e é essa coerência que Nascimento (1988, p. 123) afirma haver em relação às CSM:

Para nós, a cantiga religiosa afonsina é um documento histórico-lingüístico em que podemos registrar um primeiro estágio de repouso da língua, que legitima identidades sócio-culturais, no mesmo instante em que se instaura como lugar de constituição da memória, já que podemos perceber, em seu funcionamento, reflexos do passado e perspectivas de futuro.

Quando uma língua é dividida em períodos, estes não podem traduzir-se em datas precisas, pois as mudanças lingüísticas acontecem, embora em ritmos diferentes, dependendo da época, de maneira extremamente lenta. Por isso, há um consenso entre os autores em não escolher datas, mas sim escolher períodos de separação longos,

temporalmente. Os limites temporais, assim, não aparecem claramente definidos devido ao caráter paulatino dos processos de mudança lingüística.

A questão da periodização não pode ser tratada sem se levar em conta os principais aspectos teóricos referentes ao complexo fenômeno da mudança lingüística, que implica aspectos estruturais e aspectos sociais. Segundo Maia (1999, p. 23), a discussão a propósito dos critérios – critérios internos e critérios externos – que suportam as diferentes propostas de periodização não pode separar-se do tratamento desta questão do condicionamento da mudança lingüística.

A história interna da língua a que se refere a autora seria a descrição da língua enquanto sistema funcional, fenômenos estruturais que devem ser descritos, a respeito dos quais o lingüista deve procurar descobrir as motivações “intra-sistemáticas e as repercussões que essas mudanças internas tiveram na estrutura lingüística” (MAIA, 1999, p. 23). Já a história externa abrange todas as circunstâncias que fazem parte do contexto sócio-cultural em que vive a língua, transformações sociais de grande impacto que ocasionam modificações na estrutura lingüística.

Revendo a bibliografia sobre o assunto, verifica-se que, para fazer a periodização, os autores ora se baseiam em critérios exclusivamente internos (MESSNER, 2002), ora em critérios preponderantemente externos (SILVA NETO, 1956), ora na combinação desses critérios (VASCONCELOS, 1959).

Em relação ao surgimento da língua portuguesa, é preciso notar que o latim foi aos poucos se diversificando até o surgimento das chamadas línguas românicas; Williams (1973[1938], p. 25) assim explica as causas das transformações das línguas românicas:

A diferenciação do latim vulgar de uma região para outra, que finalmente resultou na sua transformação nas diversas línguas românicas crê-se ter sido devida às causas seguintes: a) o relativo isolamento geográfico dos grupos entre si b) o desenvolvimento de unidades políticas separadas c) a variação cultural e as circunstâncias educacionais ou o período de romanização e) as diferenças dialetais na língua dos colonos itálicos f) os substratos lingüísticos originais g) os superstratos lingüísticos subsequentes.

Segundo Nunes (1969, p. 3-18), no século XI, separou-se do reino de Leão e Castela o condado de Portugal, cujo centro era a região de Porto. Esse novo reino consolidou como língua nacional o seu romance peculiar, que constituiu a língua portuguesa. Levada para o sul, à medida que Portugal se expandia, encontrava falares moçárabicos – “dialetos românicos falados pelos cristãos que ficaram sob o domínio árabe, desde o século VIII e durante o processo de Reconquista” (MATTOS E SILVA, 2001, p. 19) – e enriquecia e modificava como língua nacional. Bem cedo, o grande centro lingüístico passou a ser Lisboa, conquistada pelo primeiro rei português, Afonso Henriques.

Ainda segundo o autor, na segunda metade do século XIII, Portugal firmou seu território definitivo. A língua portuguesa já apresentava, então, uma língua literária *stricto sensu*. Nela se compôs uma rica poesia lírica, associada pela técnica e pela temática à do sul da França. A língua escrita corrente e a prosa literária foram mais tardias e substituíram o hábito da redação em latim.

Câmara Jr. (1975, p. 18), baseando-se na língua escrita, divide o português em período “arcaico”, que vai até o século XV, e em um período posterior que se pode chamar já de “moderno”. Distinguem-se essas duas fases por traços característicos de natureza fonológica, gramatical e lexical bem demarcados. Em referência à norma lingüística, é no século XVI que ela começa a se organizar disciplinariamente, por meio das primeiras gramáticas (Fernão de Oliveira, João de Barros, Duarte Nunes de Leão).

O autor considera ainda um período “clássico”, compreendendo os séculos XVI e XVII, e outro “pós-clássico”, relativo aos séculos subseqüentes. No português clássico é sensível uma disciplina sintática calcada no latim literário, enquanto no século XVIII isso se quebra e a frase escrita se pauta por períodos mais curtos, sintaticamente soltos.

Em relação ao início da história da língua portuguesa, todos os estudiosos são unânimes em situá-la no início do século XIII, pelo fato de só então se ter verificado a passagem para a escrita da língua do noroeste hispânico, remontando a essa época o início da tradição escrita em galego-português. Já em relação ao término da primeira fase histórica da língua portuguesa, não há consenso entre os filólogos e historiadores, os limites são variáveis nas tentativas de classificação cronológica da língua portuguesa.

Entre os séculos IX e XII, já havia fenômenos específicos que singularizavam a área lingüística galego-portuguesa em relação a outros romances hispânicos. Esse período é considerado por alguns filólogos de *proto-histórico*. Mas é realmente no final do século XII e início do século XIII que se situa o início do período arcaico, como afirma Williams (1973[1938], p. 27), por uma razão explícita: é nesse momento que a língua portuguesa aparece documentada pela escrita.

Os mais antigos documentos em português aparecem pelo fim do século XII e marcam o começo histórico do Português Arcaico. Durante quatro séculos a língua sofreu muitas modificações. [...] Pelo fim do século XVI, quase tôdas as características distintivas do Português Arcaico haviam desaparecido; a língua se tornava, no essencial, a mesma de hoje em dia.

Como término da primeira fase do português, os autores se baseiam em fatos de caráter extralingüístico, acontecimentos de caráter histórico, como a morte, em 1354, de D. Pedro, o último grande representante da poesia trovadoresca, a batalha de

Aljubarrota, a crise de 1383-1385, e a vitória do Mestre de Avis, ou em fatos da história literária.

De acordo com Matos e Silva (2001, p. 16), marcam o nascimento do PA o *Testamento de Afonso II*, datado de 1214, e a *Notícia do Torto*, escrita entre 1214-1216. Acredita-se também que as mais antigas cantigas de amigo e de amor do Cancioneiro Medieval Português datam do início do século XIII, já que a musa inspiradora de algumas dessas cantigas, Maria Pais Ribeiro, a Ribeirinha, foi amante de Sancho I, rei português, entre 1185 e 1212.

Tavani (1988, p. 41), por sua vez, propõe recuar a data de produção do texto poético mais antigo para 1196, baseado em uma cantiga de escárnio de Joam Soares de Paiva – que é identificada pelo seu primeiro verso: *Ora faz ost’o senhor de Navarra* – que supostamente teria sido composta na mesma época dos eventos históricos relatados no poema.

Mattos e Silva (2001, p. 17) enumera os principais aspectos extralingüísticos que determinam o fim do PA, mas afirma que esses dados devem ser levados em consideração enquanto não há um estudo essencialmente estrutural da língua:

[...] são acontecimentos extralingüísticos que são tomados como balizas para marcar o fim do período arcaico, tais como: o surgimento do livro impresso, em substituição aos manuscritos medievais, nos fins do século XV e suas conseqüências culturais; o incremento da expansão imperialista portuguesa no mundo, que se refletiu na sociedade portuguesa européia pelo contato com novas culturas e novas línguas, provocando, certamente, reflexos na língua portuguesa no seu processo de variação e mudança; o delineamento de uma normatização gramatical, a partir de 1536, com a gramática de Fernão de Oliveira e de 1540, com a gramática de João de Barros, aparelho pedagógico que, juntamente com as cartilhas, que se multiplicaram daí por diante, darão conformação explícita a um futuro “dialeto” que se tornará a base para o ensino. Desde então será o português língua da escola ao lado do latim, língua exclusiva da escola em toda a Idade Média românica.

Como será visto adiante, o texto das CSM pode ser considerado um testemunho legítimo do PA, pois seu compilador, Afonso X, passou a maior parte de sua infância na Galiza, sendo provavelmente falante nativo de galego-português (MASSINI-CAGLIARI, 2007a), o que faz com que essa obra seja de grande valor para qualquer estudo que tenha como foco a língua galego-portuguesa do período trovadoresco, como é o caso deste trabalho.

2.2 As *Cantigas de Santa Maria*

As CSM, uma coleção de 420 cantigas religiosas em homenagem à Virgem Maria, foram elaboradas em galego-português e atribuídas a Dom Afonso X de Castela, o Sábio, que as teria elaborado com a colaboração de trovadores, músicos, desenhistas e miniaturistas das mais variadas origens e culturas, que ele acolhia na sua corte. Para Parkinson (1998, p. 179), elas constituem um monumento literário, musical e artístico da mais elevada importância. Mettmann (1986b, p. 8) confirma a relevância desse *corpus* para o estudo da época medieval:

Por haberse logrado en ellas un perfecto equilibrio entre texto, melodías y pintura ocupan las Cantigas de Santa Maria un lugar privilegiado en la literatura medieval, y no cabe duda de que para su régio ‘autor’, el “fazer sões” y el “pintar” no eran de menor importancia que el “contar”, “trobar” y “rimar”. Huelga subtrayr el rango que en la historia de la espiritualidad les corresponde a las Cantigas como al monumento literario más destacado del culto mariano en la Península Ibérica, su interés para la historia de la métrica y, finalmente, su importancia como una de las fuentes más ricas del galaico-portugués antiguo.

Para Keller (1987, p. 10), “Alfonso produced an anthology of miraculous narratives which would surpass any such collection before or during his time. This collection was the *Cantigas de Santa Maria*”.

Uma interpretação das *Cantigas* que difere um pouco das anteriores é a de Castro (2006). O autor acredita que a obra religiosa afonsina é um legítimo representante da literatura gótica; desta forma, as *Cantigas* seriam uma espécie de “catedral gótica literária”:

[...] além de representarem as transformações históricas, guardando óbvias ligações com o culto mariano, [as CSM] não só dão um vasto espaço ao diabo como personagem, mas também assemelham-se às catedrais na representação da diversidade populacional e das crenças fantásticas, algo demonstrado nas imagens ora esculpidas nas paredes, ora iluminadas nos vitrais dessas construções sagradas. Em sua vastidão, o texto apresenta uma enorme variedade de povos (etnias, religiões, nacionalidades, classes sociais) e os mais fantásticos acontecimentos. Podemos até pensar que as riquíssimas iluminuras que acompanham originalmente os textos e as notações musicais servem-lhe como os vitrais, que trazem um encanto inigualável às construções religiosas. (CASTRO, 2006, p. 44-45)

Leão (2002, p.1) chama atenção para o ambiente em que esta antologia foi criada, mostrando a riqueza de trabalhos desenvolvidos por Afonso X:

No mesmo scriptorium também se compilavam leis, ou se registravam em códigos várias normas consuetudinárias; escreviam-se tratados de várias ciências; registrava-se a história da Espanha, bem como uma história geral da humanidade; traduziam-se obras do hebraico, do árabe ou do grego por via do árabe; compunham-se obras sobre jogos e lazeres, como o xadrez e os dados; produziam-se poemas profanos e sacros, cujos textos eram copiados, musicados e miniaturados em belíssimos manuscritos.

Segundo Leão (2007, p.20), foi nesse contexto de efervescência cultural que surgiram as CSM, uma coleção de mais de quatro centenas de cantigas, 420 no total, narrativas ou líricas, das quais 356 narram os milagres da santa (*miragres*); as demais, com exceção de uma introdução e dos prólogos, são de louvor a Virgem (*loores*), estas distribuídas de dez em dez. Tirando o poema introdutório, todas estão acompanhadas de melodias. Para Parkinson (1998, p.179), dado que a intenção dessa coletânea foi sempre a de louvar a Virgem e aumentar a devoção a ela, todas as cantigas são na verdade de

louvor, todas exaltam a Mãe de Deus, vista, sobretudo, como nossa indulgente advogada junto a Jesus Cristo.

Muitos milagres marianos foram recolhidos de igrejas e santuários europeus, principalmente franceses e ibéricos, e são de fonte confirmada e bem conhecida, mas muitos relatos são ainda hoje de fonte desconhecida e provavelmente apenas oral (FILGUEIRA VALVERDE, 1985, p. 49).

Para Leão (2007, p. 26-27), é importante ressaltar que não há apenas uma narrativa verbal, mas também uma narrativa iconográfica em iluminuras, que se dispõem numa só página, dividida em seis quadros; e ainda outra narrativa textual, resumida, sob a forma de seis legendas, cada qual colocada acima de um quadro da sequência das iluminuras (apenas nas primeiras 25 cantigas, que receberam prosificações em castelhano, colocadas abaixo das iluminuras, no manuscrito *Escorial* rico). A autora ainda acrescenta que a narrativa verbal se expressa em “sintético poema cheio de subentendidos”, enquanto a narrativa visual que a acompanha pode extrapolá-la para preencher eventuais lacunas da narrativa poética.

Segundo Mettmann (1986b, p.12), as cantigas de milagres podem ser divididas em três grandes grupos, segundo a procedência e o cenário das histórias narradas. No primeiro grupo teríamos todos os milagres marianos divulgados pelo ocidente cristão; algumas destas coleções reúnem milagres localizados em determinados santuários, sobretudo franceses. No segundo grupo estão as cantigas relacionadas com santuários da própria península. Finalmente, no terceiro grupo, as cantigas relatam acontecimentos milagrosos sucedidos ao próprio Rei, a membros de sua família ou às pessoas próximas a ele; algumas cantigas são de caráter autobiográfico. O quadro abaixo, retirado de Mettmann (1986b, p. 12), apresenta a distribuição das cantigas de acordo com os tipos

apresentados acima (cantigas que narram milagres acontecidos em várias partes da Europa – internacionais, na própria península – nacionais, e ao próprio rei – pessoais).

Cantigas	Milagres	Internacionais	Nacionais	Pessoais
1-100	89	75	14	1
101-200	90	46	44	3
201-300	90	36	54	8
301-427	87	19	68	13

Quadro 2.1. Distribuição das cantigas de acordo com sua origem (Mettmann, 1986b, p.12)

Podemos perceber pelo quadro 2.1 a evolução do projeto a partir do conteúdo dos milagres retratados. Os milagres de tradição europeia, os internacionais, predominam no conjunto das primeiras cem cantigas, mas essa proporção diminui muito conforme se avança a cada grupo de 100. Já a proporção de narrativas localizadas na Península Ibérica aumenta. No final, há um aumento considerável de eventos associados ao Rei Afonso X diretamente, ou a membros de sua família e de sua corte (MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 66).

Filgueira Valverde (1985, p. 50) também classifica as fontes das Cantigas, mas de uma maneira um pouco mais pormenorizada que Mettmann, da seguinte forma: a) marianos latinos sem característica local; b) romances marianos; c) obras gerais de onde se tomaram temas relativos à aparição da Virgem; d) coleções locais estrangeiras; e) coleções locais peninsulares; f) milagres familiares ou autobiográficos.

Mettmann (1986b, p. 13) explica que a estrutura dos poemas narrativos é praticamente invariável: há um estribilho inicial, que se repete depois de cada estrofe e apresenta o tema; nas primeiras estrofes se dão normalmente indicações mais ou menos

concretas sobre o espaço, a época, às vezes a fonte e nomeiam-se as personagens envolvidas na história.

Já em relação às cantigas de louvor, todos os temas, os epítetos e imagens têm antecedentes ou paralelos na literatura mariana anterior ou contemporânea, nas quais o Rei e seus colaboradores se inspiravam sem seguir modelos determinados. Mettmann (1986b, p.14) acredita que havia clérigos entre os autores, devido à grande familiaridade com textos litúrgicos. Entre as 61 cantigas de caráter não-narrativo, predominam aquelas que celebram Maria como auxiliadora, mediadora e procuradora. Segundo Leão (2007, p. 8), nessas cantigas (de louvor), a presença da figura de Afonso X é freqüente, sempre retratado em uma postura humilde:

Diferentes no propósito e no valor documental são as *cantigas de loor*, que constituem a parte essencialmente lírica da coletânea. Algumas vezes em discurso direto, mostram sempre o Rei-trovador diante da Virgem Maria, exaltando-lhe as qualidades ou oferecendo-lhe a sua devoção, da mesma forma que, nas iluminuras respectivas, a figura do Monarca é presença constante, na mesma postura humilde.

Para Keller (1987, p. 15), a música deve ser considerada tão importante quanto os outros aspectos mais comentados pelos estudiosos, as histórias em versos e as ilustrações. Segundo o autor, sem a música, as *Cantigas* seriam apenas milagres e hinos escritos em verso e ilustrados.

Segundo Filgueira Valverde (1985, p. 44), as cantigas estão escritas, como outras obras afonsinas, a partir de uma idéia de “exemplaridade”. Esta tendência não é mera inclinação pessoal, era a direção dominante da época, que estabelecia todo um gênero “exemplar”, tendo assim pretexto para recorrer à narrativa tradicional do Oriente e da antigüidade clássica, para criar e compor novos relatos e para infiltrar passagens amenas nas mais elaboradas formas literárias.

Así surge el “exemplum”, con su carácter didáctico, de predicación, dando paso a un triple juego: teológico, moral e imaginativo. El orador expone su doctrina, saca la conclusión práctica e ilustra, con una narración o fábula, doctrina y conclusiones. Así había entendido el ejemplo la retórica clásica, en su utilidad para la comprensión, la persuasión y el recuerdo, apelando a la vez a la inteligencia, a la voluntad y a la memoria; así lo utilizó la cristiandad desde los orígenes mismos de la predicación evangélica. (FILGUEIRA VALVERDE, 1985, p. 45)

Já Keller (1987, p. 7) chama atenção para outro aspecto das cantigas de Afonso X: o recreacional. Para o autor, é este aspecto que une todos os outros elementos, imprime racionalidade aos poemas, chama e prende a atenção, *“and imparts to the remarkable volumes the power and the charm which enabled the king to confront the widest possible public in all its masses and classes”*.

Não se sabe precisar ao certo quando foi escrita cada uma das CSM, mas as diversas fases de sua elaboração distribuem-se ao longo de alguns anos. É possível situar as cantigas no tempo com base nas referências históricas que se podem extrair do próprio texto. A biografia de Afonso X também é um fator crucial na datação dos poemas da coleção, sendo importante apontar os fatos mais relevantes de sua vida para poder supor aproximadamente a data de cada um dos manuscritos (MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 62).

2.3 A vida de Afonso X

É preciso, antes de qualquer análise lingüística sobre este *corpus*, conhecer um pouco sobre a biografia do rei Afonso X, pois ela certamente nos fornecerá elementos necessários à datação dos documentos que iremos analisar e também dados sobre a linguagem escolhida por ele para compor as CSM.

Afonso X era filho de Fernando III, rei de Leão e Castela, e de Beatriz de Suábia. Sua bisavó, Leonor, esposa de Afonso VIII, fundou o monastério de las Huelgas em Burgos. Sua bisavó, Berenguela, e os pais de Afonso X encontravam-se envolvidos em milagres da Virgem Maria, que foram recontados por Afonso nas CSM. A nova construção da igreja de Santa Maria em Toledo foi iniciada por Fernando III em aproximadamente 1225 e seu andamento acompanhou o crescimento de Afonso X (SNOW, 1987, p. 475). Percebe-se que toda a infância de Afonso esteve envolvida em uma esfera religiosa, em especial relacionada a Maria.

De acordo com Filgueira Valverde (1985, p.11), Afonso X, nascido em Toledo em 22 de novembro de 1221, falecido em Sevilha em 4 de abril de 1284, tornou-se rei em 1252. Passou sua infância na Galiza, onde tinha terras seu preceptor García Fernández de Villaldemiro, casado com uma dama de estirpe galega, Mayor Arias. Casou-se em 1246 com a princesa Violante ou Yolanda, filha de Jaime I de Aragão, hábil diplomata que abriu caminho de pactos proveitosos para o reino.

Como rei, foi um político ambicioso e arrojado condutor de campanhas bélicas; possuía excepcional disposição para o governo de seus estados e o realizava de maneira muito direta - isso não quer dizer que não tenha enfrentado problemas e cometido erros no exercício do poder (FILGUEIRA VALVERDE, 1985, p.12). Segundo Leão (2007, p. 18), Afonso X dominava um território muito maior do que o dos reinos de Castela e Leão; seu domínio:

[...] se estendia da Galiza até Aragão, em toda a faixa Norte, e da Galiza até o Sul, na faixa litorânea, contando-se ainda numerosas cunhas encravadas nos territórios muçulmanos, como Badajós, Sevilha, Córdoba, Murcia e tantos outros burgos que ia tomando aos mouros nas lutas da Reconquista.

Entretanto, Leão (2007, p. 19) afirma que o trono que D. Afonso X ocupou durante trinta e dois anos (de 1252 a 1284), a partir dos 31, sempre lhe pesou como um fardo, não tanto pelas lutas contra os mouros, mas pelas dissensões familiares e pelas intrigas da corte; acrescenta que o que o consolava eram as mulheres – reconheceu doze filhos – e os estudos, pelos quais recebeu fama e glória e a alcunha de “o Sábio”.

Portanto, sua figura está em evidência principalmente na atividade poética ibérica do século XIII, por ele a ter encorajado e patrocinado, antes de ser por ele próprio praticada, como acredita Bertolucci Pizzorusso (2002a, p.37):

[...] a sua corte foi o lugar de encontro de um grande número dos poetas galego-portugueses mais representativos e de muitos trovadores provençais, que encontraram em Alfonso X não só o patrono como também o inteligente e interessado interlocutor para questões requintadamente literárias e científicas, cujas autorizadas respostas são por alguns deles versificadas.

Para Filgueira Valverde (1985, p. 19), Afonso X não conseguiu realizar todas as suas intenções no campo político, como, por exemplo, “*el acceso al Sacro Romano Império*”, mas se viu compensado no âmbito cultural, no qual alcança indiscutida soberania, dominando diversos campos: o jurídico, o histórico, o das ciências naturais, o das narrativas e louvores religiosos, o das *Cantigas*, e até o da lírica profana. Snow (1987, p.475) também acredita que a maior parte dos sonhos políticos de Afonso X não foi realizada:

We are all familiar with the many ways in which his dreams for political harmony and even Empire were left unfulfilled, impossibly shattered, at the hour of his death. Political reverses in his later years were accompanied by disaffection within his own family circle, and there can have been little left to cheer him in those final days. That is, if we omit his personal hopes for salvation through the person of Mary, the mediatrix between all sinners and their God.

Vejam algumas de suas principais obras, de acordo com Filgueira Valverde (1985, p. 24-27):

- Afonso X dirige e elabora duas obras importantes na historiografia medieval: *Estória de España* e *Grande e General Estória*.
- No aspecto jurídico, as suas *Partidas* ou o *Fuero de las Leyes* são os mais importantes códigos da Idade Média, pois disciplinaram e ajudaram os juristas a conhecer seus direitos e obrigações.
- As obras científicas foram realizadas também com a ajuda de humanistas e de sábios, usando textos traduzidos ou construindo aparatos astronômicos. São alguns desses textos: *Libros del saber de Astronomía*, *El libro de las cruces*, *Lapidario*, *Setenario*.
- O *Libro del açedrex, dados e tablas* trata do lúdico como descanso do trabalho; é um valioso tratado sobre o tema nessa época.
- Afonso X nos lega também uma copiosa obra lírica galego-portuguesa que abarca todos os gêneros, com 44 cantigas profanas e 420 cantigas religiosas, mais um fragmento incluindo as de amor.

2.4 A linguagem escolhida por Afonso X

Afonso X, que muito cedo foi coroado rei, teve como língua materna o castelhano, porém escreveu toda a sua obra poética em galego-português (RÜBECAMP, 1932, p.280), usando o castelhano apenas para os seus trabalhos em prosa. Afonso X, portanto, segundo Rübecamp (1932), não escolheu sua língua materna, mas a língua do noroeste ibérico para trovar. Leão (2002, p. 2) afirma que isto

aconteceu devido ao fascínio exercido por uma língua que se afirmava como apta, ou até ideal, para a poesia:

Aliás, esse fato não era único na Europa Medieval, onde três línguas vernáculas gozavam da preferência dos poetas: o galego-português no mundo ibero-românico; o provençal no domínio galo-românico; e o toscano no âmbito ítalo-românico. O seu prestígio era tão amplamente reconhecido, que muitos trovadores, no ato de trovar, deixavam de lado as respectivas línguas maternas e adotavam uma das três grandes línguas poéticas de então. Foi o que ocorreu com D. Afonso X. Compôs suas próprias cantigas e dirigiu ou supervisionou a composição de outras pelos seus colaboradores, utilizando o galego-português. (LEÃO, 2002, p. 2)

Leão (2002, p.2) acredita que a linguagem nas CSM não pode ser tomada como um registro da língua oral corrente, já que se trata de um instrumento lingüístico literário. Ela afirma que linguagem fixada na escrita não deve ser confundida com o galego-português oral, que como toda e qualquer língua está em constante variação. Embora essa preocupação de distinção entre a linguagem literária e a oral deva existir, o galego-português do povo não está de todo ausente nas cantigas e isso é facilmente percebido nos inúmeros diálogos encontrados nas cantigas, nos quais muitos dados desta pesquisa se baseiam, e que de tão naturais certamente tentam reproduzir a fala do povo, aproximando-se desta o quanto possível, em um contexto de narrativa poética. Já Filgueira Valverde (1985, p. 39) reconhecia um caráter mais popular na linguagem das CSM:

La lengua de los trovadores no era algo artificial, sino un producto artístico, sincero, inspirado muy de cerca en el gallego vulgar, que hoy perdura con muchas características de aquélla, inmediata en las Cantigas a la lengua hablada [...]. (FILGUEIRA VALVERDE, 1985, p. 39)

Outro aspecto sobre a linguagem das cantigas observado por Leão (2002, 2007) é o fato de a língua mãe do principal trovador (ou para usar um termo de Leão, 2002,

p.3, o “mestre daquela corporação de poetas”) ser o castelhano, o que torna inevitável, segundo a autora, a interferência dessa língua no galego-português. Porém, não podemos nos esquecer de que Afonso X passou uma grande parte de sua infância na Galiza, sendo criado por García Fernández de Villaldemiro, tornando-se, assim, muito provavelmente falante nativo também do galego-português (vejam-se as subseções 2.1 e 2.2, nesta tese).

Para Leão (2002, p. 3), o que distancia as cantigas do padrão oral do galego-português é a sintaxe “retorcida”, a mudança na ordem normal das palavras dentro dos sintagmas e a ordem destes dentro da oração. A autora acredita que isso se dá por dois motivos. Primeiro porque muitas das fontes de Afonso X estavam escritas em latim e isso transparece na sintaxe das cantigas, uma vez que algumas frases têm uma construção tão estranha que ela acredita serem cunhadas em moldes latinos. Outro motivo seria a versificação das cantigas, que é extremamente sofisticada, tanto na escolha e na combinação dos metros, quanto na construção das estrofes e na disposição das rimas, distanciando-se muito da simplicidade estrutural das cantigas de amor e amigo.

Leão (2002, p.3; 2007) também chama a atenção para a riqueza do vocabulário e do estilo em geral das cantigas. Como elas apresentam uma diversidade muito grande de temas, e não retratam apenas a vida religiosa, apresentando a vida em toda a sua complexidade, é evidente que essa temática ampla tenha repercussões na linguagem. Filgueira Valverde (1985, p. 21) tem a mesma opinião da autora, referindo-se à escolha reflexiva de cada vocábulo usado por Afonso X, sua busca constante de novos assuntos e fórmulas rítmicas para expressá-los, e sua preocupação com cada detalhe da narração poética ou histórica.

Os problemas levantados pela abundância de um material narrativo tão rico e variado, a ser transposto para formas aptas ao canto, foram sem dúvida os mais difíceis de resolver segundo a pesquisadora (LEÃO, 2002, p.3); são usadas assim estratégias no nível sintático como hipérbatos¹⁸ e outras figuras de linguagem para conseguir essa transposição, mas ao mesmo tempo não se utiliza uma ornamentação puramente decorativa - são raras as figuras de tipo metafórico por exemplo. E é justamente essa sintaxe que Leão (2002, 2007) analisa, em especial o anacoluto¹⁹, a topicalização²⁰ e a cliticização²¹.

Leão (2002, p.3) diz ainda que o galego-português literário do século XIII apresentava uma unidade, mas certamente já começava a fragmentar-se na língua oral, e isso já era percebido na linguagem literária, mas ainda não de forma tão evidente. Uma prova disso, para a autora, é que a linguagem dos três cancioneiros profanos se encaminha para o padrão português, enquanto que a linguagem das CSM, no que diz respeito à fonologia e à morfologia, tende para o padrão galego. Ferreira (1994, p. 66) acredita que no manuscrito E há a presença de um grande número de formas que denotam uma forte influência castelhana.

¹⁸ Segundo Câmara Jr. (1974[1956], p. 106), hipérbato é uma figura de estilo caracterizada pela ocorrência de uma ordem inversa que colide com a norma geral da colocação e chega a prejudicar a clareza. Exemplo: “Mui grandes noit'e dia/devemos dar porende/nos a Santa Maria/grças, (...)” (refrão da cantiga 57) (LEÃO, 2007, p. 161).

¹⁹ Segundo Câmara Jr. (1974[1956], p. 65), anacoluto ou frase quebrada é aquela em que a uma palavra ou locução, apresentada inicialmente, se segue uma construção oracional em que essa palavra ou locução não se integra. Exemplo: “Quantos em Santa Maria/esperança an/bem se/porrá sa fazenda” (refrão da cantiga 66) (LEÃO, 2007, p. 159).

²⁰ Para Perini (2006, p. 189-190), o tópico sentencial ocorre quando um termo da oração é marcado, de uma maneira ou de outra, como tópico, o que lhe dá destaque de tema, isto é, é o termo da frase do qual se afirma (ou se pergunta) alguma coisa. Exemplo: “A Virgen Santa Maria/todos a loar devemos” (refrão da cantiga. 8) (LEÃO, 2007, p. 158).

²¹ Leão (2007, p. 154) levanta o problema dos clíticos em posição de ênclise, que difere da situação atual. Hoje, somente os pronomes pessoais oblíquos se ligam encliticamente ao final dos verbos. Nas CSM, entretanto, tanto podem ser clíticos alguns pronomes oblíquos, quanto os artigos definidos e o pronome demonstrativo neutro. Exemplo: “Ali u' todo-los santos non an poder de pôer conselho, pono a Virgem, de que Deus quisso nacer” (refrão da cantiga 313). A forma *todo-los* envolve um quantificador e um artigo (LEÃO, 2007, p. 155).

Há autores que discordam dessa posição de Leão (2002, 2007), como Gonçalves (1985, p. 18-19), para quem a linguagem dos cancioneiros e das *Cantigas* é a mesma, o galego-português:

Por lírica galego-portuguesa entendemos um grupo de cerca de 1980 textos de assunto profano transmitidos por três cancioneiros, e 420 textos de tema religioso – as chamadas *Cantigas de Santa Maria*, com uma tradição manuscrita autônoma –, todos eles escritos numa língua uniforme com características bastante uniformes, o galego-português, num período que vai de finais do século XII à segunda metade do século XIV.

Massini-Cagliari (2005, 2007a) também não concorda completamente com as afirmações de Leão (2002, 2007) quanto à diferença de linguagem entre as cantigas profanas e religiosas. A autora fez um estudo comparativo, a partir da análise de alguns aspectos prosódicos, entre a linguagem da poesia lírica profana (cantigas de amor, de amigo e de escárnio e maldizer), proveniente de Portugal e Galiza, e das cantigas religiosas, nas quais o galego-português “é usado como língua de cultura em um país estrangeiro, Castela, a mando do Rei, para poder melhor louvar à Virgem, na língua mais apropriada para esta finalidade” (MASSINI-CAGLIARI, 2007a, p. 102).

Em sua tese de livre-docência de 2005 e no artigo de 2007a, Massini-Cagliari prova que as duas dimensões do PA consideradas são muito próximas, no que diz respeito aos elementos prosódicos enfocados por ela, como, por exemplo: complexidade do ataque silábico, travamento silábico, processos de sândi, encontros vocálicos intravocabulares, acento. As diferenças fonológicas encontradas entre esses dois discursos não são de tipologia dos fenômenos, mas de frequência. Ressalva, ainda, que as CSM têm um nível de formalidade de expressão muito maior do que as cantigas profanas, “dada a tendência mais latinizante do discurso religioso, que, embora composto em galego-português, se referia a um universo em que dominava o latim, língua oficial da Igreja” (MASSINI-CAGLIARI, 2007a, p. 113). E conclui: “Não

havendo distinções tipológicas, não há diferença de sistema; em outras palavras, trata-se de uma e a mesma língua” (MASSINI-CAGLIARI, 2007a, p. 122). Podemos, portanto, assegurar que a escolha das CSM como *corpus* deste trabalho é extremamente pertinente, já que essa obra representa a linguagem dos trovadores galego-portugueses (muitos deles, inclusive, colaboradores de Afonso X); além disso, como as informações biográficas dão conta de que Afonso X passou a maior parte da sua infância na Galiza, muito provavelmente era falante nativo de galego-português.

2.5 Os códices

Os testemunhos que chegaram até nós do cancionero mariano são quatro, todos eles pergaminhos do final do século XIII, repletos de notações musicais. Costumam ser referidos pelas siglas To, E, T e F, e suas cotas para referências são as seguintes (PARKINSON, 1998, p. 180):

E: El Escorial, Real Monastério de San Lorenzo, MS B.I.2 (códice dos músicos).

T: El Escorial, Real Monastério de San Lorenzo, MS T.I.1 (códice rico ou códice das histórias).

F: Firenze, Biblioteca Nazionale Centrale, Banco Rari, 20 (códice de Florença).

To: Madrid, Biblioteca Nacional, MS 10.069.

Mettmann (1986b, p.21) e Ferreira (1994, p.59) consideram T e F como um manuscrito em dois tomos; Mettmann ainda afirma que há uma relação muito estreita entre E e T/F pelo conteúdo e a ordem numérica das cantigas: “*To ofrece el texto más satisfactorio y corrige errores comunes de E y T/F*”. Os manuscritos To e T/F “*están estrechamente emparentados, pero que ni To puede depender de T/F, ni T/F de To*”;

“*To y T/F ofrecen por lo general mejores lecturas que E, sobre todo en el aspecto métrico*”.

A coletânea mais antiga (To) contém apenas 100 cantigas, precedidas por uma cantiga-prólogo – encontrada em todas as coletâneas - que ilustra o projeto de cantar a Virgem e exaltá-la. Esse texto não se assemelha aos outros dois tipos pelo gênero (*miragres* ou *loores*), pois apresenta o conteúdo do livro e o nome do autor, Dom Afonso X, que pretende ser o Seu trovador. O texto de encerramento, chamado *Pitiçon* (que não está presente apenas na edição mais rica e incompleta) funciona de forma análoga ao prólogo: contém o pedido, depois de concluído o trabalho, da recompensa celeste. Esse importante texto, rico em dados autobiográficos, é composto por dez estrofes de dez versos cada uma, o que representa a soma formalmente perfeita da primeira coletânea de cem textos do simbolismo mariano do número cinco e dos seus múltiplos 10, 50 e 100. Aliás, esse é o critério de organização dominante de toda a coletânea da primeira à última das suas redações e marca também o ritmo da ilustração miniaturizada da edição mais luxuosa (BERTOLUCCI PIZZORUSSO, 2002b, p. 143).

Mettmann (1986b, p. 21-22), semelhantemente a Filgueira Valverde (1985, p. 47), supõe três etapas na elaboração das *Cantigas*:

1. Foi projetada uma coleção de cem cantigas, que provavelmente continha a introdução, o prólogo e a *pitiçon*, cada décima cantiga era de louvor, tendo assim 89 de milagres. Este códice chamado de To^{0 22} está perdido.
2. Terminada a primeira coleção, decidiu-se duplicar o número de cantigas e confeccionar um códice ilustrado (T). Para tanto foi necessária uma reorganização do material de To⁰.

²² A abreviatura To⁰ refere-se ao ancestral do qual teria sido copiado o códice de Toledo (To).

3. Novamente se quis dobrar o número para chegar a 400 cantigas: o complemento F do códice T, que ficou incompleto. Ao lado destes dois preciosos manuscritos, confeccionava-se o códice E, de apresentação muito mais modesta. Para realizar o projeto eram necessárias 359 cantigas de milagres, mas faltaram algumas. Solucionou-se o problema repetindo-se nove cantigas.²³

Massini-Cagliari (2005, p. 34) explica os passos da ampliação do projeto inicial, começando pelo manuscrito T, passando por F, até chegar ao manuscrito E, o mais completo de todos:

Evidências [...] sugerem fortemente que T provavelmente começou sua vida como uma coleção fechada de 200 cantigas (o dobro de To). Em algum ponto posterior no tempo, uma decisão foi tomada no sentido de expandir a coleção de T: um segundo volume, justamente F, teria sido preparado, para conter mais 200 cantigas (o que dá o dobro do volume inicial T) [...]. Porque esta decisão teria sido tomada já em um momento tardio na vida do monarca, e porque a execução dos *códices de las historias* é extremamente complicada e demorada (dada as dimensões da sua qualidade artística e musical), um novo projeto foi concebido, mais modesto em termos de iluminuras, em um único volume, capaz de conter a coleção total de 400 cantigas: E (o *códice dos músicos*).

Montoya Martínez (1987, p. 377), buscando evidências no conteúdo das cantigas, propõe o seguinte desenvolvimento dos manuscritos:

- Afonso X decidira compilar 100 cantigas depois de reconquistar Jerez, no ano de 1264, o que nos leva a crer que já estivesse trabalhando nelas anteriormente a essa data.
- Durante suas viagens por Castela, Murcia e Leão, inicia o segundo centenário, como se percebe pela geografia dos milagres recolhidos.

²³ As correspondências das cantigas que foram repetidas são as seguintes, segundo Mettmann (1986b, p. 38): 165 = 395, 187 = 394, 192 = 397, 210 = 416, 267 = 373, 289 = 396, 295 = 388, 340 = 412, 349 = 387.

- O terceiro e quarto centenário se compõem 1) de milagres recolhidos no norte da Espanha, em Portugal e na França, e de milagres sucedidos à sua família 2) de milagres que Santa Maria fez em favor de seus empreendimentos bélicos 3) Afonso X expressa sua devoção por Santa Maria do Porto.

2.5.1 Códice de Toledo (To)

— 20 —

21.

CANTIGA XX, fol. 30 r.^o y v.^o

Esta .xx. e de loor de santa maria
por quantas merces nos faz.

Virga de ieste .an te soubesse loar como merces

i sen onueste por que disseste
quanto por nos padeces

Ca tu noit e dia
sempre estas rogando
teu fill an maria

por nos que andado
aqui pecado i mal obrado
que tu muit auoreces
no .ana quando seuer nalgado
catar nossas sandecas
Virga de ieste .an te soubesse
loar como merces

Figura 2.2. Cantiga XX, fol. 30r – Códice de Toledo.

Fonte: <http://www.pbm.com/~lindahl/cantigas/facsimiles/To/bob020small.gif>
(acesso em 15 de julho de 2005)

O códice To, único manuscrito completo que chegou até nós, agora na Biblioteca Nacional de Madrid, contém 100 cantigas, as quais narram milagres da Virgem e também a louvam, mais um prólogo inicial indicando as intenções e as finalidades do livro, e uma *petiçon* que encerra com uma súplica que Afonso X faz à Virgem, com a qual deveria terminar. Foi adicionado um apêndice constituído por cinco cantigas das Festas de Santa Maria, precedidas de rubrica explicativa, cinco cantigas das Festas de Jesus, também precedidas de notas explicativas e com indicações marginais sobre o uso litúrgico, e mais dezesseis cantigas adicionais em apêndice precedidas por rubrica explicativa, contemplando assim 128 cantigas (METTMANN, 1987, p.355). To é considerado um pouco anterior aos demais, tendo sido provavelmente terminado em 1275. Os demais, T, F e E, nunca chegaram a ser terminados, estando incompletos; acredita-se que os trabalhos foram paralisados devido à morte de Afonso X, entre 1280-84.

Segundo Ferreira (1994, p.72-73), a coleção original de 100 cantigas representada por To foi finalizada provavelmente entre 1264 e 1276, pois o tema e a topologia sugerem que os colaboradores de Afonso estavam vivendo no centro ou no sudeste do reino, o que aponta para os anos de 1259 a 1269. Isso pode indicar que a compilação data de 1260. Depois dessa afirmação, Ferreira (1994, p. 77-97), a partir de observações paleográficas e notações musicais, chega à conclusão de que To é na verdade uma cópia da coletânea original.

We may then conclude that To is a nearly contemporary copy of the first book of the Cantigas de Santa Maria, oc, of c. 1270, expanded with three appendices. While representing the first stages of the Alfonsine collection both for the text and the music of the Cantigas, To propably dates from the time of the first expansion of the collection, i. e. between 1270 and 1280 at the latest; it should therefore be considered its oldest surviving source. (FERREIRA, 1994, p.97)

Os argumentos utilizados por Ferreira (1994, p.93-95) para considerar To uma cópia e não o mais antigo dos códices são os seguintes:

- Há um número significativo de erros musicais em To, o que não seria esperado de um livro produzido por um rei.
- Este manuscrito é relativamente pequeno e sem adornos, o que não seria apropriado para mostrar toda a devoção e religiosidade de Afonso X.
- Há algumas notações musicais não compatíveis com aquelas utilizadas na época em que se supõe que To tenha sido compilado, certamente teriam sido acrescentadas depois.
- To teria sido copiado na mesma ocasião que as demais compilações, pois o texto do primeiro apêndice foi copiado pelo principal escriba de T, o que é percebido pela letra dos textos.

To tem 160 folhas de pergaminho, medindo 315 de altura por 217 de largura e espaço de texto 225mm x 151 mm, além das folhas de guarda; a letra é francesa, típica de códices do século XII. As letras iniciais são decoradas, mas não iluminadas, a alternância de tinta preta e vermelha também parece ser de caráter decorativo (METTMANN, 1986b, p. 25 e MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 68).

2.5.2 Códice Escorialense (E)

O Códice E é o mais vasto: contém Título, Prólogo e 400 cantigas de milagre e louvor. É neste códice que se baseiam as edições modernas (METTMANN, 1986a, 1988, 1989). A essas 400 cantigas foram acrescentadas doze composições, entre as quais se encontram as cinco Festas de Santa Maria já presentes em To, ampliadas com um prólogo e outros textos marianos diversos (METTMANN, 1987, p. 355). Esse

manuscrito, além de uma reorganização na montagem das unidades textuais que o constituem, foi todo revisto, em particular a *intitulatio* e a *petiçon*, que continham indicações numéricas que já não eram pertinentes. Foram acrescentadas também, a cada dez cantigas, ilustrações de músicos tocando violas de arco, tuba, tímpanos, etc; em termos de iluminuras, esse projeto é mais modesto que os demais (MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 65). Esse manuscrito está quase completo, mas incorpora nove cantigas duplicadas e duas sem notação musical. Ferreira (1994, p. 62) nos dá mais detalhes sobre a elaboração desse manuscrito:

The fourth manuscript, E, is the most complete source: it contains 413 poetic texts with music for almost all of them. Like T, it was transferred in the late sixteenth century from Seville to the Royal Library of El Escorial, where it has since been. Every tenth cantiga in this manuscript is preceded by an illumination representing one or two musicians. The order of the first two hundred songs is, with a few exceptions, the same as found in T. The next one hundred pieces present the same kind of organization, but the last group of hundred follows only a decadal order.



Figura 2.3. Ilustração: código dos músicos (E)

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Cantigas_de_Santa_Maria
(acesso em 15 julho 2008).

E tem seis folhas de papel de guarda, 361 de pergaminho avitelado e restos de outras três, provavelmente em branco, que foram cortadas ao fim do manuscrito. A altura de cada folha é de 402 mm e a largura é de 274mm. O texto, escrito em duas colunas de 40 linhas cada uma, em letra francesa de códices do século XIII, mede 303 por 303mm ou 309 por 198mm (METTMANN, 1986b, p. 27). Segundo Massini-Cagliari (2005, p. 80), logo após o primeiro fólio, há uma epígrafe de letras góticas maiúsculas, alternadamente azuis e vermelhas, que traz a inscrição: *Prólogo das cantigas das cinco festas de Sca Maria Primeyra*. Abaixo da epígrafe, inicia-se a transcrição das cantigas de festas, antes do índice que se inicia no fólio 13, e que vai até o fólio 26; os fólhos 27 e 28 estão em branco. A autora ainda acrescenta a seguinte informação:

A transcrição do refrão inicial e da primeira estrofe das cantigas é acompanhada da notação musical. As demais estrofes e a indicação da repetição do refrão vêm a seguir. As letras capitais alternam-se entre azuis com adornos vermelhos e vermelhas com adornos azuis. Na parte superior do fólio 29, está a famosa miniatura do Rei Afonso X, rodeado de seus jograis, poetas e músicos. (MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 80)

Da ten ali u disselle dissele aue. —
 foi logo deus ome feir ala ffe
 ematar el atan poderof e. —
 e na urgen foi en ferrad enton.
 Tan beyrta a laudagon. —
 p q ueemos a saluagon. —
Ea grma plena lle diser. —
 foi o angeo. nos fez conoiser. —
 a deus que non podiamos ueer
 ante mais pois uim de la fuppo
 Tan beyrta foi a laudagon. —
 p q ueemos a saluagon. —
 u lle disse conage deus. —
 enton foi prene to q polos seus
 saluar quis morte pnterpuide
 poi nos tirar da infernal puio.
 Tan beyrta foy a laudagon. —
 p que ueemos a saluagon. —
Eu lle disse beyrta es tu. —
 entas molletes logo te ibi.
 cristo foi prene que nagen possu
 res neos lle deu cada un seu do.
 Tan beyrta foy a laudagon. —
 p q ueemos a saluagon. —
 u lle disse beyrta es tu. —
 eaquei fruto que den nagera.
 ali nos deu carrega poi que ia
 ouuellemos sempre de ds pdo
 Tan beyrta foy a laudagon. —

vito foi noff a
 amigo gabriel.
 quando disse maria deus
 e ngo. vito foi noff ami
 go u diss aue mari a. aa
 urgen beyrta. e que deus
 prendena eela noffa carne
 con que pois butaria o in
 ferno antigo.
 Ehuuto foy noff. —
 amigo gabriel. —
Euica nos podia.
 la mayor amizade

Itq. vi. de laor de sai **M**aria

6r

Figura 2.4. Cantiga 416 – Códice E.

Fonte: <http://www.pbm.com/~lindahl/cantigas/facsimiles/E/014small.html>
 (acesso em 15 julho 2007).

2.5.3 Códices ricos (T/F)

Uma outra e mais luxuosa versão da coletânea conserva-se, embora incompleta na sua última parte, nos dois preciosos códices T e F. A interrupção dos trabalhos no código F e a conclusão precipitada de E podem ser explicadas pela morte do rei em 1284 e por problemas resultantes da coroação de seu filho primogênito Don Sancho, em 1282 (METTMANN, 1987, p. 356).

Segundo Ferreira (1994, p.71-72), o manuscrito T deve ter sido compilado por volta de 1271, pois a cantiga 169 refere-se à viagem de Afonso X a Murcia; F deve ter sido copiado depois de 1279, devido às cantigas 257 e 292 que implicam uma data anterior a 1280; E depois de 1281, devido à cantiga 393, que deve ser datada anteriormente a 1282.

Considering that the manuscripts T and F constitute together a single editorial project; that F is not incomplete but seems to have been started in adverse circumstances; and E reflects, in the last one hundred songs, the same disorganization found in F – it is reasonable to propose, tentatively, that T was copied in the early 1280s; F after Alfonso's death in 1284; while E was probably started before 1284 and finished after this year. (FERREIRA, 1994, p.72)

O Código T, o primeiro volume da coleção bem cuidada, é conhecido como “código rico”, devido ao material utilizado e ao cuidado das anotações musicais, às letras e à beleza das suas miniaturas. Possui um total de 200 cantigas, a maioria com música, cada uma ilustrada com seis ou doze miniaturas em uma ou duas páginas completas que seguem o texto. Muitos acham que esse manuscrito foi danificado e não inacabado como E e F, pois, segundo Mettmann (1987, p. 355), faltam oito cantigas por perda de fólios e foram trocados os números 5 e 15.

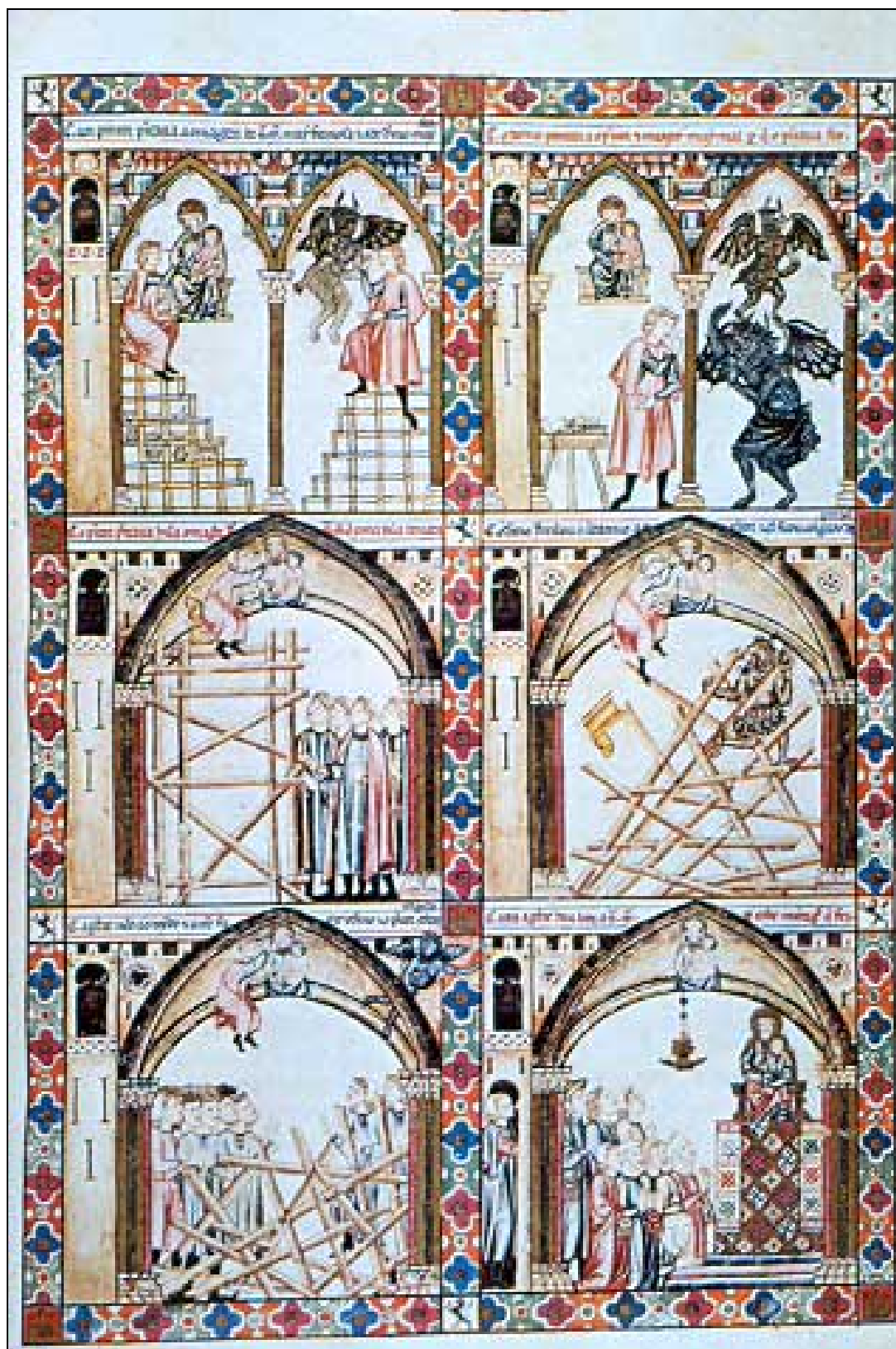


Figura 2.5. Milagre, Códice MsT.1.I, cantiga 74.
<http://www.mtholyoke.edu/courses/mtdavis/222/Cantigas/Images/74.jpg>
 (acesso em 15 de julho de 2008)

Segundo Ferreira (1994, p. 60), a maioria das cantigas encontradas em To foram copiadas em T, mas sua ordem foi drasticamente alterada, para se realizar um novo princípio de organização: cada quinze cantigas dentro de um grupo de dez tinha que ser longa o bastante para ocupar duas páginas e ter material narrativo para doze ilustrações miniaturizadas em duas páginas adicionais ao invés de seis ilustrações como era de costume.

Nesse códice há, segundo Parkinson (1998, p.87), um número elevado de cantigas de louvor que insistem na necessidade de louvar a Virgem, com milagres que A mostrassem participando na vida da família real. Acredita-se que fosse um presente para o Papa, para reforçar a candidatura de Afonso X a imperador.

O manuscrito F, hoje na Biblioteca Nacional de Florença, tem as mesmas características externas de T; seu conteúdo representa a segunda parte da coleção, mas não há notações musicais e o um grande número de miniaturas continua incompleta. Para Ferreira (1994, p.61), esse códice deve ter agrupado entre 130 a 200 cantigas, porém, atualmente, contém apenas 104; um dos motivos que levam Ferreira a supor que muitas cantigas desse códice tenham se perdido é o fato de haver ilustrações correspondendo a pelo menos mais nove cantigas.

Devido à necessidade de urgência no término desse manuscrito por causa da iminente morte do rei, Parkinson (1998, p.188) afirma haver uma menor consistência no nível literário e menor variedade métrica na última centena de cantigas da coleção.



Figura 2.6. Imagem de Maria, Códice MsT.1.I, cantiga 42.
<http://www.mtholyoke.edu/courses/mtdavis/222/Cantigas/Images/42.jpg>
 (acesso em 15 de julho de 2008)

T está escrito em 256 folhas de pergaminho avitelado de 485mm de altura por 326mm de largura; há duas colunas de 44 linhas cada uma (METTMANN, 1986b, p. 29). Já F não tem as mesmas dimensões de T; F compõe-se de 131 folhas de pergaminho que medem 456 por 320mm, mas que deveriam medir mais antes da atual encadernação, pois percebe-se claramente que foram cortadas, especialmente na parte

inferior, onde falta o número, em algarismos romanos, de uma antiga paginação que se observa ainda no verso de muitas folhas (METTMANN, 1986b, p. 32). Ambos possuem letra francesa de códices do século VIII e utilizam a mesma área de texto (335mm x 217mm), o que pode servir de argumento de sustentação à hipótese de constituírem um único manuscrito em dois tomos (MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 71). Massini-Cagliari (2005, p. 71-72) ainda nos mostra as principais diferenças entre os manuscritos T/F e E/To:

A diferença de T/F com relação a E/To está [...] na adoção de um *layout* muito mais complicado, que vislumbra a presença de miniaturas como parte integrante de cada cantiga – o que não acontecia com E/To, em que os textos/músicas das cantigas se seguem uns aos outros, sem troca de página nem espaços demarcatórios intermediários.

Segundo Mettmann (1987, p. 356), os dois manuscritos (T/F) foram corrigidos posteriormente; isso pode ser percebido por raspaduras e palavras escritas à margem dos textos.

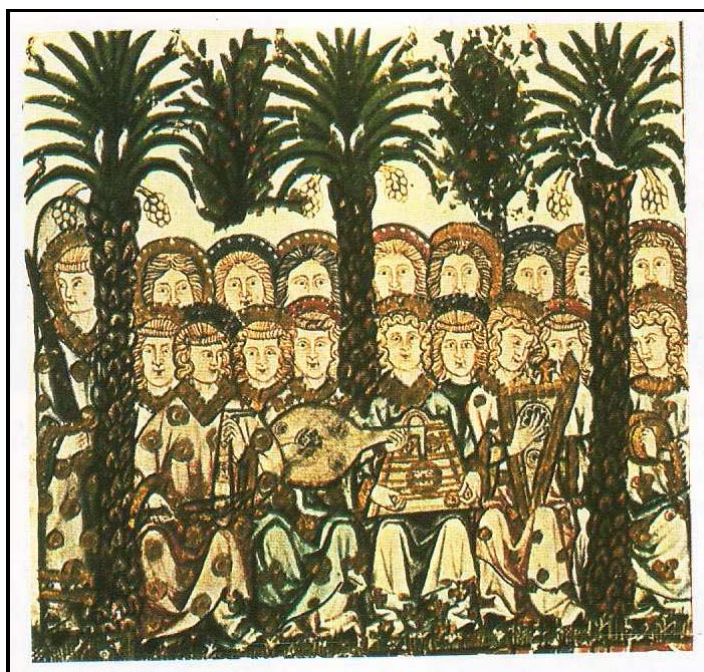


Figura 2.7. Sexto quadro, miniaturas T100, CSM100.
Códice Escorial rico (Biblioteca Real Monasterio de San Lorenzo, El Escorial, MS T.I.1). fólio 145r. Reproduzido de Alvarez (1987, lâmina IX).
(*apud* MASSINI-CAGLIARI, 2005, p.77)

2.6 A autoria

Nas diversas edições que tiveram as *Cantigas de Santa Maria* e nas referências internas com relação à autoria, Afonso X sempre é colocado como seu o autor. Mas a autoria das CSM, com relação à totalidade dos poemas, é questionada atualmente, embora por muitas vezes confirmada em algumas composições (BERTOLUCCI PIZZORUSSO, 2002b, p.143; LEÃO, 2007, p. 20; MASSINI-CAGLIARI, 2005, p.61; METTMANN, 1986b, p. 17; PARKINSON, 1998, p.182). Todos esses autores citados acreditam que o rei exerceu um papel bastante importante na elaboração das *Cantigas*: escolha do tema, orientação da forma de tratá-lo, revisão do texto, etc., e que muitos colaboradores auxiliaram na fase preparatória na busca das fontes em latim (traduções) e em língua vulgar, e das fontes orais (são freqüentes as alusões a este respeito), como afirma Parkinson (1998, p. 183) abaixo:

No contexto do empeño persoal do rei nesta obra, e da importancia da obra na sua procura persoal de salvación [...] é de supoñer que o rei tería acompañado de cerca a estruturación da obra. Mais en realidade resulta estraño que se teña pensado durante bastante tempo que unha colección de semellante tamaño fose unicamente do Rei Sabio (que tería moitas outras ousas en qué se ocupar). A lóxica indícanos, xa que logo, que non podería o rei ter composto todas as 420 Cantigas e, ó mesmo tempo, que sendo el poeta non podería non ter composto ningunha delas.

Castro (2006, p. 44) compara o papel de Afonso X nas *Cantigas* com a função de um mestre de obras, um arquiteto medieval que cuidava de uma catedral. Para o pesquisador, o rei Afonso X era o coordenador que supervisionava o trabalho de vários artífices para formar uma obra grandiosa que espelharia a imensidão da fé e dos poderes divinos, assim como o faz uma catedral.

É, também, muito evidente uma personalização desta obra oferecida por Afonso à Virgem Maria pela sua salvação pessoal, fato que Parkinson (1998) a todo momento reforça em seu trabalho. Lendo as cantigas percebemos que o rei assume para si a primeira pessoa nos textos líricos e se faz de protagonista de textos narrativos como sujeito de intervenções milagrosas da Virgem Maria em situações problemáticas, conta suas doenças, suas dificuldades políticas, seus êxitos e fracassos, até sobre uma traição da qual teria sido vítima; estende também à sua família e a pessoas da corte próximas a ele esse mesmo privilégio. Essas referências ao rei vão aumentando ao progredir da obra.

Filgueira Valverde (1985, p. 28-29) acredita no trabalho direto e intenso do monarca devido à unidade estilística das *Cantigas*. Para ele, a tarefa da corte seria a busca de temas em coleções e histórias e suas traduções, a ajuda ao rei na versificação e a criação e a adaptação da musicalidade a serviço da poesia.

Montoya Martínez (1987, p. 372) concorda com Filgueira Valverde e, para corroborar seu ponto de vista, compara a elaboração das CSM com o problema da inspiração divina da Bíblia, sendo a autoria desta um dos temas mais estudados pelas igrejas cristãs na época:

Alfonso X, como fácilmente podemos comprobar, pone como comparación, que podría iluminar tal “contralla fabla” (“contradicción”), el ejemplo de su actividad literaria: el proceso de creación literaria por él ejercitado; proceso que tiene como protagonista al rey, pero, como en el caso bíblico, tiene unos autores secundarios que no impiden para nada que la obra, en definitiva, sea atribuida únicamente a un solo autor: el propio rey. (MONTOLYA MARTÍNEZ, 1987, p. 373)

Leão (2007, p. 20) acredita ser D. Afonso X um “mestre de obras” no seu campo, além de autor de numerosas peças literárias e musicais, marcadas pelo selo de sua cultura e personalidade, o autor incontestável das *Cantigas*, de pleno direito:

Assim, muitas de suas obras Dom Afonso as escreveu ou traduziu pessoalmente. Algumas outras, porém, ele planejou, supervisionou e revisou, confiando o grosso da execução a seus colaboradores, numa espécie de processo medieval de trabalho cooperativo, sob sua direção. Aliás, esse sistema adotado no *scriptorium* real coincide com o que ocorria nas corporações de ofício, onde toda obra se fazia sob a direção de um “mestre”, cuja responsabilidade e autoridade lhe garantiam o direito de autoria sobre o trabalho realizado por “companheiros” e “aprendizes”.

Já Mettmann (1987, p. 360) acredita que uma leitura cuidadosa da coleção inteira produz ao mesmo tempo uma impressão de homogeneidade e diversidade; afirma que o valor artístico das cantigas narrativas é muito desigual, devido à variedade de autores: “Al lado de composiciones donde el encanto de las leyendas es reforzado por una narración hábil y vivaz y la soltura de los diálogos, (...) hay otras que, como queda dicho, son productos de serie u obra de un poeta de poco talento” (METTMANN, 1986b, p. 14). Os 420 poemas apresentam mais de 280 combinações métricas distintas, das quais 170 não aparecem mais que uma única vez. Embora seja impossível que o rei tenha composto todas as cantigas, ele certamente compôs muitas delas, já que ele próprio era um poeta.

[...] una lectura cuidadosa y repetida de la colección entera produce al mismo tiempo una impresión de homogeneidad y de diversidad, lo que a primera vista parece ser una contradicción. Habiendo adquirido, mediante el trato continuo con el texto, la necesaria sensibilidad respecto a ciertos fenómenos estilísticos, al ritmo de los versos y a las combinaciones de rimas, no le cabe a uno duda alguna de que una gran parte de las Cantigas procede de la misma pluma.

[...]

Por otro lado nos encontramos repetidamente con poemas a los que, por el cambio de estilo, se les nota en seguida que han sido compuestos por otro autor. (METTMANN, 1987, p. 360)

Ainda segundo Mettmann (1986b, p.20), um poeta não conhecido, que poderia ter sido Airas Nunes, teria composto um grande número de cantigas e teria sido também

o coordenador da compilação. Parkinson (1998, p. 184) acredita que as evidências tanto lingüísticas quanto paleográficas são pouco claras, portanto não acha que seja possível apontar Airas Nunes como o principal colaborador das cantigas.

Filgueira Valverde (1985, p. 31) aponta mais nomes de colaboradores. Sugere a participação do frei Juan Gil de Zamora, confessor e amigo do rei e preceptor de Dom Sancho, na teologia e na narrativa; de Bernardo de Brihuega, clérigo da corte, auxiliando na busca das fontes; e de Airas Nunes, pois “su nombre aparezca escrito en el espacio que media entre las dos columnas del folio correspondiente a la cantiga 223, en el códice E”.

Snow (1987, p. 476) aponta também D. Diniz, neto de Afonso X, como provável participante na elaboração das cantigas. Diniz, quando criança, foi um dos netos favoritos de Afonso X, tendo seguido o exemplo do avô em tantos aspectos que Snow acha impossível excluir sua participação, já que tinha vinte e três anos na época da morte de seu avô e, como se sabe, também tinha uma paixão por poesia.

2.7 A edição de Mettmann

Massini-Cagliari (2007b, p. 29) nos explica que “editar” um texto antigo é reproduzi-lo com o objetivo de publicá-lo e atingir assim um público mais amplo, já que os manuscritos originais são de difícil acesso por ficarem em seções reservadas de bibliotecas importantes e também por seu aspecto físico e gráfico. Nesse sentido, “editar um texto antigo é *interpretá-lo* em diversos níveis, desde o seu aspecto material e gráfico até o significado do seu texto” (MASSINI-CAGLIARI, 2007b, p. 29). Portanto, foi-nos necessário escolher uma edição das cantigas para podermos estudá-la, e a

escolhida para o desenvolvimento deste trabalho foi a edição de Mettmann (1986a, 1988, 1989).

Mettmann (1986a, 1988, 1989) baseou sua edição das CSM na compilação mais completa, o manuscrito E. Alguns estudiosos dos textos medievais como Parkinson (1987) e Ferreira (1994) criticaram essa versão, afirmando que Mettmann havia feito uma edição do códice E, e não das *Cantigas* como um total. Esses autores acreditam que deveria ser dado mais crédito às variantes dos outros manuscritos para se chegar a uma edição completa das *Cantigas*. Na edição revista publicada em Madrid entre 1986 e 1989, com um maior aparato crítico, Mettmann acrescentou um largo número de variantes de To e T/F. Mas as críticas continuaram, alegando que não foram suficientes essas alterações e que a nova edição mantinha a orientação básica da anterior.

Parkinson (1987, p. 21-24) critica três aspectos da edição de Mettmann (1986a, 1988, 1989): a escolha do texto definitivo, o tratamento dado aos refrães e o estabelecimento da estrutura métrica. Para Parkinson, Mettmann, ao invés de coletar textos de todos os manuscritos, segue apenas o códice E, apenas buscando os outros códices quando E está possivelmente errado. Em consequência, Mettmann está realmente produzindo uma edição de E, com notas comparativas, e não uma edição das *Cantigas*.

E earns the title of codex princeps for one reason alone: it contains by far the largest number of cantigas, almost the whole collection. This makes it the obvious model for the sequencing of the cantigas but gives its text no priority at all. In fact, there are many reasons for valuing other manuscripts more highly. F and e²⁴ are recognized as de luxe volumes, on which the full resources of the Alfonsine scriptoria were lavished, while E is by contrast a fairly spartan version. MS is the best of the musical manuscripts. To is a copy of the earliest collection, and may thus contain readings unmodified by the effects of successive copying. (PARKINSON, 1987, p. 22)

²⁴ Nesse trecho, que reproduz fielmente o original do autor citado, provavelmente houve um erro de revisão, pois os dois manuscritos considerados luxuosos são F e T (e não “e”).

Em relação aos refrões, Parkinson (1987, p. 23) nos diz que Mettmann (1986a, 1988, 1989) os trata de maneira muito diferente do texto original. Para indicar repetição de um refrão, Mettmann acrescenta uma forma truncada, reduzida à primeira linha. Nenhuma indicação é dada por ele de como os textos originais tratam esse aspecto. Parkinson (1987, p. 23) explica que em algumas cantigas a ocorrência final do refrão é em sua forma completa; em outras, o refrão final e alguns intermediários são omitidos por completo.

Por último, Parkinson (1987, p.24) critica a maneira como Mettmann trata os problemas estruturais encontrados nas cantigas, já que esta estrutura não é homogênea na maior parte das vezes, muitos refrões e estrofes têm uma maior complexidade interna do que a colocada por Mettmann. A principal crítica de Parkinson é que Mettmann nem discute a questão, não informa o leitor de prováveis diferenças com o texto original.

Apesar dessas críticas, a edição de Mettmann é a única completa e a de mais fácil acesso aos estudos lingüísticos, não havendo, no momento, alternativas viáveis à sua substituição. Será adotada, portanto, como *corpus* de estudo desta pesquisa.

2.8 Considerações finais

A presente seção teve como principais objetivos delimitar o período histórico focalizado por nosso estudo e mostrar a pertinência e as características do *corpus* escolhido. As CSM foram escolhidas para ser o *corpus* deste trabalho por terem sido produzidas no final do século XIII, portanto durante o período denominado arcaico, quando se desenvolveu a língua que posteriormente ficou conhecida como galego-portuguesa, foco de estudo de nossa análise. Essa escolha se deve também por ser esse

um material poético, fato crucial para termos pistas da estrutura prosódica das formas futuras do PA.

Nas próximas seções deste trabalho será feita a análise do *corpus* escolhido em relação às formas futuras usadas pelos trovadores, para avaliarmos se essas construções formadas pelo verbo auxiliar *aver* + o infinitivo do verbo principal já haviam se aglutinado em PA ou se eram ainda formas perifrásticas

3. Formas verbais futuras nas CSM

Para se analisar a estrutura morfofonológica das formas verbais futuras em PA, é necessário fazer uma análise do comportamento desses verbos nas cantigas religiosas de Afonso X (*corpus* escolhido para este trabalho, como já justificado na seção anterior), isto é, analisar se essas formas aparecem conjugadas de maneira sintética ou analítica (fundidas ou não com um verbo auxiliar, como veremos no item 3.1); se são acompanhadas de clíticos²⁴, que clíticos são esses e em que posição se encontram em relação ao verbo (próclise, ênclise, mesóclise); e as pessoas em que os verbos no futuro estão conjugados. Todas essas averiguações, como justificaremos ao longo desta seção, poderão nos dar pistas da estrutura morfofonológica da forma futura em PA e, conseqüentemente, poderemos classificar, finalmente, essas formas como sintéticas ou analíticas.

Em cada uma das 420 cantigas de nosso *corpus*, buscamos verbos conjugados no futuro. Quando os encontramos, primeiramente os dividimos em dois grupos: os que estavam conjugados no futuro do presente e no futuro do pretérito. Posteriormente classificamos essas formas como sintéticas ou analíticas, verificando se o verbo *aver* (ou *aver/ir*, no caso do futuro do pretérito) estava unido ao verbo principal no infinitivo ou separado e, nesse último caso, se o verbo auxiliar e o principal estavam ou não ligados por preposição.

Em um segundo momento, analisamos se essas formas futuras estavam acompanhadas de pronomes clíticos; verificou-se também quais pronomes eram mais

²⁴ Segundo Rosa (2000, p. 110-111), o clítico a) tem uma posição fixa em relação a um outro elemento da oração (que nos dá as formas proclíticas e as enclíticas); b) tem posição relativamente fixa em relação a outros clíticos (ex. o objeto indireto antecede o direto: *lha, mo*, etc.); c) em geral se apresenta sem acento. Basílio (2008, p. 16) acrescenta que os clíticos são unidades que se agregam a uma palavra fonologicamente sem fazer parte dela do ponto de vista morfológico, e têm esse nome porque não apresentam acentuação própria, são átonos.

recorrentes, se de 1ª, 2ª ou 3ª pessoas do singular ou do plural, e em que posição se encontravam: antes do verbo (próclise), depois do verbo (ênclise) ou se o clítico aparecia no meio da forma verbal conjugada (mesóclise). Para as conclusões deste trabalho, o estudo da mesóclise é fundamental, pois essa possibilidade de colocação pronominal nos indica que podemos ter nessa estrutura duas palavras, portanto uma forma perifrástica. Já o pronome colocado antes ou depois do verbo (próclise e ênclise) pode nos indicar que as formas já estão contractas (isto é, contraídas, amalgamadas em uma só palavra), sendo assim sintéticas.

Por último, fizemos um levantamento das pessoas gramaticais em que os verbos estavam conjugados. Esse fator pode ser relevante devido à quantidade de sílabas da forma conjugada e a posição do acento: as marcas de 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e a 3ª do plural do futuro do presente são monossílabas e tônicas, já as de 1ª, 2ª pessoas do plural (-emos, -edes) são dissílabas e paroxítonas. No futuro do pretérito, as marcas de 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e a 3ª do plural são dissílabas e paroxítonas (respectivamente, -ia, -ias, -ia e -iam), já as de 1ª, 2ª pessoas do plural são trissílabas e proparoxítonas (-íamos, -íades). Essa análise da quantidade de sílabas e a posição do acento pode ter influência, como mostraremos no item 3.2.1 desta seção, na colocação do pronome.

Foram analisadas nesta tese as 420 CSM conforme a edição de Mettmann (1986a, 1988, 1989). No *corpus* foi possível encontrar uma quantidade considerável de formas futuras, como exposto na tabela 3.1. No total foram encontradas 1023 formas de futuro, das quais 954 eram formas do futuro do presente e 249 do futuro do pretérito.

Tabela 3.1. Ocorrências de formas futuras no *corpus*.

Formas futuras	Quantidade de ocorrências
Futuro de presente	954 (79,3%)
Futuro do pretérito	249 (20,7%)
Total	1203 (100%)

Depois desse primeiro levantamento, separamos os verbos conjugados no futuro em formas sintéticas do futuro do presente, formas sintéticas do futuro do pretérito, formas analíticas do futuro do presente – exemplos (3.1) e (3.2) – e formas analíticas do futuro do pretérito – exemplos (3.3) e (3.4). Em nossa análise, foram consideradas como formas **sintéticas** aquelas em que o infinitivo do verbo principal estava unido às formas do verbo *aver* conjugado no presente do indicativo, quando relacionado ao futuro do presente (*farás*), e no pretérito imperfeito do indicativo, quando relacionado ao futuro do pretérito (*poderias*). Ao contrário das anteriores, os dados em que essas formas verbais estavam separadas foram considerados como **analíticos**, isto é, teríamos mais de uma palavra ou vocábulo como em *á de salvar*.

(3.1)

Virgen, de Deus amada:
do que o mund' **á de salvar** [...] (CSM 1, v. 17-18)

(3.2)

E diz: «Varões, chamemos ora de bon coraçõ
a Virgen Santa Maria de Vila-Sirga, e non
se faça end' om' afora, e peçamos-lle perdon,
ca a ssa vertude santa no-nos **á de falecer**. (CSM 313, v. 46-49)

(3.3)

Sen muito mal que fazia,
cada noyt' en drudaria
a hua sa druda ya
con ela ter
seu gasallado;
pero ant' «Ave Maria»
sempr' **ya dizer**
de mui bon grado. (CSM 11, v. 18-25)

(3.4)

Dest' avo un miragre en França a un frances,
que non avia no reino duc nen conde nen marques
que fosse de mayor guisa, e tal astragueza pres
que quanto por ben fazia en mal xe ll' **ya tornar**. (CSM 281, v. 5-8)

Nos dois primeiros exemplos, o verbo *aver* está conjugado no presente do indicativo antecedendo o verbo principal, que está no infinitivo, e ligado a ele por uma preposição. Essas formas são consideradas em nosso trabalho como analíticas, pois o verbo auxiliar *aver* está separado (graficamente, prosodicamente e através da presença da preposição) do verbo principal.

Câmara Jr. (1972[1970], p. 53) já afirmava que é a presença do acento que assinala a existência de um vocábulo. Como o acento tem tanto uma função distintiva quanto delimitativa, dessa maneira o vocábulo fonológico fica bem delimitado no PB.

Para Bisol (2001, p. 233), “dos constituintes mais baixos da hierarquia prosódica, é a palavra fonológica que faz uso substancial de noções não-fonológicas”, pois há uma interação entre os componentes fonológico e morfológico da gramática. Além disso, a autora observa que “a palavra fonológica ou prosódica tem um só elemento proeminente, do que se conclui que a palavra fonológica ou prosódica não pode ter mais do que um acento primário”. As formas verbais futuras analisadas neste trabalho são consideradas analíticas quando têm dois acentos primários, um em cada forma verbal, um acento no verbo auxiliar e outro no verbo principal no infinitivo.

Nos exemplos (3.3) e (3.4), os verbos auxiliar e principal também estão separados, mas, em relação ao futuro do pretérito, o verbo *aver/ir*, conjugado no pretérito imperfeito do indicativo, não vem separado do principal por meio de uma preposição. Como veremos no item 3.1.2 deste mesmo capítulo, a ordem dos componentes de formas verbais desse tipo não é rígida; foram encontrados casos em que

o auxiliar é colocado depois do verbo principal (situação não encontrada em relação ao futuro do presente), ainda que igualmente sem preposição.

Como demonstrado na tabela 3.2, das 1203 formas futuras encontradas, 1170 eram sintéticas e apenas 33 analíticas. No futuro do presente, foram encontradas 24 formas analíticas frente a 930 sintéticas; no futuro do pretérito, nove formas analíticas frente a 240 sintéticas. O futuro do presente na sua forma analítica era sempre auxiliado pelo verbo *aver*, como exemplificado em (3.1) e (3.2) e no futuro do pretérito pelo verbos *aver* ou *ir*²⁵, como nos exemplos (3.3) e (3.4).

Tabela 3.2. Ocorrências de formas futuras sintéticas e analíticas.

Tempos futuros	Formas sintéticas (percentual, em relação ao total no tempo específico)	Formas analíticas (percentual, em relação ao total no tempo específico)	Total
Futuro do presente	930 (97,5%)	24 (2,5%)	954 (100%)
Futuro do pretérito	240 (96,4%)	9 (3,6%)	249 (100%)
Formas futuras	1170 (97,3%)	33 (2,7%)	1203 (100%)

Como explicado na introdução desta seção, achou-se necessário também fazer um levantamento quantitativo dos pronomes clíticos junto às formas futuras. O objetivo desse estudo é saber qual posição do pronome em relação aos verbos era mais recorrente em PA: próclise, ênclise ou mesóclise. Esse levantamento é importante, pois a posição de mesóclise nos permite, ao contrário do que ocorre quando há ênclise ou próclise (quando não há indicações claras para a classificação da forma futura como sintética ou analítica), classificar as formas futuras como analíticas. No caso de classificação da forma como analítica, teríamos duas palavras, um infinitivo e um verbo auxiliar conjugado, com um pronome ao meio delas; enquanto que a ênclise e a próclise não nos

²⁵ Não é ponto pacífico entre os gramáticos e lingüistas se o verbo encontrado como auxiliar do futuro do pretérito era o verbo *aver* ou *ir*. Esse assunto será novamente discutido no item 3.1.2 desta seção.

dão pistas seguras da classificação da forma futura em PA, quando poderíamos ter apenas uma palavra, um verbo conjugado no futuro, e o pronome seria colocado antes ou depois do verbo, ou duas palavras, com o pronome ocorrendo antes ou depois da locução verbal.

A tabela 3.3 mostra que foram encontradas 494 formas de futuro acompanhadas de pronomes clíticos, sendo 360 ocorrências de próclises, como exemplificado em (3.5), em que o pronome oblíquo *vos* antecede o verbo *direy*, 94 casos de mesóclises, exemplo (3.6), em que há inserção do pronome *che* no verbo *pidirei*, e 40 de ênclises, exemplo (3.7), em que o pronome *lle* é enclítico ao verbo *fazer*.

Tabela 3.3. Ocorrências de pronomes clíticos com formas verbais futuras.

Tempos futuros	Próclise	Mesóclise	Ênclise	Total
Futuro do presente	290 (72,3%)	76 (19%)	35 (8,7%)	401 (100%)
Futuro do pretérito	70 (75,3%)	18 (19,3%)	5 (5,4%)	93 (100%)
Total	360 (72,9%)	94 (19%)	40 (8,1%)	494 (100%)

(3.5)

Dest' un miragre fremoso, ond' averedes sabor,
vos direy, que fez a Virgen, |Madre de Nostro Sennor, (CSM 42, v. 7-8)

(3.6)

Esto por don cho peço, | e ar **pidir-ch-ei** al:
Sennor Santa Maria, | pois que começad' ey
de pedir-che merçee, | non me departirey; (CSM 401, v. 81-83)

(3.7)

U alguen a Jhesu Cristo por seus pecados negar,
se ben fiar en ssa Madre, **fará-ll'** ela perdõar. (CSM 281, v. 3-4, refrão)

Foi feito também um levantamento das pessoas nas quais os futuros do presente e do pretérito eram mais conjugados, pois, para o desenvolvimento da nossa análise, a

quantidade de sílabas de uma forma verbal nos faz levantar hipóteses sobre a colocação pronominal. Por exemplo, um verbo conjugado na 1ª pessoa do plural (*cantaremos*), em nosso *corpus* nunca vem acompanhado de pronome enclítico (ver item 3.2.1), pois teríamos assim uma palavra proparoxítona, forma evitada e considerada esdrúxula em PA. Massini-Cagliari (1999, p. 169), analisando as cantigas medievais portuguesas profanas, em um levantamento quantitativo, constatou que a maioria das palavras de seu *corpus* era paroxítona, “o que confirma a hipótese do troqueu moraico como pé básico único do PA, já que a pauta paroxítona é o padrão trocaico canônico”. A mesma autora, na página 175 de seu livro, afirma não ter encontrado palavras proparoxítonas nas cantigas de amigo, sejam as palavras verbos ou não verbos. Uma análise detalhada desses dados será desenvolvida no item 3.2 desta seção.

Como a tabela 3.4 comprova, no *corpus* considerado, há uma predominância da conjugação na 1ª pessoa do singular no futuro do presente e da 3ª pessoa do singular no futuro do pretérito. Apenas no futuro do presente encontramos verbos conjugados na 1ª e na 2ª pessoas do plural. Na 3ª pessoa do plural, os futuros do presente e do pretérito são pouco usados no *corpus*, contando apenas 70 ocorrências. É baixa também a quantidade de ocorrências na 2ª pessoa do singular: 86 casos.

Tabela 3.4. Pessoas da conjugação dos verbos no futuro do presente e do pretérito.

Pessoas da conjugação dos verbos	Futuro do presente	Futuro do pretérito	Subtotal
1ª pessoa do singular	438 (36,4%)	26 (2,2%)	464 (38,6%)
2ª pessoa do singular	83 (6,9%)	3 (0,3%)	86 (7,2%)
3ª pessoa do singular	331 (27,5%)	200 (16,6%)	531 (44,1%)
1ª pessoa do plural	27 (2,2%)	-	27 (2,2%)
2ª pessoa do plural	25 (2,1%)	-	25 (2,1%)
3ª pessoa do plural	50 (4,1%)	20 (1,7%)	70 (5,8%)
Total	954 (79,2%)	249 (20,8%)	1203 (100%)

3.1 Formas analíticas

Como já apresentado no início desta seção, foram consideradas formas analíticas aquelas em que o verbo *aver* encontra-se separado do verbo principal no infinitivo, em relação ao futuro do presente, e dos verbos *aver/ir* para o futuro do pretérito. Como veremos a seguir, no futuro do presente sempre há uma preposição ligando as duas palavras; já, no futuro do pretérito, em nenhum contexto foi encontrada uma preposição ligando os dois verbos, mesmo eles estando graficamente separados (o que pode sugerir uma “separação” também no plano prosódico) como em *ya dizer*.

3.1.1 Formas analíticas do futuro do presente

Em PA, as chamadas “formas sintéticas” do futuro do presente e do pretérito já haviam se consolidado, visto que, das 1203 formas futuras encontradas, apenas 33 são formas analíticas; entre elas, 24 estão no futuro do presente e nove, no futuro do pretérito (cf. Tabela 3.2).

Dessas 24 formas do futuro do presente, todas têm como auxiliar o verbo *aver* no presente, nunca no futuro, ligadas ao infinitivo pela preposição **de**, como no exemplo (3.8); há apenas uma ocorrência em todo o *corpus* com a preposição **a**, exemplo (3.9).

(3.8)

Non é gran cousa se sabe | bon joyzo dar
a Madre do que o mundo | tod' **á de joigar**. (CSM 26, refrão, v. 4-5)

(3.9)

E disse: «Pagão,
 sse queres guarir,
 do demo de chão
 t' **ás a departir** ²⁶
 e do falsso, vão, (CSM 192, v.98-102)

Há, em nossos dados, várias ocorrências do verbo *aver* conjugado no futuro, enquanto verbo principal, mas nunca como auxiliar de outro verbo, como demonstrado nos exemplos (3.10), e (3.11), casos em que o verbo *aver* está conjugado na 3ª e 2ª pessoas do singular do futuro do indicativo, respectivamente, como verbo principal, sem um auxiliar. Como auxiliar, todas as ocorrências deste verbo estão no presente, como no exemplo (3.12).

(3.10)

Todos responderon logo: | «Preit' outr' y non **averá**
 que o todo non tomemos, | mas tornaremos dacá;
 daquelo que gaannarmos | cada u y dará
 o que vir que é guisado (CSM 35, v. 105-108)

(3.11)

[...] ond' á mester
 que a leixes e te vaas comigo a como quer,
 se non, daqui adeante **averás** coyta mortal.» (CSM 42, v. 68-70)

(3.12)

Gran poder **á de mandar**
 o mar e todo-los ventos (CSM 33, v. 3-4)

Em 16 das 24 ocorrências encontradas do futuro do presente analítico, o verbo auxiliar encontra-se conjugado na 3ª pessoa do singular, como no exemplo (3.13), cinco na 2ª pessoa do singular, exemplo (3.14), e apenas três na 1ª pessoa também do singular,

²⁶ Este único exemplo encontrado em nosso *corpus* parece tratar-se de um caso de dissimilação, para evitar a forma “**de departir**”. A forma com a preposição “a” é a lição registrada nos dois manuscritos em que esta cantiga específica sobreviveu: E192 e T192.

exemplo (3.15). Não foi encontrada qualquer forma analítica com verbos flexionados no plural.

(3.13)
 Desto deron todos gran loor
 a Santa Maria, que sabor
á de valer sempr' ao pecador (CSM 109, v.50-52)

(3.14)
 Mas ante farás esto que te digo,
 se sabor **ás de seer** meu amigo: (CSM 26, v. 41-42)

(3.15)
 E ele lle respondia: | «Mia Madr', o que vos quiserdes
ei eu de fazer sen falla, | pois vos en sabor ouverdes; (CSM 45, v.71-72)

Gramáticos históricos como Williams (1973[1938], p. 211) afirmavam que não havia, no início, uma posição fixa para os elementos dessa forma analítica e que o auxiliar *aver* poderia ser colocado antes ou depois do verbo no infinitivo. Mas a ordem *verbo aver + infinitivo* logo foi se tornando mais comum. Nenhum gramático, ao fazer esta afirmação, precisa exatamente em que período da língua se poderia inverter a ordem dos termos. A partir dos dados analisados nesta pesquisa, podemos afirmar que, em relação ao futuro do presente, já em PA a ordem era bastante fixa: auxiliar *aver* + infinitivo, nunca o contrário e nunca sem preposição, como os gramáticos históricos dizem ser comum na época.²⁷ Não há qualquer caso no *corpus* aqui considerado de inversão entre o verbo auxiliar e o principal para o futuro do presente, a ordem é sempre a mesma: verbo auxiliar *aver* conjugado no presente do indicativo ligado ao verbo principal no infinitivo por intermédio de uma preposição.

²⁷ Para maiores reflexões sobre as afirmações dos gramáticos históricos em relação à posição dos dois verbos indicadores de futuro em PA, ver seção 1.1.

3.1.2 Formas analíticas do futuro do pretérito

Em relação ao futuro do pretérito, foram encontradas as duas posições, verbo auxiliar antes do principal (*ya perder*), como exemplificado em (3.16), no qual o verbo *aver* (ou *ir*) está conjugado no pretérito imperfeito e vem antes de um verbo no infinitivo; ou verbo auxiliar depois do infinitivo, e nunca ligados por preposição, embora a presença do verbo auxiliar depois do verbo no infinitivo tenha ocorrido apenas três vezes - exemplos (3.17) e (3.18).

(3.16)

E ao gran son que a madeira fez
veron as gentes logo dessa vez,
e viron o demo mais negro ca pez
fogir da ygreja u ss' **ya perder**. (CSM 74, v.45-48)

(3.17)

fez seu amigo chamar,
que llo **contar ya**. (CSM, 94, v.115)

(3.18)

Mais aquel dia que **sayr** | **avia** sabad' era,
e foi missa oyr enton, | ca tal costum' ouvera (CSM 237, v. 34-35)

Como já foi mostrado na seção 1, o aparecimento do *h* no verbo *aver* é determinação gráfica recente; nos dados, não há qualquer ocorrência do verbo *aver* com *h*.²⁸ Em relação ao futuro do presente, esse fato não resulta em nenhum problema, porém, para o futuro do pretérito, isso pode ocasionar dificuldades de interpretação já

²⁸ Segundo Massini-Cagliari (1998, p. 165), a letra H, em PA, assume três funções diferentes: a) pode ser colocada após uma consoante para modificar o seu ponto de articulação (exemplos: *chus*, *manselinha*); b) pode funcionar como letra muda (exemplo: *he* – verbo *seer*, 3ª pessoa do singular, Presente do Indicativo; no *corpus* considerado, a letra H com esta função ainda não havia se estendido à representação do verbo *aver*); c) pode ainda representar o som /i/, quando precedendo uma vogal, em ditongos crescentes (*mha*) e o som /j/ quando precedido e seguido de vogal (*gaahades*).

que o verbo *aver* sem *h*, nas formas contraídas do pretérito imperfeito do indicativo, é homógrafo e homófono ao verbo *ir* no mesmo tempo-modo.

Esta dificuldade de determinação do auxiliar (se *aver* ou *ir*) que se combina com o infinitivo para formar o futuro do pretérito (ver discussão deste assunto nesta mesma seção, adiante) acarreta uma outra dificuldade de análise: a distinção entre formas do futuro do pretérito e locuções verbais constituídas do verbo *ir* conjugado no pretérito imperfeito do indicativo, complementado por um infinitivo. Há contextos, como o do exemplo (3.19), em que é difícil de saber se temos nesta locução verbal a expressão de um tempo do pretérito imperfeito ou do futuro do pretérito.

(3.19)

E con tẽaces a **yan fillar**,
mas per ren non lla podian tirar
nen con baesta que **yan armar**; (CSM 126, v.15-17)

Entretanto há momentos em que o sentido geral do texto no qual essa forma verbal está inserida determina qual o tempo verbal, como no exemplo (3.20), em que percebemos claramente o uso do pretérito imperfeito, pois o contexto nos indica que é uma ação rotineira do clérigo no passado, que sempre *ia dizer* louvores a Santa Maria. Portanto, o contexto analisado para podermos definir que tempo verbal temos nesses trechos é o semântico: é o sentido da frase que nos leva a classificar uma forma verbal como conjugada no pretérito imperfeito ou no futuro do pretérito.

(3.20)

Dest' un mui maravilloso
miragre vos contarey,
que fez, e mui piadoso,
a Madre do alto Rei
por un crerigo, que foran a furt' ereges prender
porque de Santa Maria sempr' **ya loor dizer**. (CSM 156, v.6-11)

Um fato interessante de se apontar em relação a essa dúvida entre futuro do pretérito e pretérito imperfeito é a disposição dos verbos no enunciado (ordem). No exemplo (3.19), auxiliar e infinitivo aparecem contíguos; já no exemplo (3.20) não há contigüidade. Em todos os dados de nosso *corpus* em que consideramos a locução como forma do futuro do pretérito os verbos estavam contíguos (com exceção dos casos de mesóclise de pronomes clíticos). A contigüidade do auxiliar com o infinitivo pode ser uma evidência a favor da classificação dessa forma como futuro do pretérito, em oposição a casos de pretérito imperfeito + infinitivo. De fato, neste trabalho, só foram considerados como dados quantificáveis (isto é, como formas do futuro do pretérito) os verbos em que era perfeitamente possível pelo contexto, por uma análise semântica, classificar essas formas como futuras; em caso contrário, os dados não eram computados em nosso levantamento quantitativo.

A maior parte dos gramáticos históricos e estudiosos do período arcaico da Língua Portuguesa, como Câmara Jr. (1975), Coutinho (1971), Elia (1979), Huber (1986[1933]), Nunes (1969), Said Ali (1966), Silva Neto (1952) e Williams (1973[1938]), afirma que o verbo auxiliar na composição do futuro do pretérito ou condicional era o verbo *aver* conjugado no pretérito imperfeito do indicativo.

Silva Neto (1952) e Coutinho (1971) acrescentam que o verbo *habere* do latim passou por grandes alterações pelo seu uso constante como auxiliar, tanto proclítico quanto enclítico. Coutinho (1971, p.277) ainda acrescenta a seguinte informação sobre a modificação por que passou esse verbo no condicional:

Na composição, as formas do imperfeito de *habere* muito se modificaram. Por dissimulação, *habebam*, *habebas*, etc. reduziram-se a **abem*, **abéas*, etc. cujo grupo átono *ab-* caiu do mesmo modo que no futuro. Ficou destarte o imperfeito reduzido a *-*éam*, *-*éas*, *-*éat*, *-*éamus*, *-*éatis*, *-*éant*, que se transformaram em *-ia*, *-ias*, *-ia*, *-íamos*, *-íeis*, *-íam*.

Said Ali (1966, p. 76) desenvolve a conjugação do verbo *aver* no pretérito imperfeito e, logo após a forma *hia*²⁹ (primeira pessoa do singular desse tempo), o autor coloca entre parênteses a informação de que essa forma é a contração de *havia*.

Williams (1973[1938], p. 212) afirma que o condicional formou-se como o futuro do presente do indicativo, mas usando como auxiliar o imperfeito do indicativo do verbo *haver* menos o elemento *hav-*. Nunes (1969, p. 208) explica mais detalhadamente essa redução do verbo *aver*:

Devido certamente ao seu freqüente emprego como auxiliar, o que o tornava proclítico, sofreu este verbo grande contracção, que sem dúvida ascende à língua vulgar, não só no presente como no imperfeito do indicativo, ficando em ambos os tempos reduzido apenas à vogal tónica e desinências que se lhe seguiam, só na primeira pessoa do presente do indicativo se salvou a mais a semi-vogal, por ter sido atraída pela tónica.

Desta maneira, a forma da 3ª pessoa do singular do verbo *aver* no pretérito imperfeito do indicativo, *avia*, contraída e usada como auxiliar, torna-se *ia*, homófona à forma da 3ª pessoa do singular do verbo *ir* no pretérito imperfeito do indicativo, também *ia*.

Dada a homofonia entre as formas contraídas do verbo *aver* no pretérito imperfeito do indicativo com as formas do verbo *ir* nesse mesmo tempo, é, portanto, difícil de afirmar com toda a certeza que o auxiliar utilizado em todos os exemplos retirados das cantigas em relação à forma analítica seja realmente o verbo *aver*. Pode-se interpretar que o auxiliar é o verbo *ir*, conjugado no pretérito imperfeito do indicativo. Cagliari (1999, p. 64) é um dos poucos autores que afirmam que a terminação *ia* pode ser uma forma do verbo *aver* ou do verbo *ir*.

²⁹ Said Ali (1966, p. 76) representa a forma contraída do pretérito imperfeito com *h*. Como vimos na p. 80 desta seção e também na seção 1 deste trabalho, a letra *h*, na representação ortográfica do verbo *aver*, é recente, e em nossos dados não foi encontrado nenhum caso com essa ortografia.

O quadro abaixo mostra essa coincidência entre os verbos:

Forma contracta do verbo <i>aver</i>	Verbo <i>ir</i>
ia	ia
ias	ias
ia	ia
íamos	íamos
íades	iades
ían	ian

Quadro 3.1. Forma contracta do verbo *aver* homófona ao verbo *ir* no pretérito imperfeito do indicativo³⁰

Embora todos os gramáticos históricos apontem o auxiliar *aver* como origem da forma do futuro do pretérito, os filólogos que trabalham com edições de textos não costumam listar as formas contractas do verbo *aver* entre as ocorrências que mapeiam nos *corpora* com que trabalham: por exemplo, Maia (1997), Mattos e Silva (1989) e Cintra (1984), que trabalham com textos notariais, e Ramos (1985), que analisam cantigas medievais profanas de amigo e de amor, não registram essas formas, embora seus *corpora* contemplem formas de futuro do pretérito (onde essas formas contraídas do verbo *aver* apareceriam). Também o *Dicionário de Verbos Portugueses do século 13* organizado por Xavier, Vicente e Crispim (1999) não lista formas contraídas do verbo *aver*.

Na época do PA, por não poderem ser encontradas as formas contraídas de *aver* no pretérito imperfeito isoladamente e por estas coincidirem com as formas do verbo *ir*, pode-se hipotetizar que talvez já não houvesse mais consciência da origem histórica do auxiliar (*aver*), confundido sincronicamente com *ir*. Talvez, naquela época, enunciados

³⁰ Fonte de conjugação desses verbos: Câmara Jr. (1975), Coutinho (1971), Elia (1979), Huber (1986[1933]), Nunes (1969), Said Ali (1966), Silva Neto (1952), Williams (1973[1938]).

como os do exemplo (3.18) (apresentado anteriormente), em que o auxiliar *aver* aparece desenvolvido, fossem já sentidos como arcaicos.

3.2 Pronomes clíticos

Foi feito também um levantamento no *corpus* dos pronomes oblíquos átonos encontrados junto às formas verbais futuras (cf. Tabela 3.3). Em um total de 494 ocorrências de formas futuras combinadas com pronomes oblíquos átonos, encontramos uma grande quantidade de pronomes proclíticos – 360 ocorrências, o que corresponde a 72,9% dos casos; uma quantidade considerável de mesóclises – 94 ocorrências, 19% dos casos; e uma quantidade menor de pronomes enclíticos – 40 ocorrências, apenas 8,1% dos casos de pronomes clíticos acompanhando verbos no futuro.

3.2.1 Pronomes enclíticos

Leão (2007, p. 154) chama atenção do leitor para o problema dos clíticos em posição de ênclise, em PA, que é diferente da situação atual no português, tanto do Brasil como de Portugal. Atualmente, só os pronomes oblíquos átonos podem ser enclíticos a verbos e, em PB, especialmente na língua culta escrita, em registro bastante formal. Já em PA, segundo Leão (2007, p. 154):

Nas *Cantigas de Santa Maria*, entretanto, tanto podiam ser enclíticos alguns pronomes oblíquos (principalmente os da 3ª pessoa -o, -lo, -no), quanto os artigos definidos e o pronome demonstrativo neutro. O fato é de certo modo explicável, pois são formas homófonas, com um étimo comum (<*illum*, *illam*), sujeitas aos mesmos processos fonológicos, tanto intra- quanto extra-vocabulares. Quanto ao suporte fonético-fonológico da forma enclítica, no galego-português, tanto podia ser um verbo, quanto um pronome substantivo, quanto um quantificador, quanto um advérbio de negação.

Houve grande mudança no uso da ênclise, ao longo da evolução do português. Como observa Leão (2007, p. 157), reduziram-se as classes de palavras que podem servir de apoio ao pronome enclítico, como também se reduziram os tipos de palavras enclíticas. Para os objetivos deste trabalho, foram levadas em consideração só as formas verbais futuras com pronomes oblíquos átonos enclíticos, não só de 3ª pessoa (-o, -lo, -no), mas também os pronomes clíticos átonos de 1ª e 2ª pessoas do singular e do plural (*me, te, nos, vos*).

Foram encontrados poucos casos de ênclise de pronome clítico a formas verbais futuras em nosso *corpus*: em 494 ocorrências de pronomes clíticos junto a verbos no futuro, há apenas 40 ocorrências de enclíticos, sendo 35 com o futuro do presente e cinco com o futuro do pretérito, como demonstrado nas tabelas 3.5 (abaixo) e 3.7 (adiante).

Tabela 3.5. Pessoas da conjugação dos verbos no futuro do presente com pronomes enclíticos.

Pessoas da conjugação dos verbos	Quantidade de ocorrências
1ª pessoa do singular	25 (71,4%)
2ª pessoa do singular	1 (2,9%)
3ª pessoa do singular	9 (25,7%)
1ª pessoa do plural	-
2ª pessoa do plural	-
3ª pessoa do plural	-
Total	35 (100%)

A ênclise ocorreu principalmente com verbos no futuro do presente conjugados na primeira pessoa do singular, um total de 25 ocorrências, como exemplificado em (3.21), em que o pronome oblíquo *o* está enclítico ao verbo *farey*; foram encontradas nove ocorrências com a 3ª pessoa do singular, exemplo (3.22), no qual o pronome de 3ª pessoa do singular *lle* vem posposto ao verbo *aver*, e apenas uma na segunda pessoa do

singular, exemplo (3.23), no qual o pronome *me* está colocado depois do verbo *fazer*, conjugado na 2ª pessoa do singular.

(3.21)

Ela respos-lle; “**Farey-o** | se meu consello fillardes.” (CSM 128, v.17)

(3.22)

Quen fiar en ela de coraçon,
averrá-lle com' a un ifançon (CSM 44, v. 5-6)

(3.23)

[...] dá-me meu fillo morto
ou viv' ou qual quer que seja; | se non, **farás-me** gran torto,
e direi que mui mal erra | queno teu ben atende.» (CSM 6, v. 63-65)

Não foi encontrado qualquer pronome enclítico com formas futuras no plural. Isso se deve à pauta prosódica das formas de 1ª e 2ª pessoas do plural. Essas formas são paroxítonas. O acréscimo de um pronome enclítico geraria formas proparoxítonas, um padrão prosódico extremamente marginal em PA. Segundo Massini-Cagliari (2005, p. 149), as proparoxítonas são um padrão acentual ainda mais excepcional em PA do que no PB e PE atuais. Michaëlis de Vasconcelos (1912-1913, p. 58-59) afirma que nas evoluções por que passou o latim vulgar e o romance de Portugal, manifesta-se claramente a tendência de transformar proparoxítonas em paroxítonas; para a autora, a tendência oposta é unicamente “própria de semi-letrados que gostam de disparates como *erúdito*, e que impuseram erros como *rúbrica*, *púdico* e outros semelhantes”.

A época dos esdrúxulos principia com o Renascimento. Eles constituem a parte principal das palavras cultas, poéticas e eruditas reintroduzidas do século XV em diante [...] êsses elementos faltam quási por completo na linguagem arcaica. (MICHAËLIS DE VASCONCELOS, 1912-1913, p.59)

Como mostrado na tabela 3.4, a quantidade de ocorrências de futuro com verbos conjugados na 1ª pessoa é bem superior às demais (36,4%), seguido pelas formas

conjugadas na 3ª pessoa do singular (27,3%). Essas formas juntas somam 63, 8% das formas do futuro do presente. Era de se esperar, portanto, que grande parte dos pronomes enclíticos estivesse acompanhando verbos conjugados nas 1ª e 3ª pessoas. É importante lembrarmos também a forma recorrente nas cantigas de nosso *corpus*: *direi-vos* já que o rei está contando os milagres da Santa Maria aos seus leitores.

Como se pode verificar na tabela 3.6, o pronome enclítico mais recorrente no futuro do presente foi o pronome de segunda pessoa do plural *vos* (treze ocorrências, exemplo (3.24)), seguido do pronome objeto direto *o*, *a*, com suas variantes *lo*, *la*. Foram mapeadas doze ocorrências, em um total de 39 pronomes enclíticos com o futuro do presente, como exemplificado em (3.25). Os pronomes de 1ª pessoa do singular (*me*), 2ª pessoa do singular (*te*) e 3ª pessoa do singular (*lle*) tiveram, respectivamente, três, cinco e seis ocorrências cada (ver exemplos (3.26), (3.27) (3.28)).

Tabela 3.6. Tipos de pronomes enclíticos que acompanham o futuro do presente.

Pronomes pessoais oblíquos	Quantidade de ocorrências
1ª pessoa do singular - me	3 (7,7%)
2ª pessoa do singular – te	5 (12,8%)
3ª pessoa do singular – o	12 (30,8%)
3ª pessoa do singular – lle	6 (15,4%)
1ª pessoa do plural – nos	-
2ª pessoa do plural – vos	13 (33,3%)
3ª pessoa do plural – os – lles	-
Total	39 (100%)

(3.24)

[...] mas en dormindo a Madre de Deus **direi-vos** que lle fez: (CSM 5, v. 127)

(3.25)

por quanto na ta hermida | mandei o fogo pøer;
mais por emenda daquesto | **farey-a** nova fazer, (CSM 316, v. 41-42)

(3.26)

[...] e fêo comerás por fazfeiro,
 ou te farey de fame fiir;
 e se t' aqeste pan non refeiro,
terrei-me por d'outr' ome peyor.» (CSM 15, v. 54-57)

(3.27)

Enton vêo voz de ceo, que lle disse: “Tol
 tas mãos dela, se non, **farey-te** perecer.” (CSM 5, v. 114-115)

(3.28)

direi-ll' eu de com' a Virgen quis no menço mostrar. (CSM 53, v.13)

O total de dados da tabela 3.6 é superior à quantidade encontrada de verbos no futuro com pronomes enclíticos, pois, em quatro ocorrências do verbo flexionado no futuro do presente, encontramos dois pronomes junto de um mesmo verbo, como comprova o exemplo (3.29): junto ao verbo *direi*, foram colocados os pronomes *vos* de 2ª pessoa do plural e *o* de 3ª pessoa do singular, como junto de *s* o pronome *o* transforma-se em *lo* e a palavra antecedente perde o *s*, temos a forma *vo-lo*.

(3.29)

E o por que esto fiz,
direi-vo-lo aginna: (CSM 28, v. 122-123)

O percentual de casos desse tipo é baixo (11,4%), pois a forma resultante da adição de dois pronomes a um verbo é um vocábulo fonológico proparoquítono, o que, como explanado anteriormente nesta seção nas páginas 87, não é uma forma comum em PA.

Como já ressaltado anteriormente, não há casos de ênclise com verbos conjugados nas 1ª e 2ª pessoas do plural devido ao resultado de uma palavra proparoquítona, algo pouco comum em PA, mas não impossível. No exemplo (3.29), o acréscimo de dois pronomes oblíquos átonos após um verbo flexionado na 1ª pessoa do singular, portanto oquítono, tornou essa forma proparoquítona.

Entretanto, é impossível encontrar dois pronomes enclíticos a uma forma verbal futura conjugada no plural em PA, pois a sílaba tônica seria anterior à antepenúltima sílaba. Esse fato não acontece no *corpus* considerado.

Sobre esses dados é interessante também assinalar que, embora poucos sejam os exemplos de verbos flexionados na segunda pessoa do plural, foram encontrados diversos exemplos com o pronome oblíquo *vos* junto às formas futuras, como nos exemplos apresentados anteriormente em (3.24) e (3.29).

A partir da tabela 3.7, pode-se perceber que, com o futuro do pretérito, foram encontradas apenas cinco ocorrências com o pronome enclítico, duas delas com o verbo flexionado na primeira pessoa do singular, como exemplificado em (3.30), e três delas na terceira pessoa do singular, exemplo (3.31). Como também ocorreu com o futuro do presente, houve somente ocorrências de ênclise com verbos no singular.

Tabela 3.7. Pessoas da conjugação dos verbos no futuro do pretérito com pronomes enclíticos.

Pessoas da conjugação dos verbos	Quantidade de ocorrências
1ª pessoa do singular	2 (40%)
2ª pessoa do singular	-
3ª pessoa do singular	3 (60%)
1ª pessoa do plural	-
2ª pessoa do plural	-
3ª pessoa do plural	-
Total	5 (100%)

(3.30)

Poderia-vos de dur

dizer as grandes dōas (CSM 28, v.131-132)

(3.31)

e Deus **tiraria**

nos desta balança?” (CSM 9, v. 161-162)

Esses resultados encontrados em relação tanto ao futuro do presente quanto ao futuro do pretérito podem ter como explicação a estrutura da sílaba final dessas formas.

Apenas as formas verbais que terminam em sílabas abertas podem receber clíticos (1ª e 2ª pessoas do singular). As demais formas terminam em sílabas travadas. Sílabas travadas têm duas ou mais posições associadas à rima: ou o núcleo é ramificado e temos ditongos ou vogais longas; ou o núcleo é seguido de consoantes (SILVA, 2001, p. 216).³¹

A única exceção é um caso de ênclise com o futuro do presente conjugado na 2ª pessoa do singular, que termina em sílaba travada por um *s*. Massini-Cagliari (2005, p. 199), analisando as cantigas profanas e religiosas do PA (portanto, do mesmo período que o abordado nesta tese e com um *corpus* ainda mais abrangente), afirma que as sílabas travadas são pesadas em PA, com exceção das travadas em *-s*, quando esta consoante tem status de desinência, o que ocorre com o verbo conjugado na 2ª pessoa do singular:

[...] mesmo em se considerando a posição final da palavra a sensibilidade do PA à quantidade é relativa, no sentido em que sílabas finais travadas por consoantes que correspondem a marcas desinenciais (de número plural, nos nomes, por exemplo, ou de número e pessoa, nos verbos) nunca atraem o acento.

Portanto, há restrições para ênclise quando a forma verbal termina por uma sílaba travada ou por duas sílabas átonas. Em outras palavras, a ênclise só pode ocorrer em PA quando houver a possibilidade de formação de um pé com no máximo três sílabas, o que já é considerado bastante marginal pela fonologia do PA, incluindo a última sílaba da forma verbal e os possíveis clíticos.

³¹ Ainda segundo Câmara Jr. (1972[1970], p. 43-44): “Se chamarmos simbolicamente V o centro da sílaba e C um elemento marginal, teremos os tipos silábicos: V (sílaba simples), CV (sílaba complexa crescente), VC (sílaba complexa crescente-decrescente). Conforme a ausência ou a presença de travamento silábico (isto é, V e CV, de um lado, e, de outro, VC e CVC), temos a sílaba aberta, ou melhor, livre, e a sílaba fechada, ou melhor, travada”.

A tabela 3.8 mostra-nos os pronomes encontrados junto aos verbos no futuro do pretérito: há duas ocorrências com o pronome na segunda pessoa do plural (*vos*), como pode ser visto no exemplo (3.32), uma com a primeira pessoa do singular (*me*), exemplo (3.33), uma com a primeira pessoa do plural (*nos*) e uma com a terceira pessoa do singular (*lle*), exemplos (3.34) e (3.35), respectivamente.

Tabela 3.8. Tipos de pronomes enclíticos que acompanham o futuro do pretérito.

Pronomes pessoais oblíquos	Quantidade de ocorrências
1ª pessoa do singular - me	1 (20%)
2ª pessoa do singular – te	-
3ª pessoa do singular – o	-
3ª pessoa do singular – lle	1 (20%)
1ª pessoa do plural – nos	1 (20%)
2ª pessoa do plural – vos	2 (40%)
3ª pessoa do plural – os – lles	-
Total	5 (100%)

(3.32)

Contaria-vos de dur

as mui grandes tormentas (CSM 115, v.174-175)

(3.33)

foss' a mi que quer mostrar,

faria-me logo sou (CSM 46, v. 55-56)

(3.34)

e Deus **tiraria**

nos desta balança?" (CSM 9, v. 161-162)

(3.35)

(...) disse que mui ben fezera

e que mui ben **s'acharia** de quanto ali vëera,

demaís **faria**-ll' ajuda mui çed' en gran coita fera; (CSM 75, v.143-145)

3.2.2 Pronomes mesoclíticos

Como mostra a tabela 3.3 (p. 75), a quantidade de casos de mesóclise com verbos no futuro do presente encontrada em nosso *corpus* é bem superior à de casos de ênclise. De acordo com a tabela 3.9 (abaixo), a maior parte dos casos de mesóclise apareceu com verbos conjugados na 1ª pessoa do singular (fato semelhante ocorreu com os pronomes enclíticos, como se observou na tabela 3.5): 37 ocorrências de um total de 76 casos (48,7%). Com verbos conjugados na 3ª pessoa do singular ocorreram vinte e nove casos e houve apenas quatro ocorrências com a 2ª pessoa do singular. Como visto no item 3.2.1, não houve qualquer caso de ênclise com verbos conjugados no plural, porém, em relação à mesóclise, encontramos quatro ocorrências com o verbo flexionado na 3ª pessoa do plural e duas na 1ª pessoa do plural.

A ausência de mesóclise na 2ª pessoa do plural parece ser apenas coincidência, derivada das limitações discursivas do *corpus* escolhido. Em nosso trabalho, foram encontrados apenas 25 casos (2,1%) de formas flexionadas na 2ª pessoa do plural e junto dessas formas só foram encontrados pronomes proclíticos como veremos no item 3.2.3. Como a quantidade de casos de verbos flexionados na 2ª pessoa do singular é muito baixa, pode ser uma lacuna de nosso *corpus* não termos encontrado casos de mesóclise com essas formas.

Tabela 3.9. Pessoas da conjugação dos verbos no futuro do presente com pronomes mesoclíticos.

Pessoas da conjugação dos verbos	Quantidade de ocorrências
1ª pessoa do singular	37 (48,7%)
2ª pessoa do singular	4 (5,3%)
3ª pessoa do singular	29 (38,1%)
1ª pessoa do plural	2 (2,6%)
2ª pessoa do plural	-
3ª pessoa do plural	4 (5,3%)
Total	76 (100%)

Nos exemplos abaixo podemos perceber melhor como se comporta a mesóclise com os verbos no futuro do presente. Em (3.36) há um exemplo de mesóclise com a 1ª pessoa do singular, caso mais recorrente, de acordo com a tabela 3.9; em (3.37) pode-se observar um exemplo com a 3ª pessoa do singular e em (3.38) com a 2ª pessoa do singular. Em (3.39) e (3.40) há exemplos com a 1ª e 3ª pessoas do plural, respectivamente.

(3.36)

Dade-mia qual quer que seja, sequer viva, sequer morta,
e **conortar-m-ei** con ela come quen se mal conorta.» (CSM 354, v. 35-36)

(3.37)

Quen crever na Virgen santa,
ena coita **valer-ll-á**. (CSM 107, refrão, v.4-5)

(3.38)

e **aver-m-ás** sempre por servidor.
Quen fiar na Madre do Salvador... (CSM 44, v. 28-29)

(3.39)

E por aquest' un miragre | vos direi, de que sabor
averedes poy-l' oirdes, | que fez en Rocamador
a Virgen Santa Maria, | Madre de Nostro Sennor;
ora oyd' o miragre, | e nos **contar-vo-lo-emos**. (CSM 8, v. 7-10)

(3.40)

E con tod' esto **servi-la-an**
Quantos me creveren loarán...
e de seu prazer non sayrán
Quantos me creveren loarán...
e mais d' outra ren a amarán,
e serán por y de mui bon sen; (CSM 120, v.11-16)

Verificou-se também, em relação à mesóclise, quais os pronomes oblíquos mais utilizados com verbos conjugados no futuro do presente, como retratado na tabela 3.10.

Tabela 3.10. Tipos de pronomes mesoclíticos que acompanham o futuro do presente.

Pronomes pessoais oblíquos	Quantidade de ocorrências
1ª pessoa do singular - me	9 (10,7%)
2ª pessoa do singular – te	22 (26,2%)
3ª pessoa do singular – o	14 (16,6%)
3ª pessoa do singular – lle	23 (27,4%)
3ª pessoa do singular – se	2 (2,4%)
1ª pessoa do plural – nos	1 (1,2%)
2ª pessoa do plural – vos	12 (14,3%)
3ª pessoa do plural – os	-
3ª pessoa do plural – lles	1 (1,2%)
Total	84 (100%)

Em relação à mesóclise, o clítico mais recorrente foi o objeto indireto de 3ª pessoa do singular, *lle*, como exemplificado em (3.41) e (3.42). Quando o pronome *lle* é mesoclítico, há elisão da vogal *e* diante da vogal que inicia o verbo *aver*, como no exemplo (3.41), em que o verbo *aver* conjugado na 1ª pessoa do singular se inicia assim também por *e*. Foram encontradas ainda, nessa posição, catorze ocorrências do pronome objeto direto *o*, *a*, com suas variantes *lo*, *la*, como pode ver visto no exemplo (3.43). Há, também, duas ocorrências do também pronome de 3ª pessoa *se*, exemplo (3.44), fato não verificado em relação à ênclise.

(3.41)

Dar-ll-ei con mia lança,
e o seu partamos,
logo sem perfia
todos per iguança.” (CSM 9, v. 93-96)

(3.42)

Diss' o bispo: «Venna logo, | ca de **veer-l' ei** soydade.» (CSM 67, v.79)

(3.43)

Quen na Virgen santa muito **fiará**,
se o vir en coíta, **acorre-lo-á**. (CSM 186, refrão, v. 3-4)

(3.44)

diss' a Virgen: «Eu ir-m-ia,
e todos **yr-ss-an**;
mais o que ti eu dad' avia
nono levarán,
pois to dey por offerenda.» (CSM 66, v.65-69)

O segundo pronome mais usado em mesóclise foi o de 2ª pessoa do singular *te/che*. Percebemos, pela análise do *corpus*, que em PA ainda não havia consenso sobre a grafia desse pronome; encontramos as duas formas em posição mesoclítica: *te* (exemplo (3.45)) e *che* (exemplo (3.46)).

(3.45)

E disse-ll' enton: «Mesquão, macar mal me dēostaste,
muit' ei eu de ti gran doo de que ta lingua tallaste;
mais **sāar-t-ei** ora dela, porque en mi confiaste, (CSM 174, v.32-34)

(3.46)

Santa Maria: «vai, e **dar-ch-ey** quito
E teu fillo do usureiro maldito”, (CSM 62, v. 36-37)

Foram localizadas nove ocorrências do pronome na 1ª pessoa do singular *me*. Em todos os casos houve a elisão da vogal *e*, já que o verbo *aver* se inicia por vogal, exemplo (3.47), fato que também ocorre com verbos no futuro do pretérito, exemplo (3.48). Mas há uma cantiga em que não ocorre elisão da vogal do pronome; neste caso a vogal utilizada não é *e* e sim *i*, como vem exemplificado em (3.49). Massini-Cagliari (2005, p. 251) levanta a hipótese de que o pronome *mi* seria tônico, em PA; daí decorre

o fato de esse pronome nunca se submeter à elisão; o único processo de sândi a que se submete é a ditongação (processo que não apaga a vogal do pronome).

(3.47)
que o faça esforçar;
porend' eu d' aqui **ir-m-ei**.» (CSM 88, v.45-46)

(3.48)
e prazer-m-ia
se te prazia (CSM 100, v.28-29)

(3.49)
Porend' un miragre vos direi fremoso
que fezo a Madre do Rey grorioso,
e de o oyr **seer-vos-á** saboroso,
e prazer-mi-á en. (CSM 79, v.7-10)

Em relação ao plural, encontramos doze ocorrências do pronome de 2ª pessoa *vos*, exemplo (3.50); apenas um exemplo com o pronome de 1ª pessoa *nos* – exemplo (3.51), e um com o pronome de 3ª pessoa *lles* – exemplo (3.52). Não houve ocorrências de pronomes objetos diretos na 3ª pessoa do plural, fato já observado com relação à ocorrência de ênclise.

(3.50)
E **mostrar-vos-ei** tal cousa, | qual viuda nen oyda
nunca foi.” [...] (CSM 128, v.42-43)

(3.51)
Ca como quer que ben crean en Deus os de Portugal,
eu ei tan gran esperança na Virgen espirtal
que, se ll' algo prometemos, **sacar-nos-á** deste mal; (CSM 271, v. 26-28)

(3.52)
Ena loar, ca u Nostro Sennor
eno juyzo mais yrado for,
perdõa-lles-á polo seu amor,
e estes taes non se perderán. (CSM 240, v. 49-52)

A quantidade de pronomes é superior à de verbos conjugados no futuro do presente devido aos exemplos de uso concomitante de mais de um pronome clítico a um mesmo verbo, como exemplificado em (3.53).

(3.53)

El lle respos, com' en jogo: «Pois vos praz, **dizer-vo-l-ei**:
outra dona mui fremosa amo muit' e amarei
mais d' outra cousa do mundo e por seu sempr' andarei.» (CSM 84, v.41-43)

É interessante notar que a mesóclise com dois pronomes só é possível quando o segundo clítico não aumenta a quantidade de sílabas; no exemplo (3.53), há elisão da vogal *o* do pronome *lo* diante de *ei* e, por isso, apenas uma sílaba acaba por ser interposta ao verbo, apesar de haver dois pronomes.

Foram encontrados poucos casos de mesóclise com o futuro do pretérito: apenas dezoito ocorrências no total, como se vê na tabela 3.11. Dessas, treze aparecem com verbos flexionados na 3ª pessoa do singular e cinco, com a 1ª pessoa do singular, como exemplificado em (3.54) e (3.55), respectivamente. Não há casos de mesóclise no futuro do pretérito com verbos flexionados no plural.

(3.54)

fez sas orações
que lle dissesse seu nome, e **dar-ll-ia** dões. (CSM 85, v.29-30)

(3.55)

Mortos de cima do muro. | e diss` el rei: “Nulla prol
non ei de mais conbatermos, | e **têr-m-ia** por fol
sse contra Maria fosse, [...] (CSM 185, v. 85-87)

A quantidade de verbos flexionados no plural com o futuro do pretérito é bastante baixa, 20 casos (1,7%, tabela 3.4); a quantidade de casos de mesóclise com verbos flexionados no futuro do pretérito também é baixa, 18 casos (19,3%, tabela 3.5).

Percebemos, assim, que a ausência de formas de futuro do pretérito flexionados no plural com pronomes mesoclíticos pode ser devida a uma limitação do *corpus*, não podendo ser interpretada como suficiente para determinar restrições devidas à estrutura prosódica da forma verbal ou sua estrutura silábica.

Tabela 3.11. Pessoas da conjugação dos verbos no futuro do pretérito com pronomes mesoclíticos.

Pessoas da conjugação dos verbos	Quantidade de ocorrências
1ª pessoa do singular	5 (27,8%)
2ª pessoa do singular	
3ª pessoa do singular	13 (72,2%)
1ª pessoa do plural	-
2ª pessoa do plural	-
3ª pessoa do plural	-
Total	18 (100%)

Em relação aos clíticos mais encontrados com verbos no futuro do pretérito, foi elaborada a tabela 3.12. A partir dela, pode-se verificar que os pronomes mais encontrados foram os de 1ª pessoa do singular *me* (seis ocorrências), e de 3ª pessoa do singular *lle* (cinco ocorrências), como exemplificado em (3.56) e (3.57), respectivamente.

Tabela 3.12. Tipos de pronomes mesoclíticos que acompanham o futuro do pretérito.

Pronomes pessoais oblíquos	Quantidade de ocorrências
1ª pessoa do singular - me	6 (27,3%)
2ª pessoa do singular – te	4 (18,2%)
3ª pessoa do singular – o	3 (13,6%)
3ª pessoa do singular – lle	5 (22,8%)
3ª pessoa do singular – se	2 (9,1%)
1ª pessoa do plural – nos	-
2ª pessoa do plural – vos	-
3ª pessoa do plural – os	1 (4,5%)
3ª pessoa do plural - lles	1 (4,5%)
Total	22 (100%)

(3.56)
 diss' a Virgen: «Eu **ir-m-ia**,
 e todos yr-ss-an;
 mais o que ti eu dad' avia
 nono levarán,
 pois to dey por offerenda.» (CSM 66, v.65-69)

(3.57)
 e vivesse por sempr' un ome enssinado
 de scriver, **ficar-ll-ia** a mayor partida. (CSM 110, v.16-17)

No singular, há quatro ocorrências com o pronome de 2ª pessoa *che*, três do pronome de 3ª pessoa *o*, *a*, e duas do também pronome de 3ª pessoa *se* - exemplos (3.58), (3.59) e (3.60), respectivamente. No plural, aparece apenas uma ocorrência de cada um dos pronomes de 3ª pessoa *os* e *lles*, exemplos (3.61) e (3.62). No único exemplo em que encontramos o pronome *os*, ele aparece contraído com o pronome *che*.

(3.58)
 Logo comig', ai irmãa, | e **amostrar-che-ei** logar
 u podemos quinze dias | ou tres domaas estar
 viçosos cab' hũa fonte | que eu ei; des i caçar
 me veeredes andando, | e prazer-vos-á muit' en." (CSM 314, v. 19-22)

(3.59)
 [...] "Amigos meus,
 por piadade,
 ant' a Magestade
 vos me parade,
 e **roga-la-ya**. (CSM 255, v.83-87)

(3.60)
 e torceu-xe-lle' a boca en tal maneira
 que quen quer que o visse **espantar-s-ia**. (CSM 61, v.22-23)

(3.61)
 Respos el: «Non quer' eu creer
 en eles; mas **fillar-chos-ya**, (CSM 25, v. 38-39)

(3.62)

E conssellou-lles que fossen mouras e crischãidade
 leixassen, e fossen fora daquela catividade,
 e lles faria grand' algo e **dar-lles-ya** herdade,
 e que con mouros mui ricos a ambas casa-las faria. (CSM 325, v. 29-32)

3.2.3 Pronomes proclíticos

A quantidade de clíticos posicionados antes de verbos flexionados no futuro do presente e do pretérito é muito superior aos casos de ênclise e mesóclise, cf. tabela 3.3. A tabela 3.13 (abaixo) mostra os casos de próclise com verbos no futuro do presente, distribuídos por pessoa.

Tabela 3.13. Pessoas da conjugação dos verbos no futuro do presente com pronomes proclíticos.

Pessoas da conjugação dos verbos	Quantidade de ocorrências
1ª pessoa do singular	185 (63,8%)
2ª pessoa do singular	10 (3,4%)
3ª pessoa do singular	74 (25,5%)
1ª pessoa do plural	6 (2,1%)
2ª pessoa do plural	4 (1,4%)
3ª pessoa do plural	11 (3,8%)
Total	290 (100%)

Conforme os dados da tabela 3.13 (acima), pode-se perceber que a posição de próclise parece ser favorecida já naquela época. Em relação ao futuro, todas as pessoas aceitam pronomes proclíticos. Desses 290 casos de pronomes proclíticos em relação a verbos no futuro do presente, 185 estão junto a um verbo conjugado na 1ª pessoa do singular, como exemplificado em (3.63). A quantidade é bastante elevada devido a uma fórmula recorrente nas cantigas: logo na primeira estrofe, o trovador, em 1ª pessoa, anuncia ao interlocutor o que vai ser narrado. Devido a essa estrutura fixa, a quantidade de pronomes oblíquos de 2ª pessoa do plural também é alta (tabela 3.14, adiante). A

partir dessa forma, o poeta refere-se ao interlocutor utilizando-se do pronome vos, esse uso vem exemplificado em (3.64), (3.65) e (3.66).

(3.63)

Diss' o irmão do Conde: «Eu **o vingarey**
de ti, que o matar foste por nos cofonder.” (CSM 5, v. 100-101)

(3.64)

Desto **vos direi** un miragre fremoso,
que mostrou a Madre do Rei grorioso
contra un ric-ome fol e sobervioso,
e contar-vos-ei end' a gran maravilla. (CSM 19, v.5-8)

(3.65)

E dest' un miragre fremoso **vos direi** (CSM 73, v.5)

(3.66)

Dest' un maravilloso
miragre mui fremoso
vos direi [...] (CSM, 182, v.5-7)

A quantidade de pronomes proclíticos junto a verbos na 3ª pessoa do singular também é alta, 74 ocorrências (25,5% dos casos) - exemplo em (3.67). Já, em relação à 2ª pessoa do singular, há apenas dez ocorrências, como no exemplo em (3.68).

(3.67)

Esto fez Santa Maria, a Sennor que nos manten,
pola ssa gran piadade, e sempre **nos manterrá**. (CSM 124, v.47-48)

(3.68)

E disse: «Pagão,
sse queres guarir,
do demo de chão
t' ás a departir
e do falsso, vão, (CSM 192, v.98-102)

Em relação a verbos flexionados no plural do futuro do presente, há apenas 21 ocorrências no total, seis com o verbo conjugado na 1ª pessoa, quatro na 2ª e onze na 3ª pessoa, como exemplificado em (3.69), (3.70) e (3.71), respectivamente.

(3.69)

may-lo monge tesoureiro | foi-lla da mão toller,
dizend': «Encantador sodes, | e non **vo-la leixaremos**. (CSM 8, v. 24-25)

(3.70)

Grand' alegria vos será;
ca **o veeredes** alá
en Galilea, u está
segund' vos el dit' avia.» (CSM 425, v. 45-48)

(3.71)

e quen cree ben esto, o demo nen sas artes
nunca **lle terrán** dano, se en elo atura. (CSM 149, v. 50-51)

Como já foi dito anteriormente, o pronome clítico mais utilizado junto às formas do futuro do presente é o pronome de 2ª pessoa do plural, como mostra a tabela 3.14. A maneira de iniciar as cantigas como se o próprio Rei Afonso X estivesse a nos contar os fatos resulta em uma grande frequência de clíticos vos, como registrado nos exemplos (3.72) e (3.73).

Tabela 3.14. Tipos de pronomes proclíticos que acompanham o futuro do presente.

Pronomes pessoais oblíquos	Quantidade de ocorrências
1ª pessoa do singular - me	25 (8,2%)
2ª pessoa do singular – te	41 (13,4%)
3ª pessoa do singular – o	46 (15,1%)
3ª pessoa do singular – lle	13 (4,3%)
3ª pessoa do singular – se	9 (2,9%)
1ª pessoa do plural – nos	18 (6%)
2ª pessoa do plural – vos	147 (48,2%)
3ª pessoa do plural – os	1 (0,3%)
3ª pessoa do plural - lles	5 (1,6%)
Total	305 (100%)

(3.72)

Dest' un miragre preçado
vos **será** per mi mostrado (CSM 111, v.11-12)

(3.73)

E dest' un miragre, de que fiz cobras e son,
vos **direi** mui grande, que mostrou en Aragon (CSM 64, v.6-7)

Há ainda 41 ocorrências dos pronomes de 2ª pessoa do singular *che/te*. Como visto em relação à mesóclise, as duas formas coexistem nas *Cantigas* para o pronome de 2ª pessoa do singular, como se verifica nos exemplos (3.74) e (3.75), retirados da mesma cantiga.

(3.74)

che **darei** onrradamente | mia filla, e tu seerás
como en logar de fillo; | e se morrer erdarás
mui grand' algo que eu tenno, | que gaanney sen tricharia. (CSM 125, v.74-76)

(3.75)

E eu farei ao bispo | que venna por ti log' acá,
e di-ll' esto que *che* dixe, | e el ben *te* **consellará**
como non percas ta alma; | e senon, Deus se vingará
de ti por quanto quisische | do demo ssa compania.” (CSM 125, 98-101)

Foi também encontrada uma ocorrência com o pronome *ti* com a função sintática de objeto indireto, como pode ser verificado em (3.76). Esse foi o único caso de nosso *corpus* com o pronome *ti* proclítico a um verbo.

(3.76)

E demais esta cera ti **darei**
en sa figura, e sempr' andarei
pregõando teu nome e direi
como dos Santos tu es la mellor.» (CSM 44, v. 30-34)

O pronome de 1ª pessoa do singular tem 25 ocorrências no total (exemplo (3.77)). Em apenas uma dessas ocorrências ocorre o pronome *mi*, não acompanhado de

preposição, como mostrado em (3.78); o mesmo fato que ocorreu com relação à mesóclise (ver p. 96). Tanto para mesóclise quanto para a próclise, o pronome *mi* foi encontrado apenas uma vez para cada tipo de colocação pronominal.

(3.77)

«Tod' esto», diss' ela, «creo de chão;
mais como me **poderei** levantar?» (CSM 105, v.112-113)

(3.78)

Poren nunca mi **averá**³²
erg' a quen **m' ela dará**;
e vos, quitade-vos ja
d' irdes contra seu mandado,
mais levade-m' acolá
u ést' o que seerá
meu marid' e meu amado.” (CSM 137, v.96-102)

Em relação à 3ª pessoa do singular, há 46 ocorrências com os pronomes *o*, *a* e suas variantes *lo*, *la*, como no exemplo (3.79); treze ocorrências com o pronome *lle*, sempre grafado com dois *l*, exemplo (3.80); nove ocorrências com o pronome reflexivo *se*, grafado ora com apenas um *s*, ora com dois *s*, como nos exemplos (3.81) e (3.82), respectivamente.

(3.79)

a Santa Maria a pedide des aqui,
que é poderosa e **vo-la poderá** dar. (CSM 16, v. 42-43)

(3.80)

O que pola Virgen leixa o de que gran sabor á,
sempr[e] aqui lle demostra o ben que pois **lle fará**. (CSM 124, v.3-4, refrão)

³² A ditongação entre *mi* e *averá*, no exemplo (3.78), comprova a cliticização prosódica do pronome à forma verbal.

(3.81)
 Quantos en Santa Maria
 esperança an,
 ben **se porrá** sa fazenda. (CSM 66, v.4-6, refrão)

(3.82)
 que mio cobres, sequer ali
 u a ta missa **sse dirá**. (CSM 92, v.26-27)

Além das 147 ocorrências do pronome de 2ª pessoa do plural, encontramos também 18 ocorrências do pronome de 1ª pessoa do plural *nos*, como no exemplo (3.83); cinco ocorrências com o pronome de 3ª pessoa do plural *lles*, e apenas uma com o pronome também de 3ª pessoa do plural *os*, *as* – exemplos (3.84) e (3.85), respectivamente.

(3.83)
 Poren cabo del está,
 u sempre por **nos rogará**,
 Santa Maria. U por nos lle rogará
 e del perdon **nos gāará**
 Santa Maria. (CSM 160, 14-19)

(3.84)
 Nen **lles nuzirá** se beveren poçon,
 e **guarrán** de todo mal e de lijón
 aos enfermos.” (CSM 426, v. 30-32)

(3.85)
 A moller respos: «Aquesto de grado farei,
 e que a ajades quant' eu poder punnarei;
 mas de vossas dōas me dad', e eu **llas darei**,
 e quiçay per esto a poderei enganar.» (CSM 64, v.61-64)

Já em relação a verbos conjugados no futuro do pretérito, assim como aconteceu com os casos de ênclise e mesóclise, houve maior recorrência de pronomes junto a verbos flexionados na 3ª pessoa do singular (exemplo (3.86)) – 62 dos 69 casos de

próclise junto a verbos no futuro do pretérito, como mostra a tabela 3.15. Há ainda cinco ocorrências com o verbo conjugado na 1ª pessoa do singular e apenas duas com o verbo na 3ª pessoa do plural - exemplos (3.87) e (3.88), respectivamente.

Tabela 3.15. Pessoas da conjugação dos verbos no futuro do pretérito com pronomes proclíticos.

Pessoas da conjugação dos verbos	Quantidade de ocorrências
1ª pessoa do singular	5 (7,2%)
2ª pessoa do singular	-
3ª pessoa do singular	62 (89,9%)
1ª pessoa do plural	-
2ª pessoa do plural	-
3ª pessoa do plural	2 (2,9%)
Total	69 (100%)

(3.86)
 en hũa torre o meteu en muy gran prijon,
 jurando muyto que **o faria** y morrer. (CSM 5, v. 37-38)

(3.87)
 Os que m' oen cada dia
 e que m' oyrán,
 de grado **lles contaria** (CSM 66, v.7-9)

(3.88)
 E demais que **Ile darian**
 ha menynna donzela
 das mais ricas que sabian
 ena terra e mais bela,
 porque ambos **vivirian**
 sen coita e sen mazela
 e sen toda tricharia. (CSM 132, v.61-66)

A tabela 3.16 mostra o levantamento dos tipos de pronomes que acompanham as formas do futuro do pretérito. A maior recorrência foi de pronomes da 3ª pessoa do singular (46 entre as 71 ocorrências de pronomes proclíticos ao futuro do pretérito).

Tabela 3.16. Tipos de pronomes proclíticos que acompanham o futuro do pretérito.

Pronomes pessoais oblíquos	Quantidade de ocorrências
1ª pessoa do singular - me	6 (8,6%)
2ª pessoa do singular – te	3 (4,2%)
3ª pessoa do singular – o	16 (22,5%)
3ª pessoa do singular – lle	20 (28,2%)
3ª pessoa do singular – se	10 (14,1%)
1ª pessoa do plural – nos	4 (5,6%)
2ª pessoa do plural – vos	4 (5,6%)
3ª pessoa do plural – os	4 (5,6%)
3ª pessoa do plural - lles	4 (5,6%)
Total	71 (100%)

Das ocorrências de pronomes de 3ª pessoa, apenas quatro eram do plural com o pronome *lles*, como no exemplo (3.89) e duas com os pronomes *os*, *as* (exemplo (3.90)). No singular, encontramos vinte ocorrências de *lle* (exemplo (3.91)), dezesseis do pronome *o*, *a*, (exemplo (3.92)) e dez casos do pronome reflexivo *se* (exemplos (3.93) e (3.94)).

(3.89)
que per ali **lles** **faria**
a alma toller
do frad' errado,
dizendo-lles [...] (CSM 11, v. 63-68)

(3.90)
e deron poren loores | aa Sennor mui conprida,
a que quen quer as **daria** | que sse migo co[n]ssellas[s]e. (CSM 343, v. 52-53)

(3.91)
a un judeu foi sen lezer
provar se **ll'** alg' **enprestaria**. (CSM 25, v. 20-21)

(3.92)
ca o que terra e mar
fez per seu mui gran poder,
esto ben **o** **faria**.» (CSM 108, v.26-28)

(3.93)
 nen que per nulla maneira
 est' alva vestir provasse,
 ca Deus del **se vingaria**. (CSM 2, v. 53-55)

(3.94)
 ca o demo, de mal chëo, | en tal guisa a encendeu
 que diss' enton a seu padre | que logo **sse casaria** (CSM 104, v.60-61)

Foram encontrados, ainda: três casos com o pronome *che*, como no exemplo (3.95); quatro casos com o pronome de 1ª pessoa do plural *nos*, exemplo (3.96); e também quatro casos com o pronome de 2ª pessoa do plural *vos*, exemplo (3.97).

(3.95)
 adormeceu, e a Virgen lle disse: Sal acá fora
 deste logar e trei migo, ca eu **te porrei** na via.» (CSM 325, v. 46-47)

(3.96)
 e faz con el a guerlanda e é ssa ajudador,
 que assi **nos desfaria** ben com' a agua o sal.» (CSM 121, v. 47-48)

(3.97)
 “Ide fazer
 Com' eu a donzela aja | log' esta noit' en meu poder;
 Senon, en hũa redoma | todos **vos enserraria**.” (CSM 125, v.29-31)

Também em relação à próclise, a quantidade de pronomes é maior do que o número de verbos flexionados no futuro do presente e do pretérito, pois há casos de co-ocorrência de pronomes, como se pode observar nos exemplos (3.98) e (3.99).

(3.98)
 Diss': Amig', assi farey
 que cras con vosco m' irei
 e atanto buscarey
 aquel que foi esposado

vosco, que o acharey,
e logo **vo-lle darey**
por aver a Deus pagado.” (CSM 135, v.64-70)

(3.99)
ca sabian
que **llo non leixaria**. (CSM 115, v.303-304)

Dos 494 casos de uso de clíticos encontrados em nosso *corpus*, 360 são de pronomes proclíticos, o que equivale a 72,9% dos casos. Por ser a quantidade bastante elevada, resolveu-se também analisar se o contexto frasal de alguma forma influenciava a colocação do pronome antes do verbo. Do total de 360 casos de próclise, em 29 (8%) deles havia alguma palavra negativa antes do verbo (como *non*, *nunc*, *nen*), como no exemplo (3.100). Não houve qualquer caso de ênclise ou de mesóclise em que houvesse uma palavra negativa antes do verbo.

(3.100)
e achar nona podia, | e cuidava que per ren
per el já **non ss' acharia**, | nen per outro sabedor. (CSM 202, v. 14-15)

Foi feito também um controle do uso da palavra *que*, tanto como pronome relativo quanto como conjunção, e, em todos os casos em que essa palavra aparecia antes de um verbo acompanhado de pronome, a colocação escolhida era a proclítica. Há 50 casos de próclise com a presença de *que* (exemplo (3.101)), o que equivale a 13,89% dos casos de próclise. Esses dados mostram haver algum tipo de condicionamento para a próclise, como o uso de palavras negativas, conjunções ou pronomes relativos.

(3.101)
E disse: «Ja mais non me **partirei**
daquesta porta, ca de certo sey
que me **dará** a Madre do bon Rei
mia filla viva; senon, de prumaz (CSM 122, v.50-54)

Em relação à próclise, foi feito também um levantamento dos casos em que os clíticos não estavam adjacentes ao verbo, como no exemplo (3.102). Há em nosso *corpus* 32 casos de próclise em que o pronome oblíquo está separado do verbo por outra palavra, como um advérbio – exemplo (3.102) –, um pronome pessoal do caso reto – exemplo (3.103) – ou uma conjunção – exemplo (3.104). Esse valor equivale a 8,9% de um total de 360 casos de próclise – ver tabela 3.3.

(3.102)

poren mercee te peço que me perdões, ca sey
que se me tu perdõares, que **me** non **será** sannoso (CSM 219, v. 48-49)

(3.103)

Desto ela un miragre mostrou, que **vos** eu **direi**,
a que fíx bon son e cobras, porque me dele paguei; (CSM 188, v.7-8)

(3.104)

aqueste Santa Maria ouv' en si, por que prender
vêo Deus en ela carne, con que **nos** pois **julgará**. (CSM 418, v. 10-11)

Esses dados levantados comprovam a independência prosódica do clítico em relação à forma verbal, o que pode ser um indício a favor de considerar analíticas mesmo as formas aqui rotuladas como sintéticas, isto é, formas verbais futuras prosodicamente equivalentes a palavras compostas ou perífrases, já que há a possibilidade de inserção de material fônico/sintático entre as bases, ao passo que a cliticização padrão se dá preferencialmente com formas sintéticas, posicionando o clítico antes ou depois do núcleo (prosódico, no caso). A possibilidade de interpretar as formas aqui rotuladas como sintéticas como expressões analíticas será discutida na seção 4 desta tese.

3.3 Considerações finais

Nesta análise, verificou-se que em PA o verbo *aver*, auxiliar do tempo futuro, está unido ao verbo principal, formando com este um único vocábulo, em 97,3% dos casos, e separado deste gráfica e prosodicamente, em 2,7% dos casos. Em uma primeira análise superficial, esses dados podem nos levar a crer que, em PA, as formas sintéticas já haviam se consolidado.

Nas formas analíticas do futuro do presente, o verbo *aver*, conjugado no presente do indicativo, está sempre separado do verbo no infinitivo por meio de uma preposição, o que não ocorre em nenhum dado com o futuro do pretérito. E, apenas nesse último tempo, o verbo *aver/ir*, conjugado no pretérito imperfeito do indicativo, não tem ordem fixa em relação ao verbo principal, ora aparecendo primeiro o auxiliar, ora primeiro o verbo principal no infinitivo.

No futuro do presente, o verbo está conjugado predominantemente na 1ª pessoa do singular, enquanto que no futuro do pretérito predomina a 3ª pessoa do singular. Só no futuro do presente encontramos verbos conjugados nas 1ª e 2ª pessoas do plural, não havendo qualquer caso como esse no futuro do pretérito. Uma provável explicação para esse fato é que as formas de 1ª e 2ª pessoas do plural do futuro do pretérito (*cantaríamos* e *cantaríades*) são proparoxítonas, formas extremamente marginais em PA, como já provaram Michaëlis de Vasconcelos (1912-1913), Teyssier (1987) e Massini-Cagliari (2005).

Em relação à colocação pronominal, há preferência pela próclise em PA: 72,9% dos casos, contra 19% de casos de mesóclise e 8,1% de ênclises.

Nos poucos casos de ênclise, o verbo está sempre conjugado no singular, seja no futuro do presente ou do pretérito. Isso se deve a dois fatores: só formas verbais que terminam em sílabas abertas aceitam pronomes enclíticos, o que não é o caso das formas de plural do futuro; evita-se também, como aconteceria com a colocação de pronomes enclíticos, a formação de palavras prosódicas proparoخítonas, palavras esdrúxulas em PA. É importante ressaltar que palavras proparoخítonas em PA são formas marginais, mas não impossíveis, já que há no *corpus* verbos oxítonos acompanhados de dois pronomes oblíquos enclíticos, o que resulta em uma forma superficial proparoخítona.

A quantidade de casos de mesóclises é superior à de ocorrência de ênclises. Diferentemente dos casos de ênclise, encontramos mesóclise com verbos flexionados também no plural, exceto com a 2ª pessoa; esse último fato se deve certamente a uma limitação do *corpus*, no qual não há muitos verbos conjugados na 2ª pessoa do plural. Finalmente, a quantidade de pronomes proclíticos no *corpus* é muito superior à de ênclises e mesóclises. No futuro do presente, todas as pessoas verbais aceitam próclise, o que não ocorreu nem em relação à ênclise, nem em relação à mesóclise, o que nos prova que essa posição já era favorecida em PA. Verificou-se também que, em PA, o contexto frasal favorece a próclise, como em casos em que há uma palavra atrativa como advérbios, pronomes relativos ou conjunções.

Apesar do predomínio de formas (aparentemente) sintéticas no *corpus* e da elevada quantidade de próclises sugerirem que estamos diante de uma forma sintética, verificou-se que em 8,9% dos casos de próclise o pronome não está adjacente ao verbo, mas separado desse por meio de um advérbio, conjunção, entre outras palavras. Esse fato mostra uma independência prosódica do pronome em relação à forma verbal, o que ainda nos permite pensar em formas futuras analíticas. A quantidade relativamente

elevada de mesóclises também nos dá pistas de que em PA talvez existia uma conscientização de que a forma futura tradicionalmente rotulada como sintética é possivelmente composta ou mesmo perifrástica, em ambos os casos analítica, pela possibilidade de colocação de um ou mais pronomes entre o infinitivo e o verbo *aver* conjugado.

4. Estrutura morfofonológica das formas futuras

Esta seção tem como objetivo abordar a questão da determinação da estrutura das formas do futuro do presente e do pretérito no PA como simples (sintéticas) ou compostas ou perifrásticas (analíticas). A questão que se pretende responder é a seguinte: teríamos na formação desses tempos em PA a estrutura que Câmara Jr. (1972 [1970], p. 94) reconhece para esses tempos verbais no PB, ou seja, R + VT + SMT + SNP (cf. seção 1.3, p. 19), considerando as formas *rei, rá(s), rá, re(mos), re(dês), rá(n) / ria ria(s), ria, ria(mos), ria(dês), ria(n)*, como desinências modo-temporais (seguidas das desinências número-pessoais), ou as formas *ei, ás, á, emos, edes, án / ia, ias, ia, íamos, íades, ían* corresponderiam o verbo *aver* ou *ir* flexionados, respectivamente, no presente do indicativo e no pretérito imperfeito do indicativo adicionado ao infinitivo do verbo principal, portanto uma palavra composta ou uma forma perifrástica?

Há estudos sobre o PB atual que analisam formas analíticas do futuro, mas centram especial atenção na expressão do tempo verbal futuro pela forma perifrástica *ir + infinitivo*, como Longo (1992), Silva (2006) e Oliveira (2006). Esses trabalhos tratam como formas simples “aquela formada por um verbo + morfema gramatical” (SILVA, 2006, p. 16). Longo (1992) verifica se as interpretações das perífrases em que o verbo ocorre equivalem semanticamente às das “formas simples” de futuro que lhes correspondem. Silva (2006) analisa a substituição da “forma simples” pela perifrástica e as possíveis causas extralingüísticas que ocasionaram essa substituição. Gibbon (2000) tem como objetivo de sua dissertação mostrar como a forma perifrástica *ir + infinitivo* e o futuro do presente expressam futuro e o desuso desse último. Tafner (2004) analisa, também, formas com gerúndio que podem indicar futuro como *estar + verbo principal*

no gerúndio (“estarei andando”) e *ir + estar + verbo principal no gerúndio* (“vou estar andando”).

4.1 Critérios de distinção entre formas simples e compostas

Vários lingüistas já abordaram o tempo futuro em diversas línguas, analisando sua estrutura (como já apresentado na primeira seção desta tese e no início desta seção). Entretanto poucos tiveram a preocupação de analisar a natureza morfofonológica do tempo verbal futuro, verificando se essas formas seriam simples – correspondendo a apenas uma única palavra fonológica – ou compostas ou perifrásticas – constituindo duas palavras fonológicas.

Dois trabalhos em especial tiveram como foco a análise da estrutura morfofonológica de verbos no tempo futuro, em PA e em inglês, respectivamente: Massini-Cagliari (1999, 2006) e Bybee, Pagliuca e Perkins (1991). É a partir dos critérios desenvolvidos por esses lingüistas que faremos nossa análise das formas futuras encontradas nas CSM.

4.1.2 Critérios de Massini-Cagliari (1999)

Estudos anteriores sobre a atribuição de acento em PB analisam formas como *cantarei*, *cantaria*, atribuindo a elas um *status* de palavras compostas, como Bisol (2002), Massini-Cagliari (1999) e Cagliari (1999, 2002). Mateus (2002[1983]) e Mateus e d’Andrade (2000) chegam à mesma conclusão em relação a essas formas em PE. Cagliari (2002, p. 63), analisando a estrutura morfológica dos verbos em PB, diz que “os verbos no futuro e no condicional são formados do infinitivo do verbo de

significação principal mais o presente do indicativo dos verbos *haver* (futuro) ou do verbo *ir* (condicional)”.

Trabalhos recentes sobre o acento nas formas verbais futuras do PA determinam que essas seriam compostas e não simples, como, por exemplo, Massini-Cagliari (1999, p. 181). Os argumentos utilizados pela autora para considerar tais formas como compostas, mostrando que há independência das partes que compõem as formas do futuro, são os transcritos abaixo:

1. Co-ocorrência em PA de formas como *viverey* e *ei a viver*.
2. Possibilidade de mesóclise.
3. Dois futuros formados com uma só terminação como *direy* e *non estar* – argumento baseado em dados coletados em Williams (1973[1938]).
4. Padrão acentual das formas de 3ª pessoa do singular (oxítonas):

Um outro argumento provém dos próprios padrões acentuais dessas formas, todas oxítonas. Ora, se não se tratasse de um composto, a forma da 3ª pessoa do singular deveria ser paroxítona, pois termina em vogal aberta. Entretanto, isto não ocorre, porque esta forma é composta do infinitivo do verbo principal mais o verbo *auer* na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, que é monossílabo, sobre o qual é erguido em pé degenerado³². (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 181)

O exemplo (4.1), retirado de Massini-Cagliari (1999, p. 181), mostra como a autora acredita que se comportam todas as formas do futuro do presente, quanto à localização do acento:³³

³² Um pé “degenerado” corresponde a um pé defectivo, construído com apenas uma sílaba leve (cf. Massini-Cagliari, 1999, p. 87-89).

³³ No exemplo (4.1), os parênteses indicam limite de constituinte prosódico. Cada x corresponde a um acento, no nível lexical; o x na linha mais alta, corresponde à proeminência do constituinte prosódico superior. Os demais símbolos, ∪, — e #, correspondem, respectivamente, a “sílaba leve”, “sílaba pesada” e “limite de constituinte morfológico” ou “fronteira de palavra” (no caso, limite entre as bases constituintes de um composto).

(4.1)

(	x)	RF (regra final)
(x)	(x)	
Partira = par	tir # a	
—	—	∪

Retomaremos os argumentos usados por Massini-Cagliari (1999, p. 181 e 2006), apresentados acima, para analisarmos como as formas verbais futuras mapeadas em nosso *corpus*, as CSM, se comportam em termos de sua estruturação fonológica e morfológica.

4.1.2.1 Co-ocorrência em PA de formas sintéticas e analíticas

Os exemplos abaixo, retirados das CSM, comprovam que, em PA, há alternância de formas analíticas e sintéticas: os mesmos verbos são, em algumas cantigas, conjugados separadamente, como duas palavras distintas; em outras, há uma junção entre as formas, o que resulta (pelo menos aparentemente, devido à grafia escolhida) em uma única palavra.

Como pode ser verificado nos exemplos (4.2) e (4.3), os mesmos verbos ora estão na forma sintética, ora na forma analítica; no primeiro o verbo *salvar* vem precedido do verbo auxiliar *aver* conjugado da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo e separado por uma preposição; no segundo, os mesmos verbos se fundem em uma única palavra gráfica, o que resulta na forma *salvará*. Em (4.4), o verbo *falecer* vem escrito separadamente do verbo *aver*, este conjugado na 3ª pessoa do singular; em (4.5), o verbo *falecer* se une ao verbo *aver*, agora conjugado na 3ª pessoa do plural.

(4.2)

Virgen, de Deus amada:
do que o mund' **á de salvar** (CSM 1, v. 17-18)

(4.3)

e a dona do fogo remãeceu
salva per aquela que nos **salvará**. (CSM 186, v.77-78)

(4.4)

mas des oi mais a Santa Maria, que é luz,
quero servir, que me nunca **á de falecer**. (CSM 5, v. 177-178)

(4.5)

“Madre de Deus, bẽeitos son os que en ti fyuza an,
ca na ta gran mercee nunca **falecerán** (CSM 5, v. 134-135)

Em (4.6) e (4.7), temos fatos semelhantes, mas agora referentes ao futuro do pretérito: ambos têm o verbo *aver* ou *ir* conjugado na 3ª pessoa do singular, mas, no primeiro exemplo, existe uma separação na escrita entre o auxiliar, este posposto ao principal, e o verbo *contar*; enquanto no segundo, os termos vêm graficamente unidos, como uma única palavra – *contaria*. Em (4.8) e (4.9), também para o futuro do pretérito, há uma diferença em relação à colocação do auxiliar, no primeiro, o auxiliar, conjugado na 3ª pessoa do plural, é colocado antes do verbo principal *matar*; já, no segundo, há uma união entre o infinitivo e o verbo auxiliar, nesse exemplo conjugado na 3ª pessoa do singular – *mataria*.

(4.6)

fez seu amigo chamar,
que llo **contar ya**. (CSM 94, v.115)

(4.7)

con quanto ben nos visti,
queno **contaria**? (CSM 40, v. 40-41)

(4.8)

E avêo dessa vez
 aos que combatian
 que Deus por ssa Madre fez
 que dali u ferian
 os colbes, **yan matar**
 daquel Soldan barvudo
 as gentes, e arredar
 do muro ja movudo. (CSM 28, v. 78-85)

(4.9)

que log' enton con sas mãos | ant' eles sse **mataria**. (CSM 125, v.66)

A partir dos exemplos acima (semelhantes aos apresentados na seção 3.1 deste trabalho), percebemos que em PA existe uma co-ocorrência de usos gráficos distintos, isto é, em alguns contextos os verbos principal e seu auxiliar *aver* ou *aver/ir* se escreviam juntos, sem espaço interveniente, e, em outros contextos, eram escritos separadamente. Esse primeiro argumento de Massini-Cagliari (1999, 2006) favorece a interpretação dos futuros do PA como formas compostas ou perifrásticas, uma vez que há a possibilidade de interpretar as suas partes constituintes como duas palavras distintas, gráfica e prosodicamente.

4.1.2.2 Possibilidade de mesóclise

Para Mateus e Andrade (2000, p. 115), em relação a outras formas verbais, as terceiras pessoas do singular e do plural do futuro do presente no PE atual se comportam de maneira peculiar, já que elas têm o final tônico. Mas o futuro, segundo eles, é um tempo peculiar não só em relação ao acento.

Segundo Mateus e Andrade (2000, p. 115), deve-se notar, em primeiro lugar, que todas as formas de futuro no PE atual têm um /r/ depois da vogal temática. Em segundo lugar, no caso da colocação de clíticos, estes devem aparecer dentro da forma

verbal, assim teríamos *falar-te-ei* e não **falarei-te*. Como os clíticos aparecem depois do /r/, os autores concluem que este não pertence à marca de futuro, já que não encontramos *fala-te-rei*. Isso os leva a considerar que o futuro é composto da forma infinitiva, e é a esta forma que as marcas de tempo e pessoa são acrescentadas. Mateus e Andrade (2000, p. 115) ainda acrescentam outro argumento:

Yet another reason resides in the fact that when the form is pronounced without enclisis, the theme vowel, /a/, as unstressed, is raised, falarei [fə'ɫɐrɐj]; if there is enclisis, the theme vowel behaves as if it were stressed, that is, without raising, falar-te-ei [fə'ɫartɨj], or [fə'ɫartɨj].

Os autores explicam, logo depois, que estas marcas de tempo e pessoa são na verdade o presente do indicativo do verbo *haver* e o imperfeito do mesmo verbo (eles consideram o verbo *haver* como auxiliar para o futuro do pretérito) para o condicional, já que, historicamente, o futuro deriva da construção perifrástica do tipo *hei (de) falar*. Portanto “so even if this periphrastic form is historically grounded, it is on purely synchronic facts that we assume it” (MATEUS; ANDRADE, 2000, p. 115).

Ainda segundo Mateus e Andrade (2000, p. 81), as formas do verbo *haver* funcionam como marcadores de tempo e constituem uma única palavra com o verbo principal. Porém, os autores advertem que, enquanto palavras (no nível morfológico), as formas futuras devem ser vistas como compostas. Algumas formas do verbo *haver* são completamente integradas ao verbo principal, como *hei, há*s; outras perdem o material segmental que precede a vogal tônica, como *hавemos*, 1ª pessoa do plural do presente do indicativo, e todas as pessoas do pretérito imperfeito do indicativo. Os autores concluem que a estrutura interna desses dois tempos envolve uma fronteira de palavra pela possibilidade de mesóclise, ou seja, a inserção de formas clíticas de pronomes

essoais dentro do verbo, à esquerda da vogal acentuada do morfema temporal, ainda preservada em PE moderno, mas perdida para outras línguas românicas.

Os autores ainda ressaltam que os clíticos diferem radicalmente dos “sufixos normais”, pois eles nunca influenciam a colocação do acento: “*clitics are immune to stress and may be said to be invisible to stress processes*” (MATEUS; ANDRADE, 2000, p. 116). Eles ainda fazem um comentário sobre as posições tônicas que são anteriores à antepenúltima sílaba: a colocação do clítico é pós-acental e os clíticos são inertes ao acento.

Vigário (2001, p. 55), mesmo acreditando que existem boas razões para analisar as unidades com clíticos internos como construções perifrásticas, difere na sua análise, em alguns aspectos, de Mateus e Andrade (2000). A autora acredita que:

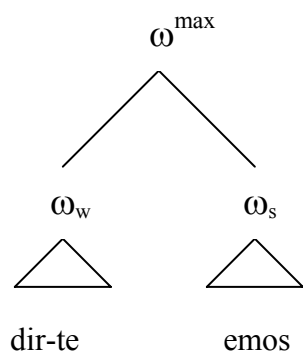
[...] only the constructions with internal clitics are obtained via the insertion of an infinitive verb form and a(n auxiliary-like) affix, while the future and conditional verb forms without internal clitics are inserted lexically inflected at the moment of phonological instantiation. (VIGÁRIO, 2001, p. 55)

Para a autora as construções mesoclíticas se comportam como palavras prosódicas compostas; o clítico interno seria, na verdade, enclítico ao primeiro verbo, incorporando-se à palavra prosódica anterior:

The data presented in this section provide clear support for the prosodization of mesoclitic constructions as compound prosodic words. As to the internal clitic, it patterns like other postverbal pronominal clitics, being incorporated into the preceding prosodic word. (VIGÁRIO, 2001, p. 261)

Abaixo temos o exemplo dado por Vigário (2001, p. 262):

(4.10)



Sendo o uso das formas de futuro em PA semelhante à ocorrência dessas formas no PE atual, a partir das idéias tanto de Mateus e Andrade (2000) como de Vigário (2001), pode-se considerar que esses verbos constituem compostos ou perífrases, uma vez que existe a possibilidade de mesóclise. Além disso, sendo a estrutura infinitivo + auxiliar das formas do futuro no PA a mesma encontrada no PE, a partir dos critérios de Vigário (2001), os pronomes mesoclíticos do PA poderiam ser igualmente considerados como adjungidos encliticamente ao infinitivo.

Com relação ao português medieval, alguns gramáticos históricos, como Nunes (1969), Coutinho (1971) e Williams (1973[1938]) (como já exposto na seção 1, deste trabalho), já apontavam que a consciência da composição das formas futuras não havia se perdido completamente no período medieval da língua. O principal argumento desses gramáticos era exatamente a possibilidade de mesóclise com verbos flexionados no futuro do presente e do pretérito.

Vigário (2001, p. 166) afirma que, atualmente, alguns falantes do PE não fazem uso da mesóclise e sim da ênclise com verbos flexionados no futuro do presente e do condicional. Segundo a autora, isso acontece pois eles interpretam a formação de futuro como idêntica à formação dos tempos simples; para esses falantes, a construção analítica já se perdeu. Isso também se dá em PB, já que a mesóclise é cada vez mais rara

na fala e na escrita. No entanto, há que se considerar que também as formas de futuro do presente e do pretérito simples são cada vez mais raras no PB, especialmente na fala, sendo substituídas por perífrases do tipo *vou fazer / ia fazer* (como apontam Gibbon, 2000, Tafner, 2004, e Silva, 2006). Fenômenos como os citados por Vigário (ênclise com verbos futuros) são mais próprios da escrita em PB do que da fala. Por outro lado, há que considerar, também, que formas compostas têm coesão interna, isto é, não podem sofrer interpolação de material lingüístico entre suas partes (cf. Laroca, 2001, p. 22), ao passo que perífrases são permeáveis à inclusão de material lingüístico interveniente (ex: *Vou certamente fazer isto amanhã.*). Desta forma, o argumento de Vigário indica que as formas de futuro não são mais sentidas pelos falantes de PE como perifrásticas; não pode, entretanto, ser utilizado como evidência de perda de consciência de composição, já que também nestas não há a possibilidade de interveniência de outras palavras entre as suas partes constitutivas.

De acordo com os dados encontrados nas *Cantigas* e quantificados na seção 3.2.2 deste trabalho, o número de casos de mesóclise encontrados no *corpus* é relevante: de 230 ocorrências de verbos acompanhados de pronomes clíticos, 53 deles eram mesoclíticos, o que equivale a 23% dos casos, como exemplificado abaixo em (4.11) e (4.12). Se a possibilidade de mesóclise for considerada, a exemplo de Mateus e d'Andrade (2000) para o PE, como índice de composição, esse fato ajuda a comprovar que em PA ainda havia uma consciência de que a forma de futuro era perifrástica, já que havia a possibilidade de mesóclise (apenas nesses tempos).

(4.11)

[...] entrou na cidade de Roma, u er'o cortes

Emperador, que a chamou e disse-lle: "Vês?

Guari-m' est' irmão gaff', e **dar-ch-ei** grand' aver." (CSM 5, v. 162-164)

(4.12)

e dizendo: «Pois que ei congeyto,

vingar-m-ei daquele malfeitor.» (CSM 15, v. 92-93)

4.1.2.3 Dois futuros com uma única terminação

Williams (1973[1938], p. 211) afirma que, no português medieval, era possível encontrar dois verbos no futuro com uma única terminação, e nos dá como exemplo a expressão *direy e non estar*, em que os dois verbos indicariam futuro, mas só o primeiro verbo teria a terminação. Esse exemplo mostra uma independência entre o verbo no infinitivo e seu auxiliar *aver*, levando-nos a crer que realmente temos duas palavras nesse período da língua.

Entretanto, não foram encontrados em nosso *corpus* dois futuros com uma só terminação, como registrado por Williams (1973[1938]) e recuperado por Massini-Cagliari (1999).

4.1.2.4 Padrão acentual

Para Câmara Jr. (1972[1970], p. 53), acento é “uma força expiratória, ou intensidade de emissão, da vogal de uma sílaba em contraste com as demais vogais silábicas”. A sua presença assinala a existência de um vocábulo. Silva (2001, p. 77) retoma essa definição fonética de acento, dizendo que “uma sílaba tônica ou acentuada é produzida com um pulso torácico reforçado”; portanto, na produção de uma sílaba acentuada, temos um jato de ar mais forte, em relação às sílabas não acentuadas ou átonas.

Câmara Jr. (1972[1970], p. 54) acrescenta a informação de que em português o acento é também distintivo, pois pode, dependendo de sua posição, distinguir palavras, como em *jaca* e *jacá*, *cáqui* e *caqui*. De acordo com a proposta de Câmara Jr., o acento é analisado como um delimitador de vocábulos fonológicos, tendo assim valor demarcativo, além do valor distintivo.

Para Collischonn (2001, p. 132), o acento pode ser considerado um fonema, do ponto de vista estruturalista, pois distingue palavras (*falara* / *falará*, *falaram* / *falarão*), mas é um fonema de tipo especial, porque ele não aparece colocado linearmente entre os segmentos, mas se superpõe a eles. Ele se acrescenta a segmentos e, por isso, é chamado de supra-segmento.

Segundo Massini-Cagliari e Cagliari (2001, p. 113), as línguas apresentam três tipos básicos de acento: acento primário (é o acento mais forte de uma palavra), acento secundário (é o acento relativamente menos forte que o acento primário de uma palavra), acento frasal (é o acento mais forte de uma seqüência de palavras). Os autores exemplificam esses tipos de acento da seguinte maneira:

A palavra *cafezinho*, dita isoladamente, recebe o acento primário na penúltima sílaba (*zi*) e pode ter um acento secundário na primeira sílaba (*ca*). Já na frase *Vou tomar um cafezinho*, a sílaba *zi*, que já era acentuada no nível da palavra, recebe o acento frasal.

No modelo gerativo clássico de Chomsky e Halle (1968, p. 16), o acento é considerado uma propriedade da vogal, ou seja, o acento seria equivalente a qualquer propriedade vocálica, portanto um traço distintivo como os demais, sendo atribuído por uma regra, pois, na estrutura profunda, as vogais não são acentuadas. Dentro dessa perspectiva teórica, na qual o tratamento oferecido aos dados continua linear, “o acento só poderia ser tratado como um traço distintivo que pode ser atribuído por meio de regras apenas a vogais num nível lexical” (MASSINI-CAGLIARI, 1992, p. 74).

Na proposta de Chomsky e Halle (1968), a regra do acento primário obedece a ciclos, isto é, tem de ser reaplicada toda vez em que há o acréscimo de um morfema derivativo; em cada nova derivação, o acento primário é atribuído e os acentos atribuídos em ciclos anteriores ficam reduzidos de um grau, como em *pédra* e *pedréiro*.

Sob a perspectiva teórica da fonologia gerativa, o primeiro trabalho a respeito da acentuação do português foi o de Mateus (1982[1975]), que formulou regras de atribuição de acento, com base exclusivamente fonológica, em que o acento não-excepcional era atribuído por regra *default* às formas paroxítonas; nesse seu primeiro trabalho, que desconsidera condicionamentos de ordem morfofonológica à localização do acento principal de palavra, os padrões oxítono e proparoquítono são considerados excepcionais, e atribuídos por regras especiais, desencadeadas por marcas lexicais de excepcionalidade. Reformulando suas primeiras idéias, Mateus (2002[1983], p. 241) pretende demonstrar que a acentuação em português depende da constituição morfológica da palavra, e que a regra geral que determina a aplicação do acento deve levar em conta a relação entre o radical ou tema e os morfemas que lhe seguem, sendo também sensível ao tipo de fronteiras que conjugam os elementos constituintes, e apresenta a seguinte regra e sua formalização na Fonologia Gerativa:

(4.13)

Acentuar a última vogal do {TEMA_[vb]} ou {RADICAL}

(4.14)

$V \rightarrow [+ac] / __ (C_1) \text{] } \{ \text{TEMA}_{[vb]} \} \text{ ou } \{ \text{RADICAL} \}$

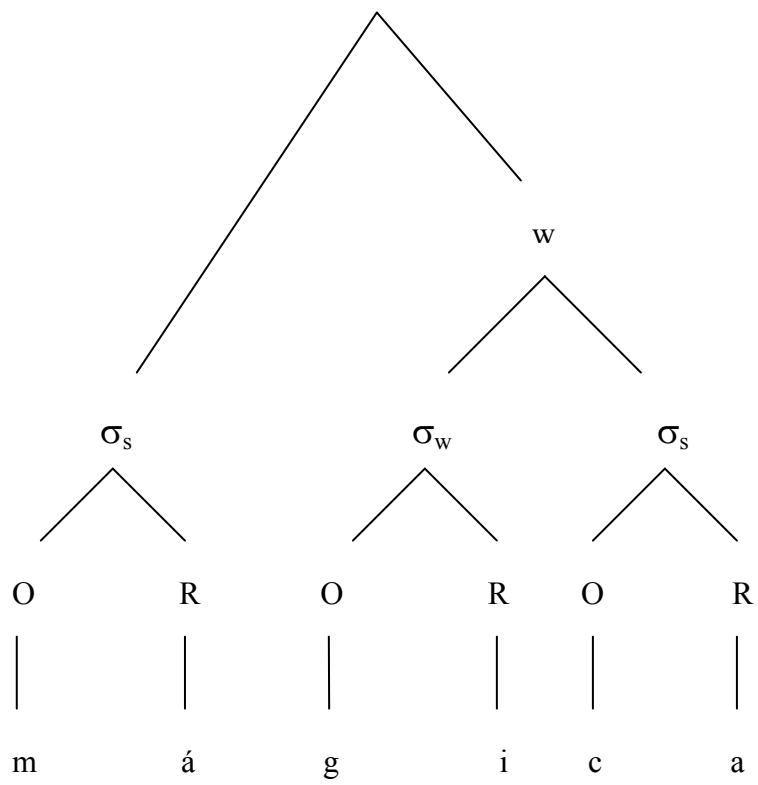
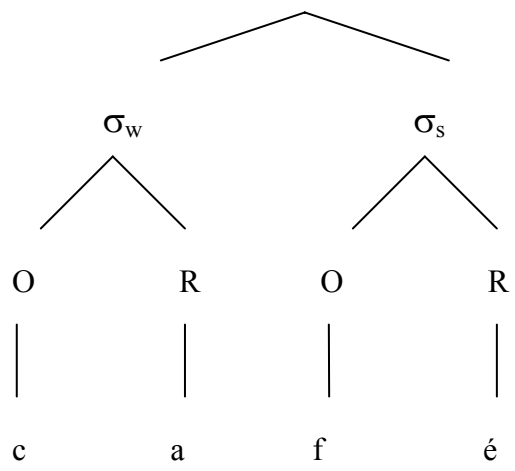
Em relação ao futuro e o condicional, Mateus (2002[1983], p. 246), como já apresentado na seção 1 deste trabalho, afirma que seus morfemas são diferentes de outras formas verbais. Isso quer dizer que, quando no interior da estrutura morfológica

não existe nenhuma fronteira de palavra, mas existem duas fronteiras de morfemas seguidas, perdura o acento que se encontra à direita dessas duas fronteiras (*bat e +r+ +á+s*); se as fronteiras de palavra se mantiverem, mantêm-se igualmente os dois acentos (*bat é+r+# te#+á+s*). Portanto, a existência de duas fronteiras de morfemas seguidas, por um lado bloqueiam a atuação da regra apresentada em (4.14) e, por outro, permitem a inserção de fronteiras de palavra com manutenção de dois acentos primitivos.

Os modelos fonológicos mais recentes, os não-lineares, têm definido acento como uma relação de proeminência entre sílabas: “as mais proeminentes são tônicas ou acentuadas e as menos proeminentes, as átonas” (MASSINI-CAGLIARI, 1992, p. 9). O acento, segundo a Fonologia Métrica, é uma propriedade da sílaba e tem caráter relacional, não é um traço, mas uma proeminência que nasce da relação entre os elementos prosódicos: sílaba, pé, e palavra fonológica (HERNANDORENA, 2001, p. 79).

A fonologia Métrica, que se iniciou com Liberman e Prince (1977), é uma das opções que se oferecem para a descrição do acento do português. A Fonologia Métrica não trata o acento como uma propriedade do segmento, mas da sílaba. Massini-Cagliari (1992, p. 81) explica que, na Fonologia Métrica, o acento, como as demais manifestações supra-segmentais, localiza-se em um nível superior ao dos segmentos. Sendo assim, o acento não pode ser localizado apenas no núcleo ou na rima, tendo que ser atribuído no nível da palavra, às sílabas, através da distribuição dos rótulos “s” (*strong/forte*) e “w” (*weak/fraco*). Veja os exemplos dados por Massini-Cagliari (1992, p. 81):

(4.15)



Segundo Collischonn (2001, p. 135), retomando trabalhos anteriores de Bisol (1992), a regularidade do acento em PB atual segue o seguinte padrão:

- a) o acento somente pode cair sobre uma das três últimas sílabas da palavra;
- b) a posição do acento na penúltima sílaba é a preferida, quando a palavra for terminada em vogal;
- c) a posição do acento sobre a última sílaba é a preferida quando a palavra for terminada em consoante;
- d) quando a penúltima sílaba for pesada³⁴, o acento nunca cairá sobre a antepenúltima sílaba.

Collischonn (2001, p. 136) acrescenta, ainda, dois outros fatores que precisam ser levados em conta: a interferência dos sufixos na posição do acento e a não interferência do morfema de plural nos nomes e dos morfemas de número/pessoa nos verbos. Segundo a autora, quando um sufixo derivacional se acrescenta a uma palavra, normalmente a palavra nova tem o acento em uma sílaba diferente daquela que recebia o acento na palavra primitiva, como em *faca* – *facada*, *árvore* – *arvoredo*. Porém, não há mudança de acento quando ocorrer prefixação ou quando houver formação de palavra composta, como em *solo* – *subsolo*, *inteligente* – *superinteligente*, *caras-pintadas*.

Em relação à colocação do acento nas palavras derivadas por sufixos, Cagliari (1999, p. 58-59) diferencia os sufixos átonos (*-in*, *-ia*, *-ulo*, *-vel*, *-bil*, *-ic*, *-il*), em menor

³⁴ Segundo Collischonn (2001, p. 128), as sílabas pesadas são aquelas que têm rima ramificada (sílabas terminadas em consoante ou formadas por ditongo ou por vogal longa); essas sílabas têm, em muitas línguas, a propriedade de atrair o acento.

Hayes (1995) propôs um modelo de grade em que o peso silábico é incorporado aos próprios constituintes, chamados de pés. Há, segundo o autor, três tipos de sistemas de acento: i) os sistemas insensíveis ao peso silábico, com constituintes binários de cabeça à esquerda, ii) os sistemas sensíveis ao peso, com constituintes binários de cabeça à esquerda e iii) os sistemas com constituintes binários de cabeça à direita. “A cada um desses sistemas corresponde um tipo de pé: o *troqueu silábico*, o *troqueu mórico* e o *iambo* (nomes emprestados da métrica clássica)” (COLLISCHONN, 2001, p. 130).

quantidade na língua, dos sufixos tônicos. Estes carregam o acento principal das palavras (*lata*, *latinha*, *lataria*), enquanto aqueles não podem nunca receber o acento, que, dado esse caráter inacentuável do sufixo, acaba por cair na última sílaba do radical (*técnica*, *fonólogo*).

Com relação aos verbos, de acordo com Collischonn (2001, p. 137), o morfema de número-pessoa modifica a posição do acento em alguns casos (*ama* – *amamos*), e em outros não (*falava* – *falávamos*).

Segundo Bisol (1992, p. 69) a regra do acento no PB é a mesma para verbos e não-verbos, no entanto, sua aplicação é diferente. Nos nomes, a regra aplica-se à palavra derivacional, a partir do radical mais a vogal temática, ciclicamente, isto é, quando se acrescenta um sufixo, a regra do acento volta a se aplicar. Já nos verbos, aplica-se sobre a palavra pronta, ou seja, a palavra lexical, de uma só vez.

Bisol (1992, p. 69) parte do pressuposto de que o português estrutura as sílabas em pés métricos binários de cabeça à esquerda, assim representados (*.)³⁵, e estabelece a seguinte regra de atribuição do acento:

³⁵ Liberman e Prince (1977) propõem a “grade métrica”, a qual contém linhas ou níveis em que as vogais são numeradas como forma de representação do jogo de proeminências entre sílabas. Para Hernandorena (2001, p. 78), o que a grade métrica faz é organizar hierarquicamente, em colunas, as relações entre os elementos e expressar a força relativa desses elementos: quanto mais extensa for a coluna, maior será sua força.

Halle e Vergnaud (1987) utilizam-se do modelo de grade e o enriquecem com a informação sobre a estrutura dos constituintes (pés), cujos limites são indicados pelos parênteses. No exemplo abaixo, retirado de Collischonn (2001, p. 126), a grade métrica pode ser entendida como uma sequência de espaços, um para cada sílaba. Na linha 0, indica-se cada espaço por um asterisco, formando-se os constituintes; na linha 1 apenas os cabeças de constituintes, ou seja, os elementos mais fortes recebem um asterisco e os fracos, um ponto; na linha 2, apenas o cabeça de toda sequência recebe um asterisco.

(		*	)	linha 2			
(	*	.	*	.)	linha 1		
(	*	*	)	(	*	*)	linha 0
	bor	bo		le		ta	

(4.16)

Regra do Acento Primário

Domínio: a palavra

- i. Atribua um asterisco (*) à sílaba pesada final, i.é, sílaba de rima ramificada.
- ii. Nos demais casos, forme um constituinte binário (não-iterativamente) com proeminência à esquerda, de tipo (* .), junto à borda direita da palavra.

Collischonn (2001, p. 144) interpreta a regra de Bisol (1992, p. 69) de maneira bastante esclarecedora:

Quanto ao peso silábico, a regra do acento é sensível à sílaba pesada final. Deste modo, o acento é atribuído às oxítonas terminadas em consoante ou ditongo, como *pomar*, *troféu*, *coronel*, por meio de (i). Quanto ao pé, a regra determina que o acento irá cair sobre a segunda sílaba, a contar da borda direita da palavra, desde que a primeira não seja pesada. Deste modo, o acento é atribuído às paroxítonas como *casa*, *parede* e *borboleta*, por meio de (ii).

Em relação à extrametricidade³⁶, isto é, o que permite que um elemento não seja visto pela regra do acento, resultando em um recuo do acento uma sílaba à direita da sua posição esperada, Bisol (1992, p. 78) estipula que, nos verbos, a inacentuabilidade é atribuída no decorrer da derivação por meio da seguinte regra:

(4.17)

A extrametricidade em verbos

Marque como extramétrica:

- i. A sílaba final da primeira e da segunda pessoa
- ii. Nos demais casos, marque a consoante com status de flexão.

³⁶ Uma noção importante introduzida por Liberman e Prince (1977) é a de extrametricidade, que é um recurso para explicar por que em determinadas línguas o acento não cai nas margens do constituinte. Usam-se colchetes angulados como diacrítico para marcar como extramétrico um determinado elemento que passa a se tornar invisível para a regra do acento.

Bisol (1992, p. 78) acredita que nas formas verbais de futuro encontramos um caso de pé defectivo (PD), também chamado pé degenerado³⁷, que gera um choque acentual em contato com a proeminência principal, devido à origem locucional dessas formas, como se verifica em (4.18) - exemplos extraídos de Bisol (1992, p. 79).

(4.18)

	SQ ³⁸	SQ	Por Evite Choque Acentual (ECh)
	(*)	(*)	(*)(*) (*)
a. Infinitivo + ei:	/falar/	/ei/	→ falarei → falarei

SQ	PD	ECh
(*)	(*)	(*)(*) (*)
/falar/	/a<S>/	→ falarás → falará

SQ	PD	ECh
(*)	(*)	(*)(*) (*)
/falar/	/a/	→ falará → falará

SQ	FCP	ECh
(*)	(* .)	(*)(* .) (*)
/falar/	/emo<S>/	→ falaremos → falaremos

³⁷ Muitas vezes, quando uma seqüência de sílabas é segmentada em pés, algumas ficam sobrando; no entanto, há a possibilidade, em algumas línguas específicas, de construir sobre essas sílabas “sobrantes” um pé, ao qual se dá o nome de “degenerado”, que possibilita que elas participem do jogo de proeminências que gerará o acento. Hayes (1995, p. 86) estabelece quais sílabas podem constituir pés degenerados: “*a single light syllables in systems that respect syllable weight (iambics and moraic trochees), and single syllables in the quantity – insensitive systemes (syllabic troches)*”. Segundo Massini-Cagliari (1999, p. 87): “em relação aos troqueus silábicos, insensíveis à quantidade, isto acontece, principalmente, quando a seqüência contém um número ímpar de sílabas, em uma construção iterativa dos pés, ou quando se trata de um monossílabo. Em relação aos troqueus moraic e iambos, este problema surge quando ficam sobrando sílabas leves à direita, quando a escolha da língua é construir os pés da esquerda para direita iterativamente, ou à esquerda, quando os pés são construídos da direita para a esquerda. Também os monossílabos constituídos de sílabas leves constituem problema.” Quando a língua opta por construir pés sobre as sílabas que sobraram são obtidos pés que correspondem ao tamanho mínimo que um pé pode ter.

³⁸ Sensibilidade quantitativa (SQ): esta regra atribui um asterisco à sílaba final de rimas ramificadas, portadoras de acento por inerência.

SQ SQ ECh
 (*) (*) (*) (*) (*)
 /falar/ /ei<S>/ → falarei<S> → falareis

SQ PD ECh
 (*) (*) (*) (*) (*)
 /falar/ /a<N>/ → falara<N> → falarão

SQ SQ ECh
 (*) (*) (*) (*) (*)
 b. Infinitivo + ia: /falar/ /ia/ → falaria → falaria

Este exemplo mostra o que Hogg e McCully (1987, p. 132-137) chamam de reversão iâmbica, isto é, uma colisão acentual, como no exemplo da palavra *cafezinho*, extraído de Costa (2006, p. 49), em que há um choque entre as sílabas *fě* (que recebe originariamente o acento secundário) e *zi*. Para desfazer a colisão, aplica-se a regra *Mova x* (abaixo), gerando o padrão acentual *càfēzínho*.³⁹

(4.19)

Regra de Mova x⁴⁰

Mova apenas uma marca da grade por vez ao longo de sua fileira.

Quando a operação *Mova x* tem a finalidade de resolver uma colisão acentual, o movimento deve acontecer ao longo da fileira em que a colisão ocorre.

(MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 92)

Cagliari (1999, p. 42) observa uma outra estratégia eurrítmica que consiste em aplicar uma Regra de Apagamento de Acento, em que se apaga o acento mais à esquerda da colisão. Para o autor, há uma tendência rítmica geral que mantém o mais possível o acento que estiver mais à direita, afetando os acentos que ficam à esquerda

³⁹ Note-se, no entanto, que, nesse exemplo, por ter recebido o acento primário anteriormente, a sílaba *fě* é realizada com um timbre aberto na vogal média, mesmo acontecendo a reversão iâmbica. Isso prova que se trata de um processo pós-lexical, já que o desmanche da colisão acentual não “apaga” o acento principal atribuído no nível lexical.

⁴⁰ A regra de *Mova x*, em (4.19), formulada por Massini-Cagliari (1999), retoma as regras de mesma ação formuladas anteriormente por Prince (1983) e Hayes (1995).

(*cárrro nóvo* – *carro nóvo*). É exatamente isso que observamos com o futuro nos exemplos dados por Bisol transcritos acima, devido ao choque acentual, apenas o *mais* à direita permaneceu, aquele que recai sobre o verbo *haver*.

Para Bisol (1992, p. 79), a combinação do infinitivo do verbo que se quer conjugar com formas do presente ou do pretérito imperfeito do verbo *haver*, futuro e condicional, respectivamente, tem ainda reflexos na sincronia:

O acento primário [...] oferece mais um argumento em favor desta colocação. Cada uma das duas partes que compõem o futuro mantém a sua autonomia, tal qual o fazem as palavras compostas, recebendo acentos primários individuais, dos quais somente o último permanece por efeito de *Apague**, sob a condição de choque acentual de grau 1, i.é, seqüência de dois acentos, que o português tende a rejeitar.

Estudos do acento em PA, como os de Massini-Cagliari (1995, 1999) e Costa (2006), mostram, a partir da análise das cantigas profanas e religiosas, que o conjunto dos valores dos parâmetros do acento em PA e em PB não se diferencia: nesses dois períodos o pé básico é o *troqueu moraico*, o que é confirmado pela maior recorrência de palavras paroxítonas; os pés são constituídos não-iterativamente, já que não é necessária a construção de *mais* do que um único pé para que a proeminência principal seja localizada no nível da palavra; a direcionalidade da construção dos pés se dá da direita para esquerda e tanto o PA quanto o PB são sensíveis ao peso silábico, na construção dos pés.

Para a sua análise do acento em PA, Massini-Cagliari (1995, 1999, 2005) adotou a estratégia de focalizar as palavras que aparecem no fim de cada verso, já que essas palavras carregam o acento principal; portanto deve-se olhar para a estrutura métrica do poema, pois ela fornece a garantia da localização da sílaba tônica, através da observação da quantidade de sílabas poéticas por verso e da maneira como o trovador compõe a sua cantiga (contando ou não as átonas finais).

A partir dessa estratégia, a autora separou as palavras encontradas no seu *corpus* em duas categorias: por um lado os não-verbos e, por outro, os verbos, para ver se a extrametricidade atua de maneira diferente em verbos e não-verbos.

A autora também confirmou que o troqueu moraico é o pé básico único do PA, a partir da constatação que a maior parte das palavras da língua é paroxítona, a pauta do padrão trocaico canônico. Não foram encontradas palavras proparoxítonas.

Em relação ao peso da sílaba, a autora confirma que o PA é sensível à quantidade silábica na construção dos pés, isto é, qualquer sílaba longa (ou pesada) posicionada na penúltima ou última posição silábica da palavra atrai o acento principal, comprovando que os pés são constituídos não-iterativamente - o que pode ser visto nos exemplos abaixo, retirados de Massini-Cagliari (1999, p. 169):

- (4.20)
- | | | |
|------------|-----|----------|
| a. sagrado | vs. | sagraçón |
| ∪ ∪ ∪ | | ∪ ∪ — |
| b. uírgo | vs. | uirgéu |
| — ∪ | | — — |

Com relação à construção de pés degenerados, a autora afirma que eles podem ocorrer quando nenhum pé canônico puder ser construído (que é o caso dos monossílabos leves); portanto, trata-se de uma proibição fraca em relação à sua construção.

A autora afirma, ainda, que os paroxítonos terminados em vogal aberta, seguida ou não do morfema de número plural *-s*, são o tipo canônico dos não-verbos em PA. A autora também ressalta que as escolhas paramétricas da língua quanto ao ritmo explicam, além do padrão canônico das palavras em PA, todos os outros padrões encontrados, como “oxítonas terminadas em consoante, em nasal ou em ditongo

decrecente, além de paroxítonas terminadas em hiato” ou ditongo crescente (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 171), como comprovam os exemplos abaixo de Massini-Cagliari (1999, p. 171):

(4.21)

(x .)	(x)	(x .)	(x .)
lu me	for te	coy ta do	so y da de
∪ ∪	— ∪	— ∪ ∪	∪ ∪ ∪ ∪
(x)	(x)	(x)	(x)
pra zer	pas tor	por tu gal	mor tal
∪ —	— —	— ∪ —	— —
(x)	(x)	(x)	(x .)
en ton	co ra çon	san deu	do o
— —	∪ ∪ —	— —	∪ ∪
(x)	(x)		
ue rã o	bõ a<s>		
∪ — ∪	— ∪		

Em relação às palavras que terminam com fricativa /S/, Massini-Cagliari (1999, p. 172) mostra que há palavras nas quais esse /S/ faz parte do radical, tornando a sílaba final pesada e atraindo, portanto, o acento, como, por exemplo, em *solaz*, *frances*, *juyz*. Já nas palavras que terminam em /S/, mas em que, no entanto, essa consoante é a desinência de plural, a última sílaba não é pesada e, portanto, não é acentuada, visto que o -s de plural não pertence ao radical e é ligado à palavra, no nível lexical, em um momento posterior à atribuição do acento - como em *amigas*, *coitadas*, *namoradas*, *delgadas*, *ledas*. O exemplo (4.22) descreve a interação entre a atribuição do acento e a flexão de número aos nomes substantivos, em PA:

(4.22)		
[amig] [a] [s]	forma de base	
amiga	afixação da marca de classe	
(x .)	construção dos pés	
+s	pluralização	(MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 173)

Em relação aos não-verbos, um dos maiores problemas encontrados pela autora foi explicar a estrutura de palavras como *assy*, *aqui*, *aly*, *ala*, *aca*, que recebem o acento na última sílaba, mesmo esta não sendo aparentemente pesada. Ela explica que essas palavras são compostas da preposição *a* mais as formas monossilábicas dos advérbios: *a* + *ssy*, *a* + *qui*, etc. Sendo a palavra composta, o componente mais à direita recebe o acento principal (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 174).

Finalizando a parte referente aos não-verbos, a autora trata do plural das palavras oxítonas terminadas em sílaba travada, como em *amór* > *amóres*, em que há a inclusão de uma vogal epentética final. Pode-se perceber que o acento não muda de posição (continua na sílaba *mo*). Sendo assim, pode-se concluir que a sílaba constituída na formação do plural (*res*) conta com uma vogal adjungida em momento posterior ao da formação da estrutura métrica da forma do singular.

Já em relação aos verbos, Massini-Cagliari (1999, p. 175-176) diz também não ter encontrado proparoxítonos entre as formas verbais do *corpus*. Para descrever a estrutura métrica de todas as formas verbais encontradas em todos os tempos e modos, foi necessário estabelecer a seguinte regra de extrametricidade:

(4.23)
Extrametricidade nos verbos:
Marcar como extramétrica a coda final que porte elemento com <i>status</i> de flexão, ou seja, {N, S}.

Com esta regra e todas as escolhas paramétricas vistas anteriormente, quase todas as formas verbais do PA foram explicadas, como podemos observar em alguns exemplos retirados de Massini-Cagliari (1999, p. 176):

(4.24)		
(x .)	(x .)	(x)
di go	fazemo<s>	demanda<m>
∪ ∪	∪ ∪ ∪	∪ ____ ∪

A autora encontrou problemas para explicar, a partir dessa regra, as formas da primeira pessoa do singular do pretérito perfeito, nas 2ª e 3ª conjugações, e do futuro do presente e do pretérito.

As formas do pretérito perfeito do indicativo (*defendi*, *dormi*, *perdi*) fogem ao padrão da acentuação das demais formas verbais, pois a última sílaba atrai o acento, apesar de ser uma sílaba aberta. A explicação dada por Massini-Cagliari (1999, p. 176-179) é que a vogal temática e a vogal do morfema número-pessoal se fundem por serem da mesma natureza ([+alta]), o que torna a última vogal longa, fazendo com que a sílaba fique pesada, atraindo o acento. O inconveniente dessa solução, colocado pela própria autora, é admitir que, no PA, existem vogais longas, considerando que as distinções entre vogais longas e breves foram perdidas na passagem do latim clássico ao latim vulgar. A conclusão a que a autora chega a este respeito é a de que, de fato, as distinções entre vogais longas e breves realmente se perderam na passagem do latim clássico ao latim vulgar e não existem mais, em PA, na forma de base das palavras, “mas não há nada que impeça que uma tal distinção seja criada, no processo de flexão das formas verbais. Assim, de modo geral, distinções quantitativas entre vogais não existem no PA, aparecendo unicamente no caso específico da formação das formas do

Pretérito Perfeito”, não tendo, assim, um caráter fonêmico-distintivo (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 180-181).

Em relação às formas do futuro do presente, foco de nossa análise, a autora diz que se trata de palavras formadas do infinitivo do verbo principal seguido da forma conjugada do verbo *aver* no presente do indicativo, sendo, portanto, formas compostas e, como tais, o acento recai sobre o componente mais à direita (ex. *uiuerey* /vive'rei/ - *uiuer* + *ey*). Se não se tratasse de um composto, a forma da terceira pessoa do singular deveria ser paroxítona, pois termina em vogal aberta.

Costa (2006), analisando as CSM, concluiu que os parâmetros que regem a atribuição do acento no PA, nas cantigas religiosas, são exatamente iguais aos que Massini-Cagliari (1995, 1999) encontrou para o *corpus* de cantigas profanas.

Em relação ao futuro em PA, os dois trabalhos chegam à mesma conclusão: como a flexão em PA nunca atrai o acento, algumas formas do futuro do presente e do pretérito não se encaixam nas regras padrão (*default*) de acento, mas, considerando essas formas como compostas e não simples, é possível explicá-las. Portanto, em PA, essas formas de futuro também eram compostas pelo infinitivo do verbo principal mais o verbo *aver* conjugado no presente para o futuro do presente, e os verbos *aver* ou *ir* conjugados no pretérito imperfeito do indicativo para formação do futuro do pretérito.

Como a definição da estrutura morfofonológica das formas futuras do PA passa necessariamente pela avaliação da natureza dessas formas como sintéticas – o que corresponderia a uma única palavra fonológica – ou analíticas – correspondendo assim a duas palavras fonológicas, é preciso discutir aqui a definição de **palavra** em sua dimensão fonológica (prosódica).

Em relação ao português, Basílio (2004, p. 79) mostra a extrema preocupação de Câmara Jr., em seus estudos, em colocar a lingüística descritiva a serviço do

conhecimento da língua portuguesa e, por este motivo, de se empenhar em definir palavra, já que toda descrição da língua portuguesa até então levava em conta a existência do vocábulo, mas não se tinha cogitado, nas abordagens tradicionais, explicar e definir em que ele consiste. Câmara Jr. (1969, p. 86) critica a postura do estruturalismo em não considerar o vocábulo como “entidade natural lingüística” e avaliá-lo como “imposto à nossa consciência pelas formalidades do ensino e da língua”.

O que assinala a existência de um vocábulo em português, para Câmara Jr. (1972[1970], p. 53), é a presença de um acento, “a maior força expiratória, ou intensidade de emissão, da vogal de uma sílaba em contraste com as demais vogais silábicas”. Segundo o autor, no registro formal da pronúncia padrão do PB, há a rigor uma pauta acentual para cada palavra, o que faz com que o vocábulo fonológico fique bem delimitado nessa língua.

Para Câmara Jr. (1972[1970], p. 53), as sílabas pretônicas, aquelas anteriores ao acento, são “menos débeis” do que as postônicas, as localizadas depois do acento; para exemplificar, o autor representa o acento pelo número 3 e forma o seguinte esquema:

$$(4.25) \dots (1) + 3 + (0) + (0) + (0)^{41}$$

Câmara Jr. (1972[1970], p. 53) acrescenta ainda que, em uma seqüência de vocábulos sem pausa, “as sílabas tônicas que precedem o último vocábulo baixam a uma intensidade 2”, como nos seus exemplos a seguir:

⁴¹ As reticências no exemplo de Câmara Jr. (1972[1970], p. 53) indicam um número indefinido de sílabas pretônicas, os parênteses indicam opcionalidade. Os graus 1 e 0 representam, respectivamente, sílabas pretônicas e postônicas.

(4.26)

/abilidade/ - hábil idade

20 1 3 0

/abilidade/ - habilidade

1 1 1 3 0

A partir desse exemplo, percebe-se que, a partir da tonicidade 2 ou 3 contrastando com a tonicidade 1 ou 0, é possível depreender um vocábulo fonológico: as sílabas átonas não atribuem à seqüência *status* de palavra fonológica, portanto são os acentos 2 e 3 as marcas nítidas do vocábulo fonológico. Em suma, na língua portuguesa, o vocábulo fonológico é definido pela pauta prosódica, determinada pelo acento tônico.

Para Basílio (2004, p. 79), Câmara Jr. é quem introduz uma distinção entre duas unidades diferentes sob o mesmo nome: vocábulo fonológico, que corresponde a uma “divisão espontânea na cadeia de emissão vocal” (CÂMARA JR., 1969, p. 34), e vocábulo formal ou mórfico, que acontece quando um segmento fônico se individualiza em função de um significado específico.

Embora relacionadas, essas entidades podem não coincidir; por isso Câmara Jr. (1972[1970], p. 59-60) estabelece também uma necessária delimitação do vocábulo para dar conta de problemas relacionados a afixos, desinências, clíticos e partículas átonas (artigo, preposição e partícula *que*), propondo uma divisão tripla⁴²: 1) formas livres, que constituem uma seqüência que pode aparecer isolada; 2) formas presas, que sempre aparecem ligadas a outras (como afixos e desinências); 3) formas dependentes, que não podem funcionar isoladamente e são suscetíveis de se colocar entre elas outras formas livres (artigos) ou podem mudar de posição em relação à forma livre a que estão ligadas (clíticos).

⁴² Câmara Jr. (1972[1970], p. 59) se baseia nas idéias apresentadas por Bloomfield (1933, *apud* Câmara Jr., 1972[1970]) de que as unidades formais de uma língua seriam de duas espécies: formas livres e formas presas.

O primeiro exemplo em português dado por Câmara Jr. (1972[1970], p. 59-60) da falta de coincidência absoluta entre vocábulo fonológico e vocábulo formal envolve as que ele chamou de formas dependentes. Um vocábulo formal ou forma dependente pode fazer parte de um vocábulo fonológico, ao qual se liga devido ao acento que domina várias sílabas átonas. Os pronomes átonos, por exemplo, unem-se a verbos, pois não têm acento próprio, formando com estes uma única palavra fonológica (*fala-se*).

Vigário (2001, p. 23) reforça as idéias de Câmara Jr. (1972[1970]) expostas acima de que a palavra fonológica tem um único acento primário: “**word primary stress** is one of the most intuitive diagnostics for the prosodic word domain. In fact, it is generally accepted that the prosodic word must bear one and only one primary stress”.

Câmara Jr. (1972[1970], p. 60-61) também analisa os problemas referentes à composição de palavras: no vocábulo composto por justaposição, dois vocábulos fonológicos passam a constituir um só vocábulo formal. O autor ainda diferencia as locuções (vocábulos formais associados intimamente na sentença) de um composto por justaposição: para aquelas é possível suprimir um dos elementos sem maior prejuízo de sentido (“Apanhei uma chuva” pode ser inferida a partir de “Apanhei uma grande chuva”), o que para esta é impossível (“Apanhei chuva” não decorre de “Apanhei um guarda-chuva”). Câmara Jr. (1972[1970], p. 61-62) ainda acrescenta:

Do ponto de vista da doutrina gramatical, a locução vai além do que se considera justaposição, porque a justaposição está no plano fonológico pôsto em relação com o plano mórfico. Em outros termos, a locução é o uso como unicidade formal superior de dois vocábulos mórficos. Há assim locução pela associação de uma forma livre com uma forma dependente (*fala-se* ou *se fala*, (*livro*) *de Pedro* etc), em que não há dois vocábulos fonológicos em justaposição, mas um só vocábulo fonológico.

O que se opõe à justaposição é a aglutinação, em que só se tem um vocábulo fonológico unitário. O que se opõe à locução é o vocábulo formal unitário, em que figuram uma ou mais formas prêsas.

Sendo assim, têm a mesma pauta acentual *guarda-chuva* e *grande chuva*; o que caracteriza os compostos por justaposição, então, seria a rigidez léxica que esses acabam adquirindo. Portanto, os compostos no PB, como mostrou Câmara Jr. (1972[1970], p. 61-62), equivaleriam prosodicamente a duas palavras fonológicas.

Massini-Cagliari (2006, p. 97), a partir dessas idéias de Câmara Jr. quanto à função delimitativa do acento, conclui que o comportamento prosódico dos compostos é semelhante ao da perífrase, por portarem tantos acentos quanto forem as bases, enquanto que as formas simples e derivadas comportam-se como uma única palavra fonológica, já que a elas corresponde um único acento lexical, como podemos verificar nos exemplos dados pela autora:

(4.27)

a. duas palavras:	b. composta:	c. derivadas:
gránde ch́uva	guárda-ch́uva	chuv́isco; chuv́isquéiro
(dois acentos)	(dois acentos)	(um acento)

(MASSINI-CAGLIARI, 2006, p. 97)

Vigário (2001, p. 228) discorda das idéias apresentadas anteriormente nesta tese de Câmara Jr. (1972[1970]) e Massini-Cagliari (2006), que consideram que compostos e sintagmas nominais comportam-se da mesma maneira em termos prosódicos. A autora considera que os compostos têm dois acentos, mas que se comportam prosodicamente de forma diferente de sintagmas nominais, como transcrito abaixo:

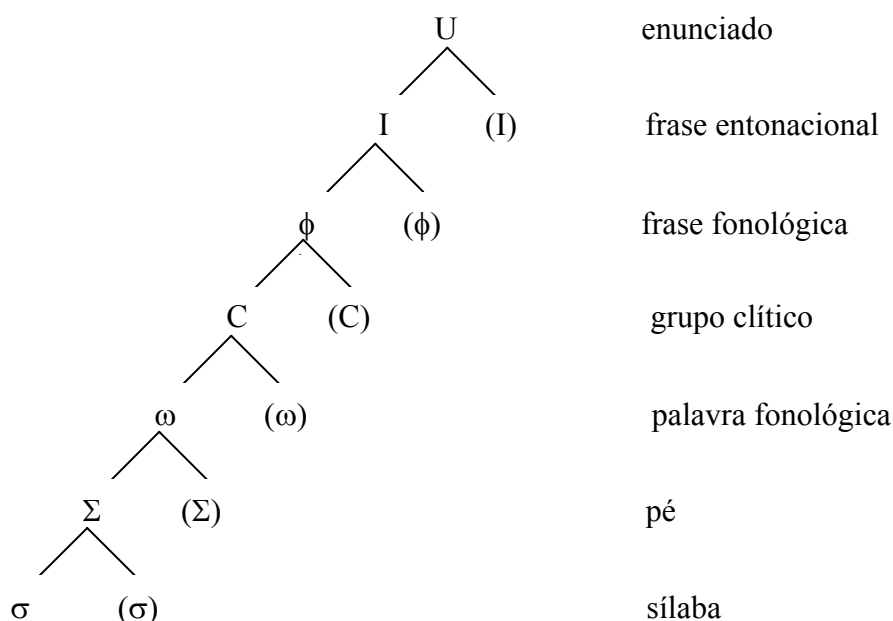
we investigate [...] combinations of words (e.g. word compounds) that exhibit more than a single word stress, but whose phonological behavior will be shown to be distinct from the behavior of words regularly combined within syntactic phrases. (VIGÁRIO, 2001, p. 228)

Como nosso objetivo é trabalhar com a definição de palavra para entender a natureza morfofonológica das formas de futuro em PA, é impossível não passar pela definição de palavra prosódica de Nespor e Vogel (1986). Segundo Mateus (2001, p.

66), deve-se a elas uma obra de referência incontornável e integrada nos modelos gerativos mais recentes que propõe hipóteses gerais para o estudo das unidades entoacionais das línguas.

Esse estudo abre caminho para análises em que a fonologia é estudada em interface com outros componentes da gramática. Para as autoras, a fala é organizada hierarquicamente em constituintes⁴³ prosódicos que se constroem a partir de outros componentes da gramática. Nespor e Vogel (1986) identificam os seguintes constituintes prosódicos que se relacionam hierarquicamente entre si e definem a organização de uma língua:

(4.28)



⁴³ Segundo Bisol (2001, p. 229), constituinte é uma unidade lingüística complexa formada por dois ou mais elementos, que estabelecem entre si uma relação “dominante/dominado”, precisamente uma relação de forte/fraco ou vice-versa. Todo constituinte pressupõe um cabeça e um ou mais dominados. O constituinte prosódico, que conta com informações fonológicas ou não-fonológicas para sua definição de domínio, “não apresenta compromissos de isomorfia com os constituintes de outras áreas da gramática” (BISOL, 2001, p. 229).

Verifica-se, na proposta de Nespor e Vogel (1986), que a menor unidade da hierarquia prosódica é a sílaba; esta se agrupa para formar pés, que, por sua vez, vão constituir a palavra fonológica, que pode se combinar com um clítico para formar o constituinte superior na hierarquia e, assim, sucessivamente, até chegar ao enunciado.

Segundo Nespor e Vogel (1986, p. 7), os princípios que regulam a hierarquia prosódica são os seguintes:

- a) cada unidade da hierarquia prosódica é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa;
- b) cada unidade está exaustivamente contida na unidade imediatamente superior de que faz parte;
- c) os constituintes são estruturas n-árias;
- d) a relação de proeminência relativa, que se estabelece entre nós irmãos, é tal que a um só nó se atribui o valor forte (s) e a todos os demais o valor fraco (w).

Obedecendo a esses critérios, Nespor e Vogel (1986, p. 7) propõem a seguinte regra de formação dos constituintes prosódicos: incorpore em X^p todos os X^{p-1} incluídos em uma cadeia delimitada pelo domínio de X^p .⁴⁴

Para analisar a estrutura morfofonológica das formas futuras em PA, e chegarmos a uma conclusão sobre sua natureza morfofonológica, o domínio da palavra fonológica é o que mais nos interessa neste momento, pois, a partir de uma melhor compreensão desse domínio, poderemos refletir sobre a natureza sintética ou analítica desse tempo verbal.

⁴⁴ Nessa regra, X^p é um constituinte (pé, palavra fonológica, grupo clítico, etc.) e X^{p-1} é o constituinte imediatamente inferior na hierarquia.

Para Nespor e Vogel (1986, p. 109), dos constituintes mais baixos da hierarquia prosódica, a palavra fonológica faz uso substancial de noções não-fonológicas. Nesse nível aparece uma interação entre os componentes fonológicos e morfológicos da gramática.

A palavra fonológica ou prosódica é a categoria que domina o pé; portanto, todos os pés de uma seqüência devem agrupar-se em uma palavra fonológica e nenhuma outra categoria pode agrupar-se dessa maneira. Todo pé está incluído de forma exaustiva em uma palavra fonológica, e nunca poderão as sílabas de um mesmo pé pertencer a palavras fonológicas diferentes. Além disso, Nespor e Vogel (1986, p. 109) observam que a palavra fonológica ou prosódica, sendo um constituinte n-ário, tem um só elemento proeminente; isso quer dizer que a palavra fonológica não pode ter mais do que um acento primário.

Quanto ao domínio da palavra fonológica, existem duas possibilidades, segundo as autoras: uma delas considera que a palavra fonológica é igual ao elemento terminal de uma árvore sintática; a outra a considera menor que esse elemento final da árvore. Para o primeiro caso, são dados como exemplos o grego e o latim, que são línguas que mantêm isomorfia entre palavra fonológica e morfológica - isto quer dizer que, nessas línguas, um composto constitui uma só palavra fonológica. Palavras fonológicas menores do que o elemento terminal de uma árvore são encontradas em línguas como o sânscrito, o turco e o italiano. Nas duas primeiras línguas, cada raiz de um composto forma uma palavra independente, os afixos juntando-se à última raiz. No italiano, prefixos acabados em vogais já constituem uma palavra fonológica, no entanto prefixos acabados em consoantes se juntam a uma raiz para constituir com ela uma única palavra fonológica.

Bisol (2004, p. 64) coloca o português entre as línguas do segundo grupo, em que a isomorfia nem sempre se mantém. A autora apresenta dados do português que mostram o mesmo prefixo se comportando “ora como palavra independente, ora não, o que depende do grau de coerência⁴⁵” (BISOL, 2004, p. 64). Os prefixos *pré* e *pós* são utilizados como exemplos para comprovar esse comportamento da língua portuguesa. Em palavras como *prefixo* (*prɛ* + *fixo*) e *posfácio* (*pɔs* + *fácio*), os prefixos sofrem neutralização, comportando-se como sílaba pretônica da palavra, isto é, juntam-se à palavra seguinte, formando uma única palavra fonológica. Já em exemplos como *pré-estréia* (*prɛ* + *estréia*) e *pós-lexical* (*pɔs* + *lexical*), o prefixo se mostra autônomo, como se fosse membro de um composto, pois prefixo e raiz formam duas palavras fonológicas.

Schwindt (2000, p. 100) também argumenta a favor de considerar alguns prefixos (que ele chama de composicionais) como constituindo palavras fonológicas independentes da base, exatamente como propõe Bisol (2004). Seu argumento, baseado em Nespor e Vogel (1986), é a existência de dois acentos concatenados em alguns derivados por prefixação (*Pós-Graduação*, *contra-reforma* e *autodidata*, por exemplo) e a possibilidade de poderem se estabelecer como formas livres. Neste sentido, a prefixação se aproximaria do processo de composição, por preservar a estrutura prosódica das bases, ou seja, por manter ambos os acentos das bases, estabelecendo uma relação de proeminência entre eles (sendo que, neste caso, a regra *default* do PB é sempre considerar o último acento como o mais proeminente). É exatamente isto o que acontece na formação das formas futuras em PA: essas formas verbais recebem dois acentos, um na base, outro no verbo auxiliar; este último, o acento mais à direita, é o proeminente.

⁴⁵ Coerência, no texto de Bisol (2004, p. 64) refere-se à coesão interna entre prefixo e base, ou seja, o grau de ligação entre essas partes.

Alguns autores trabalharam com a definição de compostos nas línguas; outra análise importante para esta tese, para podermos analisar se as formas futuras em PA são ou não palavras compostas.

Villalva (2004, p. 341) critica as definições tradicionais de composição que definem esse processo sob o conceito de “idéia única e autônoma”. Essa definição de base semântica acaba por resultar em uma confusão entre composição e lexicalização, o que gera hesitação na classificação de muitas estruturas como compostos ou estruturas sintáticas. Critica ainda o equívoco gerado entre análise morfológica e convenção ortográfica, que “toma a inexistência de espaços em branco, ou a presença de hífen, como critérios de identificação de compostos” (VILLALVA, 2004, p. 407).

Em alternativa às definições que contesta, Villalva (2004, p. 343) propõe a seguinte definição para “compostos”:

[...] proponho que os compostos sejam identificados como **unidades morfológicas constituídas por um número mínimo de duas variáveis lexicais, nomeadamente radicais ou palavras**. Consequentemente, **a composição procede à concatenação de, pelo menos, duas variáveis** (cf. 2a), **por oposição aos processos de afixação que consistem na concatenação de uma constante e uma variável** (cf. 2b).⁴⁶

2. a. **composição**

[[x] [y]]

b. **afixação**

[a [x]] (prefixação)

[[x] a] (sufixação)

Para Villalva (2004, p. 346), os compostos morfológicos são estruturas resultantes de um processo de concatenação de radicais simples ou complexos,

⁴⁶ Villalva (2004, p. 120) faz uma distinção formal entre radicais, temas e palavras, por um lado, e afixos, por outro. Ela acredita que os primeiros são “unidades lexicais às quais não está associada qualquer estrutura de subcategorização morfológica, enquanto que aos afixos está obrigatoriamente associado esse tipo de informação, que legitima (ou impede) a sua presença numa dada estrutura. Assim os radicais, temas e palavras são caracterizáveis como variáveis lexicais, enquanto que os afixos são caracterizáveis como constantes lexicais” (VILLALVA, 2004, p. 120).

“autonomamente existentes na língua”. Essa afirmação, que contraria a identificação dos constituintes dos compostos como afixos e sufixos, “assenta na constatação de que estas unidades se podem combinar livremente entre si, ocorrendo, em alguns casos, quer como primeiro, quer como o último constituinte da estrutura composta” (VILLALVA, 2004, p. 348). Pode-se concluir, pois, que “a composição morfológica é um processo que opera exclusivamente sobre radicais” (VILLALVA, 2004, p. 352). Desta forma, a exemplo do que ocorre na formação dos tempos futuros no PA, os compostos sintáticos, operando sobre bases, mantêm sua independência mórfica e prosódica, o que acaba por acarretar a presença de dois acentos concatenados.

Lee (1995) também analisa os compostos afirmando que há compostos lexicais, isto é, que são formados no léxico e são sintaticamente opacos por comportarem-se como uma unidade em relação a processos morfossintáticos, e compostos pós-lexicais, que são formados na sintaxe, após o léxico. Ele propõe que o léxico do PB seja considerado como tendo dois níveis ordenados. Abaixo, porém, está representada uma de suas primeiras propostas de organização do léxico do PB, na qual ainda admitia três níveis.

(4.29)

	MORFOLOGIA		FONOLOGIA
Nível 1 (α)	Derivação Composição I Flexão Irregular 	$\leftrightarrow$	Regra 1 Regra 2 Regra 3
Nível 2 (β)	Formação Produtiva Flexão Irregular 	$\leftrightarrow$	.
Nível (ω)		$\leftrightarrow$	
Pós-Lexical		$\leftrightarrow$	

O nível 1 (α) compreende todos os processos derivacionais, a flexão irregular e a composição que admite derivação sufixal. No segundo nível (β) ocorrem a flexão regular do verbo e do não-verbo (número) e a formação produtiva do português: diminutivo (*-inho*, *-zinho*), advérbio (*-mente*) e grau (*-íssimo*). O nível ω , nível da palavra prosódica, caracteriza-se por ser a saída do léxico e a entrada da sintaxe. Nesse nível, as regras não têm aplicação cíclica e não afetam as operações morfológicas. No decorrer de seu trabalho, Lee (1995) inclui este nível no componente pós-lexical.

Lee (1995), portanto, admite a possibilidade de formação de compostos pós-lexicais no PB, cujo *status* prosódico corresponde exatamente ao *status* de uma seqüência de duas palavras (ou seja, não difere prosodicamente de qualquer outro sintagma nominal da língua). Essa questão pode ser relacionada com a formação do futuro no PA, uma vez que a possibilidade de inserção de material lingüístico entre as bases (mesóclise) e a manutenção dos acentos originais de cada base podem indicar uma formação pós-lexical, uma vez que o comportamento de cada uma das partes mantém sua independência no nível sintático.

Zec (2008), analisando algumas variedades de línguas sérvias, mostra que as línguas se baseiam em critérios prosódicos para a identificação da palavra prosódica e identifica que a cabeça da palavra prosódica é associada a dois tipos de proeminência: acento e tom. Desta forma, a cabeça da palavra prosódica é marcada em termos de uma maior duração (atualização fonética do acento) e por uma saliência tonal. A cada cabeça corresponde uma palavra prosódica. Sendo que no PA e no PB os compostos se comportam da mesma maneira que uma seqüência de duas palavras prosódicas, correspondem a uma seqüência de duas unidades prosódicas, cada uma com sua respectiva cabeça.

Vigário (2001, p. 276) tem uma visão um pouco diferente dos demais em relação aos compostos em PE; para ela, estes seriam uma palavra prosódica composta e não duas palavras prosódicas. De qualquer maneira, Vigário (2001, 276) acredita que os compostos têm mais de um acento primário e que estes, colocados em contato, seguem a regra de proeminência apresentada abaixo, em que, no jogo entre as proeminências, a final é a saliência principal.

(4.30)

Compound prosodic word prominence (EP)

The head of a compound prosodic word is its rightmost prosodic word.

Assim como Villalva (2004) e Vigário (2001), Almeida (1999), quando trata dos compostos, refere-se somente à formação de substantivos e adjetivos. Ela afirma que o *output* da formação de compostos é sempre um nome; nesse sentido, o futuro (no PA ou no PB) não poderia ser considerado composto, do seu ponto de vista, uma vez que sua categoria morfológica é a de verbo.

Em termos de ordem, Almeida (1999) afirma que os compostos em PB apresentam a mesma que os sintagmas nominais, isto é, apresentam preferencialmente a ordem núcleo-adjunto (ou determinado-determinante). Entretanto, Sandmann (1989) afirma que o inventário de formação de compostos em PB é de dois tipos: tipo DM-DT e tipo DT-DM⁴⁷; ele concorda que a seqüência mais freqüente dos constituintes de palavras compostas em português seja DM-DT, da mesma forma como acredita Almeida (1999), mas diz que hoje o tipo DT-DM é plenamente produtivo. Afirma ainda que a seqüência DT-DM pode remeter à influência de modelos estrangeiros, bem como,

⁴⁷ Para Sandmann (1989), DT seria o determinante, o elemento subordinado, adjunto da estrutura vocabular, enquanto DM seria o determinado, o elemento subordinante, núcleo da estrutura vocabular.

possivelmente, ao modelo da prefixação (prefixação: *miniposto*; composição: *motosserra*).⁴⁸

Nesse sentido, as formas futuras em PA apresentam a ordem semelhante à preferencialmente apresentada pelos compostos do PB, uma vez que possuem a estrutura núcleo-auxiliar: *falar* (núcleo) + *ei* (auxiliar); *falar* (núcleo) + *ia* (auxiliar).

Almeida (1999, p. 20) ainda afirma que uma característica dos compostos é o fato de eles não poderem se separar, não ser possível colocar entre os termos qualquer outra classe de palavras. Laroca (2001, p. 23-24) também usa esse critério para definir palavra, acrescentando o critério de permutação. Segundo essa autora, um indicativo morfológico de que dois elementos se combinam para formar uma palavra é a impossibilidade de inserir uma outra forma entre eles. Deve haver entre os termos uma coesão interna sólida de tal forma que não se pode inserir nada entre eles, tampouco inverter sua ordem. Esse último caso diz respeito ao princípio da permutação, isto é, a mobilidade, ou a possibilidade de uma palavra trocar de posição com outra na mesma frase.

Esses dois fatos abordados anteriormente, inseparabilidade das partes ou permutação e impossibilidade de se colocar uma palavra entre eles, são possíveis com o futuro do presente e do pretérito em PA. Isso nos faz concluir que estamos diante de duas palavras que têm certa autonomia.

⁴⁸ Em Sandmann (1991, p. 66-67), o autor afirma que na ordem DM-DT, os compostos são formados segundo o modelo vernáculo, enquanto que na ordem DT-DM, os compostos são formados a partir do modelo não-vernáculo ou clássico, pois têm a mesma sequência dos compostos gregos (*psicologia*), latinos (*agricultura*), ingleses (*bulldog*) e alemães (*handarbeit – mão-de-obra*).

4.2. Critérios de Bybee, Pagliuca e Perkins (1991)

Bybee, Pagliuca e Perkins (1991) desenvolveram um método para avaliar o grau de gramaticalização das formas verbais, isto é, uma maneira de avaliar se essas formas já estão fundidas uma a outra, formando uma única palavra, perdendo a estrutura de auxiliar + verbo principal, e, dessa forma, o *status* de duas palavras prosódicas, transformando-se em apenas uma; ou se os verbos envolvidos na construção específica são formas independentes, não havendo assim gramaticalização.

Analisando dados de diversas línguas, inclusive do inglês, os autores chegaram à conclusão de que há três possibilidades de caracterizar a gramaticalização que sofreu o tempo futuro de uma língua. Uma das possibilidades é uma fusão total entre o verbo principal e o auxiliar de futuro⁴⁹ (*fusion*); o auxiliar pode perder sua autonomia e se tornar dependente (*dependence*), ou o material fonológico do verbo auxiliar pode se reduzir (*shortness*). Essas três possibilidades serão apresentadas e exemplificadas nas subseções seguintes.

4.2.1 Fusão com o verbo

Segundo Bybee, Pagliuca e Perkins (1991), a classificação do auxiliar como um afixo ou não depende, entre outras avaliações, das convenções ortográficas empregadas pelo falante ou de como as gramáticas normativas abordam esse fato, isto é, de o auxiliar poder ser classificado como um afixo (escrito junto ao radical do verbo, como

⁴⁹ Bybee, Pagliuca e Perkins (1991) usam o termo *gram* para denominar o elemento gramatical, podendo ser um verbo auxiliar ou até um sufixo, que se une ao verbo principal na formação do futuro das línguas. Em nosso texto, em que primeiramente apresentaremos as idéias desses autores e, posteriormente, faremos uma análise, a partir desses fatores, do auxiliar *have* em PA, usaremos a expressão *verbo auxiliar* para nos referirmos ao *gram*, já que, no caso em particular desta tese, é um verbo auxiliar que indica que a forma verbal está conjugada no futuro.

uma única palavra) ou como um morfema livre (escrito separadamente do verbo principal). Entretanto, as convenções ortográficas só parcialmente refletem o fenômeno da afixação, que é diacronicamente gradual e complexo, envolvendo diferentes fatores.

Bybee, Pagliuca e Perkins (1991, p. 34-35) desenvolveram uma maneira de medir o grau de fusão entre o auxiliar e o radical do verbo principal, levando em consideração os seguintes fatores:

1. Ortografia: notam-se as convenções ortográficas, indicando S para *sim*, quando os elementos são escritos como uma única palavra, N para quando isso *não* acontece, H para uso do hífen e V quando as formas variam, em alguns contextos são escritas em conjunto e em outros separadamente.⁵⁰

Assumindo que o auxiliar de futuro nasce de itens lexicais livres, aqueles que podem e são escritos juntos são mais gramaticalizados do que aqueles que não o são, porém quando aparecem hifenizados ou há representação variável, têm um valor intermediário.

2. Interpolação de uma palavra: indica-se S se alguma palavra pode ser colocada entre o verbo auxiliar e o verbo principal, N se não for possível.

Interveniência de uma palavra refere-se à possibilidade de elementos não gramaticais ocorrerem entre o auxiliar e o radical do verbo. Essa possibilidade diminui se o auxiliar de futuro se funde com o verbo.

⁵⁰ As abreviaturas, originalmente utilizadas pelos autores em inglês, foram traduzidas para o português.

3. Processos fonológicos condicionados pelo radical do verbo principal: é colocado S se o radical causa alomorfia⁵¹ de natureza fonológica no auxiliar, N é colocado se isso não ocorre.

Processos fonológicos no auxiliar condicionados pelo radical irão ocorrer apenas se este começar a se tornar mais fundido com o radical.

4. Processos fonológicos condicionados pela categoria lexical: S é colocado se a conjugação do verbo condiciona alomorfia no auxiliar; N é colocado se isso não ocorre.

O condicionamento no léxico refere-se à alomorfia condicionada pela classificação lexical do radical do verbo (isto é, da classe de conjugação). Essa alomorfia geralmente ocorre só depois que o afixo se liga ao radical tempo suficiente para processos fonológicos perderem sua produtividade e para uma reanálise⁵² ocorrer.

5. Alterações no radical: se o auxiliar causa uma alteração no radical do verbo, assim se deve analisar: T se a mudança for tonal, A para uma mudança no acento, V para mudança na vogal ou C por uma alteração na consoante.

Em relação às mudanças no radical, alterações tonais e acentuais contam menos que alterações na consoante ou na vogal, já que aquelas podem ser previstas em uma base fonológica, enquanto essa possibilidade está excluída em relação a estas.

⁵¹ Segundo Clark e Yallop (1995, p. 115), “*if a morpheme has two or more shapes, the different forms are sometimes referred to as allomorphs*”.

⁵² Langacker (1977, p. 58) apresenta a seguinte definição para reanálise: “*I will define ‘reanalysis’ as a change in the structure of an expression or class of expressions that does not involve any immediate or intrinsic modification of its surface modification. Reanalysis may lead to changes at the surface level [...], but these surface changes can be viewed as the natural and expected result of functionally prior modifications in rules and underlying representations.*”

Segundo os autores, esses cinco fatores juntos permitem calcular a fusão com o verbo, pois são dados valores numéricos para as variáveis de cada campo. Esses valores foram escolhidos de tal forma que um maior grau de gramaticalização irá refletir em uma nota maior, como explicado abaixo:

FUSION:

1. *Written bound: N=0; H or S=1; Y=2*
 2. *Open class intervening: N=1; Y=0*
 3. *Phonological process conditioned by stem: N=0; Y=1*
 4. *Lexical conditioning: N=0; Y=2*
 5. *Conditions stem change: N=0; T or S=1; V or C=2*
- (BYBEE; PAGLIUCA; PERKINS, 1991, p. 35)

Para ilustrar como essa escala funciona, reproduziremos a seguir a análise que Bybee, Pagliuca e Perkins (1991, p. 36) fizeram em relação à marca morfológica de pretérito (-ed) – exemplo (4.31) – e futuro (will) do inglês – exemplo (4.32):

(4.31)

Pretérito:

1. O auxiliar do pretérito é escrito junto ao radical (nota 2);
 2. Isso acaba proibindo que outras classes de palavras sejam colocadas entre o auxiliar e radical do verbo (nota 1);
 3. O auxiliar é afetado por um processo fonológico condicionado pelo radical, isto é, há um desvozeamento após uma consoante surda (*helped* [*helpt*]) (nota 1);
 4. Há alomorfes condicionados pelo léxico, pois os autores consideram mudanças no radical de verbos irregulares como sendo condicionadas lexicalmente (nota 2);
 5. Isso condiciona mudanças no radical de alguns verbos, com em *kept* (nota 2).
- Nota final da fusão: 8

(4.32)

Futuro com *will*:

1. *Will* não é escrito junto do verbo (nota 0);
 2. Outras classes de palavras podem ser colocadas entre *will* e o verbo, em particular advérbios de modo (*I'll gladly help.*) (nota 0)
 3. Não há processos fonológicos condicionados pelo radical do verbo (nota 0);
 4. Não há condicionamento lexical – *will* não varia de acordo com o verbo principal empregado (nota 0);
 5. *Will* não condiciona nenhuma mudança no radical do verbo principal (nota 0).
- Nota final da fusão: 0

4.2.1.1 Análise do grau de fusão do futuro do presente em PA

A partir do modelo desenvolvido por Bybee, Pagliuca e Perkins (1991), observaremos como se comporta o futuro do presente em PA em relação aos critérios apresentados em 4.2.1, para chegarmos a uma nota em relação à fusão do verbo auxiliar *aver* com o verbo principal no infinitivo nesse período da língua. Abaixo, cada um dos critérios desenvolvidos por esses linguistas serão analisados em relação ao futuro do presente em PA:

1. Ortografia:

Como já apresentado na tabela 3.2 da seção anterior deste trabalho, em nosso *corpus* foram encontradas 1203 formas futuras, das quais 954 estavam conjugadas no futuro do presente. Desses 954 casos, 930 estavam escritos juntos, como uma única palavra, o verbo auxiliar *aver* e o verbo principal no infinitivo. Em apenas 24 dessas formas futuras seus constituintes estavam escritos separadamente, o que corresponde a 2,5% dos casos. Embora seja uma pequena porcentagem dos casos, existe em PA a possibilidade de separação do auxiliar com o verbo principal na escrita.

Como em relação a esse critério, Bybee, Pagliuca e Perkins (1991) colocam a possibilidade de se escreverem os termos às vezes juntos, às vezes separados (“*sometimes*”); atribuiu-se, portanto, a nota 1 nesse item. Abaixo, em (4.33), há um exemplo do auxiliar e do verbo principal escritos separadamente; em (4.34) exemplos dos verbos escritos juntos, como uma única palavra (*aduzer*, *partir*, *ver*, acrescidos do verbo *aver* conjugado na 1ª pessoa do singular, nos dois primeiros casos, e na 3ª, no terceiro verbo).

(4.33)

Desto deron todos gran loor
 a Santa Maria, que sabor
á de valer sempr' ao pecador (CSM 109, v.50-52)

(4.34)

Que comesse, e dizendo: «Cada dia t' **adurey**
 desta raçon que me deren e tigo a **partirey**;
 e poren te rog', amigo, que cómiás, ca mui ben sei
 que sse desto non comeres, outro non cho **verrá** dar.» (CSM 353, v. 56-59)

2. Interveniência de uma palavra

Há em PA, entre o verbo principal e o auxiliar, a possibilidade de intercalação de um pronome oblíquo. Em relação ao futuro do presente, foram encontrados 76 casos de mesóclise, o que equivale a 19% dos casos de colocação pronominal em nosso *corpus* (ver tabela 3.3, seção 3, p. 75).

Para esse critério, portanto, a nota atribuída foi 0, pois existe a possibilidade de colocar-se uma palavra entre o auxiliar e o verbo principal. Além de pronomes oblíquos, no futuro do presente, quando o verbo auxiliar era colocado antes do principal, existia também a colocação de uma preposição entre os termos, mais comumente a preposição *de*, como já exemplificado em (4.33), mas também existe a possibilidade de colocar-se a preposição *a*, exemplo (4.35). Em (4.36), vemos um exemplo de mesóclise, em que um pronome oblíquo foi colocado entre o verbo principal e o auxiliar de futuro.

(4.35)

E disse: «Pagão,
 sse queres guarir,
 do demo de chão
 t' **ás a partir**
 e do falsso, vão, (CSM 192, v.98-102)

(4.36)

[...] entrou na cidade de Roma, u er'o cortes
 Emperador, que a chamou e disse-lle: “Vês?
 Guari-m' est' irmão gaff', e **dar-ch-ei** grand' aver.” (CSM 5, v. 163-164)

3. Processos fonológicos condicionados pelo radical

Segundo encontrado em nosso *corpus*, e também registrado no dicionário de Xavier, Vicente e Crispim (1999, p. 168-169) e no glossário de Mettmann (1972, p. 34-35), a conjugação do verbo *aver* no presente do indicativo em PA é a seguinte:

(4.37)

Eu ei
 Tu ás
 Ele á
 Nós avemos
 Vós avedes
 Eles án

Entretanto, quando flexionado como auxiliar do futuro do presente, as formas são *ei, ás, á, emos, edes, án*. Ocorre, portanto, uma diminuição das formas *avemos* para *emos* e *avedes* para *edes*. Abaixo, em (4.38) e (4.39) temos exemplos do verbo *aver* conjugado no presente do indicativo, sem nenhum tipo de redução, nas 1ª e 2ª pessoas do plural respectivamente:

(4.38)

Porque teu ben connocemos | e entendes ta loucura,
 eu farei que o meu Fillo | te cambiará a natura
 que já mais esto non faças, | ca desto poder **avemos**. (CSM 336, v. 52-54)

(4.39)

E diss' el: «farey-o pois end' **avedes** sabor;
 mas torn' a alma no corpo, e compra ssa profisson.» (CSM 14, v. 43-44)

Os exemplos (4.40) e (4.41) nos mostram o verbo *aver* em PA escrito junto ao verbo principal no infinitivo para indicar o futuro do presente. Ocorre, nesse contexto, uma redução do verbo *aver* quando empregado como auxiliar. No primeiro exemplo, o verbo está conjugado na 1ª pessoa do plural e, no segundo, na 2ª pessoa do plural:

(4.40)

Póla Virgen bẽeita, | de como vos **diremos**. (CSM 315, v. 15)

(4.41)

Poren quer' eu dela un miragr' onrrado
dizer, se m' oyrdes; e poi-lo contado
ouver, **saberedes** que faz mui guisado
o que faz serviço a esta piadosa. (CSM 319, v. 9-12)

Como se observa através dos exemplos, ocorre uma mudança no auxiliar *aver* quanto este é parte de uma expressão de futuro do presente, qualquer que seja o verbo principal que o acompanhe. Em todas as ocorrências em que as formas se escrevem juntas nas 1ª e 2ª pessoas do plural, ocorre uma redução do auxiliar, portanto a nota nesse quesito é 1.

4. Processos fonológicos condicionados pela categoria lexical

Para entendermos esse quesito de Bybee, Pagliuca e Perkins (1991, p. 35), colocaremos abaixo exemplos no português e no italiano de mudanças no auxiliar ou em morfemas específicos ocasionadas pela categoria lexical do verbo, isto é, pela sua conjugação.

Em português contemporâneo, o pretérito imperfeito do indicativo sofre uma variação na desinência modo-temporal, dependendo da conjugação do verbo: se este for de primeira conjugação, as desinências são *va/ve* (*cantávamos*, *cantáveis*), se de

segunda ou terceira conjugação, as desinências são *ia/ie* (2ª conjugação: *vendiamos*, *vendieis*; 3ª conjugação: *partiamos*, *partieis*).

Este critério de Bybee, Pagliuca e Perkins (1991) pode ser estendido também a outros níveis gramaticais, além da Fonologia. No italiano, segundo Chiuchíu, Minciarelli e Silvestrini (1985), para a formação do tempo *passato prossimo*, o equivalente ao *pretérito perfeito do indicativo* em português, usa-se, para os verbos intransitivos, o auxiliar *essere* (ser/estar) – exemplo (4.42) –, já, para os verbos transitivos, o auxiliar é o verbo *avere*, como observamos no exemplo (4.43):

(4.42) Sono arrivata a Roma in aprile. (Cheguei a Roma em abril)

(4.43) Ho comprato una macchina. (Comprei um carro)

Esse tipo de alomorfia condicionada pela categoria lexical do verbo, que ocorre quando o auxiliar ou o afixo já está ligado ao radical por um tempo suficiente para que esses processos fonológicos percam sua produtividade e uma reanálise ocorra, não se dá em relação ao verbo *aver* e o verbo principal na indicação de futuro do presente no PA; portanto, a nota nesse quesito é 0.

5. Mudanças no radical

O acréscimo do auxiliar *aver* ao radical de verbos no infinitivo para formação do futuro do presente pode resultar em mudanças no radical de alguns verbos. No *corpus* considerado nesta tese, foram encontradas mudanças no radical dos verbos *aduzer* (que significa “trazer”, “conduzir”), *avĩr*, *dizer*, *fazer* (e seu derivado *desfazer*), *falir*, *guarir*

(“curar”, “sara”, *jazer*, *mãer* (“pernoitar”), *põer*, *querer* (e seu derivado *conquerer* - “conquistar”), *teer*, *valer*, *veer*⁵³, *vïir*.

Todos esses verbos passam por algum tipo de redução; alguns verbos sofrem a queda de uma vogal, como em *falir* – *falrrá*, ou até de uma sílaba, como o que ocorre com o verbo *fazer* (*fazer* – **fazerei* – *farei*). Abaixo há exemplos desses verbos conjugados no futuro do presente: em (4.44), há um exemplo com o verbo *aduzir* conjugado na 1ª pessoa do singular; em (4.45), os verbos *mãer* e *dizer* estão conjugados na 2ª pessoa do singular; em (4.46) e (4.47), o verbo *fazer* e seu derivado *desfazer* conjugados na 1ª e 3ª pessoas do singular, respectivamente; em (4.48), o verbo *falir* na 3ª pessoa do singular; em (4.49), o verbo *guarir* na 3ª pessoa do singular; em (4.50), o verbo *jazer* na 2ª pessoa do singular; em (4.51) e (4.52), o verbo *querer* e seu derivado *conquerer*, conjugados na 1ª pessoa do singular e 3ª pessoa do singular respectivamente; o verbo *valer* – exemplo (4.53) – conjugado na 3ª pessoa do singular; em (4.54), (4.55), os verbos *põer*, *vïir*, na 1ª pessoa do singular; em (4.56) e (4.57), verbos *veer* e *avïir*, na 3ª pessoa do singular; e, em (4.58), o verbo *teer*, conjugado na 1ª pessoa do singular:

(4.44)

E un d' Aguadalffaja[ra] assi
disse: «Sennor, eu **adurey** aquen
Ena gran coita sempr' acorrer ven
a Virgen a quen fia en seu ben. (CSM 142, v.27-30)

(4.45)

as portas do mōesteiro | sarradas; mas entrarás
per elas ousadamente | e na eygreja **marrás**
e **dirás** est' aos frades | todos e ao prior.” (CSM 245, v. 85-88)

⁵³ Em algumas cantigas, o verbo *veer* sofria alteração no radical, perdendo uma vogal e aparecendo uma geminada, em outras, seu radical se mantinha, só ocorrendo a fusão com o verbo *aver*: *veerei*.

(4.46)

[...] E tan toste entraron, com' apres' ei,
ena eigreja, e viron estar aquele sen lei
cegu' e atal com' hũa pedra. Diz hũu deles: «¿Que **farei**? (CSM 329, v. 55-57)

(4.47)

Toller deve mal e aduzer ben
o leite que criou o que non ten
en seu poder e nos fez de non ren
e **desfará** quando lle semellar. (CSM 404, v. 5-8)

(4.48)

Que aos que o serviren | nunca lles **falrrá** niente
do gran ben do paraíso, | ca a eles pertẽece. (CSM 288, v. 43-44)

(4.49)

e assi no dia quinto | serán todas acabadas,
e desta enfermidade | **guarrá** log' a pastorã. (CSM 321, v. 57-58)

(4.50)

dizendo: “Sen ti mui soa | fico, e tu sen mi soo;
e ou mais **jarás** so terra | ben como jaz teu avoo, (CSM 331, v. 30-31)

(4.51)

querrei-me leixar de trobar des i
por outra dona, (CSM B, v. 23-25)

(4.52)

E porend' a eigreja sua quita é ja,
que nunca Mafomete poder y averá;
ca a conqueureu ela e demais **conquerrá**
Espanna e Marrocos, e Ceta e Arcilla. (CSM 169, v.63-66)

(4.53)

Porend' un miragre desta razon
vos direi, que xe **valrrá** um sermon, (CSM 404, v. 10-11)

(4.54)

muit' end' el; mas disse-ll' ela: «Eu vos **porrei** en carreira (CSM 43, v. 8)

(4.55)

E ar diss' outra vegada: | “De boa mente **verrei**”
 Quand' esto oyu sa madre, | disse como vos direi:
 “Meu fillo, con quen falades?” | Diss' el: Nono negarei:
 falo con Santa Maria, | que me fezo resorgir (CSM 269, v. 36-39)

(4.56)

E disse-lle: “Vai, non temas, | ca per ren non te **verá**
 null' ome que mal te faça, (CSM 176, v.25-26)

(4.57)

Quen fiar en ela de coraçon,
averrá-lle com' a un ifañon (CSM 44, v. 5-6)

(4.58)

Que me livrou de sas mãos u era en poder seu;
 e porend', enquant' eu viva, sempre no coraçon meu
 a **terrei** pera servi-la, e nunca me **será** greu
 de ren que por ela faça, ca mui ben enpregad' é.» (CSM 311, v. 55-58)

Um fato interessante de se apontar é que esses verbos nunca aceitam a mesóclise; não há nenhum dado, nenhum exemplo no *corpus* em que tenha sido encontrado um pronome oblíquo entre o auxiliar e o verbo principal quando um dos verbos acima é utilizado.

Para Bybee, Pagliuca e Perkins (1991, p. 35), mudanças em vogais e consoantes no radical dos verbos contam mais, pois essas mudanças não podem ser previstas em uma base fonológica.

Entretanto, Huber (1986[1933], p. 231) assim explica os fenômenos por que passaram os verbos apresentados acima:

1. As formas *terrei* a par de *têerei* e *terei*, *verrei* a par de *vinrei*, *marrei*, *porrei* a par de *pôerei*, para *teer*, *viir*, *mâer*, *pôer* < **tener-ei*, **venir – ei*, **maner –ei*, **poner-ei*, apresentam síncope da vogal intertônica e assimilação de *nr>rr*. 2. Por sua vez, as formas *querrei*, *guarrei*, *ferrei*, *morrei* a par de *morrerei*, *salrrei*, *valrrei* a par de *valerei*, para *querrer*, *guarir* ‘curar’, *ferir*, *morrer*, *sair*, *valer*, apresentam síncope da vogal

medial. A par de *salrrei* encontra-se também o futuro formado por analogia *sairei*; [...] 3. *farei, direi, adurei, jarei* a par de *jazerei* são decerto formações analógicas: *farei* provavelmente pelo modelo de *darei, estarei*; é possível que as outras só se tenham formado por analogia com *farei*. Para *prazer* ('agradar') o futuro é só *prazerei*.

Essas observações de Huber (1986[1933], p. 231) mostram que esses verbos, aparentemente irregulares, do ponto de vista morfológico, sofrem processos fonológicos regulares da língua, não condicionados morfológicamente, que os fazem ter a aparência superficial de “irregulares”. Partindo das idéias de Huber e avaliando os dados encontrados no *corpus*, constatamos uma similaridade entre os verbos que sofriam alterações no radical e chegamos à conclusão de que ocorreu, nesses dados, um processo denominado **haplologia**, logo passível de ser explicado em uma base fonológica.

Nos dicionários de lingüística de Dubois (1973) e de Crystal (1985), aparecem as seguintes definições para o fenômeno de haplologia:

É um caso particular de síncope por dissimilação que consiste em supressão de uma sílaba quando na mesma palavra aparecem contíguas duas sílabas iniciadas pela mesma consoante. Ex: *tragicômico* por *trágico-cômico*, *idolatria* por *ídolo-latria*, *bondoso* por *bondadoso*, *morfonologia* por *morfofonologia*. (DUBOIS, 1973, p. 321)

A term used in phonology, in both synchronic and diachronic contexts, to refer to the omission of some of the sounds occurring in a sequence of similar articulations. [...] Some psychologists also use the term to refer to a tongue-slip an omission of this kind has taken place, e.g., running jump becoming rump. (CRYSTAL, 1985, p. 144)

Segundo Leal (2006, p. 44), a haplologia é um tipo de redução em que há apagamento total de uma sílaba se esta estiver adjacente a outra e seus segmentos forem iguais ou semelhantes; as consoantes só podem diferir, no máximo, no traço

[sonoridade]. A haplologia é um processo fonológico de sândi⁵⁴, que pode ser externo, ocorrendo em níveis maiores do que o nível das palavras, ou interno, ocorrendo no interior de palavras, sendo esse último o percebido na flexão de futuro dos verbos apresentados acima.

Leal (2006, p. 13) diferencia ainda a elisão silábica da haplologia: aquela ocorre quando as sílabas do contexto que sofre a queda apresentam consoantes diferentes, esta ocorre quando o contexto for idêntico ou semelhante, variando apenas na sonoridade.

A maior parte dos estudos desenvolvidos sobre haplologia no PB refere-se ao sândi externo, isto é, entre palavras. Leal (2006) estuda a queda de sílaba em limite de palavra, observando em quais contextos esse processo fonológico pode ocorrer e em quais nunca ocorre. Alkmim e Gomes (1982) analisam essa supressão de segmentos em limite de palavras e discutem quais são as restrições com relação ao contexto segmental no qual a haplologia ocorre. Bisol (2000) discute alguns aspectos da fonologia, inclusive a haplologia entre palavras, como argumentos a favor da idéia de ser o PB uma língua de ritmo misto com forte componente de ritmo silábico, ressaltando o papel do troqueu silábico no sistema da língua. Tenani (2002, 2003), em seus trabalhos, discute as implicações da haplologia entre palavras para a prosódia da língua, relacionando, assim, esse processo segmental à constituição prosódica dos enunciados. Pavezi (2005, 2006a, 2006b) também discute a haplologia entre fronteiras acima da palavra fonológica.

Para Bisol (2000, p. 409), a haplologia compreende duas partes: síncope da vogal seguida de geminação de duas consoantes, que podem fundir-se ou não. A autora

⁵⁴ Segundo Câmara Jr. (1974[1956], p. 214), sândi é o nome que se dá às variações morfofonêmicas de condicionamento fonológico em caso de juntura, ou, como afirma Trask (2004, p. 206), uma “modificação de pronúncia numa fronteira gramatical”. Câmara Jr. (1974[1956], p. 214) ainda diferencia sândi interno, aquele que ocorre dentro de um vocábulo, de sândi externo, que ocorre no limite entre vocábulos, dentro da frase, que as línguas modernas não registram na grafia.

apresenta dados do PB que confirmam a presença das duas referidas regras, pois o português dispõe de frases com síncope da vogal e reforço da sílaba precedente, assim como dispõe do resultado final da haplologia com as sílabas ajustadas a uma só palavra, sem o referido esforço, como podemos observar em seus exemplos abaixo:

(4.59)
 O macaco *comeu* todas as bananas
 (ma.kak ko.mew > ma.ka.ko.mew)
 O pato *tomava* água no açude
 (pat. to.ma.va > patomava) (BISOL, 2000, p. 409)

Desta forma, Bisol (2000, p. 409) explica o exemplo acima para entender o ritmo acentual do PB:

De um lado temos a síncope da vogal, apontando para o ritmo acentual ao reforçar com o acréscimo de um segmento a sílaba precedente, portadora de um dos acentos secundários da frase; de outro a haplologia completa, apontando para o ritmo silábico ao reorganizar as sílabas em um conjunto de unidades de duração similar nas posições que precedem o acento final. A presença na fala dos resultados das duas facetas do processo é, a nosso ver, um indicativo do caráter misto do ritmo de nossa língua.

Diferentemente dos trabalhos apresentados, Barbosa e Costa (2006) desenvolveram um estudo do fenômeno da haplologia desencadeado pelos sufixos *-s/ção* e *-mento*, na formação de substantivos deverbais no PB do século XX. Esse estudo, analisando a haplologia no interior da palavra, apresenta alguns casos, na junção dos morfemas *-s/ção* ou *-mento* à base de verbos, em que podem ocorrer alterações fonológicas na base, como, por exemplo, do verbo *optar*, que, ao unir-se ao sufixo *-ção*, dá origem ao substantivo *opção*, havendo uma alteração na base, pois ocorre o apagamento da última sílaba do tema (/ta/).

A partir dessas reflexões sobre a bibliografia relacionada à haplologia, é possível analisar os dados do *corpus*, os verbos que sofreram alteração em seu radical quando é acrescido o verbo auxiliar *aver* na formação do futuro em PA. Esses verbos foram separados em grupos pela semelhança na mudança sofrida pelo seu radical.

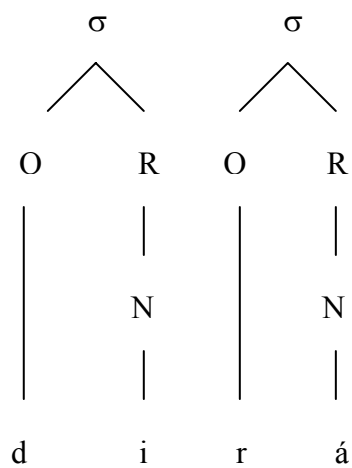
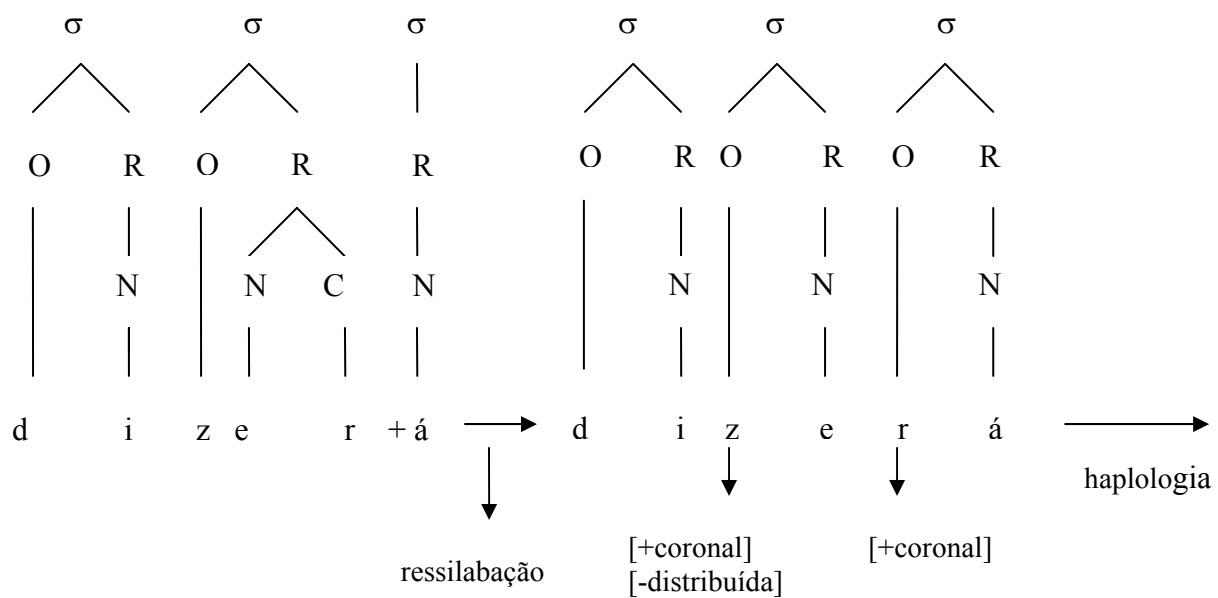
Analisaremos primeiramente os verbos *aduzer*, *dizer*, *fazer* (seu derivado *desfazer*) e *jazer*. Esses verbos têm em comum o fato de perderem uma sílaba inteira quando há o acréscimo do auxiliar. Ao acréscimo desse verbo auxiliar *aver* ao infinitivo do verbo principal, primeiramente ocorre uma ressilabação⁵⁵ entre os fonemas, isto é, a coda da segunda sílaba passa a *onset* da terceira, o que resulta em uma sílaba CV. Como consequência, resultam duas sílabas seguidas com consoantes na posição de ataque que têm traços semelhantes: a da primeira sílaba, cujos traços definidores do ponto de articulação são [+ coronal]⁵⁶ e [- distribuída]⁵⁷ e, a da segunda sílaba, os traços são [+coronal] e [+distribuída]; neste caso, a primeira sílaba inteira cai. Em (4.60) temos a representação desse processo e, em (4.61), a regra que rege a sua aplicação:

⁵⁵ Câmara Jr. (1972[1970], p. 50-51) refere-se a esse fenômeno de ressilabação como ‘ligação’ (fr. *liaison*) entre uma sílaba final travada de um vocábulo e a vogal inicial de um outro vocábulo, que a ele se segue sem pausa. Nesse caso “a consoante posvocálica se liga à vogal imediatamente seguinte e a sílaba final, que era travada, fica uma sílaba livre, ao mesmo tempo que a sílaba seguinte ganha uma consoante prevocálica ou crescente (mar alto fica /ma-ral-to/, falas hoje fica /fa-la-zo-z’i/)”.

⁵⁶ Um som é [+coronal] quando é produzido com o levantamento da lâmina da língua a um ponto superior à posição neutra. Um som é [-coronal] quando a lâmina da língua permanece na posição neutra (SILVA, 2001, p.194). Têm o traço [+coronal]: dentais, alveolares, palato-alveolares, palatais (HERNANDORENA, 2001, p. 22).

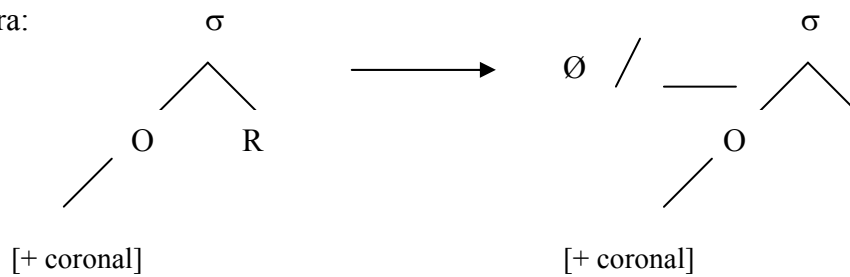
⁵⁷ Segundo Halle e Clements (1983, p. 6), “*distributed sounds are produced with a constriction that extends for a considerable distance along the midsagittal axis of the oral tract; nondistributed sounds are produced with a constriction that extends for only a short distance in this direction*”.

(4.60)



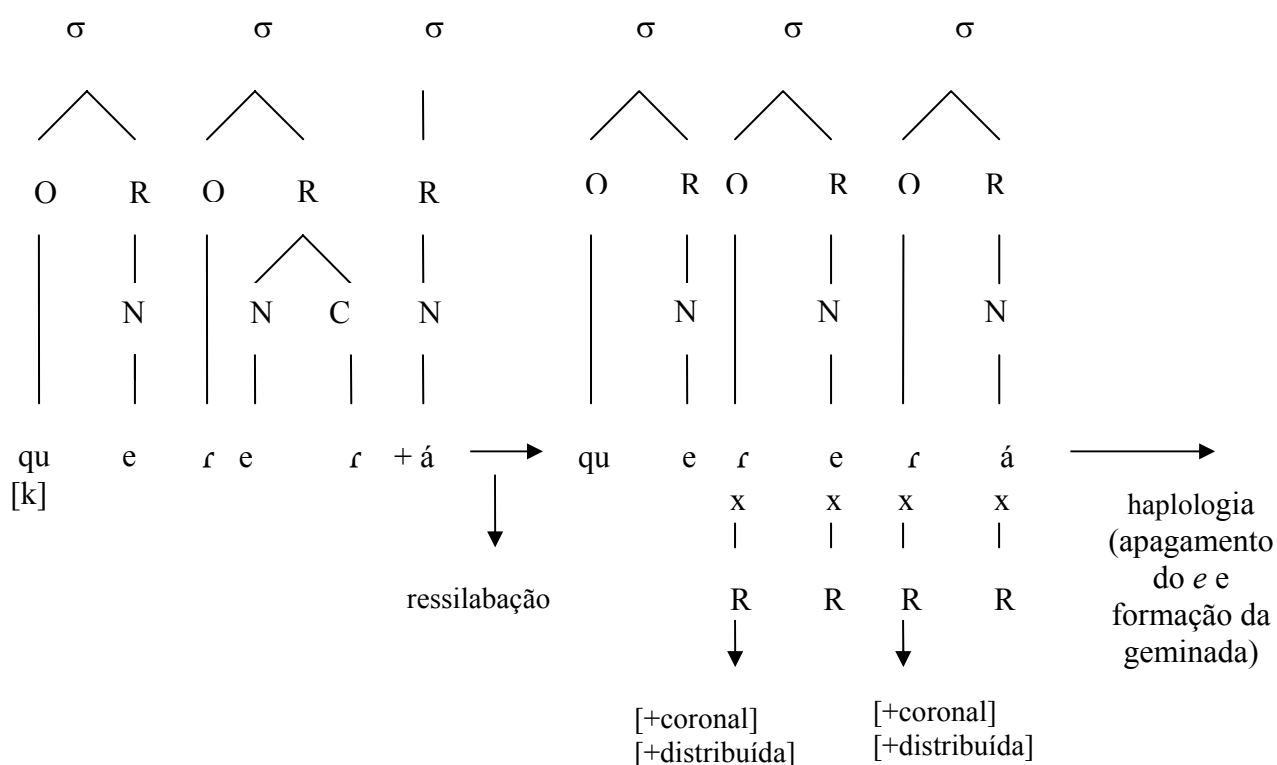
(4.61)

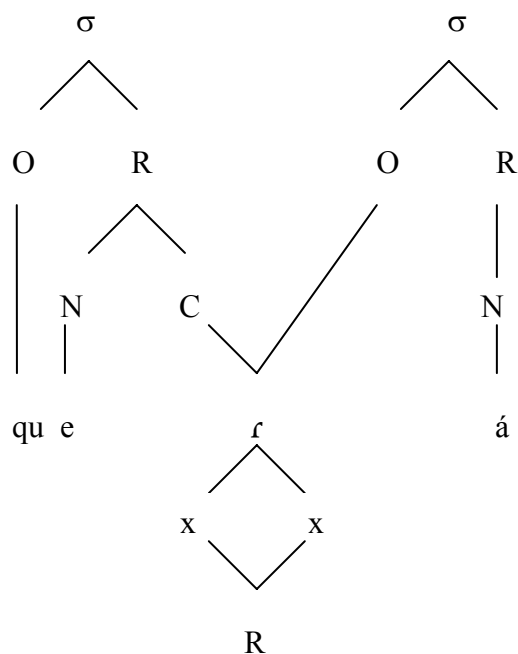
Regra:



No segundo grupo, estão inseridos os verbos *guarir*, *querer* (e seu derivado *conquerer*), *pôer*, *veer*, *teer*, *avïir*, *vïir*. O primeiro fenômeno que ocorre após a união do auxiliar ao infinitivo desses verbos é novamente a ressilabação: a coda da última sílaba do infinitivo passa a *onset* da sílaba inicial do auxiliar. Isso resulta em duas sílabas com consoantes idênticas, portanto com os mesmos traços [+coronal, +distribuída]. Esse contexto é o ideal para a haplologia, que resulta no apagamento da vogal intermediária, caindo apenas o núcleo da sílaba, e na formação da geminada, como podemos observar no exemplo (4.62) abaixo:

(4.62)

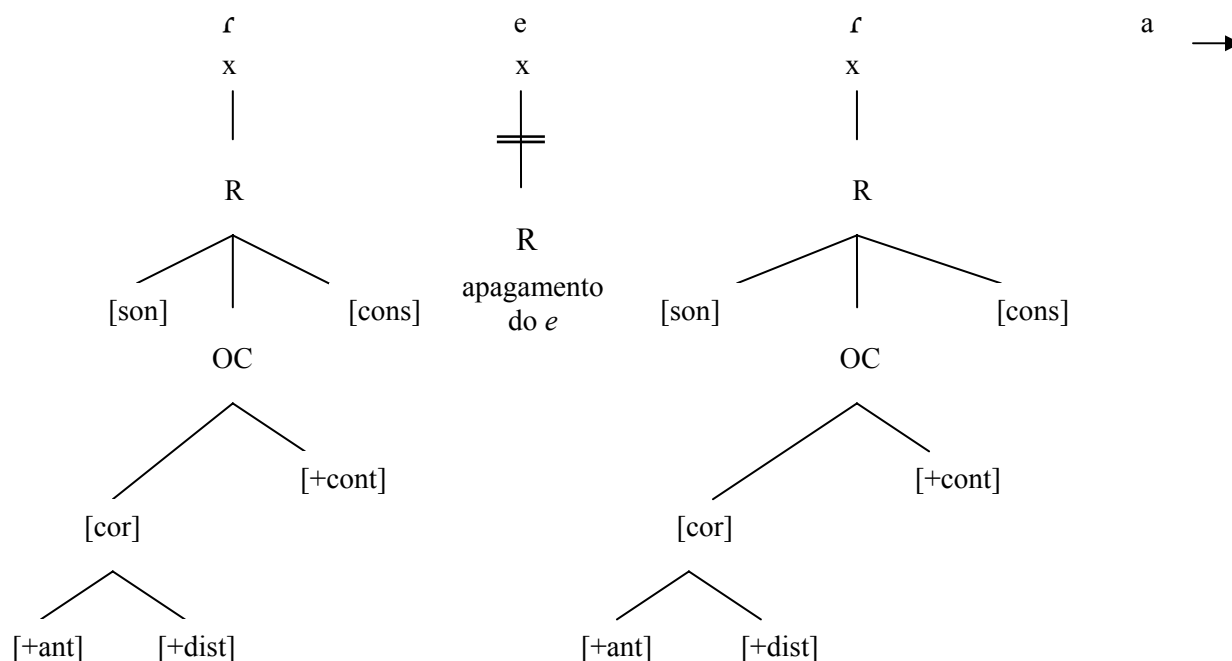




O fato notado nesse contexto explicita um dos princípios mais importantes para a análise fonológica a partir do advento do modelo auto-segmental: o Princípio do Contorno Obrigatório – PCO (*Obligatory Contour Principle* – OCP), formulado por Leben (1973 *apud* Hernandorena, 2001). Segundo o PCO, seqüências adjacentes de unidades idênticas são proibidas nas representações fonológicas, isto é, o PCO proíbe uma seqüência idêntica de auto-segmentos. Se tal seqüência ocorre na forma de base ou na derivação, então ela será reduzida a uma unidade no processo derivacional (SILVA, 2001, p. 208). O PCO pode proibir não só segmentos idênticos, mas também traços ou nós adjacentes idênticos em um dado *tier* (*camada*), bem como regras que possam criar violações a esse princípio (HERNANDORENA, 2001, p. 65). A árvore abaixo exemplifica melhor o que foi apresentado anteriormente – exemplo (4.63); logo após foram colocadas as regras que explicam esse fenômeno – exemplo (4.64).⁵⁸

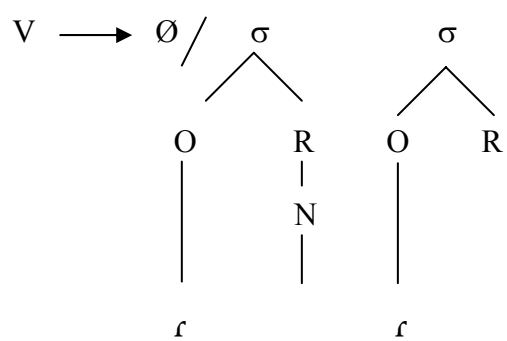
⁵⁸ Na árvore, as abreviações utilizadas significam: *son* – sonoro, quando há “presença de uma excitação periódica das cordas vocais”; *cons* – consonantal, presença de “obstrução no tubo vocal” (JAKOBSON, 1967, p. 124-125); *cont* – contínuo, são os sons em cuja constrição primária o trato vocal não está estreitando a ponto de bloquear a passagem do fluxo de ar; nos

(4.63)



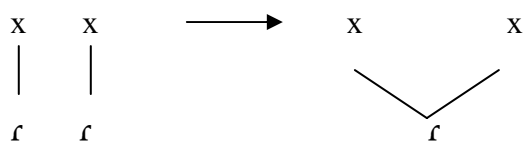
(4.64) Regras:

1. Apagamento da vogal:



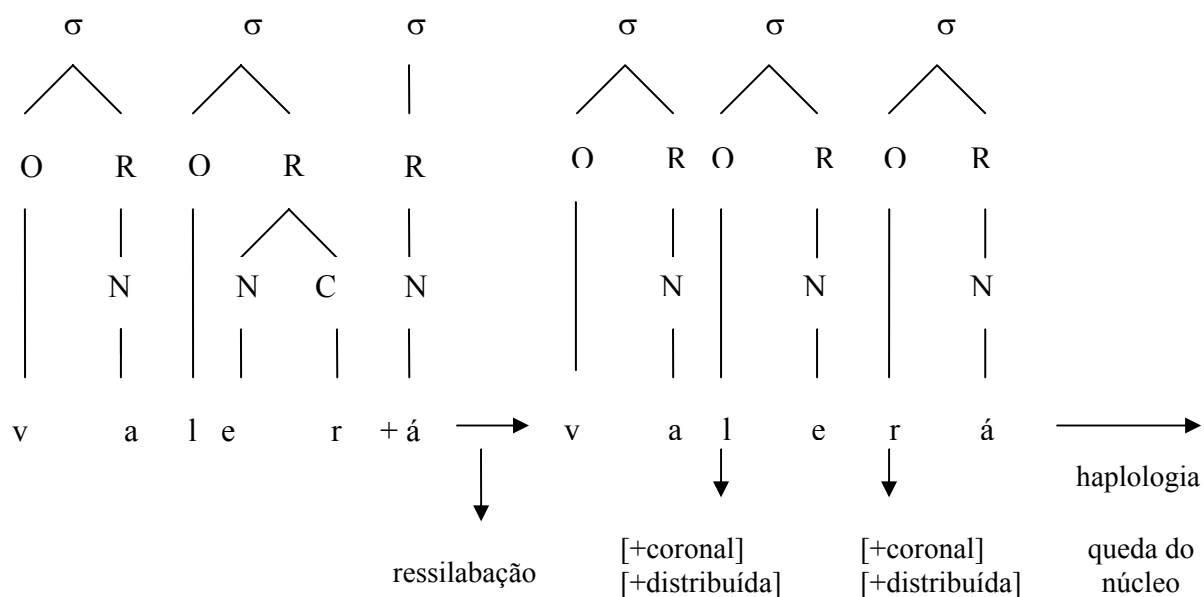
sons não-contínuos o fluxo de ar pela boca é efetivamente bloqueado; *ant* – anterior, são sons produzidos com uma primária obstrução na frente da região palato-alveolar, quando não há essa obstrução, temos os sons não-anteriores (HALLE; CLEMENTS, 1983, p. 6).

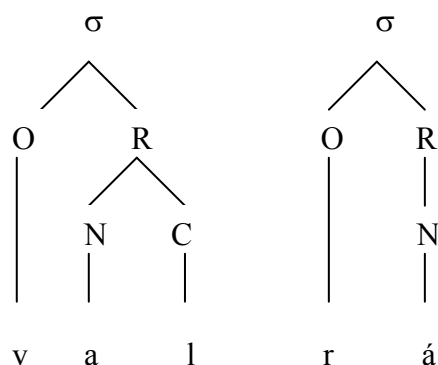
2. Formação de geminada:



O terceiro grupo de verbos que sofrem algum tipo de alteração no radical engloba *falir*, *mãer* e *valer*. Nesses verbos, semelhantemente ao que ocorre com os demais grupos, há primeiramente uma ressilabação, desencadeada pela adjunção do auxiliar. Posteriormente, há a queda da vogal da última sílaba do radical do verbo principal. Nesse contexto, em início de sílaba, depois de a coda da primeira sílaba ser preenchida pela líquida, a exemplo do que ocorre no PB atual (em que aparece a variante fricativa e não o tepe), a rótica do PA é atualizada foneticamente como vibrante múltipla – exemplo (4.65):

(4.65)





A partir de toda a análise desenvolvida acima, podemos perceber que as alterações sofridas pelos radicais de alguns verbos considerados irregulares são possíveis de serem explicadas pela fonologia da língua da época, especificamente pelo processo de haplologia. Bybee, Pagliuca e Perkins (1991) acreditam que mudanças em vogais e consoantes no radical do verbo principal têm um peso maior, pois mostram que houve maior gramaticalização, devido ao fato de não poderem ser previstas em uma base fonológica. Entretanto, devido à haplologia, essas alterações são regulares e plausíveis de serem previstas em uma base apenas fonológica.

A única observação que podemos fazer sobre o radical de todos os verbos no infinitivo quando acrescentado o auxiliar é em relação ao acento. Essas bases continuam com seu acento primário, entretanto, devido ao jogo de proeminências que gera o acento frasal, a regra do PA é sempre colocar o último acento como o mais forte, por isso o acento do auxiliar é mais forte do que o da base. Como não há uma alteração acentual no radical, a nota nesse quesito também é zero.

Recuperando as notas resultantes da análise dos cinco critérios desenvolvidos por Bybee, Pagliuca e Perkins (1991), temos o seguinte resultado para o futuro do presente em PA:

1. Ortografia, nota 1;
2. Interveniência de uma palavra, nota 0;
3. Processos fonológicos condicionados pelo radical, nota 1;
4. Processos fonológicos condicionados pela categoria lexical, nota 0;
5. Mudanças no radical, nota 0.

A nota final que indica o grau de gramaticalização é 2, uma nota bastante baixa, que indica um baixo grau de gramaticalização do futuro do presente em PA. Logo, a partir desses critérios, essa forma verbal pode ser classificada como analítica em PA, isto é, como formada por duas palavras para indicar o futuro do presente: ao verbo principal no infinitivo acrescenta-se o verbo *aver* conjugado no presente do indicativo.

4.2.1.2 Análise do grau de fusão do futuro do pretérito em PA

Partindo desse mesmo modelo, observamos também como se comporta o futuro do pretérito em PA em relação aos critérios apresentados em 4.2.1, para chegarmos a uma nota em relação à fusão do verbo auxiliar *aver/ir*, agora conjugado no pretérito imperfeito do indicativo, com o verbo principal no infinitivo.

Como abordado na subseção 3.1.2 deste trabalho, não é possível definir qual o auxiliar na formação do futuro do pretérito em PA, se o verbo *aver* conjugado no pretérito imperfeito do indicativo, ou o verbo *ir*, conjugado no mesmo tempo. Sendo assim os dados serão analisados levando em conta os dois auxiliares. Essa distinção só será necessária em relação ao terceiro critério desses linguistas, os demais serão analisados independentemente de qual verbo auxiliar foi o escolhido.

1. Ortografia:

Na tabela 3.2 da seção 3 deste trabalho, apresentamos que, em nosso *corpus*, encontramos 1203 formas futuras; dessas, 249 estavam conjugadas no futuro do pretérito. Dos 249 casos encontrados, 240 das formas verbais estavam escritas juntas, como uma única palavra. Em apenas 9 dessas formas futuras, os verbos estavam escritos separadamente, o que corresponde a 3,6% dos casos. Assim como visto em relação ao futuro do presente, embora seja uma pequena porcentagem dos casos, existe, em PA, a possibilidade de separação dos constituintes que expressam o futuro do pretérito.

A esse critério, da mesma maneira como aconteceu com o futuro do presente, atribuiu-se a nota 1, por ser possível encontrarmos as formas escritas também separadamente. Abaixo, em (4.66), há um exemplo do auxiliar *aver* precedendo o verbo principal e escrito separadamente; em (4.67), um exemplo do auxiliar colocado depois do principal, mas ainda escrito separadamente; em (4.68), um exemplo dos dois verbos escritos juntos, como uma única palavra.

(4.66)

Dest' avêo un miragre en França a un frances,
que non avia no reino duc nen conde nen marques
que fosse de mayor guisa, e tal astragueza pres
que quanto por ben fazia en mal xe ll' **ya tornar**. (CSM 281, v. 5-8)

(4.67)

fez seu amigo chamar,
que llo **contar ya**. (CSM 94, v.115)

(4.68)

nen que per nulla maneira
est' alva vestir provasse,
ca Deus del se **vingaria**. (CSM 2, v. 53-55)

2. Interveniência de uma palavra

Há em PA a possibilidade, como já apresentado em relação ao futuro do presente, de intercalação de um pronome oblíquo entre o verbo principal e o auxiliar. Em relação ao futuro do pretérito, 18 casos de mesóclise foram encontrados, o que equivale a 19,3% dos casos de colocação pronominal em nosso *corpus* (ver tabela 3.3, seção 3, p. 75). Para esse tempo verbal, não existe a possibilidade de colocar-se uma preposição entre os termos, como ocorre com o futuro do presente.

Para esse critério, a nota atribuída também foi 0. Abaixo temos dois exemplos de casos de mesóclise para o futuro do pretérito: em (4.69), o verbo *dar*; e, em (4.70), o verbo *vender*, ambos conjugados na 3ª pessoa do singular.

(4.69)

E conssellou-lles que fossen mouras e crischãidade
leixassen, e fossen fora daquela catividade,
e lles faria grand' algo e **dar-lles-ya** herdade,
e que con mouros mui ricos a ambas casa-las faria. (CSM 325, v. 29-32)

(4.70)

Diss' un deles: Eu o trago, | que con mia moller cẽasse,
mais pero **vender-mio-ya** | a quen mio mui ben comprasse (CSM 369, v. 90-91)

3. Processos fonológicos condicionados pelo radical

Para se analisar o futuro do pretérito em relação a esse critério, será necessário analisar separadamente os possíveis auxiliares para esse tempo: os verbos *aver* e *ir*.

Pelos dados encontrados no *corpus* (quando o verbo *aver* se encontra em formas simples, não perifrásticas), e também conforme o registrado no dicionário de Xavier, Vicente e Crispim (1999, p. 168-169) e no glossário de Mettmann (1972, p. 34-35), a conjugação do verbo *aver* no pretérito imperfeito do indicativo em PA é:

(4.71)

Eu avia
 Tu avias
 Ele avia
 Nós aviamos
 Vós aviedes
 Eles avian

Entretanto, quando flexionado como auxiliar do futuro do pretérito, as formas são *ia, ias, ia, ian*.⁵⁹ Ocorre, portanto, uma diminuição das formas *avia* para *ia*, *avias* para *ias*, *avian* para *ian*. Em nosso *corpus* não foram encontrados verbos flexionados nas 1ª e 2ª pessoas do plural no futuro do pretérito, como pôde ser constatado na tabela 3.4 da seção 3 desta tese. Há apenas um exemplo, apresentado em (4.72), em que essa redução não ocorre e que nos dá pistas de que, em PA, o auxiliar seria mesmo o verbo *aver*:

(4.72)

Mais aquel dia que **sayr** | **avia** sabad' era,
 e foi missa oyr enton, | ca tal costum' ouvera (CSM 237, v. 34-35)

Como se observa através dos exemplos (4.66), (4.67), (4.68), (4.69) e (4.70), ocorre uma mudança no auxiliar quando este é o verbo *aver*, provocada pelo verbo principal, qualquer que seja este. Em todas as ocorrências em que as formas se escrevem juntas e em todas em que se escrevem separadas, com exceção do caso exemplificado em (4.72), ocorre uma redução do auxiliar; portanto, a nota nesse quesito é 1.

Entretanto, se considerarmos que o auxiliar do pretérito imperfeito é o verbo *ir*, a nota nesse quesito é 0, pois ele não sofre nenhum tipo de redução ou alteração, quando

⁵⁹ Como em nosso *corpus* não foram encontrados exemplos de verbos no futuro do pretérito conjugados nas 1ª e 2ª pessoas do plural, foram colocadas apenas as terminações mapeadas no *corpus*.

conjugado como auxiliar. Abaixo, temos a conjugação do verbo *ir* no pretérito imperfeito do indicativo de acordo com os dados do *corpus* considerado, que corroboram as informações coletadas no glossário de Mettmann (1972, p. 163):

(4.73)

Eu ia
Tu ias
Ele ia
Nós íamos
Vós iades
Eles ian

4. Processos fonológicos condicionados pela categoria lexical

Esse tipo de alomorfia condicionada pela categoria lexical do verbo principal, que já foi explicada em relação ao futuro do presente, também não se dá em relação aos verbos *aver* ou *ir* e o verbo principal na indicação de futuro do pretérito. Qualquer que seja o verbo principal, a conjugação do auxiliar é sempre a mesma, variando só nas desinências número-pessoais; portanto, a nota nesse quesito é 0.

5. Mudanças no radical

O acréscimo dos auxiliares *aver* ou *ir* ao radical de verbos no infinitivo para formação do futuro do pretérito também acarreta mudanças no radical de alguns verbos. Em nosso *corpus*, foram encontradas mudanças no radical dos seguintes verbos (que também sofreram alteração no futuro do presente): *avïir*, *dizer*, *fazer* (e seu derivado *desfazer*), *falir*, *guarir*, *jazer*, *pøer*, *querer*, *ter*, *valer*, *vïir*. E, só para esse tempo, foram encontradas alterações nos radicais dos verbos *convïir* e *sair*.

Nos exemplos abaixo, percebemos que as alterações sofridas nesses verbos são bastante semelhantes às ocorridas em relação ao futuro do presente: em alguns há queda de apenas uma vogal, em outros de uma sílaba inteira. Em (4.74), há um exemplo do

verbo *dizer*, conjugado na 1ª pessoa do singular; em (4.75), os verbos *fazer* e *põer*, conjugados na 3ª pessoa do plural; em (4.76), o verbo *desfazer* conjugado na 3ª pessoa do singular; em (4.77), (4.78) e (4.79), os verbos *falir*, *guarir* e *jazer* aparecem conjugados na 3ª pessoa do singular; em (4.80) e (4.81), os verbos *querer* e *sair* são conjugados na 1ª pessoa do singular; em (4.82), (4.83), (4.84) e (4.85), os verbos *teer*, *avïir*, *convïir*, e *vïir*, respectivamente, conjugados todos na 3ª pessoa do singular.

(4.74)

Sobr' esto, se m' oissedes, **diria**
dun joyzo que deu Santa Maria (CSM 26, v. 13-14)

(4.75)

Un falcon lle dessen feito, que mui de grado **farian**,
e que ena sa ygreja ant' o seu altar **porriam**; (CSM 366, v. 55-56)

(4.76)

e faz con el a guerlanda e é ssa ajudador,
que assi nos **desfaria** ben com' a agua o sal.» (CSM 121, v. 47-48)

(4.77)

con ousadia
que nos desvia
da bõa via
que levaria
nos u devia,
u nos daria
sempr' alegria
que non **falrria**
nen menguaria,
mas creçeria
e poiaria
e compriria
e 'nçimaria
a nos. (CSM 421, v. 19-32)

(4.78)

A moller, a que pesava de que quer que el mandasse,
diss' ao crerigo toste que daquesto se calasse,
ca seu marido **guarria**, e que folga-lo leixasse,
entre tanto sa fazenda averia ordinnada. (CSM 75, v. 43-46)

(4.79)

Tu es alva per que visto
foi o sol, que éste Cristo,
que o mund' ouve conquisto
e sacado du jazia
e **jaria**,
e de que non **sairya**; (CSM 340, v. 42-47)

(4.80)

E macar eu estas duas non ey
com' eu **querria**, pero provarei
a mostrar ende un pouco que sei, (CSM B, v. 9-11)

(4.81)

Enton vëo-ss' aos frades e disse: «Sennores meus,
aqui u ora orava vëo a Madre de Deus
e disse que eu **salrria** cras do mundo; e os seus (CSM 274, v. 64-66)

(4.82)

Desta quisa quarto dias | passar que non bevera
cousa que de beber fosse, | e tan gran coita soffrera,
que tod' ome que o visse | **terria** que já morrera; (CSM 393, v. 25-27)

(4.83)

Enton fillaron-s' a correr,
e a gente pos eles ya,
todos con coita de saber
o que daquel preit' **averria**. (CSM 25, v. 153-156)

(4.84)

«Quaes cantarán
a missa que **converria**,
ou quaes dirán
toda a outra leenda? (CSM 66, v.26-29)

(4.85)

E disse: «Se quisessedes gracir
est' a Deus e a ssa Madre servir
e de vossos pecados vos partir,
a chuvia logo **verria**. (CSM 143, v.29-32)

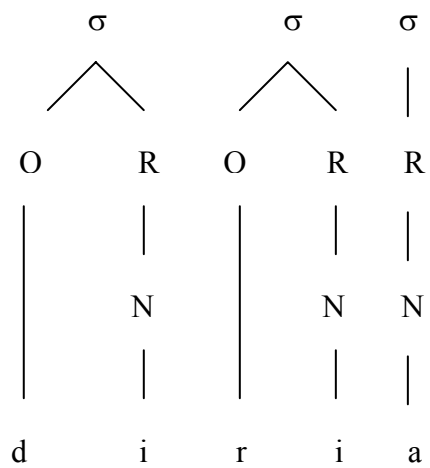
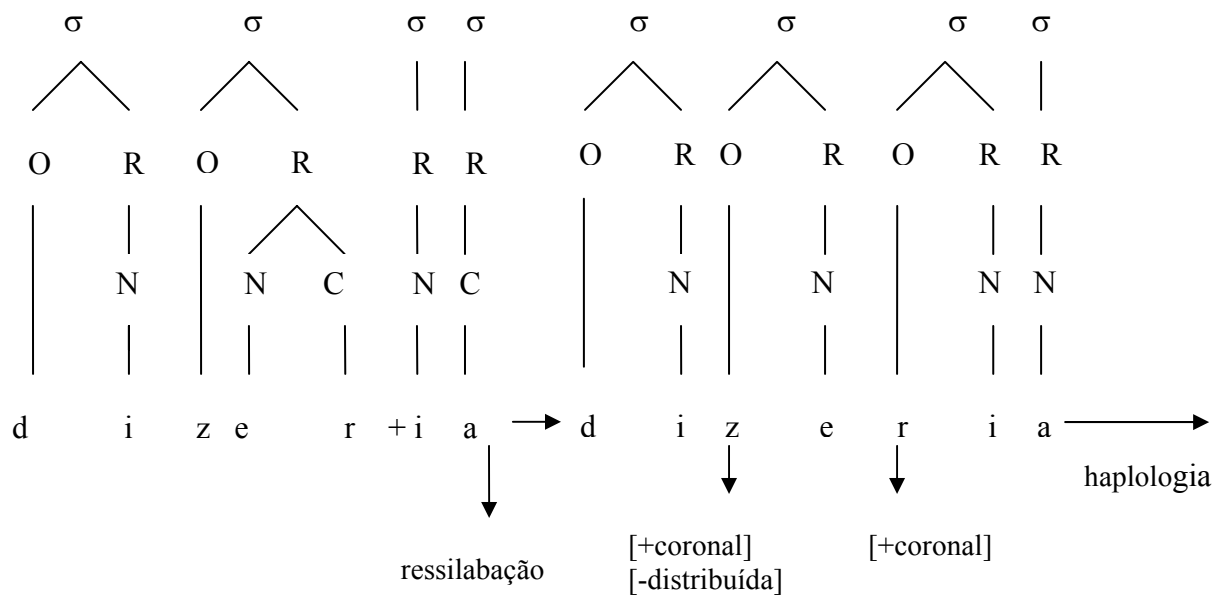
Como também constatado em relação ao futuro do presente, os verbos apresentados acima em nenhum contexto aceitam a possibilidade de se colocar um pronome oblíquo entre as formas verbais; nenhum caso de mesóclise foi encontrado com esses verbos.

A explicação da alteração sofrida pelo radical dos verbos conjugados no futuro do pretérito é muito semelhante à desenvolvida anteriormente em relação ao futuro do presente. O processo de haplologia será novamente usado para se entenderem as mudanças no radical de alguns verbos em PA.

Como feito para o futuro do presente, os verbos foram separados em três grupos pela semelhança entre as alterações sofridas por seus radicais.

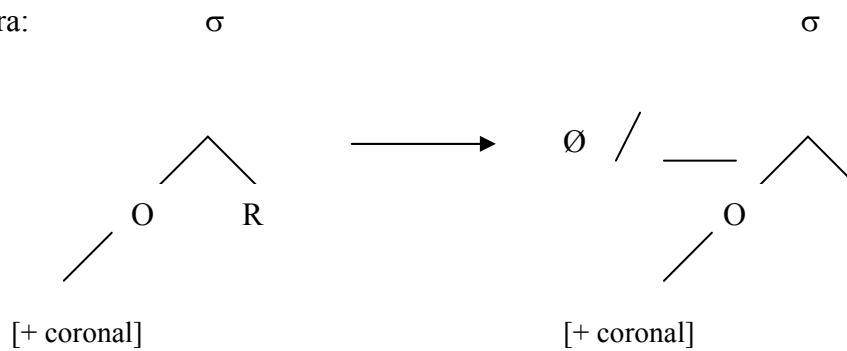
Primeiro analisaremos os verbos *dizer*, *fazer* (e seu derivado *desfazer*) e *jazer*. Igualmente ao que ocorre com o futuro do presente, ao acréscimo do verbo auxiliar *aver* ao infinitivo do verbo principal, ocorre uma ressilabação, isto é, a coda da segunda sílaba passa a *onset* da terceira, resultando em uma sílaba CV. Conseqüentemente, resultam duas sílabas seguidas com consoantes na posição de ataque que têm traços semelhantes; a primeira sílaba tem uma consoante [+coronal] e [-distribuída], e a segunda, uma com traço [+coronal] e [+distribuída]; neste contexto, a primeira sílaba cai. Em (4.86), temos a representação desse processo e, em (4.87), a regra que rege a sua aplicação:

(4.86)



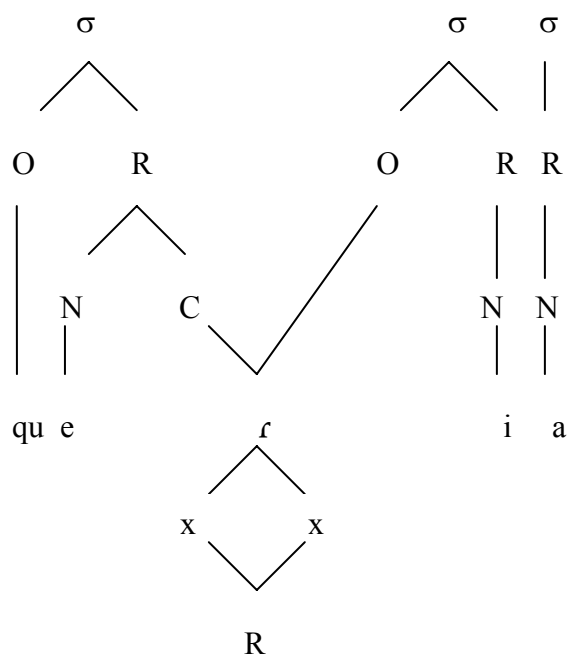
(4.87)

Regra:



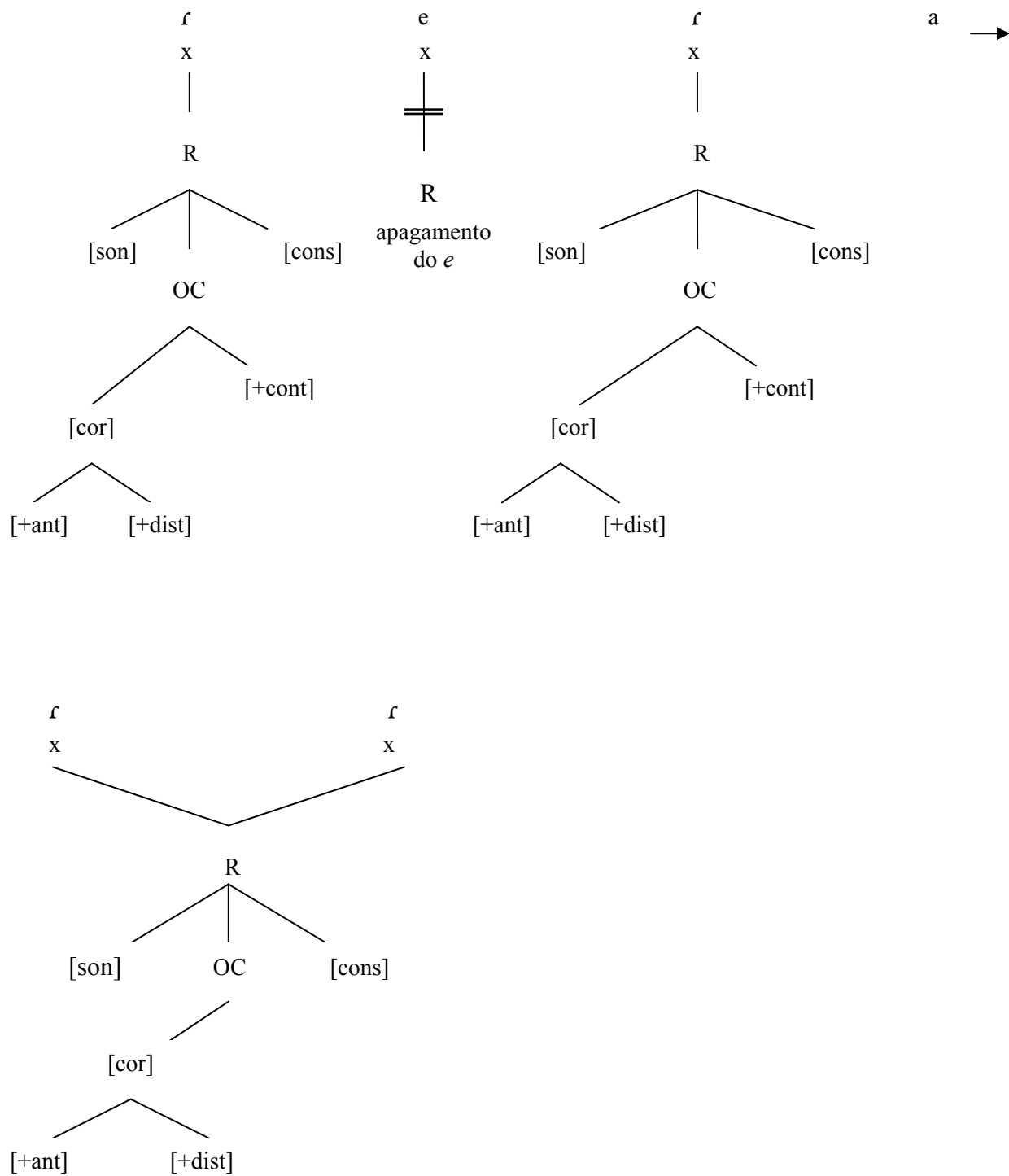
Estão inseridos no segundo grupo os verbos *avïir*, *convïir*, *guarir*, *pôer*, *querer*, *teer*, *vïir*. O primeiro fenômeno que ocorre é novamente a ressilabação. Como resultado, temos duas sílabas com consoantes idênticas, com os mesmos traços [+coronal, -distribuída]. Esse é o contexto ideal para a haplologia, que resulta no apagamento da vogal intermediária, caindo apenas o núcleo da sílaba, e na formação da geminada, como vemos no exemplo (4.88) abaixo:

(4.88)



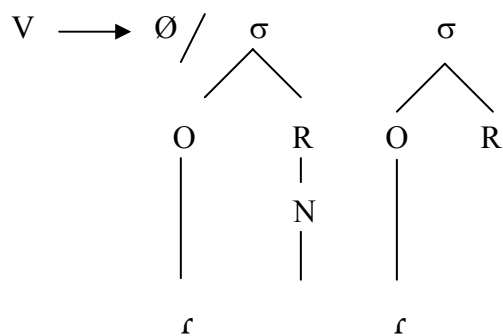
Notamos também na formação do futuro do pretérito em PA a ação do Princípio do Contorno Obrigatório – PCO. Como já colocado, esse princípio proíbe uma sequência de auto-segmentos idênticos em um mesmo plano auto-segmental, indiferentemente se ela ocorre na forma de base ou na derivação, sendo sempre reduzida a uma unidade no processo derivacional. A árvore no exemplo (4.89) explica melhor o efeito da ação desse princípio; logo após foram colocadas as regras que explicam esse fenômeno – exemplo (4.90).

(4.89)

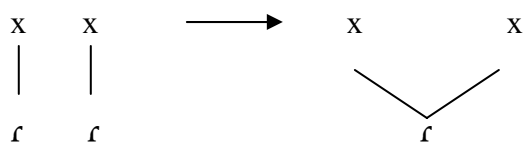


(4.90) Regras:

1. Apagamento da vogal:

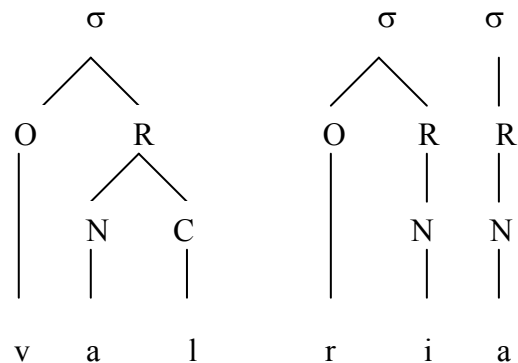
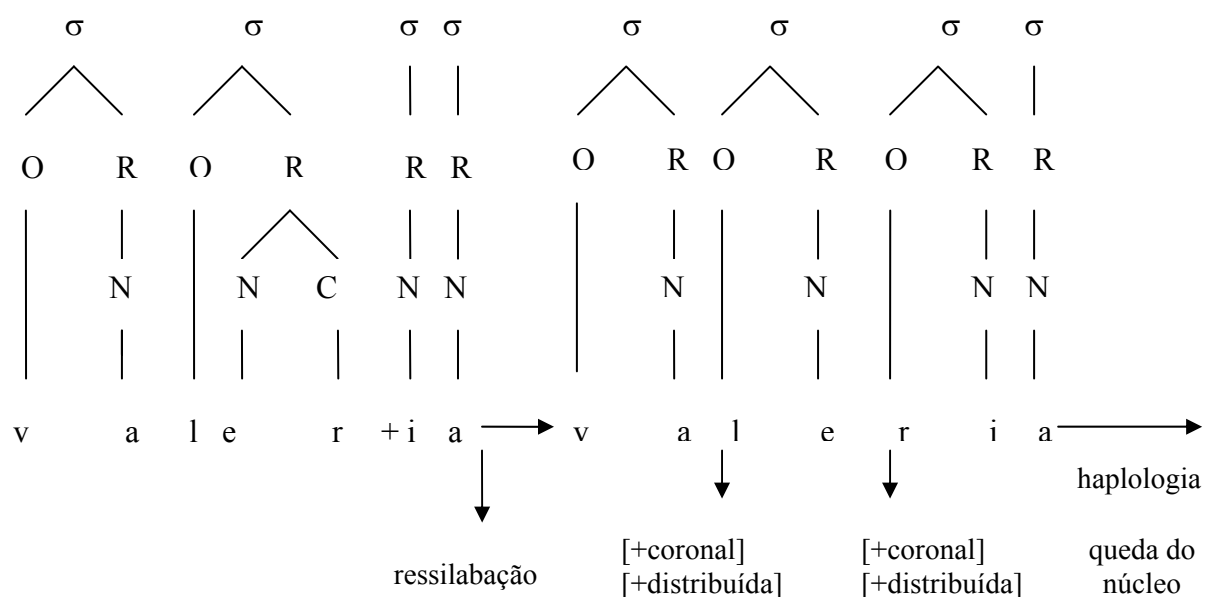


2. Formação de geminada:



No último grupo estão os verbos *falir*, *valer* e *sair*. Na alteração que sofrem esses verbos, há primeiramente a ressilabação. Em um segundo momento, há a queda da vogal da última sílaba do radical do verbo principal, aquela que se junta ao auxiliar de formação do futuro. Nesse contexto, em início de sílaba, depois da coda da primeira sílaba ser preenchida pela líquida, a rótica do PA é atualizada foneticamente como vibrante múltipla – exemplo (4.91):

(4.91)



Diferentemente do que acreditavam Bybee, Pagliuca e Perkins (1991) – que postulam que mudanças em vogais e consoantes no radical têm mais valor, pois mostram que houve maior gramaticalização e não podem ser explicadas em uma base fonológica –, as alterações sofridas pelos radicais dos verbos apresentados acima são possíveis de serem explicadas pela ocorrência de haplologia, portanto uma explicação fonológica.

O único fato observado em relação ao radical de todos os verbos no infinitivo, idêntica a que ocorre com o futuro do presente, quando acrescentado o auxiliar é em relação ao acento. No jogo de proeminências, o segundo acento acaba prevalecendo (ver item 4.1.4 desta seção). Como não ocorre uma alteração acentual, a esse quesito foi atribuída uma nota 0.

Primeiramente, em relação ao auxiliar *aver*, recuperando as notas resultantes da análise dos cinco critérios desenvolvidos por Bybee, Pagliuca e Perkins (1991), temos o seguinte resultado para o futuro do pretérito em PA:

1. Ortografia, nota 1;
2. Interveniência de uma palavra, nota 0;
3. Processos fonológicos condicionados pelo radical, nota 1;
4. Processos fonológicos condicionados pela categoria lexical, nota 0;
5. Mudanças no radical, nota 0.

Para o futuro do pretérito em PA, se o auxiliar for o verbo *aver*, a nota resultante é 2. Se o verbo *ir* for o auxiliar, teríamos as seguintes notas:

1. Ortografia, nota 1;
2. Interveniência de uma palavra, nota 0;
3. Processos fonológicos condicionados pelo radical, nota 0;
4. Processos fonológicos condicionados pela categoria lexical, nota 0;
5. Mudanças no radical, nota 0.

Para o verbo *ir*, a nota seria ainda menor, um. Qualquer que seja realmente o auxiliar utilizado em PA para formação do futuro do pretérito, a nota resultante é extremamente baixa. Conclui-se, então, a partir desses critérios, que também para o futuro do pretérito o grau de gramaticalização é baixo; há, portanto, duas palavras para indicar o futuro do pretérito em PA, uma forma analítica de expressão de um tempo verbal.

4.2.2 Dependência

Os fatores de dependência desenvolvidos por Bybee, Pagliuca e Perkins (1991, p. 37) são mantidos separados dos de fusão porque há casos em que o auxiliar sofre mudanças na forma durante o processo de gramaticalização, o que reduz sua autonomia, sem resultar em fusão com o verbo. Os autores acreditam que a falta de fusão se dá geralmente pela posição do auxiliar. Essa escala é chamada dependência por medir a que ponto este está perdendo sua autonomia independentemente se se funde ou não com o verbo. Para essa avaliação, os autores consideraram os seguintes critérios:

1. Número de alomorfes que não são puramente condicionados foneticamente: colocar 0, 1, 2, 3 ou > 3.

Como o *gram* se torna mais dependente devido aos elementos que o circundam, ele desenvolve alomorfia, especialmente devido aos processos fonológicos, alguns dos quais são condicionados por outros morfemas gramaticais. Desse modo, o número de alomorfes e a presença de condicionamento fonológico e morfológico dão indicativos de maior dependência.

2. Condição fonológica para alomorfes: a resposta é S ou N.

O condicionamento fonológico pode ser controlado pelo radical do verbo, indicando fusão com ele; entretanto, como esse condicionamento não é necessariamente induzido pelo verbo, o condicionamento fonológico foi incluído em dependência.

3. Condição morfológica para alomorfa: isso se refere à alomorfa condicionada por outros morfemas gramaticais; aqui a resposta também é S ou N.

4. Redução suprasegmental: é notado se o gram tem (S) ou não (N) acento ou tom não-neutro; se o acento se alterna, é colocado A.

Como os itens lexicais são geralmente acentuados e morfemas gramaticais geralmente não o são, os autores consideraram a falta de acento para indicar maior gramaticalização. Para línguas tonais, os autores assumiram que a comparação seria a perda do tom alto ou não-neutro.

Os valores numéricos são os seguintes:

DEPENDENCE:

1. *Other allomorphs: 0 = 0; 1 or 2 = 2; 3 = 3; >3 = 4*
2. *Phonological conditioning: N = 0; Y = 1*
3. *Morphological conditioning: N = 0; Y = 2*
4. *Stress: N = 2; A = 1; Y = 0*

(BYBEE; PAGLIUCA; PERKINS, 1991, p. 37)

Essa escala vai de 0 a 9 e, novamente, a obtenção de um valor maior indica um maior grau de gramaticalização.

Para ilustrar essa escala, Bybee, Pagliuca e Perkins (1991, p. 38) analisaram novamente o pretérito (-ed) e o futuro (will) do inglês:

(4.92) Pretérito:

1. Eles consideraram que o pretérito tem mais de três alomorfes pelo [d] e também [id], como também diversas mudanças internas ao radical de vogais e consoantes (nota 4);
2. A alternância [id]/ [d] é fonologicamente condicionada (nota 1);
3. Não há nenhum alomorfe condicionado por outro morfema gramatical (nota 0);
4. O *gram* nunca é acentuado (nota 2).

Nota total de dependência: 7

(4.93) Futuro:

1. Os autores consideraram a versão reduzida de *will* e também sua forma contraída com *not* como alomorfes, então ele tem dois alomorfes (nota 2);
2. Eles acreditam que esses alomorfes não são foneticamente condicionados (nota 0);
3. O alomorfe em *won't* é morfologicamente condicionado (nota 2);
4. *Will* não é normalmente acentuado (nota 2).

Nota total de dependência: 6

Na escala de dependência, o pretérito e o futuro com *will* têm notas similares, o que demonstra que, pelo menos em alguns casos, fusão e dependência são medidas distintas.

4.2.2.1 Dependência do auxiliar de futuro do presente em PA

Analisaremos a seguir o grau de dependência do verbo *aver* conjugado no presente do indicativo e o verbo principal em PA para expressão do futuro do presente, a partir dos critérios apresentados acima:

1. Com relação à flexão do verbo *aver* no tempo presente como auxiliar, esse verbo não tem alomorfes. Esse verbo, como todos em português, tem suas flexões de pessoa, as desinências número-pessoais, mas não há variações

nessas desinências dependendo do verbo principal ou do contexto em que as formas estão inseridas. Sendo assim, a nota nesse requisito é zero.

2. Se não há alomorfes, estes não são foneticamente motivados, tendo assim também uma nota zero.

3. Não há qualquer alomorfe condicionado por outro morfema gramatical, nunca há alomorfia, em qualquer contexto; qualquer que seja o verbo principal, as formas do verbo *aver* são sempre *ei*, *ás*, *á*, *emos*, *edes*, *án*, para 1ª, 2ª, 3ª pessoas do singular e do plural, respectivamente. Portanto, a nota nesse requisito também é zero.

4. O verbo *aver* é sempre acentuado. O auxiliar, em todas as suas desinências número-pessoais, sempre recebe o acento tônico. O verbo principal no infinitivo, logo uma palavra oxítone, quando escrito junto ao verbo auxiliar, perde o seu caráter de acento primário, que passa a secundário, mas mantém-se na sílaba original; o acento principal passa a recair sobre o verbo auxiliar. Nesse último item, a nota também é zero.

A nota resultante nesses quesitos de dependência é zero. Segundo os autores, uma maior nota indica maior gramaticalização; portanto, no que se refere à dependência, o grau de gramaticalização, ou seja, de interdependência das formas constituintes do futuro do pretérito em PA, é muito baixo.

4.2.2.2 Dependência do auxiliar de futuro do pretérito em PA

Apresentaremos também qual o grau de dependência entre os verbos *aver* ou *ir* em relação ao verbo principal na formação do futuro do pretérito em PA:

1. Independentemente de qual o verbo auxiliar na formação do futuro do pretérito, os verbos *aver* e *ir* não têm alomorfes. Esses verbos têm apenas suas desinências número-pessoais, e não há variações nessas desinências dependendo do verbo principal ou do contexto em que as formas estão inseridas. Assim, a nota nesse quesito é zero.
2. Se não há alomorfes, estes não são foneticamente motivados, tendo assim também uma nota zero.
3. Seja para o verbo *aver* ou para o verbo *ir*, nunca há alomorfia, em nenhum contexto, ou qualquer que seja o verbo principal. Portanto, a nota nesse quesito também é zero.
4. Os verbos *aver* e *ir* sempre são acentuados. O auxiliar, qualquer dos dois que seja ele, em todas as suas desinências número-pessoais, sempre recebe o acento tônico. O verbo principal que é oxítono por estar no infinitivo; quando juntado do verbo auxiliar, perde o seu acento primário, que assume um caráter de acento secundário (mas que incide sobre a sílaba originalmente acentuada); o acento principal passa a recair sobre o verbo auxiliar. Nesse item, a nota também é zero.

O resultado nesse critério de dependência é o mesmo para o futuro do presente e do pretérito, o que nos leva a concluir que o grau de gramaticalização é muito baixo entre os verbos auxiliares e o infinitivo do verbo principal em PA, em relação ao grau de dependência.

4.2.3 Redução

Essa escala mede a extensão da redução segmental do auxiliar, começando com um valor 10 e subtraindo pontos para cada segmento deste, como representado abaixo:

SHORTNESS:

C = -1

V = -2

V: = -3

(BYBEE, PAGLIUCA E PERKINS, 1991, p. 38)

A escala resultante mostra um número maior para uma forma mais reduzida, e um número menor para uma forma menos reduzida. Essa representação foi a escolhida para que todas as escalas tivessem uma mesma direção: um número maior demonstraria um maior grau de gramaticalização.

Essa escala de redução inclui uma outra variável. A compilação desses autores exige que se faça o registro do mais longo alomorfe como básico na maioria dos casos; entretanto, é fornecido para a existência de um alomorfe reduzido um que aparenta ser o mesmo que o alomorfe básico, mas com alguns segmentos ou traços ausentes. Eles ainda adicionam 2 pontos se um alomorfe reduzido ocorre. Essa escala varia aproximadamente de 0 a 10, porém valores maiores e menores são possíveis.

Novamente, Bybee, Pagliuca e Perkins (1991, p. 39) testaram sua escala com o pretérito em *-ed* e o futuro com *will* do inglês, e obtiveram o resultado exposto abaixo.

(4.94) Pretérito:

O alomorfe mais longo é [id], que consiste de uma vogal (nota -2) e uma consoante (nota -1); 10 menos 3 sobram 7. Esse *gram* também tem um alomorfe reduzido [d], portanto são adicionados 2 pontos, resultando em uma nota total de redução 9.

(4.95) *Will*:

O mais longo alomorfe é [wɪl], que consiste de uma consoante (-1), uma vogal (-2) e outra consoante (-1), 10 menos 4 sobram 6. Como há também um alomorfe reduzido, adicionam-se 2, resultando em uma nota de redução 8.

Testamos também o futuro do presente do PA em relação a essa escala; o resultado desse teste segue abaixo, em (4.96). Essa escala mostra um número maior para uma forma menor, isto é, quanto maior a nota resultante, maior redução a forma sofreu e, conseqüentemente, maior é chance de ter se gramaticalizado.

(4.96)

Futuro do presente em PA:

Os alomorfes mais longos são *-emos* e *-edes*, que são iguais na sua estrutura no que se refere ao número de vogais e consoantes. Consistem em duas vogais (-4) e duas consoantes (-2), 6 menos 10 sobram 4. Como há alomorfes reduzidos são adicionados dois pontos, resultando em uma nota de redução 6.

O grande problema em se utilizar esse quesito redução na análise do futuro do presente em PA é considerar as desinências como alomorfes. É bastante complicado chamarmos as formas *avemos*, *emos* de alomorfes, pois a primeira forma nunca é usada como auxiliar.

Em relação ao futuro do pretérito, essa escala é ainda mais problemática. Se considerarmos como verbo auxiliar o verbo *aver*, ele tem suas desinências número-pessoais que não podem ser consideradas como alomorfes. Há, em todo o *corpus*, um único exemplo, colocado em (4.72), em que o verbo *aver*, como auxiliar, não tem redução. Mas um único exemplo é muito pouco para fazermos qualquer tipo de

afirmação. Se o verbo auxiliar for o verbo *ir*, ainda mais difícil fica essa análise, pois este não tem nenhum alomorfe, apenas desinências número-pessoais.

Portanto, trabalhamos focando principalmente os critérios de **fusão** e **dependência** desenvolvidos por Bybee, Pagliuca e Perkins (1991), os quais se mostraram mais produtivos na análise em PA do futuro do presente e do pretérito.

4.3 Considerações finais

Esta seção teve por objetivo analisar as formas futuras em PA para poder se chegar a uma conclusão a respeito da natureza morfofonológica dessas estruturas: seriam elas formas analíticas de expressão de futuro, isto é, seriam duas palavras com essa função; ou formas sintéticas, verbos já fundidos em um único vocábulo?

Para desenvolver essa análise, esta seção foi dividida em duas partes. Em um primeiro momento as formas futuras nas CSM no PA foram analisadas a partir dos argumentos arrolados por Massini-Cagliari (1999): co-ocorrência de formas sintéticas e analíticas, possibilidade de mesóclise, dois futuros com uma única terminação, padrão acentual das formas.

O primeiro argumento de Massini-Cagliari (1999, 2006) se mostrou bastante produtivo em PA também para as CSM, pois foi encontrado, no *corpus*, o verbo auxiliar escrito junto ao verbo principal no infinitivo e também separado, tanto para o futuro do presente quanto para o futuro do pretérito.

Existe também, em nosso *corpus*, a possibilidade de mesóclise, isto é, a possibilidade de se colocar um pronome oblíquo entre o verbo auxiliar e o principal para os futuros do presente e do pretérito. Esses pronomes sempre aparecem depois do infinitivo do verbo principal e antes do auxiliar conjugado no presente do indicativo ou

no pretérito imperfeito do indicativo. Como apresentado na seção 3.2.2 deste trabalho, os casos de mesóclise correspondem a 23% dos casos de colocação pronominal do *corpus*, um número bastante expressivo em PA.

O terceiro argumento de Massini-Caligari (1999), a partir de um dado registrado por Williams (1973[1938]), não nos foi relevante, pois não foi encontrado nenhum exemplo de dois futuros coordenados a partir de uma única terminação.

Em relação ao padrão acentual das formas futuras, verificou-se que há um choque acentual entre essas formas devido à sua origem locucional, uma vez que cada uma das partes que compõem o futuro mantém sua autonomia, como acontece com as palavras compostas, recebendo acento primário individual; desses acentos recebidos, no jogo de proeminências entre eles, o último acento sempre é mais proeminente no PA, pela regra *default*. A flexão verbal em PA, como estudado por Massini-Cagliari (1999) e Costa (2006), nunca atrai o acento; portanto, só é possível explicar a posição do acento nas formas futuras do PA considerando essas formas verbais como compostas; em caso contrário, teríamos que admitir que o acento pode, em casos excepcionais, recair sobre a flexão do verbo (apenas quando conjugado no futuro).

Foi feita ainda, ao longo desta seção, uma discussão sobre a definição de palavra fonológica, com o objetivo de mostrar que estamos diante de duas palavras fonológicas, quando analisamos as formas de futuro em PA. O que nos faz perceber que essas formas têm autonomia, além de seus acentos primários, é a possibilidade de elas se separarem e a possibilidade de se colocar um clítico ou preposição entre as partes; portanto, os verbos conjugados nos futuros do presente e do pretérito não podem ser considerados uma única palavra fonológica, mas duas.

Três dos quatro argumentos utilizados por Massini-Cagliari (1999, 2006) são também válidos para o nosso *corpus*, as CSM. Mesmo não tendo encontrado dois

verbos coordenados a partir de uma única terminação, é possível interpretar as formas futuras do PA como analíticas, a partir dos outros argumentos, principalmente adicionando a esses dados os resultados das análises efetuadas a partir das idéias de Bybee, Pagliuca e Perkins (1991), que foram apresentados na segunda parte desta seção.

As idéias desenvolvidas por esses lingüistas para averiguar o grau de gramaticalização entre o verbo principal e o auxiliar de futuro se relacionavam à fusão, à dependência ou à redução do auxiliar, quando anexado ao verbo principal. A possibilidade de fusão foi o item mais trabalhado em relação aos dados por se mostrar mais produtivo, devido à baixa ocorrência de alomorfes do verbo auxiliar, que é a base de análise dos critérios de dependência e de redução.

Na análise da fusão entre os verbos, Bybee, Pagliuca e Perkins (1991) apresentam os seguintes critérios: ortografia, interveniência de uma palavra, processos fonológicos condicionados pelo radical, processos fonológicos condicionados pela categoria lexical e mudanças no radical. O primeiro critério coincide com o primeiro argumento de Massini-Cagliari (1999, 2006); como anteriormente apresentado, existe em PA a possibilidade de se escreverem as formas juntas ou separadas, tanto para o futuro do presente quanto para o futuro do pretérito.

Também coincidente com o argumento de Massini-Cagliari (1999, 2006), o segundo critério nos mostra que é possível se colocar uma palavra entre o verbo principal e o auxiliar. Para o futuro do presente é possível colocar tanto um pronome oblíquo quanto uma preposição; para o futuro do pretérito só é possível colocar um pronome. Esses dois primeiros critérios mostram a independência que existe entre o verbo principal e seu auxiliar.

Se considerarmos como auxiliar de futuro em PA o verbo *aver* conjugado no presente do indicativo para indicar o futuro do presente e no imperfeito do indicativo

para o futuro do pretérito, então o auxiliar sofre uma redução do seu radical – terceiro critério elaborado pelos autores – o que aponta para uma maior fusão entre os termos. Já, se o verbo *ir* for considerado o auxiliar para o futuro do pretérito, não há nenhum tipo de redução ou alteração na sua forma.

Em relação ao quarto critério – processos fonológicos condicionados pela categoria lexical – o auxiliar de futuro não sofre nenhum tipo de alteração que dependa da categoria de verbo principal que a ele se une.

Finalmente, em relação ao último critério, alterações no radical, essas podem ocorrer em alguns verbos, mas esses dados são facilmente explicados em uma base fonológica, pelo mecanismo da haplologia.

A partir da análise desenvolvida nesta seção, percebemos que só um critério de Bybee, Pagliuca e Perkins (1991) aponta para a fusão entre os termos, o relacionado a alterações fonéticas no auxiliar. Portanto, a nota de fusão entre os termos é muito baixa, tanto para o futuro do presente quanto para o futuro do pretérito. São poucas as alterações nas formas que entram em contato na expressão de futuro, e essas alterações são ainda menores quando se considera como auxiliar o verbo *ir* para o futuro do pretérito.

A conclusão a que se chega com a análise de nossos dados a partir dos critérios estabelecidos por Massini-Cagliari (1999, 2006) e Bybee, Pagliuca e Perkins (1991), é que as formas na expressão de futuro em PA são analíticas, isto é, são duas palavras usadas para se exprimir o futuro: o verbo principal no infinitivo mais o verbo *aver* conjugado no presente do indicativo para indicar o futuro do presente e o verbo principal no infinitivo mais o verbo *aver* (ou o verbo *ir*) conjugados no pretérito imperfeito do indicativo para indicar o futuro do pretérito ou condicional.

CONCLUSÃO

Com o objetivo de entender a natureza morfofonológica das formas dos tempos futuros do presente e do pretérito (ou condicional) em PA, desenvolvemos este trabalho, que mostrou, através de uma análise da estrutura morfológica e prosódica das palavras envolvidas, que, na formação dos tempos futuros na época medieval do português, existem duas palavras fonológicas: o verbo principal no infinitivo + o verbo *aver* conjugado no presente do indicativo, para o futuro do presente, ou *aver/ir*, no pretérito imperfeito do indicativo, para o futuro do pretérito.

Começamos por apresentar, na seção 1, alguns estudos que analisaram questões referentes a esses tempos desde o latim até o PB e o PE atuais. Como vimos no desenvolver da seção 1 deste trabalho, há diversos estudos desenvolvidos sobre o tempo futuro, no português, a partir de abordagens bastante variadas: análises históricas, semânticas, morfológicas e morfofonológicas. Todas elas, com certeza, ajudam-nos a entender a estrutura das formas verbais futuras, desde o latim vulgar, passando pelo PA, até o PB atual.

Do ponto de vista diacrônico, não há dúvidas de que as formas verbais do tempo futuro atual eram, na sua origem, formas perifrásticas, formadas pelo auxiliar *aver* (conjugado no presente ou pretérito imperfeito do indicativo) + o infinitivo do verbo principal, como apresentam todas as gramáticas históricas. Alguns estudiosos acreditam que houve um momento da língua em que as pessoas tinham consciência de que essas formas eram compostas por duas palavras, embora, no PB atual, essa consciência esteja se perdendo.

Análises morfofonológicas dessas formas futuras anteriormente desenvolvidas apontam para uma natureza composta desses tempos verbais, como os estudos de

Massini-Cagliari (2006), para o PA, Bisol (1992), para o PB, e Mateus (2002 [1983]), para o PE, tomando por base uma análise prosódica que sugere que há dois acentos nessas formas, um no radical do verbo principal e outro no verbo auxiliar *aver*, conjugado no presente do indicativo, para o futuro do presente, ou no pretérito imperfeito do indicativo, para o futuro do pretérito.

Como era nosso objetivo estudar essas formas futuras no PA, escolhemos, para constituir nosso *corpus*, as CSM, mandadas reunir por Afonso X, rei de Castela, por terem sido produzidas no último quartel do século XIII, no período final da vida do monarca, portanto durante o período histórico denominado arcaico (séculos XIII-XV), quando se desenvolveu a língua que posteriormente ficou conhecida como galego-portuguesa. Essa escolha se deve também por ser esse um material poético, fato crucial para termos pistas da estrutura prosódica das formas futuras do PA, período do qual (dadas as limitações tecnológicas da época) não sobreviveram gravações - o que foi necessário, para analisarmos o padrão acentual desse tempo verbal nesse período da língua portuguesa.

Na análise quantitativa dos dados colhidos a partir da consideração das CSM, apresentada na seção 3 desta tese, verificou-se que em PA o verbo *aver*, auxiliar do tempo futuro, apresenta-se superficialmente unido no nível gráfico ao verbo principal em 97,3% dos casos e, separado deste graficamente, em 2,7% dos casos, predominando, portanto, as formas em que temos graficamente um único vocábulo. No entanto, com relação ao futuro do presente, o verbo *aver*, conjugado no presente do indicativo, está sempre separado do verbo no infinitivo por meio de uma preposição, o que não ocorre em nenhum dado com o futuro do pretérito. E, relativamente a este último tempo, o verbo auxiliar, conjugado no pretérito imperfeito do indicativo, não tem ordem fixa em relação ao verbo principal, aparecendo antes do verbo principal ou depois deste.

No futuro do presente, o verbo aparece predominantemente conjugado na 1ª pessoa do singular, enquanto que no futuro do pretérito predomina a 3ª pessoa do singular. Só no futuro do presente encontramos verbos conjugados nas 1ª e 2ª pessoas do plural, não havendo qualquer caso como esses no futuro do pretérito. Uma provável explicação para esse fato é que as formas de 1ª e 2ª pessoas do plural do futuro do pretérito (*cantaríamos* e *cantaríades*) são proparoxítonas, formas extremamente marginais em PA, como já argumentaram Michaëlis de Vasconcelos (1912-1913), Teyssier (1987) e Massini-Cagliari (2005).

Em relação à colocação pronominal, 72,9% dos casos mapeados no *corpus* eram de próclise, 19% dos casos correspondiam a mesóclises e 8,1% constituíam casos de ênclise. Nos poucos casos de ênclise, o verbo está sempre conjugado no singular, seja no futuro do presente ou do pretérito. Isso se deve a dois fatores: só formas verbais que terminam em sílabas abertas aceitam pronomes enclíticos, o que não é o caso das formas de plural do futuro; evita-se também, com a não-colocação de pronomes enclíticos, a formação de palavras proparoxítonas, vocábulos esdrúxulos em PA.

A quantidade de pronomes proclíticos encontrada no *corpus* é muito superior aos casos de ênclises e mesóclises. No futuro do presente, todas as pessoas verbais aceitam próclise, o que não ocorreu nem em relação à ênclise, nem em relação à mesóclise; tal observação prova que essa posição, para a colocação de pronomes átonos, já era favorecida em PA. Verificou-se também que, em PA, o contexto frasal favorece a próclise, nos casos em que há uma palavra atrativa, como advérbios, pronomes relativos ou conjunções.

Apesar de o predomínio de formas sintéticas no *corpus* e a grande quantidade de próclises sugerirem que as formas verbais de futuro eram sintéticas naquela época, verificou-se que, em 8,9% dos casos de próclise, o pronome não está adjacente ao

verbo, mas separado deste por meio de um advérbio ou conjunção, entre outras classes de palavras. Esse fato mostra uma independência prosódica do pronome em relação à forma verbal, o que ainda nos permite considerar a possibilidade de as formas futuras serem analíticas. A quantidade relativamente alta de mesóclises também nos mostra que, em PA, existia uma consciência de que a forma futura, tradicionalmente rotulada como sintética, é possivelmente composta ou perifrástica, em ambos os casos analítica, pela possibilidade de colocação de um ou mais pronomes entre o infinitivo e o verbo auxiliar.

Para podermos melhor compreender a estrutura das formas futuras em PA, desenvolvemos, na seção 4 desta tese, um estudo baseado nos critérios formulados por Massini-Cagliari (1999, 2006) e Bybee, Pagliuca e Perkins (1991).

Dos critérios arrolados por Massini-Cagliari (1999, 2006) – co-ocorrência de formas sintéticas e analíticas, possibilidade de mesóclise, a coordenação de dois verbos no futuro a partir de uma única terminação, padrão acentual das formas –, só um deles não nos foi produtivo, pois, no *corpus* considerado por esta tese, não foram encontradas formas futuras coordenadas com uma única terminação. A análise de todos os outros critérios apontou para a consideração das formas verbais de futuro em PA como tendo uma natureza analítica, devido aos seguintes fatores:

- Em relação ao primeiro argumento de Massini-Cagliari (1999, 2006), foi encontrado, no *corpus*, o verbo auxiliar escrito junto ao verbo principal no infinitivo e também separado, tanto para o futuro do presente quanto para o futuro do pretérito. O comportamento gráfico desses verbos não é, pois, categoricamente favorável à consideração de que essas formas já estivessem sintetizadas;

- Existe também, no *corpus* analisado nesta tese, a possibilidade de mesóclise (19% dos casos de colocação pronominal). Esses pronomes sempre aparecem depois do infinitivo do verbo principal e antes do auxiliar conjugado no presente do indicativo ou no pretérito imperfeito do indicativo. Este fato aponta para uma maior independência entre as partes formativas dos tempos futuros na época medieval;
- Em relação ao padrão acentual das formas futuras, verificou-se que cada uma das partes que compõem o futuro mantém sua autonomia, como acontece com as palavras compostas, recebendo acento primário individual; desses acentos recebidos, no jogo de proeminências estabelecido entre eles em níveis superiores ao da palavra, o último acento sempre é mais proeminente em PA, pela regra *default*. As marcas de flexão verbal em PA, como estudado anteriormente por Massini-Cagliari (1999) e Costa (2006), nunca atraem o acento; portanto, só é possível explicar a posição do acento nas formas futuras do PA considerando essas formas verbais como compostas (ou perifrásticas); caso contrário, teríamos que admitir que o acento pode, em casos excepcionais, recair sobre a flexão do verbo (apenas quando conjugado no futuro).

Apresentamos, ainda na seção 4, uma análise da estruturação prosódica das formas verbais futuras no PA, em termos de palavras fonológicas. O que nos faz perceber que essas formas têm autonomia, além da manutenção dos acentos primários de cada uma das suas partes constitutivas, é a possibilidade de elas se separarem e a possibilidade de se colocar um clítico ou uma preposição entre as partes; portanto, os verbos conjugados nos futuros do presente e do pretérito não podem ser considerados uma única palavra fonológica, mas sim duas.

Apesar de a análise dos critérios considerados por Massini-Cagliari (1999, 2006) já mostrar uma independência entre as palavras que compõem o futuro em PA, para aprofundarmos a discussão da questão do ponto de vista da possível gramaticalização – e, portanto, do caráter sintético – dessas formas verbais foram tomados também os critérios estabelecidos por Bybee, Pagliuca e Perkins (1991), que avaliam o grau de fusão entre um verbo e seu auxiliar de futuro em algumas línguas, para analisar o futuro em PA a partir dos dados encontrados no *corpus* considerado por esta tese, as CSM.

Para a análise do grau de fusão entre os verbos principal e auxiliar, Bybee, Pagliuca e Perkins (1991) apresentam os seguintes critérios: ortografia, possibilidade de interpolação de outra palavra entre as partes constituintes do tempo verbal em questão, processos fonológicos condicionados pelo radical, processos fonológicos condicionados pela categoria lexical e mudanças no radical.

Os dois primeiros critérios são os mesmos já analisados a partir de Massini-Cagliari (1999, 2006); como já apresentado anteriormente, esses critérios reafirmam a idéia de que as formas medievais de futuro são compostas ou perifrásticas, pela possibilidades de se escrever o verbo principal e seu auxiliar separadamente (e até mesmo com a ordem invertida) e de mesóclise.

Em relação aos processos fonológicos condicionados pelo radical, constatou-se que o verbo *aver* sofre redução no auxiliar quando conjugado no presente do indicativo para atuar como auxiliar o futuro do presente nas 1ª e 2ª pessoas do plural. Para o futuro do pretérito, se considerarmos como auxiliar o verbo *aver* conjugado no pretérito imperfeito do indicativo, este também sofre redução, mas agora em todas as pessoas. Tanto para o futuro do presente quanto para o futuro do pretérito, o verbo *aver* perde o segmento *av-*. Se considerarmos como auxiliar do futuro do pretérito o verbo *ir*, então não há qualquer tipo de redução ou alteração. Esse é o único critério de Bybee, Pagliuca

e Perkins (1991) que poderia avaliar o futuro em PA como uma forma sintética; mas, na concepção dos próprios autores, um único critério não é suficiente para a definição de uma conclusão quanto ao caráter gramaticalizado de uma forma.

O auxiliar de futuro não sofre nenhum tipo de alteração que dependa da categoria de verbo principal que a ele se une; portanto, em relação ao quarto critério – processos fonológicos condicionados pela categoria lexical –, não há um alto grau de fusão dos verbos na formação do futuro.

Em relação ao último critério, alterações no radical, verificou-se que essas podem ocorrer em alguns verbos específicos; no entanto, esses dados podem ser, de outro ponto de vista, facilmente explicados em uma base exclusivamente fonológica, pelo mecanismo da haplologia, isto é, um tipo de redução em que há apagamento total de uma sílaba se esta estiver adjacente a outra cujos segmentos em posição de ataque silábico forem iguais ou semelhantes (as consoantes só podem diferir, no máximo, no traço [sonoridade]).

Ao final, conclui-se que apenas um dos critérios de Bybee, Pagliuca e Perkins (1991) aponta para a fusão entre os elementos constitutivos das formas futuras medievais; todos os outros mostram que o grau de gramaticalização entre os verbos que entram na formação do futuro em PA é muito baixo.

A partir da análise desenvolvida nesta tese, conclui-se que os futuros do presente e do pretérito em PA constituem formas compostas do verbo principal no infinitivo + o auxiliar *aver*, conjugado no presente do indicativo para indicar o futuro do presente, ou o auxiliar *aver/ir*, conjugado no pretérito imperfeito do indicativo para indicar o futuro do pretérito. São, portanto, tanto no caso de composição como no caso de perífrase, formas analíticas, uma vez que duas palavras fonológicas entram na formação desses tempos, mantendo, cada uma delas, seu acento primário (no jogo de proeminências

entre elas, em níveis superiores, em PA, passa a prevalecer o acento mais à direita, de acordo com a regra *default* de acentuação de frases fonológicas). A independência dessas formas pode ser comprovada, também, pelas possibilidades de mesóclise e de colocação de uma preposição entre as formas, fatos que favorecem a consideração das formas futuras do PA como perifrásticas (e não como compostas), uma vez que a coesão interna entre os elementos constituintes dos tempos futuros do presente e do pretérito, na época medieval, podia ser quebrada.

Referências

- ALI, M. S. *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1966.
- ALI, M. S. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 7. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.
- ALMEIDA, M. R. *Compound words in Brazilian Portuguese*. 1999. Dissertation (Linguistics). University of Florida, Florida, 1999.
- ALKMIM, M; GOMES, C. Dois fenômenos de supressão de segmentos em limite de palavra. *Ensaio de Lingüística*, v.7, 1982, p. 43-51.
- ARAÚJO, R. C. de. O ciclo do futuro nas línguas ibero-românicas. *Anais do VII Congresso Nacional de Lingüística e Filologia*. UERJ, 2003. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno04-10.html>. Acesso em: 28 nov. 2006.
- BARBOSA, J. B.; COSTA; D. S. da. Os processos morfofonológicos desencadeados pelos sufixos -s/ção e -mento. *Estudos Lingüísticos XXXV*, 2006, p. 1043-1051.
- BASÍLIO, M. O conceito de vocábulo na obra de Mattoso Câmara. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 20, n. especial, 2004, p. 71-84.
- BASÍLIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- BERTOLUCCI PIZZORUSSO, V. Alfonso X. In: LANCIANI, G.; TAVANI, G. (Org.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Colibri, 2002a. p. 36-41.
- BERTOLUCCI PIZZORUSSO, V. Cantigas de Santa Maria. In: LANCIANI, G.; TAVANI, G. (Org.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Colibri, 2002b. p. 142-146.
- BISOL, L. O acento e o pé métrico binário. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 22, 1992, p. 69-80.
- BISOL, Leda. O troqueu silábico no sistema fonológico (Um adendo ao artigo de Plínio Barbosa). *D.E.L.T.A*, São Paulo, vol.16, no.2, 2000, p.403-413.
- BISOL, L. Constituintes prosódicos. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 229-241.

- BISOL, L. Mattoso Câmara Jr. e a palavra prosódica. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 20, n. especial, 2004, p. 59-70.
- BUENO, F. da S. *A formação histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.
- BYBEE, J.; PAGLIUCA, W. The evolution of future meaning. In: RAMAT, A. G.; CARRUBA, O.; BERNINI, G. (eds.). *Papers from the Seventy International Conference on Historical Linguistics*. Amsterdam: Benjamins, 1987, p. 109-122.
- BYBEE, J.; PAGLIUCA, W.; PERKINS, R. D. Back to the Future. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: J. Benjamins, 1991, p. 17-58.
- CAGLIARI, L. C. *Acento em português*. Campinas: edição do autor, 1999.
- CAGLIARI, L. C. *Questões de morfologia e fonologia*. Campinas: L. C. Cagliari, 2002.
- CAMARA JR., J. M. *A forma verbal portuguesa em -ria..* Washington: Georgetown University Press, 1967.
- CÂMARA JUNIOR, J. *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1969.
- CÂMARA JUNIOR, J. M. *Dicionário de Filologia e Gramática referente à língua portuguesa*. 6 ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1974. 1ª edição: 1956.
- CÂMARA JUNIOR, J. M. *História e estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, 1975.
- CÂMARA JUNIOR, J. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1972 (1ª edição: 1970).
- CASTRO, B. M. de. *As Cantigas de Santa Maria: um estilo gótico na lírica ibérica medieval*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2006.
- CHIUCHIÚ, A.; MINCIARELLI, F; SILVESTRINI, M. *In Italiano*. Perugia: Guerra, 1985.
- CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.
- CINTRA, L. F. L. *A linguagem dos foros de Castelo Rodrigo: seu confronto com a dos foros de Alfaiates, Castelo Bom, Castelo Melhor, Coria, Cáceres e Usagre*. Contribuição para o estudo do leonês e do galego-português do século XIII. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da moeda, 1984.
- CLARK, J., YALLOP, C. *An Introduction to Phonetics and Phonology*. Oxford e Cambridge: Blackwell, 1995.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 91-123.

COMRIE, B. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Presses, 1985.

CORÔA, M. L. M. S. *O tempo nos verbos do Português: uma introdução à sua interpretação semântica*. Brasília: Thesaurus, 1985.

COSTA, D. S. da. *Estudo do acento lexical no português arcaico por meio de cantigas de Santa Maria*. 2006. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa)-UNESP: Araraquara, 2006.

COUTINHO, I. de L. *Pontos de Gramática Histórica*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

CRYSTAL, D. *A Dictionary of Linguistics and Phonetics*. 3 ed. London: Blackwell Publishers, 1985.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Fename, 1985.

DUBOIS, Jean. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1973.

ELIA, S. *Preparação à Lingüística Românica*. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico, 1979.

ERNOUT, A. *Morphologie historique du Latin*. Paris: C. Klincksieck, 1945.

FERREIRA, M. P. The stemma of the Marian Cantigas: Philological and Musical Evidence. *Bulletin of the Cantigueiros de Santa Maria*. Cincinatti, n.6, p. 58-98, 1994.

FILGUEIRA VALVERDE, J. F. Introducción. In: ALFONSO X, EL SABIO. *Cantigas de Santa María*, Códice Rico de El Escorial. Madrid: Editorial Castalia, 1985. p. XI-LXIII.

GIBBON, A. *A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação*, 2000. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – UFSC, Florianópolis, 2000.

GONÇALVES, E. Apresentação crítica. In: GONÇALVES, E.; RAMOS, M. A. *A lírica galego-portuguesa (textos escolhidos)*. 2. ed. Lisboa: Editorial Comunicação, 1985. p. 17-80.

HALLE, M.; CLEMENTS, G. N. *Problem Book in Phonology : A Workbook for Introductory Courses in Linguistics and in Modern Phonology*. Cambridge: A Bradford, The MIT Press, 1983.

HALLE, M.; VERGNAUD, J.-R. *An Essay on Stress*. Cambridge, Ma.: MIT Press, 1987.

- HAYES, B. *Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies*. Chicago, London: University of Chicago Press, 1995.
- HERNANDORENA, C. L. M. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 11-89.
- HOGG, R.; MCCULLY, C. B. *Metrical phonology: a coursebook*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- HUBER, J. *Gramática do português antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986. 1. ed. alemã em 1933.
- JAKOBSON, R. *Fonema e Fonologia*, ensaios. v. 2. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1972.
- KEHDI, V. *Morfemas do Português*. 6 ed. São Paulo: Ática. Série Princípios, 2001.
- KELLER, J. E. The Threefold Impact of the *Cantigas de Santa Maria*: Visual, Verbal, and Musical. In: KATZ, I. J.; KELLER, J. E. (Ed.). *Studies on the Cantigas de Santa Maria: Art, Music, and Poetry*. Madison: The Hispanic Seminary of Medieval Studies, Ltd., 1987. p. 7-33.
- LANGACKER, R. W. Syntactic Reanalysis. In: LI, C. N. (org.) *Mechanisms of Syntactic Change*. Austin: University of Texas Press, 1977. p. 57-139.
- LAROCA, Maria Nazaré C. *Manual de morfologia do português*. 2 ed. Campinas: Pontes; Juíz de Fora: UFJF, 2001.
- LEAL, E. G. de. Elisão silábica e haplologia: aspectos fonológicos do falar da cidade paulista de Capivari. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- LEÃO, Â. V. Questões de linguagem nas Cantigas de Santa Maria, de Afonso X. *Ensaio*: Associação Internacional de Lusitanistas (AIL). 2002. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/fale/pos/ail/leao01/htm>>. Acesso em: 17 jan. 2005.
- LEÃO, Â. V. *Cantigas de Santa Maria, de Afonso X, o Sábio: aspectos culturais e literários*. São Paulo: Linear B; Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.
- LEE, S.-H.. *Morfologia e Fonologia Lexical do Português*. 1995. Tese (Doutorado em Linguística)-IEL/UNICAMP, Campinas, 1995.
- LIBERMAN, M.; PRINCE, A. S. On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, MA., n. 8, p. 249-336, 1977.

LONGO, B. N. O. O auxiliar ir, morfema temporal? In: *Estudos Lingüísticos*, 21, (2), Jaú, 1992, p. 885-890.

MAIA, C. A. *História do galego-português*. 2 ed. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, Junta de Investigação Científica e Tecnológica, 1997.

MAIA, C. A. Periodização na história da língua portuguesa: status quaestionis e perspectivas de investigação futura. In: GÄRTNER, E. *Estudos de história da língua portuguesa*. Frankfurt: TFM, 1999.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Acento e ritmo*. São Paulo: Contexto, 1992.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português*. 1995. Tese (Doutorado em Lingüística)-IEL/UNICAMP, Campinas, 1995.

MASSINI-CAGLIARI, G. Escrita do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*: fonética ou ortográfica? *Filologia e Lingüística Portuguesa*, São Paulo, n. 2, 1998, p. 159-178.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. Araraquara: FCL, Laboratório Editorial, UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.

MASSINI-CAGLIARI, G. *A música da fala dos trovadores*: Estudos de prosódia do Português Arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas. Tese (Livre-Docência em Fonologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2005.

MASSINI-CAGLIARI, G. Sobre o *status* Morfofonológico e Prosódico das Formas Futuras em Português Arcaico. In: PACHECO, V.; MASSINI-CAGLIARI, G. *Estudos da Língua(gem) Questões de Fonética e Fonologia: uma homenagem a Luiz Carlos Cagliari*. n.3 (Jun., 2006) Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2006. p. 91-104.

MASSINI-CAGLIARI, G. Legitimidade e identidade: da pertinência da consideração das Cantigas de Santa Maria de Afonso X como corpus da diacronia do Português. IN: MURAKAWA, C. da A. A. e GONÇALVES, M. F. (org.). *Novas contribuições para o Estudo da História e da Historiografia Portuguesa*. Série Trilhas Lingüísticas 11. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007a.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Cancioneiros medievais galego-portugueses: fontes, edições e estrutura*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007b.

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. De sons de poetas OU Estudando fonologia através da poesia. *Revista da ANPOLL*, nº 5, p. 77-105, jul./dez. São Paulo: Humanitas - FFLCH/USP, 1998.

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. Fonética. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1, p. 105-146.

MATEUS, M. H. M. *Aspectos da fonologia portuguesa*. 2. ed. Lisboa: INIC, 1982. 1. ed. 1975.

MATEUS, M. H. M. A investigação em fonologia do português. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, vol.17, p. 57-79, 2001.

MATEUS, M. H. M. O acento de palavra em português: uma nova proposta. (1983) In: MATEUS, M. H. M. *A face exposta da língua portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002. p. 231-248.

MATEUS, M. H.; d'ANDRADE, E. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MATTOS e SILVA, R. V. *Estruturas trecentistas; elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: IN – CM, 1989.

MATTOS e SILVA, R. V. *O português arcaico: fonologia*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

MATTOS e SILVA, R. V. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 1993.

MELO, G. C. de. *Iniciação à filologia portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

MESSNER, D. Conjecturas sobre a periodização da língua portuguesa. In: MASSINI-CAGLIARI, G.; MURAKAWA, C. de A. A.; BERLINCK, R. de A.; GUEDES, M. (Org.) *Descrição do português: lingüística histórica e historiografia lingüística*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2002. p. 97-117.

METTMANN, W. Glossário. In: AFONSO X, O SÁBIO. *Cantigas de Santa Maria*. Coimbra: Universidade, 1972. v. IV: Glossário

METTMANN, W. (Ed.). *Cantigas de Santa Maria* (cantigas 1 a 100), Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1986a.

METTMANN, W. Introducción. In: ALFONSO X, EL SABIO. *Cantigas de Santa Maria* (cantigas 1 a 100). Madrid: Castalia, 1986b. p. 7-42.

METTMANN, W. Algunas observaciones sobre la génesis de la colección de las *Cantigas de Santa María* y sobre el problema del autor. In: KATZ, I. J.; KELLER, J. E. (Ed.). *Studies on the Cantigas de Santa Maria: Art, Music, and Poetry*. Madison: The Hispanic Seminary of Medieval Studies, Ltd., 1987. p. 355-366.

METTMANN, W. (Ed.). *Cantigas de Santa María* (cantigas 101 a 260): Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1988.

METTMANN, W. (Ed.). *Cantigas de Santa María* (cantigas 261 a 427): Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1989.

MICHAËLIS DE VASCONCELOS, C. *Lições de filologia portuguesa (segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13)* seguidas das lições práticas de *português arcaico*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, [19--]. Referido como 1912-1913.

MONTOYA MARTÍNEZ, J. Algunas precisiones acerca de las *Cantigas de Santa María*. In: KATZ, I. J.; KELLER, J. E. (Ed.). *Studies on the Cantigas de Santa Maria: Art, Music, and Poetry*. Madison: The Hispanic Seminary of Medieval Studies, Ltd., 1987. p. 367-385.

NASCIMENTO, J. V. A poesia lírico-religiosa afonsina e a língua portuguesa primitiva. *Revista da ANPOLL*, São Paulo, n. 5, p. 121-137, jul./dez., 1998.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

NUNES, J. J. *Compêndio de Gramática Histórica*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1969.

OLIVEIRA, J. M. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. 2006. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2006

PARKINSON, S. R. False Refrains in the *Cantigas de Santa Maria*. *Portuguese Studies*, London, v.3, p. 21-55, 1987.

PARKINSON, S. R. As *Cantigas de Santa Maria*: estado das questões textuais. *Anuario de estudios literarios galegos*, Vigo, p. 179-205, 1998.

PAVEZI, V. C. Haplologia, elisão e monomorfema. *Estudos Lingüísticos XXXIV*, São Paulo, 2005, p. 750-755.

PAVEZI, V. C. *A haplologia na variedade paulista*, 2006. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade Estadual Paulista. São Jose do Rio Preto, 2006a.

PAVEZI, V. C. Haplologia entre fronteiras acima da palavra fonológica. *Estudos Lingüísticos XXXV*, p. 1945-1951, 2006b.

PERINI, M. A. *Princípios de lingüística descritiva: introdução ao pensamento gramatical*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PONTES, E. *Estrutura do verbo no português coloquial*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1973.

RAMOS, M. A. Glossário. In: GONÇALVES, E.; RAMOS, M. A. *A lírica galego-portuguesa*. 2 ed. Lisboa: Editorial Comunicação, 1985, p. 321-343.

ROSA, M. C. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.

RÜBECAMP, R. A linguagem das Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio. *Boletim de Filologia*, Lisboa, Tomo I, p. 273-356, 1932.

SANDMANN, A. J. *Morfologia geral*. São Paulo: Contexto, 1991.

SANDMANN, A. J. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia e Labor, Ícone, 1989.

SILVA, A. da. *A expressão da futuridade no português falado*. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora, 2002.

SILVA, E. C. da. *A expressão do tempo futuro no português brasileiro dos séculos XVIII ao XX*. 2006. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa)-UNESP: Araraquara, 2006.

SILVA, T. C. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SILVA NETO, S. da. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952.

SILVA NETO, S. *Introdução ao estudo da filologia portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

SILVEIRA, A. F. de Souza da. *Lições de Português*. 5 ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952.

SNOW, J. T. Current Status of *Cantigas* Studies. In: KATZ, I. J.; KELLER, J. E. (Ed.). *Studies on the Cantigas de Santa Maria: Art, Music, and Poetry*. Madison: The Hispanic Seminary of Medieval Studies, Ltd., 1987. p. 475-486.

SCHWINDT, L. C. S. *O prefixo no português brasileiro: análise morfofonológica*, 2000. Tese (Doutorado em Lingüística) – PUC-RS, Porto Alegre, 2000.

TAFNER, E. P. *As formas verbais de futuridade em sessões plenárias: uma abordagem sociofuncionalista*, 2004. Tese (Doutorado em Lingüística) – UFSC, Florianópolis, 2004.

TAVANI, G. *Ensaio português: Filologia e Lingüística*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998.

TENANI, L.E. *Domínios prosódicos no Português*, 2002. Tese (Doutorado em Lingüística) – IEL, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

TENANI, L. E. . Domínios prosódicos no Português do Brasil: implicações para a prosódica e para a aplicação de processos fonológicos. *Sínteses*, Campinas: Editora da Unicamp, 2003, v. 8, p. 363-376.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. 3. ed. portuguesa. Lisboa: Sá da Costa, 1987.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

VASCONCELOS, J. L. *Lições de filologia portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.

VIGÁRIO, M. *The prosodic word in European Portuguese*. 2001. PhD Dissertation (Linguistics). Universidade de Lisboa, Lisboa, 2001.

VILLALVA, A. *Estruturas morfológicas, unidades e hierarquias nas palavras do português*. 2004. Tese (Doutorado em Lingüística). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2004.

WILLIAMS, B. *Do latim ao português*. 3.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973. 1ª edição: 1938.

XAVIER, M. F.; VICENTE, G; CRISPIM, M. L. (org.) *Dicionário de verbos portugueses do século 13*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1999.

ZEC, D. The prosodic word as a unit in poetic meter. A ser publicado em: *The Nature of the Word: Studies in Honor of Paul Kiparsky* (Current Studies in Linguistics) by Kristin Hanson and Sharon Inkelas Cambridge, MIT Press. Cornell University, Paperback - Dec 31, 2008.

Apêndice

Seguem abaixo as formas futuras contextualizadas mapeadas nas *Cantigas de Santa Maria*. Ao final de cada exemplo há o número da cantiga e os versos em que se encontram. As abreviaturas utilizadas nas fichas de análises abaixo são as seguintes: FT – futuro do presente; FP – futuro do pretérito; p – pessoa; s – singular; pl – plural; S – sintético; A – analítico; inf. – infinitivo; s/p – sem pronome; encl.- ênclise; procl. – próclise; mesocl. – mesóclise.

á-o d'aver e de razon assaz,
per que entenda e sábia dizer (CSM B, v. 5-6)
á-o d'aver: FT, 3ps, Aaver+de+inf; encl.

E macar eu estas duas non ey
com' eu **querria**, pero **provarei**
a mostrar ende un pouco que sei, (CSM B, v. 9-11)
querria: FP; 1ps; S; s/p.
provarei: FT; 1ps; S; s/p.

ca per ele tenno que **poderei**
mostrar do que quero algũa ren. (...) (CSM B, v. 13-14)
poderei : FT; 1ps; S; s/p.

e ar/**querrei**-me leixar de trobar des i/ por outra dona, (CSM B, v. 23-25)
querrei: FT; 1ps; S; encl.

que non **poderei** en seu ben falir / de o aver (CSM B, v. 35-36)
poderei: FT; 1ps; S; s/p.

e queno souber / por ela mais de grado **trobará**. (CSM B, v. 43-44)
trobará: FT; 3ps; S; s/p.

Virgen, de Deus amada:
do que o mund' **á de salvar** (CSM 1, v. 17-18)
á de salvar: FT, 3ps, Aaver+de+inf; s/p.

(...) nen que per nulla maneira
est' alva vestir provasse,
ca Deus del se **vingaria**. (CSM 2, v. 53-55)
vingaria: FP; 3ps; S; procl.

(...) en hũa torre o meteu en muy gran prijon,
jurando muyto que o **faria** y morrer. (CSM 5, v. 37-38)
faria: FP; 3ps; S; procl.

«Par Deus», diss' el Conde, «aqueste rogo **farei** volonter, (CSM 5, v. 78)
farei: FT; 1ps; S; s/p.

Pois desta guisa pres mort' o menço, como vos dit' ei,
a santa dona, que o sentiu morto, diss': «Ai, que **farei**?» (CSM 5, v. 96-97)
farei: FT; 1ps; S; s/p.

Diss' o irmão do Conde: «Eu o **vingarey**
de ti, que o matar foste por nos cofonder.» (CSM 5, v. 100-101)
vingarey: FT; 1ps; S; procl.

Enton vêo voz de ceo, que lle disse: “Tol
tas mãos dela, se non, **farey-te** perecer.” (CSM 5, v. 114-115)
farey: FT; 1ps; S; encl.

mas en dormindo a Madre de Deus **direi-vos** que lle fez: (CSM 5, v. 127)
direi: FT; 1ps; S; encl.

“Madre de Deus, bñeitos son os que en ti fyuza an,
ca na ta gran mercee nunca **falecerán** (CSM 5, v. 134-135)
falecerán: FT; 3ppl; S; s/p.

entrou na cidade de Roma, u er'o cortes
Emperador, que a chamou e disso-lle: “Vês?
Guari-m' est' irmão gaff', e **dar-ch-ei** grand' aver.” (CSM 5, v. 163-164)
dar-ch-ei: FT; 1ps; S; mesocl.

A dona diss' ao Emperador: «Voss' irmão **guarrá**;
mas ante que eu en el faça ren, seus pecados **dirá**
ant' o Apostolig' e ante vos, como os feitos á.» (CSM 5, v. 166-168)
guarrá: FT; 3ps; S; s/p.
dirá: FT; 3ps; S; s/p.

E pois foi feito, o Emperador diss': «Ai Deus, que **será**?
Nunca mayor trayçon desta om' **oyrá**.» (CSM 5, v. 169-170)
será: FT; 3ps; S; s/p.
oyrá: FT; 3ps; S; s/p.

mas des oi mais a Santa Maria, que é luz,
quero servir, que me nunca **á de falecer**. (CSM 5, v. 177-178)
á de falecer: FT, 3ps, Aaver+de+inf; s/p.

ante lle disse que fosse fis
que ao segre non **ficaria** nunca, par San Denis,
nen ar **vestiria** pano de seda nen pena de gris,
mas hũa cela **faria** d'obra de Paris, (CSM 5, 181-184)
ficaria: FP; 3ps; S; s/p.
vestiria: FP; 3ps; S; s/p.
faria: FP; 3ps; S; s/p.

dizend': «Eu **dar-ll-ei** que jante, | e demais que merende.» (CSM 6, v. 30)
dar-ll-ei: FT; 1ps; S; mesocl.

dá-me meu fillo morto
 ou viv' ou qual quer que seja; | se non, **farás-me** gran torto,
 e **direi** que mui mal erra | queno teu ben atende.» (CSM 6, v. 63-65)
farás: FT; 2ps; S; encl.
direi: FT; 1ps; S; s/p.

Porende vos **contarey**
 un miragre que achei (CSM 7, v. 9-10)
contarey: FT; 1ps; S; procl.

E por aquest' un miragre | vos **direi**, de que sabor
averedes poy-l' oirdes, | que fez en Rocamador
 a Virgen Santa Maria, | Madre de Nostro Sennor;
 ora oyd' o miragre, | e nos **contar-vo-lo-emos**. (CSM 8, v. 7-10)
direi: FT; 1ps; S; procl.
averedes: FT; 2ppl; S; s/p.
contaremos: FT; 1ppl; S; mesocl.

may-lo monge tesoureiro | foi-lla da mão toller,
 dizend': «Encantador sodes, | e non vo-la **leixaremos**. (CSM 8, v. 24-25)
leixaremos: FT; 1ppl; S; procl.

mas o monge lla cuidou
 fillar, mas disse-ll' a gente: | «Esto vos non **sofreremos**.» (CSM 8, v. 39-40)
sofreremos: FT; 1ppl; S; s/p.

“que gran demorança
 Aqui u estamos
 bõa non **seria**
 sen aver pitança.” (CSM 9, v. 49-52)
seria: FP; 3ps; S; s/p.

Esto non loamos;
 ca mal **ch'estaria**
 que, per obridança,
 se a que amamos
 monja non avia
 da Virgen senbrança.” (CSM 9, v. 58-63)
estaria: FP; 3ps; S; procl.

Diss'el: «Ben mercamos;
 e quen **poderia**
 a esta osmança
 pôer? (...) (CSM 9, v.69-72)
poderia: FP; 3ps; S; s/p.

Dar-ll-ei con mia lança,
 e o seu partamos,
 logo sem perfia
 todos per iguança.” (CSM 9, v. 93-96)

darei: FT; 1ps; S; mesocl.

e ben vos mostramos
que Deus **prenderia**
de vos gran vingança. (CSM 9, v.105-107)
prenderia: FP; 3ps; S; s/p.

“Como quer que seja,
bõa **será** esta, | asse Deus m'ajude,
en Costantinoble | na nossa eigreja; (CSM 9, v. 110-112)
será: FT; 3ps; S; s/p.

bravequia
e gran malestança
serán, non erramos.» (CSM 9, v. 114-116)
serán: FT; 3ppl; S; s/p.

Mas, como pensamos,
tanto lle **valrria**
com` hũa garvança. (CSM 9, v. 149-151)
valrria: FP; 3ps; S; procl.

e Deus **tiraria**
nos desta balança?” (CSM 9, v. 161-162)
tiraria: FP; 3ps; S; encl.

Poren **direi** todavia
com` em hũa abadía
un tesoureiro avia, (...) (CSM 11, v. 9-11)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

Sen muito mal que fazia,
cada noyt' en drudaria
a hua sa druda ya
con ela ter
seu gasallado;
pero ant' «Ave Maria»
sempr' **ya dizer**
de mui bon grado. (CSM 11, v. 18-25)
ya dizer: FP, 3ps, A ir+inf; s/p.

E pois chegou, lles movía
ssa razon con preitesia
que per ali lles **faria**
a alma toller
do frad' errado,
dizendo-lles (CSM 11, v. 63-68)
faria: FP, 3ps, S; procl.

E poren'd un gran miragre vos **direi** desta razón, (CSM 13, v.5)
direi: FT; 1ps; S; procl.

«Non sabes la profecia que diss' o bon rei Davi,
 que o ome con mazela de peccado ante mi
 non **verrá**, nen de mia casa nunca **será** conpannon?» (CSM 14, v. 27-29)
verrá: FT; 3ps; S; s/p.
será: FT; 3ps; S; s/p.

E diss' el: «**farey-o** pois end' avedes sabor;
 mas torn' a alma no corpo, e compra ssa profisson.» (CSM 14, v. 43-44)
farey: FT; 1ps; S; encl.

Basil[l]o diz: «**Será** est' enquanto
 tu connoceres teu Criador.» (CSM 15, v. 38-39)
será: FT; 3ps; S; s/p.

e fêo **comerás** por fazfeiro,
 ou te **farey** de fame fiir;
 e se t' aqeste pan non refeiro,
terrei-me por d'outr' ome peyor.» (CSM 15, v. 54-57)
comerás: FT; 2ps; S; s/p.
farey: FT; 1ps; S; procl.
terrei: FT; 1ps; S; encl.

e dizendo: «Pois que ei congeyto,
vingar-m-ei daquele malfeitor.» (CSM 15, v. 92-93)
vingarei: FT; 1ps; S; mesocl.

San Basillo, com' escrit' achey,
 u a gente estav' assada
 foi-lles dizer como vos **direi**: (CSM 15, v. 132-134)
direi: FT; 1ps; S; procl.

diss' el, «poren quero santa vida
 fazer vosqu', e non vos seja greu,
 e receber vossa ley comprida,
 e **serey** dela preegador.» (CSM 15, v. 171-174)
serey: FT; 1ps; S; s/p.

Quen dona fremosa e bõa quiser amar,
 am' a Groriosa e non **poderá** errar. (CSM 16, v. 3-4, refrão)
poderá: FT; 3ps; S; s/p.

E pola aver fazia o que vos **direi**: (CSM 16, v. 15)
direi: FT; 1ps; S; procl.

a Santa Maria a pedide des aqui,
 que é poderosa e vo-la **poderá** dar. (CSM 16, v. 42-43)
poderá: FT; 3ps; S; procl.

Desto vos **direi** un miragre fremoso,
 que mostrou a Madre do Rei grorioso
 contra un ric-ome fol e sobervioso,
 e **contar-vos-ei** end' a gran maravilla. (CSM 19, v.5-8)
direi: FT; 1ps; S; procl.
contarei: FT; 1ps; S; mesocl.

e dest' un miragre vos **direi** eu
 que ela fez grande nos dias meus. (CSM 22, v.7-8)
direi: FT; 1ps; S; procl.

Desto **direi** un miragre que fez en Bretanna
 Santa Maria por hũa dona mui sen sanna, (CSM 23, v.5-6)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

e diss' «Ai, Santa Maria, ta mercee seja
 que me saques daquesta vergonna tan sobeja;
 se non, nunca **vestirei** ja mais lãa nen lÿo.» (CSM 23, v. 26-28)
vestirei: FT; 1ps; S; s/p.

a un judeu foi sen lezer
 provar se ll' alg' **enprestaria**. (CSM 25, v. 20-21)
enprestaria: FP; 3ps; S; procl.

«Amig', aquesto que tu queres
farei eu mui de coraçon
 sobre bon pennor, se mio deres » (CSM 25, v. 24-26)
farei: FT; 1ps; S; s/p.

Disse-ll' o crischão: «Poder
 d'esso fazer non **averia**, (CSM 25, v. 27-28)
averia: FP; 3ps; S; s/p.

O judeu lle respos assi:
 «Sen pennor non **será** ja feito
 que o per ren leves de mi.» (CSM 25, v. 32-35)
será: FT; 3ps; S; s/p.

Diz o crischão: «Fas un preito:
ir-t-ei por fiador meter
 Jeso-Crist' e Santa Maria.» (CSM 25, 35-37)
irei: FT; 1ps; S; mesocl.

Respos el: «Non quer' eu creer
 en eles; mas **fillar-chos-ya**, (CSM 25, v. 38-39)
fillarya: FP; 3ps; S; mesocl.

poren, senner,
 fillar-chos quer' e **dar-ch-ei** quanto
 quiseres, (CSM 25, v. 43-45)
darei: FT; 1ps; S; mesocl.

se eu pagar non llo podia
 per mi, mas vos ide pøer
 a paga u mia eu **porria**. (CSM 25, v. 64-66)
porria: FP; 1ps; S; s/p.

Enton fillaron-s' a correr,
 e a gente pos eles ya,
 todos con coita de saber
 o que daquel preit' **averria**. (CSM 25, v. 153-156)
averria: FP; 3ps; S; s/p.

Non é gran cousa se sabe | bon joyzo dar
 a Madre do que o mundo | tod' **á de joigar**. (CSM 26, v. 4-5, refrão)
á de joigar: FT; 3ps; Aaver+de+infinitivo; s/d.

Sobr' esto, se m' oissedes, **diria**
 dun joyzo que deu Santa Maria (CSM 26, v. 13-14)
diria: FP; 1ps; S; s/p.

Mas ante **farás** esto que te digo,
 se sabor **ás de seer** meu amigo: (CSM 26, v. 41-42)
farás: FT; 2ps; S; s/p
ás de seer: FT; 2ps; Aaver+de+infinitivo; s/d.

«Daqueste preito non ajades pavor,
 ca eu vos **serei** y tal ajudador
 per que a os judeus ajan de perder.» (CSM 27, v. 41-43)
serei: FT; 1ps; S; procl.

que **faria** en matar
 o poboo myudo (CSM 28, v.27-28)
faria: FP; 3ps; S; s/p.

yan matar
 daquel Soldan barvudo (CSM 28, v. 81-82)
yan matar: FP; 3ppl; Air+infinitivo; s/d.

E o por que esto fiz,
direi-vo-lo aginna: (CSM 28, v. 122-123)
direi: FT; 1ps; S; encl.

Poderia-vos de dur
 dizer as grandes doas (CSM 28, v.131-132)
poderia: FP; 1ps; S; encl.

«Santa Maria,
dar-t-ei o que trag', en don, (CSM 31, v. 30-31)
darei: FT; 1ps; S; mesocl.

«**Irey** cras a mercado;
 mas este novelo non
yrá nas offereçudas
 bestias qu' en offereçon (CSM 31, v. 43-46)
irei: FT; 1ps; S; s/p.
yrá: FT; 3ps; S; s/p.

A Madre de quen
 o mundo fez,
seria de bon sen. (CSM 32, v. 5-7, refrão)
seria: FP; 3ps; S; s/p.

Dest' un gran miragre vos **contarei** ora, (CSM 32, v. 9)
contarei: FT; 1ps; S; procl.

te quites; e se non, d' oj' a trinta dias
 morte **prenderias**
 e alá **yrias** (CSM 32, v. 42-44)
prenderias: FP; 2ps; S; s/p.
yrias: FP; 2ps; S; s/p.

Gran poder **á de mandar**
 o mar e todo-los ventos (CSM 33, v. 3-4, refrão)
á de mandar: FT; 3ps; Aaver+de+infinitivo; s/d.

que quen per ela fiar,
valer-ll-an seus cousimentos.» (CSM 33, v. 3-4, refrão)
 v. 68-69)
valeran: FT; 1ppl; S; mesocl.

Poren **direi** un miragre, que foi gran verdade, (CSM 34, v. 5)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

Desta razon un miragre **direi** fremoso, que fez
 A Virgen Santa Maria, (...) (CSM 35, v. 10-11)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

E poren mal non nos faças, | se non, logo **morrerás**
 e con quantos tigo trages | ao inferno **yrás**
 e de quant' acabar cuidas | ren en non **acabarás**,
 ca a nav' estas relicas | queren de ti deffender.» (CSM 35, v. 75-78)
morrerás: FT; 2ps; S; s/p.
yrás: FT; 2ps; S; s/p.
acabarás: FT; 2ps; S; s/p.

E maestre Bernal disse: «Un preito vosco **farey**:
dar-vos-ey a meyadade, | e leixad' o al jazer.» (CSM 35, v. 102-103)
farey: FT; 1ps; S; procl.
darey: FT; 1ps; S; mesocl.

Todos responderon logo: | «Preit' outr' y non **averá**
 que o todo non tomemos, | mas tornaremos dacá;
 daquelo que gaannarmos | cada u y **dará**
 o que vir que é guisado (CSM 35, v. 105-108)
averá: FT; 3ps; S; s/p.
dará: FT; 3ps; S; s/p.

«Pois Deus quer
 que a ssa Madre do nosso | demos, quis do que tener
dará y de bõa mente, | e ide-o receber.» (CSM 35, v. 126-128)
dará: FT; 3ps; S; s/p.

«Ay, Virgen, tu que es escudo
 sempre dos coitados, queras que acorrudo
 seja per ti; se non, **serei** oi mais tudo
 por dos mais nojosos. (CSM 37, v. 26-29)
serei: FT; 1ps; S; s/p.

con quanto ben nos visti,
 queno **contaria**? (CSM 40, v. 40-41)
contaria: FP; 3ps; S; s/p.

Loada **será** mentr' o mundo for
 a *Virgen, Madre de Nostro Sennor*, (CSM 41, v. 24-25)
será: FT; 3ps; S; s/p.

Dest' un miragre fremoso, ond' **averedes** sabor,
 vos **direy**, que fez a Virgen, | Madre de Nostro Sennor, (CSM 42, v. 7-8)
averedes: FT; 2ppl; S; s/p.
direy: FT; 1ps; S; procl.

poren daqui adeante **serei** eu dos servos teus, (CSM 42, v. 34)
serei: FT; 1ps; S; s/p.

ond' á mester
 que a leixes e te vaas comigo a como quer,
 se non, daqui adeante **averás** coyta mortal.» (CSM 42, v. 68-70)
averás: FT; 2ps; S; s/p.

Mas se tu meu amor queres, | daqui te **levantarás**, (CSM 42, v. 78)
levantarás: FT; 2ps; S; procl.

muit' end' el; mas disse-ll' ela: «Eu vos **porrei** en carreira (CSM 43, v. 8)
porrei: FT; 1ps; S; procl.

Com' ajamos algun fillo, ca se non, eu **morreria**.
 Poren dou-vos por consello que log' a Santa Maria
 de Salas ambos vaamos, ca quen se en ela fia,
 o que pedir **dar-ll-á** logo, aquest' é cousa certaia.» (CSM 43, v. 10-13)
morreria: FP; 1ps; S; s/p.
dará: FT; 1ps; S; mesocl.

que el' a Santa Maria o **daria**, (...) (CSM 43, v. 42)
daria: FP; 3ps; S; procl.

Quen fiar na Madre do Salvador
 non **perderá** ren de quanto seu for. (CSM 44, v. 3-4, refrão)
poderá: FT; 3ps; S; s/p.

Quen fiar en ela de coraçõn,
averrá-lle com' a un ifañõn (CSM 44, v. 5-6)
averrá: FT; 3ps; S; encl.

e **aver-m-ás** sempre por servidor.
 Quen fiar na Madre do Salvador... (CSM 44, v. 28-29)
averás: FT; 2ps; S; mesocl.

E demais esta cera ti **darei**
 en sa figura, e sempr' **andarei**
 pregõando teu nome e **direi**
 como dos Santos tu es la mellor.» (CSM 44, v. 30-34)
darei: FT; 1ps; S; procl.
andarei: FT; 1ps; S; s/p.
direi: FT; 1ps; S; s/p.

e per que mui ben vivessen | lles **daria** conprimento,
 e que por Santa Maria | servir **seria** y frade. (CSM 45, v.33-34)
daria: FP; 3ps; S; procl.
seria: FP; 3ps; S; s/p.

Os diabos ar disseron: | «Esto per ren non **faremos**, (CSM 45, v.56)
faremos: FT; 1ppl; S; s/p.

E un dos angeos disse: | «O que vos dig' entendede:
 eu **sobirei** ao ceo, | e vos aquí mi atendede, (CSM 45, v.61-62)
sobirei: FT; 1ps; S; s/p.

E ele lle respondia: | «Mia Madr', o que vos quiserdes
ei eu de fazer sen falla, | pois vos en sabor ouverdes; (CSM 45, v.71-72)
ei de fazer: FT; 1ps; Aaver+de+infinitivo; s/p.

foss' a mi que quer mostrar,
faria-me logo sou (CSM 46, v. 55-56)
faria: FP; 3ps; S; encl.

(...) possamos ir sen vergonna
ant' el e que non vaamos u **yrán** os soberviosos. (CSM 48, v.8-9)
yrán: FT; 3ppl; S; s/p.

E dultar non deve, por quanto vos **direi**,
porque, se non foss' esto, non viramos Rei
que corpos e almas nos julgass', eu o sei,
como Jeso-Cristo nos **verrá** joigar. (CSM 50, v.5-8)
direi: FT; 1ps; S; procl.
verrá: FT; 3ps; S; procl.

nen door nen coyta; pois quen sse **doerá**
del, nen piadade **averá** nen pesar? (CSM 50, v.17-18)
doerá: FT; 3ps; S; procl.
averá: FT; 3ps; S; s/p.

direi-ll' eu de com' a Virgen quis no menño mostrar. (CSM 53, v.13)
direi: FT; 1ps; S; encl.

Dest' un miragre me vëo emente
que vos **direi** ora, ay, bõa gente, (CSM 54, v.10-11)
direi: FT; 1ps; S; procl.

E quando morreres, sei ben certão
que **irás** u é Santa Catela.» (CSM 54, v.67-68)
irás: FT; 2ps; S; s/p.

Desto **direi** un miragre que quis mostrar en Espanna (CSM 55, v.5)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

Quen catar e reolver
estes salmos, **achará**
“Magnificat” y jazer, (CSM 56, v.35-37)
achará: FT; 3ps; S; s/p.

porque sabemos
que **será** ascuitado (CSM 57, v.13-14)
será: FT; 3ps; S; s/p.

E dest' un miragre vos **contarei** (CSM 58, v.5)
contarei: FT; 1ps; S; procl.

“Des oge mais non te partas de mi
nen de meu Fillo, e sen non, aqui
te **tornarei**, u non **averá** al.» (CSM 58, v.56-58)
tornarei: FT; 1ps; S; procl.
averá: FT; 3ps; S; s/p.

Mais, se Deus quiser, esto non **será**,
 nen fora daqui non me **veerá**
 já mais null' ome; (CSM 58, v.70-72)
será: FT; 3ps; S; s/p.
veerá: FT; 3ps; S; s/p.

Nen mentre viva nunca amador
averei, nen non quer' eu outr' amor (CSM 58, v.75-76)
 averei: FT; 1ps; S; s/p.

Quena Virgen ben servir
 nunca **poderá** falir. (CSM 59, v.3-4, refrão)
poderá: FT; 1ps; S; s/p.

E daquesto un grand feito
 dun miragre vos **direi** (CSM 59, v.5-6)
direi: FT; 1ps; S; procl.

Fol é o que cuida que non **poderia**
 faze-lo que quisesse Santa Maria. (CSM 61, v.3-4, refrão)
poderia: FP; 3ps; S; s/p.

Dest' un miragre vos **direi** que avêo (CSM 61, v.5)
direi: FT; 1ps; S; procl.

de seer a çapata tan ben guardada
 que ja podre non foss', esto non **seria**.» (CSM 61, v.17-18)
seria: FP; 3ps; S; s/p.

e torceu-xe-lle' a boca en tal maneira
 que quen quer que o visse **espantar-s-ia**. (CSM 61, v.22-23)
espantaria: FP; 3ps; S; mesocl.

Santa Maria: «vai, e **dar-ch-ey** quito
 E teu fillo do usureiro maldito», (CSM 62, v. 36-37)
darey: FT; 1ps; S; mesocl.

E dest' un miragre, de que fiz cobras e son,
 vos **direi** mui grande, que mostrou en Aragon (CSM 64, v.6-7)
direi: FT; 1ps; S; procl.

mais ena ygreja mannãa **seremos** y,
 e enton vos **direi** a quen vos cuid' a leixar.» (CSM 64, v.28-29)
seremos: FT; 1ppl; S; s/p.
direi: FT; 1ps; S; procl.

A moller respos: «Aquesto de grado **farei**,
 e que a ajades quant' eu poder **punnarei**;
 mas de vossas dōas me dad', e eu llas **darei**,
 e quiçay per esto a **poderei** enganar.» (CSM 64, v.61-64)

farei: FT; 1ps; S; s/p.

punnarei: FT; 1ps; S; s/p.

darei: FT; 1ps; S; procl.

poderei: FT; 1ps; S; procl.

Diss' o cavaleir': «Esto **farei** de bon talan.» (CSM 64, v. 66)

farei: FT; 1ps; S; s/p.

“Dona, desto me praz, / e sobr' esto nunca **averemos** senon paz, (CSM 64, v.91-92)

averemos: FT; 1ppl; S; s/p.

A creer devemos que todo pecado

Deus pola sa Madr' **averá** perdõado. (CSM 65, v.3-4, refrão)

averá: FT; 3ps; S; s/p.

Porend' un miragre vos **direi** mui grande / que Santa Maria fez; (CSM 65, v.5-6)

direi: FT; 1ps; S; procl.

Poren **direi** com' un clerig' aldeão, (CSM 65, v.10)

direi: FT; 1ps; S; s/p.

Que lle diss, se livre seer queria,

que lle déss' algo, se non nono **seria**. (CSM 65, v.50-51)

seria: FP; 3ps; S; s/p.

vay Alexandria, e se o fezeres,

dar-ch-á y consello un fol trosquiado.» (CSM 65, v.72-73)

dará: FT; 3ps; S; mesocl.

Em este feito non me deron consello,

como mio **dará** o que é fol provado?» (CSM 65, v.82-83)

dará: FT; 3ps; S; s/p.

e se en este meogo / morreres, **morrerás** de Deus perdõado.» (CSM 65, v.97-98)

morrerás: FT; 2ps; S; s/p.

Pero se aquest' é fol, pela ventura,

aguarda-lo-ei tena noit' escura;

ca se el non é ben louco de natura,

algun **irá** long' albergar apartado.» (CSM 65, v. 115-118)

aguardarei: FT; 1ps; S; s/p.

irá: FT; 3ps; S; s/p.

disse-lle chorand': «Eu vos **farei** ajuda, (CSM 65, v.142)

farei: FT; 1ps; S; procl.

chama-o ante mi, e **serás** soltado.» (CSM 65, v.173)

serás: FT; 2ps; S; s/p.

e disse: «Sol de m' ir non **será** pensado, (CSM 65, v.188)
será: FT; 3ps; S; s/p.

Aynda vos **direi** mais de mia fazenda:
 d' oj' a quinze dias **serei** sen contenda / no Parayso, (CSM 65, v.225-227)
direi: FT; 1ps; S; procl.
serei: FT; 1ps; S; s/p.

Quantos en Santa Maria
 esperanza an,
 ben se **porrá** sa fazenda. (CSM 66, v.4-6, refrão)
porrá: FT; 3ps; S; procl.

Os que m' oen cada dia
 e que m' **oyrán**,
 de grado lles **contaria** (CSM 66, v.7-9)
oyrán: FT; 3ppl; S; procl.
contaria: FP; 1ps; S; procl.

Ante Deus e todavia
 por nos **rogarán** (CSM 66, v.19-20)
rogarán: FT; 3ppl; S; procl.

«Quaes **cantarán**
 a missa que **converria**,
 ou quaes **dirán**
 toda a outra leenda? (CSM 66, v.26-29)
cantarán: FT; 3ppl; S; s/p.
converria: FP; 3ps; S; s/p.
dirán: FT; 3ppl; S; s/p.

E dizede, quen **seria** / vosso capelan?" (CSM 66, v.31-32)
seria: FP; 1ps; S; s/p.

t' om': «Aquesta missa di-a,
 e **responderán**
 esta santa crerizia,
 que ben **saberán**
 responder-ti sen emenda.» (CSM 66, v.41-45)
responderán: FT; 3ppl; S; s/p.
saberán: FT; 3ppl; S; s/p.

e taes llas dan
 que ome non **poderia** (CSM 66, v.50-51)
poderia: FP; 1ps; S; s/p.

diss' a Virgen: «Eu **ir-m-ia**,
 e todos **yr-ss-an**;
 mais o que ti eu dad' avia
 nono **levarán**,

pois to dey por offerenda.» (CSM 66, v.65-69)

iria: FP; 1ps; S; mesocl.

yran: FT; 3ppl; S; mesocl.

levarán: FT; 3ppl; S; s/p.

e o serviço dos pobres | vos **farei** de boa mente, (CSM 67, v.28)

farei: FT; 1ps; S; procl.

como vos **contarei** ora; | e por Deus, ben m' ascuitade: (CSM 67, v.64)

contarei: FT; 1ps; S; procl.

Diss' o bispo: «Venna logo, | ca de **veer-l' ei** soydade.» (CSM 67, v.79)

veerei: FT; 1ps; S; mesocl.

e eu vos **mostrarei** ora | com' est' om' en que fiades

é demo sen nulla dulta, (...) (CSM 67, v.88-89)

mostrarei: FT; 1ps; S; procl.

E dest' un miragre **direi**

fremoso, que escrit' achei (CSM 68, v. 4-5)

direi: FT; 1ps; S; s/p.

mas já outra vez

nono **farei**, pois vos despraz.» (CSM 68, v.46-47)

farei: FT; 1ps; S; s/p.

de quant' al fez Nostro Sennor

nen que fazer **poderia**. (CSM 70, v.7-8)

poderia: FP; 3ps; S; s/p.

e fiiz / quena visse ben **seria**. (CSM 70, v.27-28)

seria: FP; 3ps; S; s/p.

A ar diz que **AVEREMOS**

e que tod' **ACABAREMOS**

aquelo que nos queremos (CSM 70, v.25-27)

averemos: FT; 1ppl; S; s/p.

acabaremos: FT; 1ppl; S; s/p.

Disse Santa Maria: «Esto **farei** de grado, (CSM 71, v.40)

farei: FT; 1ps; S; s/p.

um rezar ordinnado

che **mostrarei** que faças ca ja que en sabemos. (CSM 71, v.43-44)

mostrarei: FT; 1ps; S; procl.

e di ben a terceira,

de quant' ante dizias, e mais t' end' **amaremos**.» (CSM 71, v.57-58)

amaremos: FT; 1ppl; S; s/p.

Te dou que o **acharás**
 pelas costas tod' atras
 partid', e ll' o cor **verás** (CSM 72, v.47-49)
acharás: FT; 2ps; S; procl.
verás: FT; 2ps; S; procl.

E dest' un miragre fremoso vos **direi** (CSM 73, v.5)
direi: FT; 1ps; S; procl.

e espessa tan muito que niun tintor
 vermello non **poderia** fazer mellor, (CSM 73, v.36-37)
poderia: FP; 3ps; S; s/p.

non **ousarey** ant' o abad' apareçer,
 nen u for o convento **ousarei** entrar.» (CSM 73, v.47-48)
ousarey: FT; 1ps; S; s/p.
ousarei: FT; 1ps; S; s/p.

E ao gran son que a madeira fez
 veron as gentes logo dessa vez,
 e viron o demo mais negro ca pez
 fogir da ygreja u ss' **ya perder**. (CSM 74, v.45-48)
ya perder: FP; 3ps; Air+infinitivo; procl.

E desta razon vos **direi** un miragre mui fremoso, (CSM 75, v.8)
direi: FT; 1ps; S; procl.

ca de quant' aqui nos derdes vos **dará** Deus por un çento, (CSM 75, v.40)
dará: FT; 3ps; S; procl.

A moller, a que pesava de que quer que el mandasse,
 diss' ao crerigo toste que daquesto se calasse,
 ca seu marido **guarria**, e que folga-lo leixasse,
 entre tanto sa fazenda **averia** ordinnada. (CSM 75, v. 43-46)
guarria: FP; 3ps; S; s/p.
averia: FP; 3ps; S; s/p.

que é onrrad' e mui rico,
 que non **leixarei** agora pola vella que no bico (CSM 75, v. 59-60)
leixarei: FT; 1ps; S; s/p.

e disse-ll': «Aquel moogo non **verrá**, per quant' entendo, (CSM 75, v.65)
verrá: FT; 3ps; S; s/p.

segund' eu entend' e creo,
será vos de Jesu-Cristo a sa alma demandada.» (CSM 75, v.75-76)
será: FT; 3ps; S; encl.

Respos-lle Santa Maria: «Mui çedo **serás** comigo; (CSM 75, v.115)
serás: FT; 2ps; S; s/p.

aquel rico de mal siso,
por que sa alma agora **será** do demo levada.» (CSM 75, v. 120-121)
será: FT; 3ps; S; s/p.

disse que mui ben fezera
e que mui ben **s'acharia** de quanto ali vera,
demais **faria**-ll' ajuda mui çed' en gran coita fera; (CSM 75, v.143-145)
acharia: FP; 3ps; S; procl.
faria: FP; 3ps; S; encl.

E a alm' assi dizia: «Que **será** de min, cativa? (CSM 75, v.158)
será: FT; 3ps; S; s/p.

dizend': «Este **terrei** eu trões que vir (CSM 76, v.29)
terrei: FT; 1ps; S; s/p.

Será agora per min. (CSM 77, v. 30)
será: FT; 3ps; S; s/p.

“Esta missa, a como quer que seja,
oyrei eu toda, por que Deus de peleja (CSM 78, v.51-52)
oyrei: FT; 1ps; S; s/p.

poren **farei** ora per todas tas ygrejas
contar este feito e com' es poderosa.” (CSM 78, v.87-88)
farei: FT; 1ps; S; s/p.

Porend' un miragre vos **direi** fremoso
que fezo a Madre do Rey grorioso,
e de o oyr **seer-vos-á** saboroso,
e **prazer-mi-á** en. (CSM 79, v.7-10)
direi: FT; 1ps; S; procl.
seerá: FT; 3ps; S; mesocl.
prazerá: FT; 3ps; S; mesocl.

d' oj' a trinta dias
seerás comig' entr' estas conpannias (CSM 79, v.27-28)
seerás: FT; 2ps; S; s/p.

Santos. E poren seja de nos reogado
que eno juyzo, u **verrá** irado, (CSM 79, v.52-53)
verrá: FT; 3ps; S; s/p.

que con estes garfios que eu trag' aqui
o **desfarei**, pero que trage frocaz.» (CSM 82, v.28-29)
desfarei: FT; 1ps; S; procl.

O que en Santa Maria crever ben de coração
nunca **reçeberá** dano nen gran mal nen ocajon. (CSM 84, v.4-5, refrão)
reçeberá: FT; 3ps; S; s/p.

porende mete-lo quix,
 porque sei, se o oyrdes, que vos **valrrá** un sermon. (CSM 84, v. 8-9)
valrrá: FT; 3ps; S; procl.

e do mal que dest' avêo, vos **contarei** a razon. (CSM 84, v. 14)
contarei: FT; 1ps; S; procl.

El lle respos, com' en jogo: «Pois vos praz, **dizer-vo-l-ei**:
 outra dona mui fremosa amo muit' e **amarei**
 mais d' outra cousa do mundo e por seu sempr' **andarei**.» (CSM 84, v.41-43)
dizerei: FT; 1ps; S; mesocl.
amarei: FT; 1ps; S; s/p.
andarei: FT; 1ps; S; s/p.

Onde **direi** un miragre que en Englaterra
 Demonstrou Santa Maria (...) (CSM 85, v.7-8)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

fez sas orações
 que lle dissesse seu nome, e **dar-ll-ia** dões. (CSM 85, v.29-30)
daria: Fp; 3ps; S; mesocl.

“Estes son meus e de meu Fillo, Deus Jeu-Cristo,
 con que **serás** se creveres en el e leytões (CSM 85, v. 63-64)
serás: FT; 2ps; S; s/p.

Os seus onrrou e **onrrará**
 sempre Santa Maria. (CSM 87, v.39-40)
onrrará: FT; 3ps; S; s/p.

Quen servir a Madre do gran Rey,
 ben sei
 que **será** de mal guardado,
 com' ora vos **contarey**. (CSM 88, v.4-7, refrão)
será: FT; 3ps; S; s/p.
contarey: FT; 1ps; S; procl.

E sobr' esto vos **direi** (CSM 88, v.30)
direi: FT; 1ps; S; procl.

Vos non podedes durar,
 segundo vos **mostrarei**: (CSM 88, v.37-38)
mostrarei: FT; 1ps; S; procl.

que o faça esforçar;
 porend' eu d' aquí **ir-m-ei**.» (CSM 88, v.45-46)
irei: FT; 1ps; S; mesocl.

E diss': «Eu que **farei?**» (CSM 88, v.86)

farei: FT; 1ps; S; s/p.

e fillou-ss' a chorar

e disse: «**Leixa-lo-ei.**» (CSM 88, v. 93-94)

leixarei: FT; 1ps; S; mesocl.

E un miragre disto

direi que fez a groriosa

Madre de Jhesu Cristo, (CSM 89, v.6-8)

direi: FT; 1ps; S; s/p.

da Virgen que non ouvo par

de bondade, nen **averá.** (CSM 92, v. 16-17)

averá: FT; 3ps; S; s/p.

dizendo: «Sennor, que **será** (CSM 92, v.22)

será: FT; 3ps; S; s/p.

que mio cobres, sequer ali

u a ta missa sse **dirá.** (CSM 92, v.26-27)

dirá: FT; 3ps; S; procl.

que aos seus non faleceu

nunca ja nen **falecerá.** (CSM 92, v.31-32)

falecerá: FT; 3ps; S; s/p.

E disse-ll' enton: “Logo cras

mannãa mia missa **dirás**

con devoçon, e **cobrarás**

teu lum', e que te **durará** (CSM 92, v.34-37)

dirás: FT; 2ps; S; s/p.

cobrarás: FT; 2ps; S; s/p.

durará: FT; 3ps; S; procl.

que ch' esto faz por meu amor

e aynda che mais **fará.**» (CSM 92, v.41-42)

fará: FT; 3ps; S; procl.

e seu lum' ali o cobrou;

ca non mentiu nen **mentirá** (CSM 92, v.46-47)

mentirá: FT; 3ps; S; s/p.

fez seu amigo chamar,

que llo **contar ya.** (CSM 94, v.115)

contar ya: FP; 3ps; Air+inf.; s/p.

Desto **direy** un miragre que ha vegada

demonstrou a Santa Virgen benaventurada (CSM 95, v.6-7)

direy: FT; 1ps; S; s/p.

Dest' un miragre vos **darei** recado,
que a Virgen fez fremos' e preçado; (CSM 96, v.11-12)
darei: FT; 1ps; S; procl.

(...) per mi vos mostrado
será, por que ajades dele sabor. (CSM 96, v. 13-14)
será: FT; 3ps; S; s/p.

Dest' un miragre vos **contarey** (CSM 97, v.7)
contarey: FT; 1ps; S; procl.

e est' avia nome Mateu,
a ben leu
pode-l-an en cas del Rei connocer. (CSM 97, v.25-26)
poderán: FT; 3ppl; S; mesocl.

Desto **direy** un miragre | que contar oý (CSM 98, v.5)
direy: FT; 1ps; S; s/p.

fazer folia
mais que non **deveria**. (CSM 100, v.12-13)
deveria: FP; 3ps; S; s/p.

e a **querria**
por ti dar e **daria**. (CSM 100, v.21-22)
querria: FP; 3ps; S; procl.
daria: FP; 3ps; S; s/p.

e prazer-m-ia
se te prazia (CSM 100, v.28-29)
prazeria: FP; 1ps; S; mesocl.

Desto **contarei** de grado
un gran miragre provado (CSM 102, v.7-8)
contarei: FT; 1ps; S; s/p.

Vos **guiarei**, se quisedes
ir migo e mi algo derdes; (CSM 102, v.22-23)
guiarei: FT; 1ps; S; procl.

Quena Virgen ben **servirá**
a Parayso **irá**. (CSM 103, v.4-5, refrão)
servirá: FT; 3ps; S; s/p.
irá: FT; 3ps; S; s/p.

E pois lavou mui ben sas mãos, diss': «Ai, Virgen, que **será** (CSM 103, v.16)
será: FT; 3ps; S; s/p.

Se **verei** do Parayso, o que ch' eu muito pidi,
 algun pouco de seu viço ante que saya daqui,
 e que sábia do que ben obra que galardón **averá?**» (CSM 103, v.18-20)
verei: FT; 1ps; S; s/p.
averá: FT; 3ps; S; s/p.

e diz: «Eu daqui ir-me quero, ca oy mais comer **querrá** (CSM 103, v.32)
querrá: FT; 3ps; S; s/p.

(...) e disse: «Ai, Santa Maria, val!
 Non é est' o meu mōesteiro, pois de mi que se **fará?**» (CSM 103, v.35-36)
fará: FT; 3ps; S; procl.

Diss' el: «Busco meu abade, que agor' aqui leixey,
 e o prior e os frades, de que mi agora quitey
 quando fui a aquela orta; u seen quen mio **dirá?**» (CSM 103, v.42-44)
dirá: FT; 3ps; S; s/p.

(...) mais des que souberon ben
 de como fora este feyto, disseron: «Quen **oyrá** (CSM 103, v.47-48)
oyrá: FT; 3ps; S; s/p.

E por aquesto a loemos; mais quena non **loará** (CSM 103, v.52)
loará: FT; 3ps; S; s/p.

pois quanto nos lle pedimos nos dá seu Fill', a la ffe,
 por ela, e aqui nos mostra o que nos depois **dará**. (CSM 103, v.55-56)
dará: FT; 3ps; S; procl.

E daquest' un grand miragre | vos **direi**, (...) (CSM 104, v. 8)
direi: FT; 1ps; S; procl.

log' a ela seu amigo| e já mais nunca partir
 dela se ja **poderia**, | e de con ela viver. (CSM 104, v.38-39)
poderia: FP; 3ps; S; procl.

ond' aquesta moller era, | poer com' end' eu apres' ey,
 avẽo en mui gran cousa | que vos ora **contarey**; (CSM 104, v.43-44)
contarey: FT; 1ps; S; procl.

e disse: «Non ás por que t' espantar;
 mais se me creveres, **irás** mui cedo
 u **verás** meu Fill' e min faz a faz. (CSM 105, v.17-19)
irás: FT; 2ps; S; s/p.
verás: FT; 2ps; S; s/p.

Esto **será** sse ta virgidade
 quiseres toda ta vida guardar (CSM 105, v.21-22)
será: FT; 3ps; S; s/p.

Diss' a moça: «Sennor de piadade,
eu o **farei**, pois vos en prazer jaz.» (CSM 105, v. 25-26)
farei: FT; 1ps; S; procl.

que quantos enfermos fores beijar
serán tan sãos com' ha magãa (CSM 105, v.108-109)
serán: FT; 3ppl; S; s/p.

«Tod' esto», diss' ela, «creo de chão;
mais como me **poderei** levantar?» (CSM 105, v.112-113)
poderei: FT; 1ps; S; procl.

Desta razon vos **direi**
un miragre que achei
escrito, e mui ben sei
que **farei**
del cantiga saborosa. (CSM 106, v.5-9)
direi: FT; 1ps; S; procl.
farei: FT; 1ps; S; s/p.

E **contarei** sen mentir
como de prijon sair
fiz dous presos (...) (CSM 106, v. 11-13)
contarei: FT; 1ps; S; s/p.

«Se eu sayr de prijon,
cen cravos **darei** en don
a Seixon (CSM 106, v.30-32)
darei: FT; 1ps; S; s/p.

«Per quant' eu a vos oý,
mil cravos **levarei** y
se mi a mi (CSM 106, v.48-50)
levarei: FT; 1ps; S; s/p.

Quen crever na Virgen santa,
ena coita **valer-ll-á**. (CSM 107, v.4-5, refrão)
valerá: FT; 3ps; S; mesocl.

Dest' un miragr' , en verdade,
fez en Segovi' a cidade
a Madre de piedade,
qual este cantar **dirá** (CSM 107, v.6-9)
dirá: FT; 3ps; S; s/p.

E sse ficar viv' e sãa,
logo me **fare[i]** crischãa
ante que seja mannãa
cras, u al non **averá**. (CSM 107, v.31-34)
farei: FT; 1ps; S; procl.

averá: FT; 3ps; S; s/p.

e logo a espenaron,
dizendo: “Alá **yrá!**” (CSM 107, v. 38-39)
yrá: FT; 3ps; S; s/p.

(...) e foi-sse sa carreira
dizendo: “Senpre **será** (CSM 107, v.48-49)
será: FT; 3ps; S; s/p.

Madre de Deus preciosa,
que me foi tan piadosa;
e quena non **servirá?** (CSM 107, v.52-54)
servirá: FT; 3ps; S; s/p.

e tal miragr’ **oyredes**
que vos **maravillaredes**,
e tod’ om’ assi **fará.**” (CSM 107, v.62-64)
oyredes: FT; 2ppl; S; s/p.
maravillaredes: FT; 2ppl; S; procl.
fará: FT; 3ps; S; s/p.

e foi sempre ben creente
da que por nos **rogará** (CSM 107, v.68-69)
rogará: FT; 3ps; S; procl.

A seu Fillo grorioso
que nos seja piadoso
eno dia temeroso
quando julgar-nos **verrá.** (CSM 107, v.71-74)
verrá: FT; 3ps; S; s/p.

ca o que terra e mar
fez per seu mui gran poder,
esto ben o **faria.**» (CSM 108, v.26-28)
faria: FP; 3ps; S; procl.

ca o que foi enserrar
en ssi quantas cousas son,
como ss’ **enserraria?**» (CSM 108, v.34-36)
enserraria: FP; 3ps; S; procl.

«Madre do que nos salvar
vo, este diz de ti
o que non **deveria.** (CSM 108, v.42-44)
deveria: FP; 3ps; S; s/p.

que o que te **rogarey**
queras agora' mostrar (CSM 108, v.49-50)
rogarey: FT; 1ps; S; procl.

Dest' un miragre quero contar
 que fez a Virgen que non á par
 nen **averá** mentr' o mundo durar, (CSM 109, v.10-12)
averá: FT; 3ps; S; s/pl.

Querelando-sse, com' apres' ei,
 os demões da Madre do Rey
 dos Ceos en como vos eu **direi**:
 «Esta nos **fará** dest' ome partir.» (CSM 109, v.30-33)
direi: FT; 1ps; S; procl.
fará: FT; 3ps; S; procl.

Desto deron todos gran loor
 a Santa Maria, que sabor
á de valer sempr' ao pecador (CSM 109, v.50-52)
á de valer: FT; 3ps; Aaver+de+inf.; s/p.

Ca tantos son os bões de Santa Maria,
 que lingua dizer todos nonos **poderia**, (CSM 110, v.9-10)
poderia: FP; 3ps; S; s/p.

e vivesse por sempr' un ome enssinado
 de scriver, **ficar-ll-ia** a mayor partida. (CSM 110, v.16-17)
ficaria: FP; 3ps; S; mesocl.

Dest' un miragre preçado
 vos **será** per mi mostrado (CSM 111, v.11-12)
será: FT; 3ps; S; procl.

Desto **direi** un miragre | mui grande que contar oý (CSM 113, v.7)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

e todos loaron
 a Virgen por est' e **loarán** ja maes.(CSM 114, v.53-54)
loarán: FT; 3ppl; S; s/p.

ca soubesse
 que a Deus pesaria. (CSM 115, v.83-84)
pesaria: FP; 3ps; S; s/p.

“Demais, festa **será** cras
 dessa Pascoa santa; (CSM 115, v.86-87)
será: FT; 3ps; S; s/p.

diz: “O que **será** feito,
 eu endeito
 o daqui que seu seja, (CSM 115, v.102-104)
será: FT; 3ps; S; s/p.

e diss': "Ao quinzêo
 en meu sêo
 o **levarei** sen falla, (CSM 115, v.124-126)
levarei: FT; 1ps; S; procl.

Ca d' atanto soon fis
 que te **porrá** consello (CSM 115, v. 141-142)
porrá: FT; 3ps; S; procl.

e consello te **dará**
 bôo, se Deus [me] parca. (CSM 115, v.167-168)
dará: FT; 3ps; S; procl.

Contaria-vos de dur
 as mui grandes tormentas (CSM 115, v.174-175)
contaria: FP; 1ps; S; encl.
 E **acha-lo-ás**, ben sey,
 ena Negra Montanna;
 mais atanto te **direi**
 que non leves conpanna, (CSM 115, v.207-210)
acharás: FT; 2ps; S; mesocl.
direi: FT; 1ps; S; procl.

que **direi** eu, se lle praz,
 missa pela luz chãa
 e **comungar-t-ei** en paz,
 e a ta alma sãa
 e certãa
será de Parayso, (CSM 115, v.264-266)
direi: FT; 1ps; S; s/p.
comungarei: FT; 1ps; S; mesocl.
será: FT; 3ps; S; s/p.

ca sabian
 que llo non **leixaria**. (CSM 115, v.303-304)
leixaria: FP; 3ps; S; procl.

as cadeas trouxeron
 assi como vos **direi**, (CSM 116, v.52-53)
direi: FT; 1ps; S; procl.

Dest' un miragre **direi** que oý,
 que fez a Virgen, per com' aprendi, (CSM 118, v.5-6)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

Ollos, dizendo: «Sennor, que **farey**?
 Pois est' é morto, nunca **vivirey**
 con meu marido; mas a ti **yrei**
 que a teu Fillo rogues que dos seus (CSM 118, v.20-23)
farey: FT; 1ps; S; s/p.

vivirey: FT; 1ps; S; s/p.

yrei: FT; 1ps; S; s/p.

Miragres mostre por ti, ca sei ben
que o **fará**, desto non dulto ren; (CSM 118, v.25-26)
fará: FT; 3ps; S; procl.

Desto **direi** un miragre, onde gran façanna
fillaredes, que a Virgen fezo en Espanna (CSM 119, v.6-7)
direi: FT; 1ps; S; s/p.
fillaredes: FT; 2ppl; S; s/p.

Ca sabe que mais dun dia non **será** ta vida;
poren faz que, pois ta alma for de ti partida (CSM 119, v.61-62)
será: FT; 3ps; S; s/p.

Quantos me creveren **loarán**
a Virgen que nos manten. (CSM 120, v.2-3, refrão)
loarán: FT; 3ppl; S; s/p.

Ca sen ela Deus non **averán**
Quantos me creveren loarán...
nenas sas fazendas ben **farán**
Quantos me creveren loarán...
neno ben de Deus **connocerán**; (CSM 120, v.4-8)
averán: FT; 3ppl; S; s/p.
farán: FT; 3ppl; S; s/p.
connocerán: FT; 3ppl; S; s/p.

E con tod' esto **servi-la-an**
Quantos me creveren loarán...
e de seu prazer non **sayrán**
Quantos me creveren loarán...
e mais d' outra ren a **amarán**,
e **serán** per y de mui bon sen; (CSM 120, v.11-16)
serviran: FT; 3ppl; S; mesocl.
sayrán: FT; 3ppl; S; s/p.
amarán: FT; 3ppl; S; procl.

Ca en ela sempre **acharán**
Quantos me creveren loarán... (CSM 120, v.18-19)
acharán: FT; 3ppl; S; s/p.

per que atan pagados **serán**
que nunca **desejarán** al ren. (CSM 120, v.22-23)
serán: FT; 3ppl; S; s/p.
desejarán: FT; 3ppl; S; s/p.

contra un seu cavaleiro que tal promessa lle fez
que lle guerlanda **faria** de rosas toda, non d' al. (CSM 121, v.7-8)

faria: FP; 3ps; S; procl.

e faz con el a guerlanda e é ssa ajudador,
que assi nos **desfaria** ben com' a agua o sal.» (CSM 121, v. 47-48)

desfaria: FP; 3ps; S; procl.

Desto **direi** un miragre que vi
que en Toled' a Virgen fez ali (CSM 122, v.5-6)

direi: FT; 1ps; S; s/p.

Dos mortos fosses por pecados meus,
poren **deitar-t-ey** ant' os pees seus
da ssa omagen da Madre de Deus.» (CSM 122, v.40-42)

deitarey: FT; 1ps; S; mesocl.

E disse: «Ja mais non me **partirei**
daquesta porta, ca de certo sey
que me **dará** a Madre do bon Rei
mia filla viva; senon, de prumaz (CSM 122, v.50-54)

partirei: FT; 1ps; S; procl.

dará: FT; 3ps; S; procl.

Tragerei doo ou dun anadiu.» (CSM 122, v.55)

tragarei: FT; 1ps; S; s/p.

Darei do meu.» E ben assi o fez; (CSM 122, v.65)

darei: FT; 1ps; S; s/p.

De Santa Maria sinal qual xe quer
valrrá muit' a quen en ela ben crever. (CSM 123, v.3-4, refrão)

valrrá: FT; 3ps; S; s/p.

Ca que quer que seja daquesta Sennor
valrrá muit' a quen de mal coitado for,
e **valer-ll-á** contra o demo mayor
ali u sobr' ele gran poder ouver. (CSM 123, v.5-8)

valrrá: FT; 3ps; S; s/p.

valerá: FT; 3ps; S; mesocl.

Sempre **terrá** sigo algu[u]n sinal
de Santa Maria, a que nunca fal (CSM 123, v.45-46)

terrá: FT; 3ps; S; s/p.

e vos muitas graças lle dade poren,
ca salvo **será** sempr' o con que tener.» (CSM 123, v.52-53)

será: FT; 3ps; S; s/p.

O que pola Virgen leixa o de que gran sabor á,
sempr[e] aqui lle demostra o ben que pois lle **fará**. (CSM 124, v.3-4, refrão)

fará: FT; 3ps; S; procl.

E dest' un mui gran miragre vos **contarei**, (CSM 124, v.5)
contarei: FT; 1ps; S; procl.

e mostrou Santa Maria, Madre de Nostro Sennor,
 or un ome. E quen esto oyr, sabor **averá** (CSM 124, v.12-13)
averá: FT; 3ps; S; s/p.

Enton os que o matavan disseron: «E que **será** (CSM 124, v.28)
será: FT; 3ps; S; s/p.

(...)diss': «Amigo, sempr' eu quix
 servir a Santa Maria, a que nunca **falirá** (CSM 124, v.37-38)
falirá: FT; 3ps; S; s/p.

Esto fez Santa Maria, a Sennor que nos manten,
 pola ssa gran piadade, e sempre nos **manterrá**. (CSM 124, v.47-48)
manterrá: FT; 3ps; S; procl.

E desta razon vos **direi** | un miragre fremos' assaz, (CSM 125, v.8)
direi: FT; 1ps; S; procl.

“Ide fazer
 Com' eu a donzela aja | log' esta noit' en meu poder;
 Senon, en hũa redoma | todos vos **ensserraria**.” (CSM 125, v.29-31)
ensserraria: FP; 1ps; S; procl.

ca o demo, de mal chëo, | en tal guisa a encendeu
 que diss' enton a seu padre | que logo sse **casaria** (CSM 125, v.60-61)
casaria: FP; 3ps; S; procl.

que log' enton con sas mãos | ant' eles sse **mataria**. (CSM 125, v.66)
mataria: FP; 3ps; S; procl.

che **darei** onrradamente | mia filla, e tu **seerás**
 como en logar de fillo; | e se morrer **erdarás**
 mui grand' algo que eu tenno, | que gaanney sen tricharia. (CSM 125, v.74-76)
darei: FT; 1ps; S; procl.
seerás: FT; 2ps; S; s/p.
erdarás: FT; 2ps; S; s/p.

Os esposoyros juntados | foron logo, com' apres' ey,
 e outro día mannãa | casaron; mais, que vos **direy**? (CSM 125, v.78-79)
direy: FT; 1ps; S; procl.

Esto son **será** dest' ano, | per boa fe, nen deste mes;
 mais lexa esta loucura | e torna-t' a crerezia. (CSM 125, v.95-96)
será: FT; 3ps; S; s/p.

E eu **farei** ao bispo | que venna por ti log' aça,
 e di-ll' esto que che dixe, | e el ben te **consellará**

como non percas ta alma; | e senon, Deus se **vingará**
de ti por quanto quisische | do demo ssa compania.” (CSM 125, 98-101)

farei: FT; 1ps; S; s/p.

consellará: FT; 3ps; S; procl.

vingará: FT; 3ps; S; procl.

A donzela disse logo: | “Sennor, o que vos aprouguer
farei mui de boa mente; | mais este, de que sôo moller,
com’ o **leixarei**?” (diss’ ela). (...) (CSM 125, v. 108-110)

farei: FT; 1ps; S; s/p.

leixarei: FT; 1ps; S; procl.

E con tēaces a **yan fillar**,
mas per ren non lla podian tirar
nen con baesta que **yan armar**; (CSM 126, v.15-17)

yan fillar: FP; 3ppl; Air+inf.; procl.

yan armar: FP; 3ppl; Air+inf.; s/p.

E desto mui gran miragre vos **direi** que ha vez
a Virgen Santa Maria na eigreja do Poe fez (CSM 127, v.7-8)

direi: FT; 1ps; S; procl.

El disse que o fezera; pois conscellaron assi
que o pe tallar mandasse e **poderia** entrar. (CSM 127, v.39-40)

poderia: FP; 3ps; S; s/p.

E sonnou que a omagen lle diss’. «Aquesto **farás**:
filla o pee de teu fillo, e non esperes a cras,
mais pon-llo u x’ ant’ estava, e ta mão **tragerás**
sobr’ ele eno meu nome, e eu farey-o sãar.» (CSM 127, v.52-55)

farás: FT; 2ps; S; s/p.

tragerás: FT; 2ps; S; s/p.

De tal razon un miragre | vos **direi** maravilloso, (CSM 128, v.7)

direi: FT; 1ps; S; procl.

Ela respos-lle; “**Farey-o** | se meu consello fillardes.” (CSM 128, v.17)

farey: FT; 1ps; S; encl.

e se vos esto fezerdes,
de mel **será** e de cera | vossa casa avondada.” (CSM 128, v.24-25)

será: FT; 3ps; S; s/p.

E **mostrar-vos-ei** tal cousa, | qual viuda nen oyda
nunca foi.” (...) (CSM 128, v.42-43)

mostrarei: FT; 1ps; S; mesocl.

E poren seu entendedor **serei**
enquant’ eu viva, e **loarei**
e de muitos bées que faz **direi**

e miragres grandes, ond' ei sabor. (CSM 130, v.34-37)

serei: FT; 1ps; S; s/p.

loarei: FT; 1ps; S; s/p.

direi: FT; 1ps; S; s/p.

E dest' un miragre, de que gran sabor

averedes, **direi** que fez a Sennor, (CSM 131, v.6-7)

averedes: FT; 2ppl; S; s/p.

direi: FT; 1ps; S; s/p.

Porque en meu Fillo fias, o gran Rey,

non quix que morresses, e ar **guardar-t-ei**

enquant' aqui fores, e pois **sacar-t-ey**

daqui, e desto non ajas que temer.» (CSM 131, v.61-64)

guardarei: FT; 1ps; S; mesocl.

sacarey: FT; 1ps; S; mesocl.

Quen leixar Santa Maria

por outra, **fará** folia. (CSM 132, v.3-4, refrão)

fará: FT; 3ps; S; s/p.

fará loucura provada,

que mayor non **poderia**. (CSM 132, v.10-11)

fará: FT; 3ps; S; s/p.

poderia: FP; 3ps; S; s/p.

ca de chã lle disseron

que **faria** gran seu dano

se el moller non prendia. (CSM 132, v.57-59)

faria: FP; 3ps; S; s/p.

E demais que lle **darian**

ha menynna donzela

das mais ricas que sabian

ena terra e mais bela,

porque ambos **vivirian**

sen coita e sen mazela

e sen toda tricharia. (CSM 132, v.61-66)

darian: FP; 3ppl; S; procl.

vivirian: FP; 3ppl; S; s/p.

por servir a que senlleyra

foi e **será** en nobreza,

que os seus amigos guía, (CSM 132, v.153-155)

será: FT; 3ps; S; s/p.

A Virgen en que é toda santidadade

poder **á de toller** tod' enfermidade. (CSM 134, v.4-5, refrão)

á de toller: FT; 3ps; Aaver+de+inf.; s/p.

Diss': Amig', assi **farey**
 que cras con vosco m' **irei**
 e atanto **buscarey**
 aquel que foi esposado
 vosco, que o **acharey**,
 e logo vo-lle **darey**
 por aver a Deus pagado." (CSM 135, v.64-70)
farey: FT; 1ps; S; s/p.
irei: FT; 1ps; S; procl.
buscarey: FT; 1ps; S; s/p.
acharey: FT; 1ps; S; procl.
darey: FT; 1ps; S; procl.

Poren nunca mi **averá**
 erg' a quen m' ela **dará**;
 e vos, quitade-vos ja
 d' irdes contra seu mandado,
 mais levade-m' acolá
 u ést' o que **seerá**
 meu marid' e meu amado." (CSM 135, v.96-102)
averá: FT; 3ps; S; procl.
dará: FT; 3ps; S; procl.
seerá: FT; 1ps; S; s/p.

e quant' hũa col
 do seu non filles, ca sol
 por tanto **serás** rastrado." (CSM 135, v.166-118)
serás: FT; 2ps; S; s/p.

Desto **direi** un miragre que a Groriosa
 fez grand' en terra de Pulla come poderosa (CSM 136, v.7-8)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

E dest' un mui gran miragre **direi** que avo
 a un cavaleiro que era seu, non allo, (CSM 137, v.5-6)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

Quen a Santa Maria de coraçon
 rogar, **oir-ll-á** ela ssa oraçon. (CSM 138, v.5-6, refrão)
oirá: FT; 3ps; S; mesocl.

se ll' algo pedir assi ou demandar,
dar-llo-á, que sol non lle **dirá** de non. (CSM 138, v.9-10)
dará: FT; 3ps; S; mesocl.
dirá: FT; 3ps; S; procl.

e disse: «Se queres, logo **veerán**
 teus ollos tan ben come outra sazón (CSM 138, v.44-45)
veerán: FT; 3ppl; S; s/p.

Viron, e ta dinidade **averás**,
 e quanto perdiste todo **cobrarás**.»
 Diss' el: «Sennor, ante mi tu **mostrarás**
 o que mais teu Fillo, se el mi perdon, (CSM 138, v.47-50)
averás: FT; 2ps; S; s/p.
cobrarás: FT; 2ps; S; s/p.
mostrarás: FT; 2ps; S; s/p.

Quand' esto diss', a omagen de Cristo
 respos ao menynno: «**Paparás**
 cras mig' en Ceo; e pois que me visto
 ouveres, senpre pois migo **seerás** (CSM 139, v.50-53)
paparás: FT; 2ps; S; s/p.
seerás: FT; 2ps; S; s/p.

Quen muit' onrrar o nome da Sennor conprida,
dar-ll-á en este mundo e no outro vida. (CSM 141, v.4-5, refrão)
dará: FT; 3ps; S; mesocl.

Dar-ll-á en este mundo vida e saude
 e depois Parayso, assi Deus m' ajude,
 u **verá** el e ela e ssa gran vertude
 e ssa onrra, que nunca mais **será** falida. (CSM 141, v.6-9)
dará: FT; 3ps; S; mesocl.
verá: FT; 3ps; S; s/p.
será: FT; 3ps; S; s/p.

e seria são
 e ssa vellece lle **seria** consomida. (CSM 141, v.38-39)
seria: FP; 3ps; S; procl.

Com' ha vez acorreu ant' el Rey
 Don Affonso, com' ora vos **direi**, (CSM 142, v.5-6)
direi: FT; 1ps; S; procl.

Mas el Rey deu voces: «Quen **será**, quen (CSM 142, v.23)
será: FT; 3ps; S; s/p.

disse: «Sennor, eu **adurey** aquen (CSM 142, v.28)
adurey: FT; 1ps; S; s/p.

mas el Rei disse: «Non **averá** mal;
 ca non **querrá** a Madr' esperital
 que nos guarda e nos en poder ten.» (CSM 142, v.46-48)
averá: FT; 3ps; S; s/p.
querrá: FT; 3ps; S; s/p.

Quen alga cousa quiser pedir
 a Deus por Santa Maria,
 se de seus pecados se repentir,

ave-lo-á todavia. (CSM 143, v.3-6, refrão)
averá: FT; 3ps; S; mesocl.

E disse: «Se quisessedes gracir
 est' a Deus e a ssa Madre servir
 e de vossos pecados vos partir,
 a chuvia logo **verria**. (CSM 143, v.29-32)
verria: FP; 3ps; S; s/p.

e sei que nos oyr
querrá a Virgen que Deus foi parir, (CSM 143, v.36-37)
querrá: FT; 3ps; S; s/p.

Averemos chuvia que nos conprir
 e per que **poderemos** ben guarir
 e daquesta mui gran coita sair,
 dest' eu fiador **serya**.» (CSM 143, v.34-37)
averemos: FT; 1ppl; S; s/p.
poderemos: FT; 1ppl; S; s/p.
serya: FP; 1ps; S; s/p.

O que pola Virgen de grado seus dões
 der, **dar-vo-ll-á** ela grandes galardões. (CSM 145, v.3-4, refrão)
dará: FT; 3ps; S; mesocl.

dizendo: “Maa gent’ y á
 de teus ãemigos sandeus,
 ben sei que ren non te **guarrá**
 de mort’. (CSM 146, v.48-51)
guarrá: FT; 3ps; S; procl.

“Ca”, diss’ el, “sey
 que a Santa Virgen de prez
 me **guarrá**, sol dulta non ei.”
 E un desses romeus lo fez.
 Mas da madre, que vos **direi**? (CSM 146, v.73-77)
guarrá: FT; 3ps; S; procl.
direi: FT; 1ps; S; procl.

foi log’ alá, seendo fis
 que Deus dar-ll-ia como quer
 ser fillo sen maravedis (CSM 146, v.83-85)
daria: FP; 3ps; S; mesocl.

Ora **verey** o que **farás**
 ou se deste meu mal te dol,
 ca bem sei que poder end’ **ás**
de o fazer. E muit’ é fol
 o que non cree que **darás**
 ben aos teus e que ssa prol

non queres; (CSM 146, v.99-104)

verey: FT; 1ps; S; s/p.

farás: FT; 2ps; S; s/p.

ás de o fazer: FT; 2ps; Aaver+de+inf.; procl.

darás: FT; 2ps; S; s/p.

E daquest' un miragre **mostrarei** en tal guisa
que dos outros da Virgen **será** mui grand' enquisa, (CSM 148, v.5-6)

mostrarei: FT; 1ps; S; s/p.

será: FT; 3ps; S; s/p.

e quen cree ben esto, o demo nen sas artes
nunca lle **terrán** dano, se en elo atura. (CSM 149, v. 50-51)

terrán: FT; 3ppl; S; procl.

esto quer Deus que seja polo ome mesquynno,
que **terria** por crua cousa comer mino (CSM 149, v.59-60)

terria: FP; 3ps; S; s/p.

Dest' un fremoso miragre | vos **direy** que fez a Virgen, | Madre de Deus groriosa, (CSM 151, v.5)

direy: FT; 1ps; S; procl.

U a viu o cavaleyro, foi con medo [e]spantado
e preguntou-lle quen era. Diss' ela: «**Dar-ch-ei** recado:
eu são Santa Maria, (...) (CSM 152, v.26-28)

darei: FT; 1ps; S; mesocl.

es na alma, poren cheiras com' este manjar astroso,
per que **yrás** a inferno, que é cho d' amargores.» (CSM 152, v.33-34)

yrás: FT; 2ps; S; s/p.

Como ha moller de Gasconna,
que desdennava a romaria de Santa Maria de Rocamador,
disse que, sse a alá non levass' ha sela
en que siia, que nunca **yria** alá. (CSM 153, introdução)

yria: FP; 3ps; S; s/p.

Quen quer que ten en desden
a Santa Maria,
gran mal lle **verrá** poren. (CSM 153, v. 4-6, refrão)

verrá: FT; 3ps; S; procl.

Disse-ll' ela: «Vay e ven,
ai, louca, sandia,
ca eu non m' **irei** daquen, (CSM 153, v.27-29)

irei: FT; 1ps; S; procl.

dizendo: «tal **será** quen
 fillar ousadia
 contra quen lle non conven.» (CSM 153, v.43-45)
será: FT; 3ps; S; s/p.

Como un tafur tirou con hũa saeta contra
 o ceo con sanna porque perdera, e cuidava que **fi[ri]-**
ria a Deus ou [a] Santa Maria (CSM 154, v.1-3)
firiria: FP; 3ps; S; s/p.

E pois armou a baesta, | disse: “Daquesta vegada
 ou a Deus ou a as Madre | **darei** mui gran saetada.” (CSM 154, v.21-22)
darei: FT; 1ps; S; s/p.

El deu-lle por pëedença | que a Ultramar romeu
 Fosse, e el respondeu-lle: | “Esto vos non **farei** eu.” (CSM 155, v.22-23)
farei: FT; 1ps; S; procl.

Dest' un mui maravilloso
 miragre vos **contarey**,
 que fez, e mui piadoso,
 a Madre do alto Rei
 por un crerigo, que foran a furt' ereges prender
 porque de Santa Maria sempr' **ya** loor **dizer**. (CSM 156, v.6-11)
contarey: FT; 1ps; S; procl.

Quen bõa dona **querrá**
 loar, lo' a que par non á,
 Santa Maria. (CSM 160, v.2-4)
querrá: FT; 3ps; S; s/p.

E par nunca ll' **achará**,
 pois que Madre de Deus foi ja,
 Santa Maria. (CSM 160, v.5-7)
achará: FT; 3ps; S; procl.

Pois Madre de Deus foi ja,
 e Virgen foi e **seerá**
 Santa Maria. (CSM 160, v.8-10)
seerá: FT; 3ps; S; s/p.

E Virgen foi e **será**;
 porende cabo del está
 Santa Maria. (CSM 160, 11-13)
será: FT; 3ps; S; s/p.

Poren cabo del está,
 u sempre por nos **rogará**,
 Santa Maria. (CSM 160, 14-16)
rogará: FT; 3ps; S; procl.

U por nos lle **rogará**
 e del perdon nos **gãará**
 Santa Maria. (CSM 160, 17-19)
rogará: FT; 3ps; S; procl.
gãará: FT; 3ps; S; procl.

E perdon nos **gãará**
 e ao demo **vencerá**
 Santa Maria. (CSM 160, 20-22)
gãará: FT; 3ps; S; procl.
vencerá: FT; 3ps; S; s/p.

E o demo **vencerá**
 e nos consigo **levará**
 Santa Maria. (CSM 160, v.23-25)
vencerá: FT; 3ps; S; s/p.
levará: FT; 3ps; S; procl.

E daquesto vos **contarey**
 ora un mui gran miragre que fez (CSM 162, v.12-13)
contarey: FT; 1ps; S; procl.

e el foi-ss' aa eigreja, | cuidando y guarecer,
 creendo en toda guisa | que non **seria** britada. (CSM 164, v.18-19)
seria: FP; 3ps; S; s/p.

Este seus omes tragia con crischãos toda vez
 por saber mais sa fazend', e un deles saber-lle fez
 que, sse fillasse Tortosa, **gãaria** y gran prez,
 demais quen lla defendesse non avia tal nen qual. (CSM 165, v.15-18)
gãaria: FP; 3ps; S; s/p.

(...) e pois esto sey,
 guerra per nulla maneira con ela non **fillarey**,
 e daqui me torno logo, e fas tange-lo tabal.» (CSM 165, v.66-68)
fillarey: FT; 1ps; S; s/p.

Con esta enfermidade atan grande que avia
 prometeu que, se guarisse, a Salas logo **irya**
 e ha livra de cera cad' ano ll' **ofereria**; (CSM 166, v.10-12)
irya: FP; 3ps; S; s/p.
ofereria: FP; 3ps; S; procl.

Quen quer que na Virgen fia e a roga de femença,
valer-ll-á, pero que seja d' outra lee en creença. (CSM 167, v.3-4, refrão)
vallerá: FT; 3ps; S; mesocl.

Ca eu **levarei** meu fillo a Salas desta vegada
 con ssa omagen de cera, que ja lle tenno conprada,
 e **velarei** na eigreja da mui benaventurada

Santa Maria, e tenno que de mia coita se sença.» (CSM 167, v.20-23)

levarei: FT; 1ps; S; s/p.

velarei: FT; 1ps; S; s/p.

diss' aa Virgen: «Se non mente

ta lee, dá-me meu fillo, e **farey** tig' avença.» (CSM 167, v.27-28)

farey: FT; 1ps; S; s/p.

Seu fillo, Deus e om' e Rey,

Poder lle deu, qual vos **direy**, (CSM 168, v.7-8)

direy: FT; 1ps; S; procl.

E pois viu que non resurgiu,

en un eirado o sobiu

e contra Salas comediou

que o **yria** alt' erger. (CSM 168, v.42-45)

yria: FP; 3ps; S; procl.

E daquest' un miragre **direi** grande, que vi

des que mi Deus deu Murça, e oý outrossi (CSM 169, v.8-9)

direi: FT; 1ps; S; s/p.

mas diss' el: «Non **farei**,

ca os que Mariame desama, mal os trilla. (CSM 169, v.50-51)

farei: FT; 1ps; S; s/p.

E porend' a eigreja sua quita é ja,

que nunca Mafomete poder y **averá**;

ca a conquereu ela e demais **conquerrá**

Espanna e Marrocos, e Ceta e Arcilla. (CSM 169, v.63-66)

averá: FT; 3ps; S; s/p.

conquerrá: FT; 3ps; S; s/p.

De mi vos digo que a **loarei**

mentre for vivo, e sempre **direi**

ben dos seus bñes (...) (CSM 170, v. 24-26)

loarei: FT; 1ps; S; procl.

direi: FT; 1ps; S; s/p.

e poren **querrei** retraer

ontr' os teus mui groriosos

miragres (CSM 171, v.66-68)

querrei: FT; 1ps; S; s/p.

A Madre de Jesu-Cristo | que ceos, terras e mares

Fez, poder **á d'** as tormentas | **toller** en todos logares. (CSM 172, v.3-4)

á de toller: FT; 3ps; Aaver+de+inf.; s/p.

E disse-ll' enton: «Mesquo, macar mal me dostaste,

muit' ei eu de ti gran doo de que ta lingua tallaste;

mais **sãar-t-ei** ora dela, porque en mi confiaste, (CSM 174, v.32-34)
sãarei: FT; 1ps; S; mesocl.

E porque te repentiste, **sãar-t-ei** ora de chão.» (CSM 174, v.37)
sãarei: FT; 1ps; S; mesocl.

Desto **direi** un miragre | de gran maravill' estranna
 que mostrou Santa Maria | por un Romeu d' Alemanna (CSM 175, v.5-6)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

E dest' un mui gran miragre | **direi** que oý dizer (CSM 176, v.5)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

prometeu log[o] assi
 que sse o Santa Maria | de Salas tirasse d' i,
 que **seria** seu romeiro | e **dar-ll-ia** mui grãados (CSM 176, v.11-13)
seria: FP; 3ps; S; s/p.
daria: FP; 3ps; S; mesocl.

Dões e a ssa omagen | **faria**, com' aprix eu,
 de cera que y levasse, | e **seria** sempre seu
 servo. (CSM 176, v.15-17)
faria: FP; 3ps; S; s/p.
seria: FP; 3ps; S; s/p.

E disse-lle: “Vai, non temas, | ca per ren non te **verá**
 null' ome que mal te faça, (CSM 176, v.25-26)
verá: FT; 3ps; S; procl.

e faagando-o muito, dizendo: «Este don teu
 seja daquesta muleta, e **dar-te-ll-ei** org' e palla.» (CSM 178, v.13-14)
darei: FT; 1ps; S; mesocl.

Esta Sennor de misura
 fisica sobre natura
 mostrou e quis aver cura
 da moller, **direi** qual, (CSM 179, v.10-13)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

De como é Donzela, Ysaía
 en sas profecias o foi mostrar,
 u disse que virgen **conceberia** (CSM 180, v.34-36)
conceberia: FP; 3ps; S; s/p.

Como foi Pobre, queno **osmaria**,
 a que seu Fillo Deus **ya deitar**
 no preseve, (CSM 180, v.41-43)
osmaria: FP; 3ps; S; procl.
ya deitar: FP; 3ps; Air+inf.; s/p.

Por Reynna tod' ome a **terria**
 que a visse a seu Fillo levar
 daqueste mund', (CSM 180, v.48-50)
terria: FP; 3ps; S; procl.

Outra Dona seer non **poderia**
 atal com' esta, (CSM 180, v.55-56)
poderia: FP; 3ps; S; s/p.

Deus en ela carne d' ome **verria**,
 e como serva se foi omildar
 u lle disse: «**Farei** quant' el mandar.» (CSM 180, v.64-66)
verria: FP; 3ps; S; s/p.
farei: FT; 1ps; S; s/p.

Dest' un maravilloso
 miragre mui fremoso
 vos **direi** (CSM 182, v.5-7)
direi: FT; 1ps; S; procl.

Desto **direi** un miragre que fezo en Faaron
 a Virgen Santa Maria (CSM 183, v.5-6)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

En aquel castel' avia omagen, com' apres' ei
 da Virgen mui groriosa, feita como vos **direi**
 de pedra ben fegurada, (CSM 183, v.10-12)
direi: FT; 1ps; S; procl.

E de tal razon com' esta un miragre mui fremoso
 vos **direi** que fez a Virgen, Madre do Rei Poderoso, (CSM 184, v.7-8)
direi: FT; 1ps; S; procl.

e disse-lle: “Desta vez
 vos **darei** eu o castelo | de Chincoya en poder.” (CSM 185, v.17-18)
darei: FT; 1ps; S; procl.

Respos-ll' ele: | “Se eu vosso poder ei,
 Mia fala cono alcaide | pêra un dia **porrei**;
 e estando ena fala, | ben ali o **prenderei**,
 e desta maneira tenno | que o podedes aver.” (CSM 185, v.20-23)
porrei: FT; 1ps; S; s/p.
prenderei: FT; 1ps; S; procl.

E diss' el rei de Grãada: | “Eu por mi, u a [l] non á,
 Quero alá yr contigo | e **verei** o que **será**;
 mais se me tu desto mentes, | log' y al non **averá**,
 che **mandarei** a cabeça | d' antr' os teus ombros toller.” (CSM 185, v.25-28)
verei: FT; 1ps; S; s/p.
será: FT; 1ps; S; s/p.

averá: FT; 1ps; S; s/p.

mandarei: FT; 1ps; S; procl.

“De mais, non levades arma | e ydes assi en cós,
e com` os mouros son falsoso, | quíça **travarán** de vos; (CSM 185, v. 45-46)
travarán: FT; 3ppl; S; s/p.

Que estava na ciada. | E disse-ll` esta razon:
que lle dissess` a verdade | do castelo e, se non,
escabeça-lo **faria**. (CSM 185, v. 55-57)
faria: FP; 3ps; S; s/p.

Mortos de cima do muro. | e diss` el rei: “Nulla prol
non **ei de** mais **conbatermos**, | e **têer-m-ia** por fol
sse contra Maria fosse, (CSM 185, v. 85-87)
ei de conbatermos: FT; 1ps; Aaver+de+inf.; s/p.??
têeria: FP; 1ps; S; mesocl.

Quen na Virgen santa muito **fiará**,
se o vir en coita, **acorre-lo-á**. (CSM 186, v.3-4, refrão)
fiará: FT; 3ps; S; s/p.
acorrerá: FT; 3ps; S; mesocl.

per que lle buscou morte descomal,
como vos per mi ora dito **será**. (CSM 186, v.17-18)
será: FT; 3ps; S; s/p.

ter un mour' en seu leito cabo si,
ben tenno que muito ch' ende **pesará**.» (CSM 186, v.27-28)
pesará: FT; 3ps; S; procl.

mais la madre lle disse: «Non faças, non;
mais aa jostiça mostra ta razon,
e **veerás** que dereito che **dará**.» (CSM 186, v.36-38)
veerás: FT; 2ps; S; s/p.
dará: FT; 3ps; S; procl.

disseron: «Que **será**
Quen na Virgen santa muito fiará...
Daquesta moller que tan gran torto fez, (CSM 186, v.43-45)
será: FT; 3ps; S; s/p.

E por aquesto no fogo **arderá**, (CSM 186, v.48)
arderá: FT; 3ps; S; s/p.

e poren tenno que quen en ti crever
que nunca en ta mercee **falirá**.» (CSM 186, v.57-58)
falirá: FT; 3ps; S; s/p.

e a dona do fogo remãeceu
salva per aquela que nos **salvará**. (CSM 186, v.77-78)
salvará: FT; 3ps; S; procl.

e miragre bel
fez aquela que muitos outros **fará**. (CSM 186, v.82-83)
fará: FT; 3ps; S; s/p.

E dest', amigos, un miragre **direi**
que fez a Virgen, Madre do alto Rei, (CSM 187, v.4-5)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

que nos acorrer queira en est[e] ano tan greu,
ca muito mais ca esto por ela nos **faria**." (CSM 187, v.46-47)
faria: FP; 3ps; S; procl.

Desto ela un miragre mostrou, que vos eu **direi**,
a que fix bon son e cobras, porque me dele paguei; (CSM 188, v.7-8)
direi: FT; 1ps; S; procl.

dizendo: «Béeita sejas, Madre de Nostro Sennor,
que a ta gran lealdade non á nen **averá** par.» (CSM 188, v.39-40)
averá: FT; 3ps; S; s/p.

A ssi vir ha bescha come dragon toda feita, de que foi muit'espantado;
pero non fugiu ant' ela, ca med' ouve se fogisse que **seria** acalçado; (CSM 189, v.11-12)
seria: FP; 3ps; S; s/p.

Muito **faremos** mal sen
se o temermos de ren, (CSM 190, v.7-8)
faremos: FT; 1ppl; S; s/p.

O que de Santa Maria | as mercee ben gaanna,
de tod' o ocajon o guarda, | já non **será** tan estranna. (CSM 191, v.3-4, refrão)
será: FT; 3ps; S; s/p.

E desto contado
vos **será** per mi
miragr' e mostrado
quant' end' aprendi,
fremos' aficado,
e ben ascuitado
será, per meu grado,
e dev' a seer, (CSM 192, v.7-14)
será: FT; 3ps; S; procl.
será: FT; 3ps; S; s/p.

E disse: «Pagão,
sse queres guarir,
do demo de chão

t' **ás a departir**

e do falso, vão, (CSM 192, v.98-102)

ás a departir: FT; 2ps; Aaver+a+inf.; procl.

«Mais mannã crara

querrei receber (CSM 192, v.121-122)

querrei: FT; 1ps; S; s/p.

E daquest' un gran miragre vos **direi** e verdadeiro,

que fezo Santa Maria, Madre do Rei josticeiro, (CSM 193, v.5-6)

direi: FT; 1ps; S; procl.

poren por servir a ela **seerei** en esta guerra.» (CSM 193, v.53)

seerei: FT; 1ps; S; s/p.

Quena festa e o dia

da mui Groriosa

quiser guardar todavia,

seer-ll-á piadosa. (CSM 195, v.3-6)

seerá: FT; 3ps; S; mesocl.

E desto contado

per mi mui de grado

será e mostrado

que a que nos guia, (CSM 195, v.7-10)

será: FT; 3ps; S; s/p.

que el lle **daria**

per que menguadosa

nunca fosse nen mesqa, (CSM 195, v. 42-44)

daria: FP; 3ps; S; procl.

dizend': «Ai, coitosa,

nunca mais **serei** chamada

virgen omildosa.» (CSM 195, v.59-61)

serei: FT; 1ps; S; s/p.

E di log' a essa

que é abadessa,

que nunca condessa

sigo colleria

que mais proveitosa

lle seja, ca, mia promessa,

non é revoltosa.» (CSM 195, v.95-101)

colleria: FP; 3ps; S; s/p.

O convent' estando

a el asperando

muit' e preguntando

quando **chegaria**; (CSM 195, v.11-114)

chegaria: FP; 3ps; S; s/p.

Vida e deserta;
 de que **será** certa
 quando vir aberta-
 mente que nascia (CSM 195, v.143-146)
será: FT; 3ps; S; s/p.

e poren vos **direi** ora | o que ll' avêo un dia, (CSM 196, v.14)
direi: FT; 1ps; S; procl.

mui mayor poder sa Madr[e] **á en os ressucitar**;
 e porend' un gran miragre vos **direi** de razon tal. (CSM 197, v.9-10)
direi: FT; 1ps; S; procl.

mais eu, porque ele seja perdôado, sen falir
yrei alá de bon grado e **farey** este jornal. (CSM 197, v.34-35)
yrei: FT; 1ps; S; s/p.
farey: FT; 1ps; S; s/p.

e poi-lo oyren, creo que por mui maravilloso
 o **terrán**, e que metudo dev' a seer ontr' os preçados. (CSM 198, v.8-9)
terrán: FT; 3ppl; S; procl.

Poren **direi** un miragre que fez por un peliteiro (CSM 199, v.12)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

Santa Maria loei
 e loo e **loarei**. (CSM 200, v.2-3)
loarei: FT; 1ps; S; s/p.

a mi á ela mostrados
 mais bes, que **contarei**. (CSM 200, v.6-7)
contarei: FT; 1ps; S; s/p.

por que sabiades
 que poren a **servirey**. (CSM 200, v.16-17)
servirey: FT; 1ps; S; procl.

deu-lles o que merecian,
 assi como **provarei**. (CSM 200, v.21-22)
provarei: FT; 1ps; S; s/p.

por que sas grandes nobrezas
 quantas mais poder **direi**. (CSM 200, v.26-27)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

por que sabiades, varões,
 que por ela **morrerei**. (CSM 200, v.36-37)
morrerei: FT; 1ps; S; s/p.

Muit' é mais a piadade de Santa Maria
que quantos pecados ome fazer **poderia**. (CSM 201, v. 3-4, refrão)
poderia: FP; 3ps; S; s/p.

Mais se te ben partires | deste mal que fezeste,
perdõar-cha-á meu Fillo, | ca eu t' ajudaria." (CSM 201, v. 62-63)
perdõará: FT; 3ps; S; mesocl.

e achar nona podia, | e cuidava que per ren
per el já non ss' **acharia**, | nen per outro sabedor. (CSM 202, v. 14-15)
acharia: FP; 3ps; S; procl.

Quen polo amor de Santa | Maria do seu fazer
algun ben, **dar-vo-ll-á** ela | que dé, se o non tener. (CSM 203, v. 3-4, refrão)
dará: FT; 3ps; S; mesocl.

ca vos **direi** un miragre | que quis pouque' **i á mostrar**
a hũa sua amiga | que era santa moller. (CSM 203, v. 7-8)
direi: FT; 1ps; S; procl.

dizian que **poderia** | daquela guarir assy
como **poderia** morto | de sso terra resorgir. (CSM 204, v. 16-17)
poderia: FP; 3ps; S; s/p.
poderia: FP; 3ps; S; s/p.

Quen souber Santa Maria | ben de coraçon amar,
pero o tent' o diabo, | nunca o **fará** errar, (CSM 206, v. 3-4, refrão)
fará: FT; 3ps; S; procl.

e porque me deste beijo | ora tan muito paguei,
a mia mão por aquesto | cona outra **cortarei**." (CSM 206, v. 26-27)
cortarei: FT; 1ps; S; s/p.

Se ome fezer de grado pola Virgen algun ben,
demostrar-ll' **averá** ela sinaes que lle praz en. (CSM 207, v. 4-5, refrão)
averá: FT; 3ps; S; s/p.

Desto vos **direi** miragre, ond' **averedes** sabor,
que mostrou Santa Maria con merce' e con amor (CSM 207, v. 6-7)
direi: FT; 1ps; S; procl.
averedes: FT; 2ppl; S; s/p.

«Abellas, comed' aquesto, ca eu o vinno bevi;
e se vos obrar sabedes, **verei** que **faredes** y.» (CSM 208, v. 31-32)
verei: FT; 1ps; S; s/p.
faredes: FT; 2ppl; S; s/p.

(...) «**Verei** que obra feit' an
na ostia as abellas.» E enton com' atrevudo (CSM 208, 37-38)
verei: FT; 1ps; S; s/p.

Mas en este torto per ren non **jarei**
 que non cont' o ben que del recebud' ei (CSM 209, v. 7-8)
jarei: FT; 1ps; S; s/p.

Poren vos **direi** o que passou per mi,
 jazend' en Bitoiria enfermo assi (CSM 209, v. 17-18)
direi: FT; 1ps; S; procl.

Muito foi noss' amigo | u diss': "Ave Maria"
 aa Virgen be~eita, | e que Deus **prenderia**
 en ela nossa carne | con que pois **britaria**
 o inferno antigo. (CSM 210, v. 5-8)
prenderia: FP; 3ps; S; s/p.
britaria: FP; 3ps; S; s/p.

que Deus ome **seria** | pola grand' omildade
 que ouv' a Virgen sigo. (CSM 210, v. 12-13)
seria: FP; 3ps; S; s/p.

Tod' aquel que ploa Virgen | quiser do seu ben fazer,
 cousa que lle faça mingua | grande non **á de perder**. (CSM 212, v. 4-5)
á de perder: FT; 3ps; A; s/p.

ca non **acharia** ome | que llo podess' entender. (CSM 212, v.49)
acharia: FP; 3ps; S; s/p.

e de como foi o feito **contar-vos-ei** a maneira: (CSM 213, v. 9)
contarei: FT; 1ps; S; mesocl.

que en romeria fosse a Teren', e piadade
averia de la Virgen mui conprida de bondade, (CSM 213, v. 38-39)
averia: FP; 3ps; S; s/p.

Cousa, que o **guardaria** de non prender mal a torto,
 e que, tend' el verdade, non fosse preso nen morto; (CSM 213, v. 41-42)
guardaria: FP; 3ps; S; procl.

E daquest' un gran miragre vos **direi**, que na fronteira
 mostrou y Santa Maria, a Sennor mui verdadeira (CSM 215, v. 5-6)
direi: FT; 1ps; S; procl.

Que lle disso: «Pois meu sodes, mui grand' algo vos **darei**;
 e vossa moller tragede a un mont', e **falarey**
 con ela e poren rico sen mesura vos **farey**.» (CSM 216, v. 15-17)
darei: FT; 1ps; S; procl.
falarey: FT; 1ps; S; s/p.
farey: FT; 1ps; S; procl.

Ela yndo per carreya, viu eigreja cabo ssy
 estar de Santa Maria e disso: «Quer' eu aly

folgar ora ha peça, e **andaremos** des y.» (CSM 216, v. 30-32)
andaremos: FT; 1ppl; S; s/p.

«Vai, demo cho de mal,
 cuidasch' a meter a dano a mia serventa leal;
 mas de quanto tu cuidaste eu cho **tornarei** en al,
 ca te tollo que non possas ja mais fazer-lle pesar.» (CSM 216, v. 45-48)
tornarei: FT; 1ps; S; procl.

E de tal razon miragre vos **direi** mui saboroso: (CSM 219, v. 9)
direi: FT; 1ps; S; procl.

poren mercee te peço que me perdões, ca sey
 que se me tu perdõares, que me non **será** sannoso (CSM 219, v. 48-49)
será: FT; 1ps; S; procl.

E eu aqueste miragre **farei** pôer entr' os teus
 miragres, porque ben creo que é mui maravilloso.» (CSM 219, v. 53-54)
farei: FT; 1ps; S; s/p.

E quena non **loará**
 A que todo mal
 Tolle e todo ben nos dá? (CSM 220, v. 2-4, refrão)
loará: FT; 3ps; S; procl.

(...) ca de loor conprida
 éste e senpre **será**. (CSM 220, v. 7-8)
será: FT; 3ps; S; s/p.

e Deus em nos por ela | mostra miragres quantos
 por outra non **mostrará**. (CSM 220, v. 17-18)
mostrará: FT; 3ps; S; s/p.

E porend' un gran miragre **direi**, que avo quando
 era moço peque[ni]nno o mui bon Rei Don Fernando, (CSM 221, v. 10-11)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

Quen ouver na Groriosa | fiança com fe conplida
 Non lle **nozirá** poçoña, | e **dar-ll-á** por sempre vida. (CSM 222, v. 4-5)
nozirá: FT; 3ps; S; procl.
dará: FT; 3ps; S; mesocl.

e demais pêra as almas | **seer-vos-á** proveitoso;
 e per mi, quant' ei apreso, | non **será** cousa falida. (CSM 222, v. 13-14)
seerá: FT; 3ps; S; mesoccl.
será: FT; 3ps; S; s/p.

Porend' un miragre seu vos **direi**, pois m'ascuitades,
 da Virgen a que deu Deus poder sobr' enfermidades
 de as toller; e sei ben que, se y mentes parades,

veredes que á poder sobre toda creatura. (CSM 224, v. 10-13)

direi: FT; 1ps; S; procl.

veredes: FT; 2ppl; S;s/p.

Ca u pariu sa moller, naceu-ll' enton hũa filla

que ben **terredes** que foi muit' estranna maravilla (CSM 224, v. 30-31)

terredes: FT; 2ppl; S;s/p.

E daquest' un gran miragre vos **será** per mi contado, (CSM 225, v. 6)

será: FT; 3ps; S; procl.

Ontr' os outros que oystes, e tenn' eu que atal éste

o que vos **contarei** ora que avo a un preste

que dizia senpre missa da Madre do Rei celeste; (CSM 225, v. 11-13)

contarei: FT; 1ps; S; procl.

E dest' un miragre per quant' aprendi

vos **contarei** ora grande, que oý (CSM 226, v. 6-7)

contarei: FT; 1ps; S; procl.

Poren a loemos senpr', amigos meus,

ca esta nos ceos nos **fará** entrar. (CSM 226, v. 68-69)

fará: FT; 3ps; S; procl.

Dereit' é de loores dar

a aquela que sempre dá

seu ben que nunca **falirá**; (CSM 230, v. 4-6)

falirá: FT; 3ps; S; s/p.

E disse: «Se me creveres

e meu mandado fezeres

e as pedras alçar queres,

porrei t' end' eu ena via. (CSM 231, v. 50-53)

porrei: FT; 1ps; S; encl.

Esto é que filles cedo

tres menos mui sen medo,

e **farei**-lles alçar quedo

as pedras sen gemetria.» (CSM 231, v. 55-58)

farei: FT; 1ps; S; encl.

Aa Virgen groriosa de Vila-Sirga, ca sey

que sse eu aquesto faço, que meu açor **acharei**.» (CSM 232, v.31-32)

acharei: FT; 1ps; S; s/p.

Desto **direi** un miragre | que mostrou Santa Maria (CSM 233, v. 5)

direi: FT; 1ps; S; s/p.

Dizendo-lle “**Morreredes**.” | Mas el nonos asperava, (CSM 223, v. 15)

morreredes: FT; 2ppl; S; s/p.

E ali Santa Maria | o anparou, que non erra,
 en com' agor' **oyredes**, | se estiverdes calados. (CSM 233, v. 22-23)
oyredes: FT; 2ppl; S; s/p.

destes que me matar queren | par Deus, muitos de pesares
 te **farán** os malcreentes | que andan desasperados.” (CSM 233, v. 32-33)
farán: FT; 3ppl; S; procl.

E daquest' un gran miragre vos **direi** desta razon, (CSM 235, v. 5)
direi: FT; 1ps; S; procl.

Mas eu o **desfarei** todo o que eles van ordir,
 que aquilo que desexan nunca o possan conprir;
 ca meu Fillo Jhesu-Christo sabor **á de sse servir**,
 e d'oi mais mui ben te guarda de gran pecado mortal.» (CSM 235, v. 30-33)
desfarei: FT; 1ps; S; procl.
á de sse servir: FT; 3ps; A; procl.

os outros pera o demo foron e, sse Deus quiser,
 assi **yrá** tod' aquele que atal feito fezer, (CSM 235, v. 76-77)
yrá: FT; 3ps; S; s/p.

Como ha moller perigoou no mar, e tragia un fillo pequeno nos braços;
 e feze-a Santa Maria per cima das aguas andar de pe,
 assi como **yria** per un mui bon chão. (CSM 236, v. 1-3)
yria: FP; 3ps; S; s/p.

Se ben ena Virgen fiar
 o peccador sabudo,
querrá-o na morte guardar
 que non seja perdudo. (CSM 237, v. 5-8)
querrá: FT; 3ps; S; encl.

Outro costum' esta moller | vos **direi** que avia: (CSM 237, v. 24)
direi: FT; 1ps; S; procl.

Mais aquel dia que **sayr** | **avia** sabad' era,
 e foi missa oyr enton, | ca tal costum' ouvera (CSM 237, v. 34-35)
sayr avia: FP; 3ps; A; s/p.

Contra ela, o traedor, | e diz: “Se non fezeres
 ora quant' eu quiser, aqui | o corp' e quant' ouveres
 perdud' ás.” E ela respos: | “podes quanto quiseres
 fazer, mas ant' eu **morrerei**, | vilão, falsso, rudo.” (CSM 237, v. 49-52)
morrerei: FT; 1ps; S; s/p.

“Non sejas quixosa,
 Ca **serás** salva porque é | já o demo batudo.” (CSM 237, v. 86-87)
serás: FT; 2ps; S; s/p.

[E] pois disse-lle: “Sey aqui, | non temas nemigalla,
 E **pornán** que daqui a cras | mãefestes ta falla
 Quanta ás feita contra Deus, | e crey ben que te valla
 Meu Fill’, e **viverás** con el, | pero te vay sannudo. (CSM 237, v. 94-97)
pornán: FT; 3ppl; S; s/p.
viverás: FT; 2ps; S; s/p.

E vês, un cavaleiro ven | per aquel[e] recoste,
 Que teu mandado **levará** | a Santaren muit toste;
 E do concello **sayrá** | contra ti muit grand’ oste,
 E muy long’ este feyto teu | **se [e]rá** retraudo.” (CSM 237, v. 94-97)
levará: FT; 3ps; S; s/p.
sayrá: FT; 3ps; S; s/p.
se[e]rá: FT; 3ps; S; s/p.

E desto vos **direy** ora | ãa vengança que fez
 Jhesu-Christo en Guimarães (CSM 238, v. 10-11)
direy: FT; 1ps; S; procl.

O que te fez de niente | e pois á t’ a desfazer,
 e eno dia do joyzo | **estarás** a sseu poder, (CSM 238, v.40-41)
estarás: FT; 2ps; S; s/p.

E da Virgen groriosa | te nenbra, e ben **farás**,
 e filla ta pñedença | por aquesto que dit’ ás.” (CSM 238, v. 45-46)
farás: FT; 2ps; S; s/p.

Do corpo e no inferno | a foy logo sobolir;
 ca assi yr **deveria** | quen quer que foss’ escarnir (CSM 238, v. 65-66)
deveria: FP; 3ps; S; s/p.

Os peccadores todos **loarán**
 Santa Maria, ca dereit’ y na (CSM 240, v. 2-3)
loarán: FP; 3ppl; S; s/p.

Ena loar, e senpr’ eu **loarei**
 os seus feitos, ca outro ben non ei;
 e por aquesto dereito **farei**,
 e os cuitados dereito **farán**. (CSM 240, v. 9-12)
loarei: FT; 1ps; S; s/p.
farei: FT; 1ps; S; s/p.
farán: FT; 3ppl; S; s/p.

Ena loar, e dereito **será**;
 ca muito ben nos fez senpr’ e **fará**,
 e se non foss’ ela, foramos ja
 todos con Abiron e con Datan. (CSM 240, v. 29-32)
será: FT; 3ps; S; s/p.
fará: FT; 3ps; S; s/p.

Ena loar, e **farán** gran razon;
 ca ela ped' a seu Fillo perdon
 quand' eles erran, e outro padron
 nunca ouveron neno **averán**. (CSM 240, v. 34-37)

farán: FT; 3ppl; S; s/p.

averán: FT; 3ppl; S; procl.

Ena loar, e quen esto fezer
fará dereito, pois senpr' ela quer (CSM 240, v. 39-40)

fará: FT; 3ps; S; s/p.

Ena loar, ca Deus non lle fez par;
 e poren devemos a confiar
 dela, que por nos Deus **verrá** rogar
 ali u todos muito **temerán**. (CSM 240, v. 44-47)

verrá: FT; 3ps; S; s/p.

temerán: FT; 3ppl; S; s/p.

Ena loar, ca u Nostro Sennor
 eno juyzo mais yrado for,
perdõa-lles-á polo seu amor,
 e estes taes non se **perderán**. (CSM 240, v. 49-52)

perdõará: FT; 3ps; S; mesocl.

perderán: FT; 3ppl; S; procl.

direi-vos un miragre | en que ei gran creença, (CSM 241, v. 10)

direi: FT; 1ps; S; encl.

Contar non **poderia** | do dõo que fezeron
 A sogr' e a menyynna | e quantos y severon; (CSM 241, v. 54-55)

poderia: FP; 1ps; S; s/p.

Porende dá-mio vivo | que eu possa ave-lo
 pera o teu serviço, | se non, morta **seria**.” (CSM 241, v. 71-72)

seria: FP; 1ps; S; s/p.

«Ir quer' eu aa taverna ante do vinno beber,
 e en aquesto ben tenno que os **vencerei** de sen.» (CSM 244, v. 27-28)

vencerei: FT; 1ps; S; procl.

E sobr' aquest' un miragre | mui fremoso vos **direi**
 que fez en riba de Limia | a Madre do alto Rey, (CSM 245, v. 10-11)

direi: FT; 1ps; S; procl.

Muytas vezes açoutado, | como contaron a min,
 foy, dizian: “Vilão, | oge **sseerá** ta fin
 se nos non dás quant' ouveres.” | E jurou par San Martin
 o alcaide que de cuyta | o **faria** soffredor. (CSM 245, v. 40-43)

sseerá: FT; 3ps; S; s/p.

faria: FP; 3ps; S; procl.

Dizede que nos daredes, | se non, a vossa moller
e os fillos **prenderemos**.” Ele diss’ enton: Senner,
mil soldos de leoneses | vos **darei** per quat’ ouver,
ca mais non sãotrevudo | de dar, par Nostro Sennor. (CSM 245, v. 50-53)
prenderemos: PT; 1ppl; S; s/p.
darei: FT; 1ps; S; procl.

Eles esto non quiseron | e fórono açoutar,
se **poderian** aynda | del mais dñeiros levar; (CSM 245, v. 55-56)
poderian: FP; 3ppl; S; s/p.

Entra no rio e passa | a alen, e **acharás**
as portas do mōesteiro | sarradas; mas **entrará**s
per elas ousadamente | e na eygreja **marrás**
e **dirás** est’ aos frades | todos e ao prior.” (CSM 245, v. 85-88)
acharás: FT; 2ps; S; s/p.
entrarás: FT; 2ps; S; s/p.
marrás: FT; 2ps; S; s/p.
dirás: FT; 2ps; S; s/p.

(...) disse-ll’ ela enton: “Vês,
de me fazeres serviço | **averás** ma[i]s meu amor.” (CSM 245, v. 97-98)
averás: FT; 2ps; S; s/p.

Desto **direi** un miragre, | segundo que aprendi,
que aveño en Alcaçar, e creio que foi assi, (CSM 246, v. 7-8)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

(...) mas en ora dñu dia
guariu-a Santa Maria, | como vos **será** contado. (CSM 247, v. 8-9)
será: FT; 3ps; S; procl.

e se te praz seu serviço, dá-lle lume con que veja,
e dêi oi mais penssa dela, ca de mi sol un bocado
Non **averá**.” E tan toste | revolveu-sse muit’ agña
pera ir-sse da eigreja; (...) (CSM 247, v. 28-32)
averá: FT; 3ps; S; s/p.

E de tan gran piadade un miragre **direi** en
que mostrou grand’ en Laredo a Sennor que pod’ e val (CSM 248, v. 8-9)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

E de tal razon com’ esta un miragre vos **direi**
que en Castroxeriz fezo a Madre do alto Rey, (CSM 249, v. 6-7)
direi: FT; 1ps; S; procl.

O Papa, que sant’ ome, | era, respos-lles: “Cras
mandarei cantar missa, | e tu a **levarás**”, (CSM 251, v. 85-86)
mandarei: FT; 1ps; S; s/p.
levarás: FT; 2ps; S; procl.

E sobr' aquest' un miragre | pequenn' e bõo d' oyr
direi que Santa Maria | fez fremoso, sen mentir; (CSM 252, v. 5-6)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

Poren dela un miragre **direy**, e vos m'ascuitade: (CSM 253, v. 14)
direy: FT; 1ps; S; s/p.

e porend' ontr' estes outros miragres **será** contado,
 porque sei que o terredes por bõo e por fremoso. (CSM 254, v. 7-8)
será: FT; 3ps; S; s/p.

Dest' un miragre vos **direi** ora
 que a Virgen quis mui grand' amostrar, (CSM 255, v. 8-9)
direi: FT; 1ps; S; procl.

(...) “Amigos meus,
 por piadade,
 ant' a Magestade
 vos me parade,
 e **roga-la-ya**. (CSM 255, v.83-87)
rogarya: FP; 1ps; S; mesocl.

(...) e con cantos
 ela foi tantos
 levada, quantos
 muit de dur **diria**. (CSM 255, v. 138-141)
diria: FP; 3ps; S; s/p.

Quen na Virgen groriosa esperança mui grand' á,
 macar seja muit' enfermo, ela mui ben o **guarrá**. (CSM 256, v. 3-4)
guarrá: FT; 3ps; S; procl.

ca m'estava eu deante e todo vi e oý,
 que fezo Santa Maria, que muitos fez e **fará**. (CSM 256, v. 7-8)
fará: FT; 3ps; S; s/p.

(...) ca pero de Monpisler
 bõos fisicos y eran, dizian: «Non **viverá**.» (CSM 256, v. 17-18)
viverá: FT; 3ps; S; s/p.

e avia tan gran fever, que quena viya enton
 dizia: «Seguramente, desta non **escapará**.» (CSM 256, v. 22-23)
escapará: FT; 3ps; S; s/p.

fez trager ha omagen, mui ben feita de metal,
 de Santa Mari' e disse: «Esta cabo mi será. (CSM 256, v. 27-28)
será: FT; 3ps; S; s/p.

Ca pois eu a sa fegura vir, atal creença ei
 que de todos estes maes que atan toste **guarrei**;
 porend' a mi a chegade e logo lle **beijarei**
 as sas mãos e os pees, ca mui gran prol me **terrá**.» (CSM 256, v. 30-33)
guarrei: FT; 1ps; S; s/p.
beijarei: FT; 1ps; S; procl.
terrá: FT; 3ps; S; procl.

Poren **será** de mal siso o que a non **loará**. (CSM 256, v. 38)
será: FT; 3ps; S; s/p.
loará: FT; 3ps; S; procl.

Desto **direi** un miragre grand' a maravilla,
 que al Rey Don Affonso avo. En Sevilla
 foi guardar relicas da Madre de Deus e Filla
 e de santos; e **direi** com', e Deus y m' ajude. (CSM 257, v. 5-8)
direi: FT; 1ps; S; s/p.
direi: FT; 1ps; S; s/p.

[E] de tal razon com' esta un miragre vos **direi**
 que mostrou Santa Maria en Proença, com' achei
 escrito ontr' outros muitos, e assi [o] **contarei**
 que, se o ben ascuitardes, **fará-vos** mui' alegrar. (CSM 258, v. 5-8)
direi: FT; 1ps; S; procl.
contarei: FT; 1ps; S; procl.
fará: FT; 3ps; S; encl.

Se fillou, e depois esto ar **direi-vo-lo** que fez:
 foi-ss' aa rua chorando e loand' a do bon prez, (CSM 258, v. 45-46)
direi: FT; 1ps; S; encl.

«Amigos, id' ambos a mi
 a mia eigreja d' Arraz, e ali
 vos **direi** como vos mando guarir.» (CSM 259, v. 17-19)
direi: FT; 1ps; S; procl.

E diss': «Amigos, vossa entençon
 partid', e ambos mui de coraçon
 amade-mi e vos mui', e al non
 façades, ca vos non **ei de falir**.» (CSM 259, v. 26-29)
ei de falir: FT; 1ps; A; procl.

Foron-s' ambos dali en grand' amor
 e sãavan as gentes da door,
 como lles foi mandado da Sennor
 que nunca mentiu nen **á de mentir**. (CSM 259, v. 36-39)
á de mentir: FT; 3ps; A; s/p.

Quen Jesu-Crist' e ssa Madre veer
 quiser, em ssa vida **á de guardar**

como punne de lles fazer prazer
e sse guarde de lles fazer pesar. (CSM 261, v. 3-6, refrão)
á de guardar: FT; 3ps; A; s/p.

Pero falou como pode | e disse: “Alá **yrei**
u me mandades que vaa; | mas pois y for, que **farei**?” (CSM 263, v. 28-29)
yrei: FT; 1ps; S; s/p.
farei: FT; 1ps; S; s/p.

Quen tan toste gran saude | no corpo **receberás**.
Onde faz-ti levar logo |sol que vires a luz craz;
mas a missa que te digo | da Madre de Deus **farás**
dizer, e **verá**-lo corpo | daquel que dela nasceu, (CSM 263, v. 99-36)
receberás: FT; 2ps; S; s/p.
farás: FT; 2ps; S; s/p.
verás: FT; 2ps; S; s/p.

E logo **serás** guarido | e ar **cobrarás** teu sen.” (CSM, 263, v. 38)
serás: FT; 2ps; S; s/p.
cobrarás: FT; 2ps; S; s/p.

E ela, por vertude que del á, nos defende
e defende a ssi mesma quand' algun torto prende;
ond' aqieste miragre que vos **direi** porende
fez en Costantinopla, u gran torto prendia. (CSM 264, v. 11-14)
direi: FT; 1ps; S; procl.

«A ti e nos deffende destes que non creveron
nen creen no teu Fillo, ca mester nos **seria**.» (CSM 264, v. 48-49)
seria: FP; 3ps; S; procl.

Un miragre desto que escrit' achei
en un livr' antigo vos ora **direi**
que a Virgen Madre fez do alto Rei, (CSM 265, v. 5-7)
direi: FT; 1ps; S; procl.

De Deus nosso Padre que en ceo ssé.
Que eno emperio pouca gent' é
sabede, e mal bastido, a la ffe,
está; por que vos toste de suggeçon
Senpr' a Virgen santa dá bon gualardon...
Poderedes sair ora, se vos praz.» (CSM 265, v. 90-95)
poderedes: FT; 2ppl; S; s/p.

Fez, ca destas leteras soon ben fis
que ele as escriuiu, par San Denis;
mais **farei**-vo-ll' eu o que mal fazer quis,
que el de ssi veja mui maa vijon.» (CSM 265, v. 100-103)
farei: FT; 1ps; S; encl.

Pois un seu miragre vos **direi** de grado (CSM 267, v. 8)
direi: FT; 1ps; S; procl.

Porque amava muito Santa Maria
 de coraçon, disse ca en romaria
 a Rocamador de bõa ment' **irya**
 tanto que o el podess' aver guisado. (CSM 267, v. 25-28)
irya: FP; 3ps; S; s/p.

Sennor, por merece non me desanpares
 por algu tempo t' eu fazer pesares,
 e se mi ora daquestas ondas tirares,
servir-t-ei eu sempre e **farei** teu mandado. (CSM 267, v. 65-68)
servirei: FT; 1ps; S; mesocl.
farei: FT; 1ps; S; s/p.

(...) e quando
 os oyu esta dona, | fez o que nos vos **diremos**: (CSM 268, v. 22-23)
diremos: FT; 1ps; S; procl.

(...) E ar, com' en responder,
 diz: "Sennor, de boa mente | o **farei** eu, sen mentir." (CSM 269, v. 33-34)
farei: FT; 1ps; S; procl.

E ar diss' outra vegada: | "De boa mente **verrei**"
 Quand' esto oyu sa madre, | disse como vos **direi**:
 "Meu fillo, con quen falades?" | Diss' el: Nono **negarei**:
 falo con Santa Maria, | que me fezo resorgir (CSM 269, v. 36-39)
verrei: FT; 1ps; S; s/p.
direi: FT; 1ps; S; procl.
negarei: FT; 1ps; S; procl.

Ar disse-m' outra vegada, | que se eu pesseverar
 en seu serviço quisesse, | que me **faria** levar (CSM 269, v. 46-47)
faria: FP; 3ps; S; procl.

e Daniel propheta, que dita de pastor
 era, disse que Cristus **averia** onçon. (CSM 270, v. 31-32)
averia: FP; 3ps; S; s/p.

falou e de seu Fillo prophetizou assy,
 dizendo que profeta verria, e des y
 quen en aquel non creess' **yrya** a perdiçon. (CSM 270, v. 40-42)
yrya: FP; 3ps; S; s/p.

Desto **direi** un miragre que fez aquesta Sennor
 grand' e mui maravilloso eno rio d'Azamor, (CSM 270, v. 6-7)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

Ca como quer que ben crean en Deus os de Portugal,
 eu ei tan gran esperanza na Virgen espirtal
 que, se ll' algo prometemos, **sacar-nos-á** deste mal; (CSM 270, v. 26-28)
sacará: FT; 3ps; S; mesocl.

Serviç' a Santa Maria muito **será** de bon sen,
 ca nas cuitas deste mundo **acorre-lo-á** mui ben
 e ena ora da morte nono **leixará** per ren;
 e poren servi-la deve tod' om' e toda moller. (CSM 270, v. 51-54)
será: FT; 3ps; S; s/p.
acorrerá: FT; 3ps; S; mesocl.
leixará: FT; 3ps; S; procl.

E de tal razon miragre vos **contarei** que oý
 mui grande, que fez a Virgen en Roma, com' aprendi, (CSM 272, v. 10-11)
contarei: FT; 1ps; S; procl.

Que éste da groriosa Virgen e Madre de Deus,
 enton **serás** perdõada, cuid' eu, dos pecados teus.» (CSM 272, v. 35-36)
serás: FT; 2ps; S; s/p.

e a moller depois senpre a serviu, e poren sei
 que lle foi gualardõado u nunca **verá** pesar. (CSM 272, v. 62-63)
verá: FT; 3ps; S; s/p.

Desta razon un **miragre** direy apost' e fremoso,
 que fezo Santa Maria, e d' oyr mui saboroso; (CSM 273, v. 5-6)
direy: FT; 1ps; S; s/p.

E pero ora non tenno pera dar y offerenda,
coserei aquestes panos daquest' altar sen contenda, (CSM 273, v. 25-26)
coserei: FT; 1ps; S; s/p.

e estando-a fazendo, o demo en coraçon
 lle meteu que sse saysse da orden, ca ben **seria**. (CSM 274, v. 11-12)
seria: FP; 3ps; S; s/p.

pequena. E diss' o frade: «**Seeria** muy mellor
 esta garnacha se fosse conprida como devia.» (CSM 274, v. 26-27)
seeria: FP; 3ps; S; s/p.

por acabar; mais aga te torna logo daqui
 ao mõiesteyr', e se mia conprisses, **gracir-cho-ya**.» (CSM 274, v. 31-32)
gracirya: FP; 1ps; S; mesocl.

e disso-lle: «Sennor, Madre daquel que pod' e que val,
 se mi aquesto perdõasses, **yr-m-ia** logo sen al
 ao mõiesteyr' e esta garnacha **acabaria**.» (CSM 274, v. 35-37)
yrria: FP; 1ps; S; mesocl.
acabaria: FP; 3ps; S; s/p.

Enton diss' a Groriosa: «Meu Fillo **perdōará**
a ti quanto tu cuydasche, pois que t' end' achas mal ja;
e torna-t' a tua orden, ca mui cedo ch' **averá**
mester de t' alá tornares, ca eu teu mal non **querria**. (CSM 274, v.39-42)
querria: FP; 1ps; S; s/p.
perdōará: FT; 3ps; S; s/p.
averá: FT; 3ps; S; procl.

Aynda de ta fazenda mays te **desenganarey**:
deste dia a un ano **serás** morto, eu o sey;
e a esto para mentes, ca eu ant' a ti **verrey**
que moiras; e no meu Fillo, que te fez, sempre confia.» (CSM 274, v. 44-47)
desenganarey: FT; 1ps; S; procl.
serás: FT; 2ps; S; s/p.
verrey: FT; 1ps; S; s/p.

e contou-lles quanto vira; e cada un escriviu
o dia en que dissera a Virgen que **morreria**. (CSM 274, v. 51-52)
morreria: FP; 3ps; S; s/p.

e mui ben ontre seus frades tod' aquel tenpo passou,
e cada u parou mentes ena Virgen se **verria**. (CSM 274, v. 56-57)
verria: FP; 3ps; S; procl.

e pareceu ao frade e disse-ll': Amigo, ben
acabasch' a mia garnacha, mas mui ben t' **achará** en,
ca **sairás** cras do mundo, e prend' en grand' alegria.» (CSM 274, 60-62)
achará: FT; 2ps; S; procl.]
sairás: FT; 2ps; S; s/p.

Enton vo-ss' aos frades e disse: «Sennores meus,
aqui u ora orava vëo a Madre de Deus
e disse que eu **salrria** cras do mundo; e os seus (CSM 274, v. 64-66)
salrria: FP; 1ps; S; s/p.

E disse logo como vos eu **direy**: (CSM 275, v. 35)
direy: FT; 1ps; S; procl.

Quena Virgen por sennor
tever, de todo mal **guarrá**. (CSM 276, v. 3-4, refrão)
guarrá: FT; 3ps; S; s/p.

Ond' un miragre que fez
vos **direi**, saboroso, (CSM 276, v. 5-6)
direi: FT; 1ps; S; procl.

poren de todos sen al
senpre é mui loada
e **será**. (CSM 276, v. 73-75)
será: FT; 3ps; S; s/p.

Os outros oito disseron que da carne **comerian**
 quanta mais dela podes[s]en e que a non **leixarian**, (CSM 277, v. 25-26)
comerian: FP; 3ppl; S; s/p.
leixarian: FP; 3ppl; S; procl.

De jajar en tal terra e andand' en cavalgada;
 poren que quer **comeremos** que non **leixaremos** nada.» (CSM 277, v. 30-31)
comeremos: FT; 1ppl; S; s/p.
leixaremos: FT; 1ppl; S; s/p.

U alguen a Jhesu Cristo por seus pecados negar,
 se ben fiar en ssa Madre, **fará**-ll' ela perdõar. (CSM 281, v. 3-4, refrão)
fará: FT; 3ps; S; encl.

Dest' avo un miragre en França a un frances,
 que non avia no reino duc nen conde nen marques
 que fosse de mayor guisa, e tal astragueza pres
 que quanto por ben fazia en mal xe ll' **ya tornar**. (CSM 281, v. 5-8)
ya tornar: FP; 3ps; A; procl.

Poys que sse viu en pobreza, diss' un dia entre ssi:
 «Mesqo desanparado, que **será** agora de my?
 A riqueza que avia, non sey por que mia perdi;
 mais se a cobrar non posso, **yr-m-ei** algur esterrar.» (CSM 281, v. 15-18)
será: FT; 3ps; S; s/p.
yreí: FT; 1ps; S; mesocl.

E se tu assi fezeres, todo cho eu **cobrarey**.»
 Diss' el: «Di-me que che faça, e logo cho eu **farey**.»
 Diss' o demo: «Por vassalo meu t'outorga, e **dar-ch-ei**
 mui mais ca o que perdische.» E el foy-llo outorgar (CSM 281, v. 25-28)
cobrarey: FT; 1ps; S; procl.
farey: FT; 1ps; S; procl.
darei: FT; 1ps; S; mesocl.

Pois que lle beijou a mão, diss' o demo: «Un amor
 me **farás**, pois meu vassalo es: nega Nostro Sennor
 e nega todos seus santos.» (CSM 281, v. 30-32)
farás: FT; 2ps; S; procl.

Despos esto disso: «Santa Maria **renegarás**.»
 Diss' enton o cavaleiro: «Este poder nono ás
 que me faças que a negue, nen tanto non me **darás**
 que negue tan bõa dona; ante m' **iria** matar.» (CSM 281, v. 35-38)
renegarás: FT; 2ps; S; s/p.
darás: FT; 2ps; S; procl.
iria: FP; 3ps; S; procl.

Diss' o demo: «Pois negaste Deus, non mi á ren que fazer
 de ssa Madre non negares, mais dou-che mui grand' aver;

demais negasch' os seus santos, mais al mi **ás de prometer**
que non entres en eigreja.» E jurou d' i non entrar. (CSM 281, v. 40-44)
ás de prometer: FT; 2ps; A; procl.

E daquest' un seu miragre mui fremoso **contarey**
que mostrou grand' en Segovi' a, com' eu en verdad' achey, (CSM 282, v. 11-12)
contarey: FT; 1ps; S; s/p.

E por esto vos **contarey**
un gran miragre que achey (CSM 283, v. 13-14)
contarey: FT; 1ps; S; procl.

en ssa eigreja e mostrar
aas gentes que «gran folia
será,» diss' el, «creed' a mi, (CSM 283, v. 25-27)
será: FT; 3ps; S; s/p.

e juro-vos eu sen mentir
que por est' **escomungaria**
quantos alá fossen daqui. (CSM 283, v. 33-35)
escomungaria: FP; 1ps; S; s/p.

E se per ventura aven
que en esta festa que ven
d' Agosto per vosso mal sen
fordes y per neha ren,
escomungar-vos-ei poren.» (CSM 283, v. 37-41)
escomungarei: FT; 1ps; S; mesocl.

Quen ben fiar na Virgen de todo coraçõ,
guarda-lo-á do demo e de sa tentaçõ. (CSM 284, v. 3-4, refrão)
guardará: FT; 3ps; S; mesocl.

E daquest' un miragre mui fremoso **direi** (CSM 284, v. 5)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

que non era dia
que ll' el muitas vegadas sa coita non dizia
e lle prometia
que sse con el sse fosse, con ela **casaria**. (CSM 285, v. 28-31)
casaria: FP; 3ps; S; s/p.

E demais que grand' herdade lle **daria** e aver
e a **terria** senpr' onrrada, rica e viçosa,
e que nunca del pesar **receberia**, mais prazer.
E tanto lle diss' aquesto, que ela saborosa
foi e d' alegria
lle jurou en sas mãos que con ele s' **irya**
e que **leixaria**
log' aquel mōesteiro, u al non **averia**. (CSM 285, v. 33-40)

daria: FP; 3ps; S; procl.
terria: FP; 3ps; S; procl.
receberia: FP; 3ps; S; s/p.
irya: FP; 3ps; S; procl.
leixaria: FP; 3ps; S; s/p.
averia: FP; 3ps; S; s/p.

Mai la Virgen groriosa, Reynna esperital,
 fezo que a el essa noite enganou agoiro,
 e foi-sse ssa via,
 maldizendo quen nunca por moller **creeria**. (CSM 285, v. 53-56)
creeria: FP; 3ps; S; s/p.

mas ela lle jurava que mui mal se sentia,
 pero todavia,
 quando vêes[s]' a noite, que pera el **ir-ss-ya**. (CSM 285, v. 65-67)
irya: FP; 3ps; S; mesocl.

arou-sse-ll' en cruz ena porta e disse: «Non seja
 que tan gran folia
 faças contra meu Fillo nen tan grand' ousadia,
 ca eu non **seria**
 tuda de rogar-lle por ti, nen **m'oyrya**.» (CSM 285, v. 72-76)
seria: FP; 1ps; S; s/p.
oyrya: FP; 3ps; S; procl.

E ela vivia
 a mais viçosa dona que viver **poderia**, (CSM 285, v. 91-92)
poderia: FP; 3ps; S; s/p.

Por est' eu **terria**
 por ben que te tornasses pera a ta mongia,
 e eu **guisaria**
 logo con Deus, meu Fillo, que te **perdõaria**.» (CSM 285, v. 109-112)
terria: FP; 1ps; S; s/p.
guisaria: FP; 1ps; S; s/p.
perdõaria: FP; 3ps; S; procl.

E mui fremoso miragre vos **direi** desta razon
 que mostrou Santa Maria, que nunca faz se ben non, (CSM 286, v. 10-11)
direi: FT; 1ps; S; procl.

E daquest' un gran miragre | vos **direi**, se vos prouguer, (CSM 287, v. 5)
direi: FT; 1ps; S; procl.

que a guareceu de morte, | com' **oyredes** per mi;
 e de como foi aquesto, | non vos en **negarei** ren. (CSM 287, v. 17-18)
oyredes: FT; 2ppl; S; s/p.
negarei: FT; 1ps; S; procl.

E dest' un mui gran miragre | vos **contarei** mui fremoso, (CSM, 288, v. 6)
contarei: FT; 1ps; S; procl.

Que aos que o serviren | nunca lles **falrrá** niente
do gran ben do paraíso, |ca a eles pertêece. (CSM 288, v. 43-44)
falrrá: FT; 3ps; S; procl.

Desto **direi** un miragre | grande que cabo Madride (CSM 289, v. 5)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

Maldito seja quen non **loará**
a que en si todas bondades á. (CSM 290, v. 2-3, refrão)
loará: FT; 3ps; S; s/p.

Maldito seja o que non loar
a que de bondades non ouve par
nen **averá** mentr' o mundo durar,
[ca] Deus non fez outra tal, nen **fará**. (CSM 290, v. 4-7)
averá: FT; 3ps; S; s/p.
fará: FT; 3ps; S; s/p.

e que naceu Deus, om' e Salvador,
ea pois gualardôado lle **será**. (CSM 290, v. 11-12)
será: FT; 3ps; S; procl.

de quant' a bondad' e a prez conven,
e esto ja mais non lle **falirá**. (CSM 290, v. 16-17)
falirá: FT; 3ps; S; procl.

ea, pois [que] deste mundo se partir,
ant' o seu Fillo o **presentará**. (CSM 290, v. 21-22)
presentará: FT; 3ps; S; procl.

aver seu amor enquanto poder,
ea por aquest' o de Deus **averá**. (CSM 290, v. 26-27)
averá: FT; 3ps; S; s/p.

Beito seja o que gran prazer
á de loar tal Sennor, que aver
nos fez amor de Deus e connocer
ela que por nos todos **rogará**. (CSM 290, v. 29-32)
á de loar: FT; 3ps; A; s/p.
rogará: FT; 3ps; S; s/p.

Cantand' e en muitas guisas dev' om' a Virgen loar,
ca u ouver mayor coita, **valer-ll-á** se chamar. (CSM 291, v. 4-3, refrão)
valerá: FT; 3ps; S; mesocl.

Ca loada de tod' ome devia sempr' a seer,
e assi **connoceria** ja quanto do seu poder, (CSM 291, v. 5-6)
connoceria: FP; 3ps; S; s/p.

te pego que tu mi acorras, e enquan' eu vivo for
nunca me de teu serviço, Sennor, **querrei** alongar.» (CSM 291, v. 37-38)
querrei: FT; 1ps; S; s/p.

e filló-o pelo braço e diz: «Quero-t' eu en paz
põer desta prijon fora, pois que por meu **ás d' andar**.» (CSM 291, v. 47-48)
ás d' andar: FT; 2ps; A; s/p.

E de tal razon com' esta vos **direi** com' ha vez
a Virgen Santa Maria un mui gran miragre fez (CSM 292, v. 6-7)
direi: FT; 1ps; S; procl.

Assi que en este mundo fez-ll' acabar o que quis
e morrer onrradamente e morrendo seer fis
que a Parais' **yria**, ben u éste San Denis,
u **veeria** seu Fillo e a ela outro tal. (CSM 292, v. 21-24)
yria: FP; 3ps; S; s/p.
veeria: FP; 3ps; S; s/p.

que tod' ome que o veja ben **dirá**, per bõa ffe,
que o ten por mui mais nobre ca sse fosse de cristal. (CSM 292, v. 63-64)
dirá: FT; 3ps; S; s/p.

e maravilla mui grande vos en **direi**
que mostrou en este feito o que naceu por Nadal. (CSM 292, v. 68-69)
direi: FT; 1ps; S; procl.

ouve grand' a maravilla, e diss' :«Ai, Nostro Sennor,
quen m' **adubaria** este anel? Soubess' ora qual (CSM 292, v. 93-34)
adubaria: FP; 3ps; S; procl.

Seria que o fizesse.» Maestre Jorge diss': «Eu,
ca eu fix aquesta obra toda e est' anel seu
del Rei.» E o tesoureiro logo o anel lle deu, (CSM 292, v. 96-98)
seria: FP; 3ps; S; s/p.

Disse «non faz», o maestre, «mas **direi**, e non vos pes,
que esta noit' ei sonnado vel duas vezes ou tres.» (CSM 292, v. 101-102)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

dela; e poren ll' avo o que vos ora **direy**,
onde vos rog', ai, amigos, que o queirades oyr. (CSM 295, v. 29-30)
direy: FT; 1ps; S; procl.

E elas assi fezeron; e a Virgen en vijon
lles diss': «O que me rogades **farey**-o, se el Rei vir.» (CSM 295, v. 39-40)
farey: FT; 1ps; S; encl.

chorando muit' e dizendo: «A ti, Sennor, que es luz,
beijarei pees e mãos, ca ta vertude m' aduz (CSM 295, v. 49-50)
beijarei: FT; 1ps; S; s/p.

«Non,» diss' ela, «mais as vossas mãos vos **beijarei** eu
por quanta onrra fazedes a mi sempr' e ao meu
Fillo, que é Deus e ome; e poren no reino seu
vos **meterei** pois morrerdes, esto **será** sen mentir.» (CSM 295, v. 52-55)
beijarei: FT; 1ps; S; procl.
meterei: FT; 1ps; S; procl.
será: FT; 3ps; S; s/p.

E dest' un gran miragre ora vos **contarey**
que en Conturbe[l] fezo, per com' escri' achey,
por un monge, sant' ome; e são cert' e sey
que senpre **fará** est' a quena servir souber. (CSM 296, v. 10-13)
contarey: FT; 1ps; S; procl.
fará: FT; 3ps; S; s/p.

e disse-ll': « O que pedes praz-me, per bõa fe;
e eu dizer-cho quero ca meu Fill', u el ssé,
ten por ben que cho diga, e **direi**-cho, senner. (CSM 297, v. 2-28)
direi: FT; 1ps; S; encl.

Se ben queres servir-me, primeiro **amar-m-ás**
muit' ena voontade, outrossi **onrrar-m-ás**,
e sobre tod' aquesto sempre me **loarás**,
pois me fillou por madre Deus, seend' eu moller. (CSM 296, v. 30-33)
amarás: FT; 2ps; S; mesocl.
onrrarás: FT; 2ps; S; mesocl.
loarás: FT; 2ps; S; procl.

Sempr' en aqueste mundo bõa vida **fará**,
e quen servir a ela, seu Fillo **servirá**,
e pois que del for fora, Parayso **verá**;
demais **valrrá**-lle senpre u a mester ouver. (CSM 297, v. 40-43)
fará: FT; 3ps; S; s/p.
servirá: FT; 3ps; S; s/p.
será: FT; 3ps; S; s/p.
valrrá: FT; 3ps; S; encl.

Dest' un fremoso miragre vos rog' ora que ouçades,
e des que o entenderdes **fará**-vos que ben creades
en Deus e en[a] ssa Madre, per que seu amor ajades, (CSM 297, v. 5-7)
fará: FT; 3ps; S; encl.

E des oy mais sa fazenda nunca **irá** adeante,
 ante **tornará** a redr', e sempre **será** malandante;
 e a Virgen groriosa on **querrá** que ss' [el] avante
 daquesto que el [á] dito, pois que en ela descree.» (CSM 297, v. 45-48)

irá: FT; 3ps; S; s/p.

tornará: FT; 3ps; S; s/p.

será: FT; 3ps; S; s/p.

queerrá: FT; 3ps; S; s/p.

E porend' ora un miragre **direi**
 que en Seixon fez a Madre do gran Rei;
 quant' end' aprendi ren non vos **negarei**,
 e de o oyr **averedes** sabor. (CSM 298, v. 9-12)

direi: FT; 1ps; S; s/p.

negarei: FT; 1ps; S; procl.

averedes: FT; 2pps; S; s/p.

Soon de gran coita que mi o demo dá
 qual nunca loller ouve nen **averá**;
 aí, Madre de Deus, Sennor, tolle-mio já,
 e **seerei** sempre tua servidor.” (CSM 298, v. 59-62)

averá: FT; 3ps; S; s/p.

seerei: FT; 1ps; S; s/p.

Dest' un miragre mostrar-vos **querria**,
 E de mio oyrdes vos **rogaria**
 De boa ment, e per el vos **faria**
 Saber servir a comprida de ben. (CSM 299, v. 5-8)

querria: FP; 1ps; S; s/p.

rogaria: FP; 1ps; S; procl.

faria: FP; 1ps; S; procl.

e em loa-la gran sabor prendia;
 e **direi**-vos que ll' avêo poren. (CSM 299, v. 12-13)
direi: FT; 1ps; S; encl.

(...) mais vai ta via
 al Rei e dá-lla, ca me **prazeria**
 se lla désses, e **faria** bom sen.” (CSM 299, v. 26-28)

prazeria: FP; 3ps; S; procl.

faria: FP; 3ps; S; s/p.

“E como fillaste tal ousadia
 De non dar o que te mandad' avia
 que désses al Rei, e **gracir-cho-ya**?
 Mas dá-lla; se non, mal te **verrá** en.” (CSM 299, v. 40-43)

gracirya: FP; 3ps; S; mesocl.

verrá: FT; 3ps; S; procl.

Tal omagen, mas al Rei **converria**.

E por aquesto vos **conssellaria**

que lla dessedes, ca el **saberia**

onrra-la muit'; e vos buscad' alguen (CSM 299, v. 50-53)

converria: FP; 3ps; S; s/p.

conssellaria: FP; 3ps; S; procl.

saberia: FP; 3ps; S; s/p.

e ela filla e criada,

e onrrada

e amada

a fez tanto, que sen par

é preçada

e loada

e **será** quant' el durar. (CSM 300, v. 9-15)

será: FT; 3ps; S; s/p.

E dest' un mui gran miragre | vos **direi** que me juraron

omees de bõa vida | e por verdade mostraron (CSM 301, v. 5-6)

direi: FT; 1ps; S; procl.

Desto **direi** un miragre que conteu no mōesteiro

de Burgos, e se m' oirdes, **direi**-vo-lo tod' inteiro,

que mostrou Santa Maria por toller med' e fazfeiro

da moça que avia tod' esto sen dovidança. (CSM 303, v. 5-8)

direi: FT; 1ps; S; s/p.

direi: FT; 1ps; S; encl.

«Aquesto que me tu rogas **farei** eu de bõa mente,

tanto que oi mais teu feito non[o] metas en balança.» (CSM 303, v. 37-38)

farei: FT; 1ps; S; s/p.

E poren dizer-vos quero, se me mui ben ascuitardes,

un mui fremoso miragre; e se y mentes parardes,

gran prol de vossa fazenda vos **terrâ**, se vos guardardes

de fazer per que perçades d' aver de Deus galardões. (CSM 305, v. 5-8)

terrâ: FT; 3ps; S; procl.

E diss' el: «Vee-la quero, e **meterei** y femença

se é carta de soltura ou se é de petições.» (CSM 305, v. 47-48)

meterei: FT; 1ps; S; s/p.

El enton leeu a carta, e ante que lla tornasse

disse-lle que lle **daria** sobr' ela quanto pesasse,

e que esto lle **faria**, e d'al non sse traballasse

per ren, ca el non amava truães nen arlotões. (CSM 305, v. 45-47)

daria: FP; 3ps; S; procl.

faria: FP; 3ps; S; procl.

Quand' o canbiador viu esto, pediu por Santa Maria ,
 mercee que sse leixasse do peso, e lle **daria**
 quant' ela do seu quisesse, per que sempre **viviria**
 ben e avondadamente. E molleres e barões, (CSM 305, v. 70-73)
daria: FP; 3ps; S; procl.
viviria: FP; 3ps; S; s/p.

Esta omagen bẽeita | dês enton assi está
 con ssa cinta abaixada, | e sempr' assi **estará**;
 e Deus miragres por ela | mostrou pois e **mostrará**,
 por nos fazer de sa Madre | a verdade connocer. (CSM 306, v. 50-53)
estará: FT; 3ps; S; s/p.
mostrará: FT; 3ps; S; s/p.

Dest' un fremoso miragre | vos **direi** que foi verdade (CSM 309, v. 5)
direi: FT; 1ps; S; procl.

e porend' un ome bõo | lles disse que sse tevensen
 de faze-la ata quando | de Deus tal sinal ouvensen
 do lugar u a **farian** | a ssa Madr', und' el é Padre. (CSM 309, v. 26-28)
farian: FP; 3ppl; S; procl.

que lle disso: «Deus o santo
 de ti **nacerá** agynna.» (CSM 310, v. 18-19)
nacerá: FT; 3ps; S; s/p

«Mal empregasti teu tenpo na Virgen, com' aprendi,
 demais perdisti grand' algo que lle desti; mais a mi
 nunca **averrá** aquesto, ca o meu na arca é.» (CSM 311, v. 46-48)
averrá: FT; 3ps; S; s/p.

Que me livrou de sas mãos u era en poder seu;
 e porend', enquant' eu viva, sempre no coraçõ meu
 a **terrei** pera servi-la, e nunca me **será** greu
 de ren que por ela faça, ca mui ben enpregad' é.» (CSM 311, v. 55-58)
terrei: FT; 1ps; S; procl.
será: FT; 3ps; S; procl.

e cuidand' en sa amiga | en como a **averia**,
 o sen a perder ouvera | e caer en gran loucura. (CSM 312, v. 42-43)
averia: FP; 3ps; S; procl.

E poren dizer-vos quero dela un miragr', e sei
 que **loaredes** seu nome; aynda vos mais **direi**:
connoceredes de certo que sabença do gran Rei,
 seu Fillo, de pran á ela por tal miragre fazer. (CSM 313, v. 11-14)
loaredes: FT; 2ppl; S; s/p.
direi: FT; 1ps; S; procl.
connoceredes: FT; 2ppl; S; s/p.

e santos muitos e santas, outorgando que romeus
de grado seus **seerian** se lles quisesse valer. (CSM 313, v. 33-34)
seerian: FP; 3ppl; S; s/p.

E diz: «Varões, chamemos ora de bon coração
a Virgen Santa Maria de Vila-Sirga, e non
se faça end' om' afora, e peçamos-lle perdon,
ca a ssa vertude santa no-nos **á de falecer**. (CSM 313, v. 46-49)
á de falecer: FT; 3ps; S; procl.

Quen souber Santa Maria | loar, **será** de bon sem. (CSM 314, v. 3, refrão)
será: FT; 3ps; S; s/p.

e de como foi o feito | todo vo-lo **contarei**,
pero **prazer-m-ia** muito | se m' oyssedes mui ben. (CSM 314, v. 6-7)
contarei: FT; 1ps; S; procl.
prazeria: FP; 3ps; S; mesocl.

Logo comig', ai irmãa, | e **amostrar-che-ei** logar
u podemos quinze dias | ou tres domaas estar
viçosos cab' hũa fonte | que eu ei; des i caçar
me **veeredes** andando, | e **prazer-vos-á** muit' en." (CSM 314, v. 19-22)
amostrarei: FT; 1ps; S; mesocl.
veeredes: FT; 2ppl; S; procl.
prazerá: FT; 3ps; S; mesocl.

E daquesto avêo | miragre mui fremoso (...)
que vos **contarei** ora, | se me for ascuitado. (CSM 315, v. 5-8)
contarei: FT; 1ps; S; procl.

Póla Virgen bẽeita, | de como vos **diremos**. (CSM 315, v. 15)
diremos: FT; 1ppl; S; procl.

de Tocha o levasse, | e esto per concello,
ca Deus y **mostraria** | miragre sinaado. (CSM 315, v. 42-43)
mostraria: FP; 3ps; S; s/p.

Desto **direi** un miragre | que conteu en Portugal, (CSM 316, v. 5)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

por quanto na ta hermidã | mandei o fogo põer;
mais por emenda daquesto | **farey**-a nova fazer, (CSM 316, v. 41-42)
farey: FT; 1ps; S; encl.

mais por ti **direi** de grado | quanto ben dizer poder,
e des aqui adeante | quero ja por ti trobar." (CSM 316, v. 57-58)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

Mal ss' **á** en **d' achar**

quen quiser desonrrar Santa Maria (CSM 317, v. 3-4, refrão)

á de achar: FT; 3ps; A; procl.

e chamando: “Val,

Madre de Deus, ca mester nos **seria**.” (CSM 317, v. 57-58)

seria: FT; 3ps; S; procl.

E com' era atrevudo e sandeu,

quis acabar aquilo que prometeu,

e o pe ergueu

e ena porta gran couce **dar ya**. (CSM 317, v. 50-53)

dar ya: FP; 3ps; S; s/p.

Mais avêo-ll' en como vos eu **direi**: (CSM 317, v. 55)

direi: FT; 1ps; S; procl.

Quen a Deus e a ssa Madre escarn[n]o fazer quiser,

muito **será** gran dereito se ll' ende pois mal ver. (CSM 318, v. 3-4, refrão)

será: FT; 3ps; S; s/p.

E desto, se m' ascuitardes, vos **direi**, per com' oý,

un miragre mui fremoso, e creo que foi assi; (CSM 318, v. 5-6)

direi: FT; 1ps; S; procl.

e bõa paravl' avia, mas dentro no coração

en com' era de mal cho vos **direi**, se vos prouguer. (CSM 318, v. 17-18)

direi: FT; 1ps; S; procl.

Quen quer mui ben pod' a Virgen groriosa

de door guarir, non **será** tan coitosa. (CSM 319, v. 2-3, refrão)

será: FT; 3ps; S; s/p.

Poren quer' eu dela un miragr' onrrado

dizer, se m' oyrdes; e poi-lo contado

ouver, **saberedes** que faz mui guisado

o que faz serviço a esta piadosa. (CSM 319, v. 9-12)

saberedes: FT; 2ppl; S; s/p.

Por ela, ca outro fillo non avian.

Des i prometeron que a **levarian**

a Terena, ca ja per al non sabian (CSM 319, v. 39-41)

levarian: FP; 3ppl; S; procl.

(...) poren, se ela m'ajude,

vos **direi** un seu miragre | que fez en hũa minynna. (CSM 321, v. 7-8)

direi: FT; 1ps; S; procl.

Ant' el Rey, e **yrei** logo | vosco, se Deus me defenda

de mal, e de vossa filla | lle **contarei** a fazenda;

e des que llo ouver dito | ben sei logo sen contenda
que el Rei por as mercee | vos **acorrerá** agynna.” (CSM 321, 35-38)

yrei: FT; 1ps; S; s/p.

contarei: FT; 1ps; S; procl.

acorrerá: FT; 3ps; S; procl.

Ca dizedes que vertude | ei, dizedes necidade;
Mais fazed' agora tanto | eu **direi**, e vos calade,
E **levarey** a minynna | ant' a bela Magestade (CSM 321, v. 45-47)

direi: FT; 1ps; S; s/p.

levarey: FT; 1ps; S; s/p.

e assi no dia quinto | **serán** todas acabadas,
e desta enfermidade | **guarrá** log' a pastorãa.” (CSM 321, v. 57-58)

serán: FT; 3ppl; S; s/p.

guarrá: FT; 3ps; S; s/p.

E de tal razon com' esta vos **direi**, se m' ascuitades,
un gran miragre que fezo esta Sennor muit' onrrada. (CSM 322, v. 12-13)

direi: FT; 1ps; S; procl.

E porend' un gran miragre **direi**, se Deus me defenda,
que fez esta que ja outros á feitos muitas vegadas. (CSM 323, v. 7-8)

direi: FT; 1ps; S; s/p.

Daquest' un mui gran miragre vos **direi**, sen ren mentir,
mui fremos' e muit' aposto, e saboroso d'oyr, (CSM 324, v. 5-6)

direi: FT; 1ps; S; procl.

E de tal razon com' esta **direi** mui maravilloso
miragre que fez a Virgen, e d'oyr mui saboroso;
e quen parar y ben mentes **terrá**-o por piadoso
e **averá** mais fiança eno seu ben todavia. (CSM 325, v. 9-12)

direi: FT; 1ps; S; s/p.

terrá: FT; 3ps; S; encl.

averá: FT; 3ps; S; s/p.

(...) e d'oyr a maravilla
que avêo deste feito muito m'ende **prazeria**. (CSM 325, v. 21-22)

prazeria: FP; 1ps; S; procl.

E conssellou-lles que fossen mouras e crischãidade
leixassen, e fossen fora daquela catividade,
e lles **faria** grand' algo e **dar-lles-ya** herdade,
e que con mouros mui ricos a ambas casa-las **faria**. (CSM 325, v. 29-32)

faria: FP; 3ps; S; procl.

darya: FP; 3ps; S; mesocl.

faria: FP; 3ps; S; procl.

E se fazer non quisesse[n] esto, logo nas cadas
ambas mete-las **faria** e dar-lles tan grandes pas
que lles non ficassen sãos coiros nen nervos nen vas,
e demais, sobre tod' esto, escabeça-las **faria**. (CSM 325, v. 34-37)

faria: FP; 3ps; S; s/p.

faria: FP; 3ps; S; s/p.

adormeceu, e a Virgen lle disse: Sal acá fora
deste logar e treí migo, ca eu te **porrei** na via.» (CSM 325, v. 46-47)

porrei: FT; 1ps; S; procl.

Enton a moller lles disse: «Eu sôo pobr' e mesqynna,
e se m'alg' a dar avedes por Deus, dade-mio aga,
e **yr-m-ei** pera Tudia, a cas da Santa Rea (CSM 325, v. 74-76)

yrei: FT; 1ps; S; mesocl.

Ca a Sennor que o atan ben dá
non á ome razon de lle furtar
nen de roubar-ll' o seu nen llo fillar,
ca servindo a ben **ave-lo-á**. (CSM 326, v. 5-8)

averá: FT; 3ps; S; mesocl.

E daquesta razon vos **contarei**
un gran miragre que fez hũa vez (CSM 326, v. 10-11)

contarei: FT; 1ps; S; procl.

E quen a verdade saber quiser,
saberá que as poseron aly (CSM 326, v. 25-26)

saberá: FT; 3ps; S; s/p.

Onde, se m'oyr quiserdes, daquesto vos **contarei**
un miragre mui fremoso que fez a Madre do Rey
Jhesu-Crist' en Odimira, como vos ora **direi**,
u ela fez ende muitos outros en aquel logar. (CSM 327, v. 6-9)

contarei: FT; 1ps; S; procl.

direi: FT; 1ps; S; procl.

(...) ca de todo deleitosa
tant' é, que de dur **seria** en un gran dia contado. (CSM 328, v. 17-18)

seria: FP; 3ps; S; s/p.

el Rey Don Affonso, quando sa frota ouv' enviada
que Çalé britaron toda, gran vila e muit' onrrada,
e o aver que gãaron, de dur **seria** osmado. (CSM 328, v. 31-33)

seria: FP; 3ps; S; s/p.

Esto fez a Virgen santa, a Sennor dereitoreira,
de cujo nome o mundo **será** chëo per meu grado. (CSM 328, v. 87-88)

será: FT; 3ps; S; s/p.

O levaren.» E tan toste entraron, com' apres' ei,
 ena eigreja, e viron estar aquele sen lei
 cegu' e atal com' hũa pedra. Diz hũu deles: «¿Que **farei**? (CSM 329, v. 55-57)
farei: FT; 1ps; S; s/p.

A qual diss' «Ave Maria»
 Gabriel e que **seria** (CSM 330, v. 7-8)
seria: FT; 3ps; S; s/p.

dizendo: “Sen ti mui soa | fico, e tu sen mi soo;
 e ou mais **jarás** so terra | ben como jaz teu avoo, (CSM 331, v. 30-31)
jarás: FT; 2ps; S; s/p.

Ond' un mui maravil[loso] miragre vos **contarei**
 que avẽo en Carriço, per com' en verdad' achei, (CSM 332, v. 6-7)
contarei: FT; 1ps; S; procl.

Ao convent' u durmia, e disse: «Por esto vin,
 por vos mostrar gran miragre que ora conteu a min;
 e sei que poi-lo oyrdes, **diredes**, par San Martin,
 que d'outro mayor daqueste nunca oystes falar.» (CSM 332, v. 56-59)
diredes: FT; 2ppl; S; s/p.

E poren vos **direi** ora | un miragre que á feito
 en Terena esta Virgen, | Madre do Fillo bẽeito, (CSM 333, v. 10-11)
direi: FT; 1ps; S; procl.

foss' e diss': “Ai, Virgen Madre, | se algũa vez servida
 fuste de mi algun tenpo, | val, ca mester me **seria**.” (CSM 333, v. 32-33)
seria: FP; 3ps; S; procl.

E desto fez en Terena, ond' **averedes** sabor,
 un miragr' a Virgen santa, Madre de Nostro Sennor, (CSM 334, v. 5-6)
averedes: FT; 2ppl; S; s/p.

E diss[e] a o mancebo: «Se ora podess[es] yr
 ao agro a teu amo, **punnarei** en cho gracir, (CSM 334, v. 25-26)
punnarei: FT; 1ps; S; s/p.

E **dar-ll-ás** aqueste vo, e fas como te **direi**:
 non bevas [en] nemigalla, e ven-t' e eu te **darei**
 algo, se esto fezeres, e demais **gracir-cho-ei**,
 e a mi e a teu amo **farás** ora gran prazer.» (CSM 334, v. 30-33)
darás: FT; 2ps; S; mesocl.
direi: FT; 1ps; S; procl.
darei: FT; 1ps; S; procl.
gracirei: FT; 1ps; S; mesocl.
farás: FT; 2ps; S; s/p.

Com' andamos lazerados con est' ano tan minguado.»
 Respondeu-ll' o ome bõo: «Esto **faria** de grado; (CSM 335, v. 35-36)
faria: FP; 1ps; S; s/p.

E **yrei** catar as arcas se me ficou y farynna.» (CSM 335, v. 45)
yrei: FT; 1ps; S; s/p.

e as arcas de fara chas, e tan avondada
 que avondar **poderia** a todo-los da cidade. (CSM 335, v. 72-73)
poderia: FP; 3ps; S; s/p.

a Virgen mui groriosa, | de que gran merce' espero;
 e se ben nos ascuitardes, | de grado vo-lo **diremos**. (CSM 336, v. 13-14)
diremos: FT; 1ppl; S; procl.

Ile disse: “Sennor, mercee, | ca en ti a **acharemos** (CSM 336, v. 34)
acharemos: FT; 1ppl; S; procl.

mais est' erro per natura | ben des Adan é-xe noso,
 de que non seremos sãos, | se per vos non guarecemos.” (CSM 336, v. 48-49)
 seremos: FT; 1ppl; S; s/p.

“Porque teu ben connocemos | e entendes ta loucura,
 eu **farei** que o meu Fillo | te **cambiará** a natura
 que já mais esto non faças, | ca desto poder avemos.” (CSM 336, v. 52-54)
farei: FT; 1ps; S; s/p.
cambiará: FT; 3ps; S; procl.

E daquest' un gran miragre | **direi**, conde devoçon
averedes poi-l' oyrdes, que conteu a ñu baron (CSM 337, v.5-6)
direi: FT; 1ps; S; s/p.
averedes: FT; 2ppl; S; s/p.

E colleu tal antollança | polo fazer entender,
 que con todos contendia; | e macar ll' yan dizer
 que se ben se **soltaria**, | non llo queria creer,
 ant' ya travar en muitos, | e dos panos lles tirar, (CSM 337, v. 10-13)
soltaria: FP; 3ps; S; procl.

Desto **direy** un miragre | que fezo a Virgen santa, (CSM 338, v. 5)
direy: FT; 1ps; S; s/p.

Na eigeja da Madre do gran Rei,
 que fez muitos miragres, com' eu sei,
 por que a loo sempr' e **loarei**
 enquant' en aqueste mundo viver. (CSM 339, v. 70-73)
loarei: FT; 1ps; S; s/p.

Virgen Madre groriosa,
de Deus filla e esposa,
santa, nobre, preciosa,
quen te loar **saberia**
ou podia? (CSM 340, v. 2-6)
saberia: FP; 3ps; S; s/p.

Quen diria,
nen quen osmar **poderia**
teu ben e ta gran medida? (CSM 340, v. 36-38)
poderia: FT; 3ps; S; s/p.

Tu es alva per que visto
foi o sol, que éste Cristo,
que o mund' ouve conquisto
e sacado du jazia
e **jaria**,
e de que non **sairya**; (CSM 340, v. 42-47)
jaria: FP; 3ps; S; s/p.
sairya: FP; 3ps; S; s/p.

E **querria**
t' eu ver con el, ca **seria**
quito de maa ventura (CSM 340, v. 66-68)
querria: FP; 1ps; S; s/p.
seria: FP; 1ps; S; s/p.

Desto **direi** un miragre | que en terra de Gasconna
fez a Virgen groriosa, (...) (CSM 341, v. 5-6)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

e sequer en un gran fogo | en meo daquela praça
me **meterei**, ca non sōo | daquelas que esto fazen.” (CSM 341, v. 37-38)
meterei: FT; 1ps; S; procl.

Diss' ela: “De mui bon grado | **farei** o que me mandades,
en tal que maa sospeita | per ren de mi nona jades.” (CSM 341, v. 45-46)
farei: FT; 1ps; S; s/p.

(...) Ca agora tal peccado
fiziste, que gran dereito | **faria** quen te matasse. (CSM 343, v. 27-28)
faria: FP; 3ps; S; s/p.

e deron poren loores | aa Sennor mui conprida,
a que quen quer as **daria** | que sse migo co[n]ssellas[s]e. (CSM 343, v. 52-53)
daria: FP; 3ps; S; procl.

E dest' un mui gran miragre **direi**, e ben m'ascuitade,
que ela fez en Tudia; e meted' y ben femenga. (CSM 344, v. 8-9)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

E desta gran maravilla | ñu chanto mui doorido
 vos **direi** que end' avêo, sol que me seja oydo, (CSM 345, v. 6-7)
direi: FT; 1ps; S; procl.

e que per seu corpo fosse | Il'acorrer; se non, pagado
 per outr' ome non **seria**. | E el Rei foi aprender (CSM 345, v. 38-39)
seria: FP; 3ps; S; s/p.

Onde desta razon grande | miragre contar vos quero
 que fezo Santa Maria, | a Madre do gran Deus vero
 que no dia do joizo | **verrá** mui brav' e mui fero
 e **juycará** o mundo | tod' en mui pequena ora. (CSM 346, v. 5-8)
verrá: FT; 3ps; S; s/p.
juycará: FT; 3ps; S; s/p.

Desto **direi** ñu miragre | que en Tudia avêo,
 e **porrey**-o con os outros, | ond' un gran livro é chêo, (CSM 347, v. 5-6)
direi: FT; 1ps; S; s/p.
porrey: FT; 1ps; S; encl.

(...) mas tu que es verdadeira,
 Se tu queres, dá-mio vivo, | ca fazer-o **poderias**." (CSM 347, v. 37-38)
poderias: FP; 2ps; S; s/p.

Desto **direi** un miragre que avêo en Espanna,
 que mostrou Santa Maria, a piadosa sen sanna, (CSM 348, v. 5-6)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

Ela lle disse: «Teu rogo de meu Fill' é ja cabudo;
 onde por mingua que ajas non dés ren, mais atrevudo
 sei ben, ca mui gran tesouro te **darei** que ascondudo
 jaz sso terra, que meteron y mui peyores ca mouros.» (CSM 348, v. 25-28)
darei: FT; 1ps; S; procl.

Onde daquest' un miragre vos **direi**, se m'ascuita[r]des,
 mui frems' a maravilla; e se y mentes para[r]des,
 sa mercee **averedes** dela, e se [a] guardardes,
 do inferno **seeredes** quitos e de ssa tormenta. (CSM 349, v. 10-13)
direi: FT; 1ps; S; procl.
averedes: FT; 2ppl; S; s/p.
seeredes: FT; 2ppl; S; s/p.

Un rey consigo tragia ha omagen fremosa
 daquesta Virgen beita, Madre de Deus groriosa,
 que a quantos la viyan era atan graciosa
 que achar non **poderian** tal ontre mil e setenta. (CSM 349, v. 15-18)
poderian: FT; 3ppl; S; s/p.

E desta razon miragre [mui] fremoso vos **direi**,
que mostrou Santa Maria, com' eu en ver Paid' achei, (CSM 351, v. 5-6)
direi: FT; 1ps; S; procl.

Entonce disseron todos: «Se nos a Virgen non val,
con coita deste bon vo nos **poderemos** perder.» (CSM 351, v. 32-33)
poderemos: FT; 1ppl; S; procl.

Dest' un remoso miragre | vos **direi**, se m'ascuitardes,
que fezo Snata Maria; e se y mentes parardes,
por mui grande o **terredes** | quant' en ele mais cuidardes,
e **veredes** com' a Virgen | á poder sobre natura. (CSM 352, v. 5-8)
direi: FT; 1ps; S; procl.
terredes: FT; 2ps; S; procl.
veredes: Ft; 2ppl; S; s/p.

ena Virgen groriosa | e creendo sen dultança
que seu açor lle **daria** | viv' e são sen laidura. (CSM 352, v. 42-43)
daria: FP; 3ps; S; procl.

e meteu outras tan boas | e atan ben cooradas,
que per ren non **poderian** | taes pintar de pintura. (CSM 352, v. 52-53)
poderian: FP; 3ppl; S; s/p.

Como un meninno que criava un abade en sa castra tragia
de comer ao menin[n]o que tiin[n]a a omagen
enos seus braços, e disso-ll' a omagen que **comeria** con ele mui çedo. (CSM 353, v. 1-3)
comeria: FP; 3ps; S; s/p.

Quen a omagen da Virgen e de seu Fillo onrrar,
deles **será** muit' onrrado no seu ben, que non á par. (CSM 353, v. 4-5)
será: FT; 3ps; S; s/p.

E de tal razon com' esta vos **direi**, se vos prouguer,
miragre que fez a Virgen, que sempre nosso ben quer, (CSM 353, v. 6-7)
direi: FT; 1ps; S; procl.

Que comesse, e dizendo: «Cada dia t' **adurey**
desta raçon que me derem e tigo a **partirey**;
e poren te rog', amigo, que córias, ca mui ben sei
que sse desto non comeres, outro non cho **verrá** dar.» (CSM 353, v. 56-59)
adurey: FT; 1ps; S; procl.
partirey: FT; 1ps; S; procl.
verrá: FT; 3ps; S; procl.

Ile diss' un dia: «Contigo non **comerei** outra vez,
se cras mig' e con meu Padre non quiseses yr jantar.» (CSM 353, v. 63-64)
comerei: FT; 1ps; S; s/p.

ao meno: «Meu fillo, se tu non comes assaz,
eu te **darei** ben que cómias, ca te vejo magr' andar.» (CSM 353, v. 68-69)
darei: FT; 1ps; S; procl.

Enton lle diss' o abade: «Pois que tu est' oyd' ás,
e creo certãamente que con eles **jantarás**,
rogo-t' eu que vaa tigo comer de tan bon manjar.» (CSM 353, v. 87-89)
jantarás: FT; 2ps; S; s/p.

e disse-lles: «Ai, amigos, cras m[e] **irei** eu, par Deus,
esto sei certãamente; e porend' a Don Mateus,
vosso monge, por abade escolled' en meu logar.» (CSM 353, v. 92-94)
irei: FT; 1ps; S; procl.

Desto **direi** un miragre grande que fez a Reynna,
Madre de Deus Jhesu-Cristo, a u rey que muito tia (CSM 354, v. 5-6)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

Dade-mia qual quer que seja, sequer viva, sequer morta,
e **conortar-m-ei** con ela come quen se mal conorta.» (CSM 354, v. 35-36)
conortarei: FT; 1ps; S; mesocl.

O que Santa Maria | serviço fezer de grado,
na mui gran coita que aia | **seer-ll-á** galardoadado. (CSM 355, v. 3-4, refrão)
seerá: FT; 3ps; S; mesocl.

E porend' un seu miragre | vos **direi** de boa mente (CSM 355, v. 10)
direi: FT; 1ps; S; procl.

E diss' el: E non **iredes** | comigo, se Deus me valla,
ca non **querria** con vossos | parentes aver baralla; (CSM 355, v. 30-31)
iredes: FT; 2ppl; S; s/p.
querria: FP; 1ps; S; s/p.

Ca, se mi a Virgen Maria | guardar, que é meu espello,
nunca me **casarei** vusco, | non vo-lo digo en trebello, (CSM 355, v. 65-66)
casarei: FT; 1ps; S; procl.

Desto **direi** un miragre | que no Port' aconteceu, (CSM 356, v. 6)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

Desto fezo eno Porto que de seu nom' é chamado
gran miragr' a Groriosa, que **será** per min contado, (CSM 358, v. 5-6)
será: FT; 3ps; S; s/p.

Enton diss' a maestr' Ali un ome de sa conpanna:
«Eu vos **mostrarei** un canto da medida tamanna
que, se muitos end' ouverdes, a lavor **será** creçuda (CSM 358, v. 16-18)
mostrarei: FT; 1ps; S; procl.
será: FT; 3ps; S; s/p.

(...) e disse: “Non temas ren,
ca eu te **porrei** en salvo, | e esto **verás** tu ben, (CSM 359, v. 32-33)
porrei: FT; 1ps; S; procl.
verás: FT; 2ps; S; s/p.

Demais que **dirá** Deus Padre a seu Fill' o dia forte
do juyzo, quando ll' ele mostrar a cruz u pres morte
e as chagas eno corpo que pres pera dar conorte
a nos: «Nunca piedade foi nen **será** ja tamanna.» (CSM 360, v. 14-17)
dirá: FT; 3ps; S; s/p.
será: FT; 3ps; S; s/p.

E dest' un mui gran miragre, meus amigos, vos **direy**
que avêo na cidade de Burgos, e mui ben sey (CSM 361, v. 5-6)
direy: FT; 1ps; S; procl.

dizendo: «Se alá chego, ben ei fiuza en Deus
e na sa Madre beyta que **veerei** destes meus
ollos, que por meus pecados muit á sse foron serrar.» (CSM 362, v. 40-42)
veerei: FT; 1ps; S; s/p.

Desto **direi** un miragre | que eno gran Port' avêo (CSM 364, v. 6)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

E **verá** aqueste monje que anda en gran loucura
en cuidar que non é nada a alma, ca da altura
deçeu meu Fill' e pres morte por ela fort' e mui dura; (CSM 365, v. 36-38)
verá: FT; 3ps; S; s/p.

Un falcon lle dessen feito, que mui de grado **farian**,
e que ena sa ygreja ant' o seu altar **porriam**; (CSM 366, v. 55-56)
farian: FP; 3ppl; S; s/p.
porriam: FP; 3ppl; S; s/p.

E ind' el Rei per mar, tanto ll'incharon
as pernas ambas e se lle pararon
assi vermellas que todos cuidaron
que daquel mal mui tarde **sãaria**. (CSM 367, v. 41-44)
sãaria: FP; 3ps; S; s/p.

De tal razon com' esta un miragre mui grande
direi, que fez a Virgen, a que queyra que ande (CSM 368, v. 5-6)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

Que fomos end' abade; e **dar-t-emos** consello
per que ben guarir possas, ca non é por trebello (CSM 368, v. 20-21)
daremos: FT; 1ppl; S; mesocl.

Guiará ta fazenda, per que sejas guarida.»

E ela foi-ss' a Silos; e pois que fez sa ida, (CSM 368, v. 25-26)

guiará: FT; 3ps; S; s/p.

(...)e pois que y chegares,

log' **averás** consello, desto non dovidamos.» (CSM 368, v. 32-33)

averás: FT; 2ps; S; s/p.

A Caliz atan taste que for a madurgada,

aa See que éste de Santa Cruz chamada,

en que meu Fillo posto foy, ond' eu fuy prennada,

e **averás** saude, ca nos por ti rogamos.» (CSM 368, v. 40-43)

averás: FT; 2ps; S; s/p.

E de tal razon com' esta | vos **direy** un gran miragre, | sol que me ben ascoitedes,
(CSM 369, v. 9)

direy: FT; 1ps; S; procl.

Ela avendo gran coyta | e fazendo mui gran doo, | vëo a ela as filla

Dizendo: “Madre, comede | e avede algun conorto; | ca **seria** maravilla,
(CSM 369, v. 83-84)

seria: FP; 3ps; S; s/p.

Diss' un deles: Eu o trago, | que con mia moller cëasse,

mais pero **vender-mio-ya** | a quen mio mui ben comprasse.” (CSM 369, v. 90-91)

venderya: FP; 3ps; S; mesocl.

Outro dia o alcayde | vëo irad' e sannudo | a ssa casa por prende-la,

se ll' a sortella non dësse, | pois lle dava seus din[n]e[i][ros], que **morreria** por ela.

Enton chorand' a mesquinna | rogou que a ascoitasse,

dizendo que lla **daria**, | sol que ll' o seu entregas[s]e. (CSM 369, v. 108-111)

morreria: FP; 3ps; S; s/p.

daria: FP; 3ps; S; procl.

E de a servir sol non nos enfademos,

outrossi temer e loar, ca sabemos

que nos **gãará** dos erros que fazemos

perdon pera sempr' e vid' e alegria. (CSM 370, v. 9-12)

gãará: FT; 3ps; S; procl.

Esta nos quis dar Deus por noss' a vogada

quando fez dela Madr' e Filla juntada;

e poren deve seer de nos loada,

e atal Sennor, quen-na non **loaria** (CSM 370, v. 14-17)

loaria: FP; 3ps; S; procl.

Pero **direi** un daqueles que pouco temp' á que fez

mui grande e mui fremoso esta Reynna de prez (CSM 371, v. 5-6)

direi: FT; 1ps; S; s/p.

E dest' un gram miragre | **direy**, se vos prouguer,
 que a Virgen bẽ[e]yta | fez por hũa moller
 na ygreja do Porto; | e quem mi oyr quiser
direi-lle com' avẽo, | se mio ben ascoitar. (CSM 372, v. 5-6)
direy: FT; 1ps; S; s/p.
direi: FT; 1ps; S; encl.

Desto **direy** un miragre grande que me foi mostrado
 que fezo Santa Maria, de que Deus quis seer nado,
 en Xerez, na sa capela do alcaçar, que gãado
 foi de mouros per sa graça que nunca **será** falida (CSM 374, v. 7-10)
direy: FT; 1ps; S; s/p.
será: FT; 3ps; S; s/p.

E disse que lla **daria**. E pois foi en sa pousada
 Don Manuel, el Rey logo non quis mais fazer tardada, (CSM 376, v. 52-26)
daria: FP; 3ps; S; procl.

E porend' ha vegada ha obra mui fremosa
 pintava da Santa Virgen, Madre de Deus groriosa;
 e el Rey, cuj' om' el era, por amor da preçiosa
 Sennor, que el muit' amava, prometeu que lle **daria** (CSM 377, v. 11-14)
daria: FP; 3ps; S; procl.

Mais depois que a verdade deste feyt' ouve sabuda,
 mandou logo que a carta non lle fosse detuda
 e que lle déss'outra toste, se non, pa connosçuda
 lle faria que peytasse, en que al non **averia**. (CSM 377, v. 26-29)
faria: FP; 3ps; S; procl.
averia: FP; 3ps; S; s/p.

Sobr' esto muitas vegadas mandou el Rey que lla dessen
 e que per nulla maneyra de dar non lla detevessen,
 e se non, que a sa ira **averian**, se fezesen
 contra esto; mais aqueles alongavan cada dia. (CSM 377, v. 36-39)
averian: FP; 3ppl; S; s/p.

Onde daquest' en Sevilla fez ela miragr' atal
 qual vos ora contar quero; e des que oyrdes qual
 foi, por grande o **terredes**, ca ela que pod' e val
 mostrou y sa gran vertude, ca sempre fez o mellor. (CSM 378, v. 22-25)
terredes: FT; 2ppl; S; procl.

E disse: «Se vos fezerdes o que vos quero dizer,
 esta menyn' ao Porto yde logo prometer
 da Virgen Santa Maria, e sse sãar, offreçer
 lla yde, e mantene[n]te **perderá** esta door. (CSM 378, v. 42-45)
perderá: FT; 3ps; S; s/p.

Que logo que offrecerdes, que a menyna **guarrá**.»
 E eles lle prometeron que a levassen alá
 con sas offertas mui grandes; (CSM 378, v. 52-54)
guarrá: FT; 3ps; S; s/p.

Ar en dar-lle loor
 avemos gran razon,
 ca Deus a fez mellor
 de quantas cousas son;
 que sen par,
 sen dultar,
 ést'. E quem **diria**
 en trobar
 nen cantar
 quant' i **converria**?
 Sen calar...

Poren non **quedarei**
 de sempre lle pedir
 merçee, e **rogar-ll-ey**
 que se de mi servir
 quer e dar
 me logar
 u quant' eu **querria**
 eixalçar
 e poiar
 seus feitos Maria.
 Sen calar... (CSM 380, v. 41-62)

diria: FP; 3ps; S; s/p.
converria: FP; 3ps; S; s/p.
quedarei: FT; 1ps; S; s/p.
rogarey: FT; 1ps; S; mesocl.
querria: FP; 1ps; S; s/p.

Desto **direi** un miragre que no Porto conteçe
 que é de Santa Maria, dum menino que morreu, (CSM 381, v. 5-6)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

Sa madre, pois viu que morto era, a gran voz deu
 dizend': «Ay, Santa Maria, dá-m' aqeste fillo meu;
 se non, leva-me con ele, ca mais non **viverei** eu
 eno mundo.» E con coyta foi logo esmorecer. (CSM 381, v. 25-28)
viverei: FT; 1ps; S; s/p.

“Se queredes que vos herde, | de grado vos **herdarey**
 ali u o fazer possa, | ca per ren non **fillarey**
 cousa que eu dada aja; | mais tal logar **buscarey**
 per que sejades herdado | mui bem e vos dé bon don.” (CSM 382, v. 21-24)
herdarey: FT; 1ps; S; procl.
fillarey: FT; 1ps; S; s/p.

buscarey: FT; 1ps; S; s/p.

A [a] Virgen gloriosa, | y toda mesura jaz,
que ela na voontade | al Rey meta, se lle praz,
que dé aos monges cambio | por Alvaç[a]; e assaz
averei se me der esto, | e **será** bon gualardon. (CSM 382, v. 46-49)

averei: FT; 1ps; S; s/p.

será: FT; 3ps; S; s/p.

E se m'aquesta merçee | Santa Maria fezer
do gran Port', eu lle prometo | que lle **darey** como quer
dez livras de boa çera, | e fille-as quem quiser;
demais **irei** a ssa casa | e **levarey** meu bordon." (CSM 382, v. 56-59)

darey: FT; 1ps; S; procl.

irei: FT; 1ps; S; s/p.

levarey: FT; 1ps; S; s/p.

E pois aquest' ouve feyto, foy-sse logo sa carreyra
e levou si o sa filla por que non fosse senlleira,
ca achar non **poderia** pera ssi tal companneira.
E passou per muitas terras, e atal foi sa ventura (CSM 383, v. 21-24)

poderia: FT; 3ps; S; s/p.

Desto **direi** un miragre, segundo me foi contado,
que avêo a un monge bõo e ben ordin[n]ado (CSM 384, v. 5-6)

direi: FT; 1ps; S; s/p.

Apareceu ao frade que o guardav', en dormindo,
e viu que ao leyto se chegava passo yndo,
e dizia-lle: «Non temas, ca te **farey** ir sobindo
mig' ora a parayso, u **veerás** os mayores. (CSM 384, v. 40-43)

farey: FT; 1ps; S; procl.

veerás: FT; 2ps; S; s/p.

Ca por quanto tu pintavas meu nome de tres pinturas,
leva[r]-t-ey suso ao çeo, u **verás** as aposturas,
e eno Livro da Vida escrit' ontr' as escrituras
serás ontr' os que non morren, nen an coitas nen doores.» (CSM 384, v. 45-48)

levarey: FT; 1ps; S; mesocl.

verás: FT; 2ps; S; s/p.

serás: FT; 2ps; S; s/p.

e aquel monge lles disse: «Sennores, por cousimento
o que vi vos **direy** todo, se m' en fordes oydores.» (CSM 384, v. 57-58)

direy: FT; 1ps; S; procl.

Desto **direi** un miragre | que avêo en Sevilla,
ena çidade mui nobre |que fez Deus por maravilla, (CSM 386, v. 5-6)

direi: FT; 1ps; S; s/p.

Prol sua nunca fezeron | omes como nos **faremos**
 en fazer vosso mandado, | e demais que **seeremos**
 vosqu' en assessegamento, | por que pois non **temeremos**
 enquisas de mascarade, | que contra todos reganna.” (CSM 386, v. 25-28)

faremos: FT; 1ppl; S; procl.

seeremos: FT; 1ppl; S; s/p.

temeremos: FT; 1ppl; S; s/p.

Enquant' as cartas faziam | desto, foron convidados
 todos del Rey que comes[s]sen | con el, e que avondados
serian de quant' ouvessem | mester; (...) (CSM 386, v. 35-37)

serian: FP; 3ppl; S; s/p.

E respos-lles el Rey logo: | “Asperad' e **veeredes**
 que **fará** Santa Maria, | u jaz merçee quamanna (CSM 386, v. 47-48)

veeredes: FT; 2ppl; S; s/p.

fará: FT; 3ps; S; s/p.

A que pera parayso | irnos nos mostra camin[n]os,
 poder **á de sãar** vellos | e mancebos e menin[n]os. (CSM 389, v. 3-4, refrão)

á de sãar: FT; 3ps; A; s/p.

Poder **á de sãar** vello | se é tal que o mereçe,
 E outro tal o manço | se faz boa mançoço, (CSM 389, v. 5-6)

á de sãar: FT; 3ps; A; s/p.

Con ela lá offreçessen; | ca non tiinnam dinneyros
 que partir de ssi podessem, | nen ovellas nen carneiros
 dos seus dar non y queiram, | ca os santos son arteiros;
 mais **dar-ll-ia** dous capões | ou ben leu dous ansarin[n]os. (CSM 389, v. 30-33)

dar-ll-ia: FP; 3ps; S; mesocl.

Desto **direy** un miragre que eno gran Porto fez,
 que é seu desta Reynna gloriosa de gran prez, (CSM 391, v. 5-6)

direy: FT; 1ps; S; s/p.

Desta quisa quarto dias | passar que non bevera
 cousa que de beber fosse, | e tan gran coita soffrera,
 que tod' ome que o visse | **terria** que já morrera; (CSM 393, v. 25-27)

terria: FP; 3ps; S; s/p.

Ca o dia da gran Çêa, | pois ouv' os pees lavados
 a seus discipulos, disse | que per ele muy guardados
seriam, ca pastor era | bõo e que seus gãados (CSM 398, v. 3-5)

seriam: FP; 3ppl; S; s/p.

E enquanto a lavravam, | demostrou y mui fremosos
 miragres Santa Maria, | e d'oir mui saborosos,
 pêra os que as merçee | d'ave-la son desejos[os];
 mais un deles ontr'os outros | vos **será** per min contado. (CSM 398, v. 18-21)

será: FT; 3ps; S; procl.

Quen usar na de Deus Madre falar e amiga,
non lle **falirám** razões muy bõas que diga. (CSM 398, v. 5-6, refrão)
falirám: FT; 3ppl; S; procl.

Porend' un miragre dela **direi** muy fremoso
que mostro[u] na vila d'Elvas, e maravilloso, (CSM 399, v. 12-13)
direi: FT; 1ps; S; s/p.

Ond' avêo que un dia, seend' enserrada
en sa casa, foi cuidando muit' a malfadada
como matass' o menino; ca desenbargada
seria se o colgasse sequer da viga. (CSM 399, v. 22-25)
seria: FP; 3ps; S; s/p.

(...) E logo na testa
lle foi pôer a agulla, e diss': Oge festa
será pera mi ta morte.» Mais a que abriga (CSM 399, v. 33-35)
será: FT; 3ps; S; s/p.

Os maos feitos, [Deus] **dar-t-ia** porende maa morte,
e **levaria** o demo ta alma en sorte;
mais contra todas tas coitas **darei** gran conorte;
poren maa voontade de ti derrayga. (CSM 399, v. 42-45)
daria: FP; 3ps; S; mesocl.
levaria: FP; 3ps; S; s/p.
darei: FT; 1ps; S; s/p.

E poren fill' a teu fillo nos braços privado
e vay log' aa ygreja dizer teu pecado,
e tan toste nas tas coitas **porrei** eu recado; (CSM 399, v. 47-49)
porrei: FT; 1ps; S; s/p.

Ca pero o don mui pouc' é,
segund' a mia pobreza,
non **catará** est', a la ffe,
a Sennor da franqueza;
ca por un don, esto sey ja,
que ll'eu dé, çento me **dará**
dos seus mui nobres dões,
e a mia mingua **comprirá**
conos seus gualardões. (CSM 400, v. 20-28)
catará: FT; 3ps; S; s/p.
dará: FT; 3ps; S; procl.
comprirá: FT; 3ps; S; s/p.

Esto por don cho peço, | e ar **pidir-ch-ei** al:
Sennor Santa Maria, | pois que começad' **ey**
de pedir-che merçee, | non me **departirey**; (CSM 401, v. 81-83)

pidirei: FT; 1ps; S; mesocl.
ey de pedir: FT; 1ps; S; encl.
departirey: FT; 1ps; S; procl.

nen meu aver enpregue | tam mal com' enpreguey
 en algu~us logares, | segundo que eu sey,
 perdend' el e meu tenpo | e aos que o dey;
 mas des oi mais me guarda, | e guardado **serey**. (CSM 401, v. 88-91)
serey: FT; 1ps; S; s/p.

Tantas son as merçees, | Sennor, que en ti à,
 que porende te rogo | que rogues o que dá
 seu ben aos que ama, | ca sey ca o **fará**
 se o tu por ben vires, | que me dê o que ja
 lle pedi muitas vezes; | que quando for alá
 no parayso, veja | a ti sempr' e acá
 mi acorra en mias coitas | por ti, e **averá**
 me bon galardón dado; | e sempre **fiará**
 en ti quen souber esto | e mais te **servirá**
 por quanto me fizeste | de ben, e t' **amará** (CSM 401, v. 92-101)
fará: FT; 3ps; S; procl.
averá: FT; 3ps; S; s/p.
fiará: FT; 3ps; S; s/p.
servirá: FT; 3ps; S; procl.
amará: FT; 3ps; S; procl.

Aver non **poderia**
 lagrimas que chorasse
 quantas chorar **querria**,
 se m'ante non nenbrasse
 como Santa Maria (CSM 403, v. 2-6)
poderia: FP; 1ps; S; s/p.
querria: FP; 1ps; S; s/p.

Toller deve mal e aduzer bem
 o leite que criou o que non ten
 en seu poder e nos fez de non ren
 e **desfará** quando lle semellar. (CSM 404, v. 5-8)
desfará: FT; 3ps; S; s/p.

Porend' un miragre desta razon
 vos **direi**, que xe **valrrá** um sermon, (CSM 404, v. 10-11)
direi: FT; 1ps; S; procl.
valrrá: FT; 3ps; S; procl.

Entr' as molleres bẽeita es tu;
 Ca tal como ti, u **acharán**, u? (CSM 404, v. 35-36)
acharán: FT; 3ppl; S; s/p.

Dest' un miragre vos **contarei** que vi
 escrit' en livro e dizia assi
 com' **oyredes** adeante per mi,
 que foi a Virgen fazer (CSM 407, v. 6-9)
contarei: FT; 1ps; S; procl.
oyredes: FT; 2ppl; S: s/p.

E crei ora esto que ti dig' eu:
 fas que te leven tost' ant' o altar meu;
 e pois y fores, saud' o corpo teu
 logo **poderá** aver." (CSM 407, v. 51-54)
poderá: FT; 3ps; S; s/p.

Respos el: "Esto **farei** logo de pran." (CSM 407, v. 56)
farei: FT; 1ps; S; s/p.

Ca lle falssou os costados | a saeta que de forte
 baesta fora tirada; e colleu tal desconorte,
 que ben cuidou prender morte,
 que al y non **averia**. (CSM 408, v. 20-23)
averia: FP; 3ps; S; s/p.

Seja por nos loada,
 e dereito **faremos**,
 pois seu ben atendemos
 e d' aver o tẽemos
 por cousa mui guisada,
 ca é noss' avogada;
 e de certo sabemos
 que de Deus **averemos**
 perdon e **guannaremos**
 as merce' acabada
 per ela (CSM 409, v. 6-16)
faremos: FT; 1ppl; S; s/p.
averemos: FT; 1ppl; S; s/p.
guannaremos: FT; 1ppl; S; s/p.

e demais deanteiros
 en fazer sinaadas
 cousas e mui preçadas
 por ela, que contadas
 sejan, que verdadeiros
 lles son e prazenteiros, ca **serán** perdoados
 porende seus pecados,
 e guardados d'errança. (CSM 409, v. 71-79)
serán: FT; 3ppl; S; s/p.

E porque eu gran sabor ey
 de a servir, **servi-la-ey**,
 e quanto poder **punnarey**

d'os seus miragres descobrir. (CSM 410, v. 4-7)

servirey: FT; 1ps; S; mesocl.

punnarey: FT; 1ps; S; s/p.

Pero **direi** ant' en bon son

das sas çinque festas, que son

mui nobres, e **direi** razon

que praza a quena oyr. (CSM 410, v. 9-12)

direi: FT; 1ps; S; s/p.

direi: FT; 1ps; S; s/p.

A mostra a saudaçion

d' Ave que Gabriel enton

lle disse que fillo baron,

Deus e om', **iria** parir. (CSM 410, v. 24-27)

iria: FP; 3ps; S; s/p.

E daquesta naçença | falou muit' Ysaía,

e prophetando disse | que arvor **sayria**

ben de rayz de Jesse, | e que tal fror **faria**

que do Sant' Espirito | de Deus fosse morada. (CSM 411, v. 5-8)

sayria: FP; 3ps; S; s/p.

faria: FP; 3ps; S; s/p.

Mas pero de seu padre, | que Joachin chamado

foi, e sa madre Anna, | **direi**-vos seu estado: (CSM 411, v. 15-16)

direi: FT; 1ps; S; encl.

E disse-lle: "Non temas, | Anna, ca Deus oyda

a ta oraçon ouve; | e poren sen falida

de teu marido filla | **averás**, que comprida

será de todos bêes | mais d'outra e preçada." (CSM 411, v. 55-58)

averás: FT; 2ps; S; s/p.

será: FT; 3ps; S; s/p.

"Com' **irei** a mia terra | u reçebi quebranto

grand' entre meus vezinnos, | que eu, palo Deus santo,

quisera que a testa | me foss' ante tallada? (CSM 411, v. 66-68)

irei: FT; 1ps; S; s/p.

Ca à porta do templo | disseron-mi os porteiros,

pois non avia fillos | como meus conpanheiros,

non **entraria** dentro, | nen aves nen cordeiros

nen ren de mia offerta | non **seria** fillada. (CSM 411, v. 70-73)

entraria: FP; 3ps; S; s/p.

seria: FP; 3ps; S; s/p.

E por esta vergonna | e por este de~osto

fogi a esta terra, | e ei ja assi posto

que nunca alá torne; | e eno mes d'agosto

averá ben seis meses | que fiz aqui estada (CSM 411, v. 75-78)
averá: FT; 3ps; S; s/p.

O angeo lle disse: | "Eu soon mandadeiro
 a ti de Deus do çeo | por te fazer certoiro
 que de ta moller Anna | **averás** tal erdeiro
 per que toda a terra | **será** enlumêada. (CSM 411, v. 85-88)
averás: FT; 2ps; S; s/p.
será: FT; 3ps; S; s/p.

E se esto que digo | tões por maravilla,
 certãaamente cree | que te **dará** Deus filla,
 que o que perdeu Eva | per ssa gran pecadilla
costrar-ss-á per aquesta, | que **será** avogada (CSM 411, v. 90-93)
dará: FT; 3ps; S; procl.
costrará: FT; 3ps; S; mesocl.
será: FT; 3ps; S; s/p.

Cousa, e non passedes | de Deus seu mandamento,
 e id' a vossa casa | logo sen tardamento;
 ca se o non fezerdes, | quiçay por escarmento
 vos **dará** Deus tal morte | que **será** mui sãada." (CSM 411, v. 110-13)
dará: FT; 3ps; S; procl.
será: FT; 3ps; S; s/p.

que lles respos chorando: | "Pois que vos praz, varões,
farei vosso consello; | mais, por Deus, compannões,
 guardade-mi os gãados | en aquesta mallada." (CSM 411, v. 116-118)
farei: FT; 1ps; S; s/p.

E pois lles esto disse, | meteu-ss' aa carreira
 por s'ir pera sa casa | veer sa compan[n]eyra,
 que o be~eyto angeo | fezera [ja] certaíra
 que Joachin **verria** | pela porta dourada, (CSM 411, v. 120-123)
verria: FP; 3ps; S; s/p.

E que a el saysse | recebe-lo, aginna;
 ca Deus enas sas coitas | **porria** meezinna
 e lle **daria** filla | dele tal que Reynna
seria deste mundo | e dos çeos chamada.
porria: FP; 3ps; S; s/p.
daria: FP; 3ps; S; procl.
seria: FP; 3ps; S; s/p.

Tod' aqieste mund' a loar **deveria**
 a virgĩdade de Santa Maria. (CSM 413, v. 3-4)
deveria: FP; 3ps; S; s/p.

Ond' ela foi prene. Mas como x'ant' era
 ficou virgen, que foi maravilla fera;

ca tant' ouve door com[o] ant' ouvera
 que ouvesse fillo. Queno **cuidaria** (CSM 413, v. 10-13)
cuidaria: FP; 3ps; procl.

E porend', amigos, mentes parade
 e **veredes** obra muit' ordin[n]ada
 de como Deus buscou carne sagrada (CSM 414, v. 18-20)
veredes: FT; 2ppl; S; s/p.

E u lle disse: "Beeyto **será**
 aquel fruito que de ti **naçerá**", (CSM 415, v. 30-31)
será: FT; 3ps; S; s/p.
naçerá: FT; 3ps; S; s/p.

aqueste Santa Maria ouv' en si, por que prender
 vëo Deus en ela carne, con que nos pois **julgará**. (CSM 418, v. 10-11)
julgará: FT; 3ps; S; procl.

O terceyro de consello ést', e con mui gran razon
 o ouve Santa Maria; porque quantas ora son
 molleres nen foron ante non ouveron beycion
 de Deus com' aquesta ouve, nen outra non **averá**. (CSM 418, v. 18-21)
averá: FT; 3ps; S; s/p.

O quarto é fortaleza; e aquesta ouv' en ssi
 tan grande, per que o demo perdeu seu poder dali
 u Deus en ela pres carne e foi ome, ca des i
 foi britad' e mal apreso, e ja mais non **cobrará**. (CSM 418, v. 23-26)
cobrará: FT; 3ps; S; s/p.

O quinto don é çiente, que ouve grand' e bon sen
 a Virgen Santa Maria, que a fez responder ben
 quando ll' o angeo disse que do que todo mantem
seria Madr', e diss' ela: Por serva m[e] **achará**.» (CSM 418, v. 28-31)
seria: FP; 3ps; S; s/p.
achará: FT; 3ps; S; procl.

O sesto don piadade é que ouv' e á de pran
 a quantos nas grandes coitas a chamam e **chamarán**;
 e poren Santa Maria os peccadores la an
 ante Deus por avogada, e por sempr' assi **será**. (CSM 418, v. 33-36)
chamarán: FT; 3ps; S; s/p.
será: FT; 3ps; S; s/p.

O septimo destes dões é aver de Deus temor;
 aquest' ouv a Groriosa, pero sempre con amor;
 e por aquesto foi ela Madre de Nostro Sennor
 Jhesu-Christo, Deus e ome, que por sempre **regnará**. (CSM 418, v. 38-41)
regnará: FT; 3ps; S; s/p.

E un ramo de palma lle deu log' en sinal
 que dend' a tercer dia, non **averia** al,
 que **verria** por ela o Rey espirital,
 seu Fillo Jhesu-Christo, que en ela encarnou. (CSM 419, v. 30-33)
averia: FP; 3ps; S; s/p.
verria: FP; 3ps; S; s/p.

Disso-ll' a Santa Virgen: «Sennor, e qual nom' ás?»
 O angeo respos-lle: «Esto non **saberás**,
 ca meu nom' é mui grande; mas cedo **veerás**
 os apostolos tigo, que Deus vir mandou (CSM 419, v. 35-38)
saberás: FT; 2ps; S; s/p.
veerás: FT; 2ps; S; s/p.

E pois juntados sodes, esto vos **rogarei**
 que vigiedes migo; ca eu de certo sei
 que cras en aquel dia deste mundo m'**irei**,
 ca un angeo santo comig' esto falou.» (CSM 419, v. 70-73)
rogarei: FT; 1ps; S; procl.
irei: FT; 1ps; S; procl.

Eles, quand' est' oyron, choraron log' assaz;
 pois disseron: “**Faremos**, Sennor, o que vos praz.” (CSM 419, v. 75-76)
faremos: FT; 1ppl; S; s/p.

Mais a ora da sesta, **direi**-vo-lo que fez
 Deus, que foi Padr' e Fillo desta Virgen de prez: (CSM 419, v. 85-86)
direi: FT; 1ps; S; encl.

E disse a San Pedro: «**Direi**-ch' o que **farás**:
 pois mia Madr' é finada, non esperes a cras, (CSM 419, v. 90-91)
direi: FT; 1ps; S; encl.
farás: FT; 2ps; S; s/p.

Enton disse San Pedro: «Tenno que **será** prol
 d'irmos provar aquesto que nos diz este fol; (CSM 419, v. 140-141)
será: FT; 3ps; S; s/p.

San Pedr[o], e os outros todos a ha voz
 en terra se deitaron, pedindo per Ayoz
 perdon a Santo Thomas; e diss' el: «Ha noz
 non **daria** por esto, pois con verdad' estou.» (CSM 419, v. 150-153)
daria: FP; 3ps; S; s/p.

con ousadia
 que nos desvia
 da bõa via
 que **levaria**
 nos u devia,
 u nos **daria**

sempr' alegría
 que non **falrria**
 nen **menguaria**,
 mas **creçeria**
 e **poiaria**
 e **compriria**
 e **'nçimaria**

a nos. (CSM 421, v. 19-32)

levaria: FP; 3ps; S; s/p.

daria: FP; 3ps; S; procl.

falrria: FP; 3ps; S; s/p.

menguaria: FP; 3ps; S; s/p.

creçeria: FP; 3ps; S; s/p.

poiaria: FP; 3ps; S; s/p.

compriria: FP; 3ps; S; s/p.

encimaria: FP; 3ps; S; s/p.

U **verrá** na carne | que quis fillar de ty, Madre,
 joyga-lo mundo | cono poder de seu Padre. (CSM 422, v. 4-5)
verrá: FT; 3ps; S; s/p.

E u el a todos | **parecerá** mui sannudo,
 enton faz-ll' enmente | de como foi concebudo. (CSM 422, v. 7-8)
parecerá: FT; 3ps; S; s/p.

U **verás** dos santos as compannas espantadas,
 mostra-ll' as tas tetas | santas que ouv'el mamadas. (CSM 422, v. 13-14)
verás: FT; 2ps; S; s/p.

U ao juyzio | todos, per com' é escrito,
verrán, di-lli como | con el fugisti a Egipto. (CSM 422, v. 16-17)
verrán: FT; 3ppl; S; s/p.

U **leixarán** todos | os viços e as requezas,
 di-lle que sofriste | con el[e] muitas pobrezas. (CSM 422, v. 19-20)
leixarán: FT; 3ppl; S; s/p.

U **queimará** fogo | serras [e] vales e montes,
 di com' en Egipto | non achast' aguas nen fontes. (CSM 422, v. 22-23)
queimarás: FT; 2ps; S; s/p.

U **verás** os angeos | estar ant' ele tremendo,
 di-lle quantas vezes | o tu andast' ascondendo. (CSM 422, v. 25-26)
verás: FT; 2ps; S; s/p.

U **dirán** as tronpas: | “Mortos, levade-vos logo”,
 di-ll' u o perdiste | que ta coita non foy jogo. (CSM 28-29)
dirán: FT; 3ppl; S; s/p.

U **será** o ayre | de fog' e de suffr' aceso,
di-ll' a mui gran coita | que ouviste pois foi preso (CSM 422, v. 31-32)
será: FT; 2ps; S; s/p.

U **verrá** do çeo | são mui fort' e rogado,
di-ll' o que soffriste | u d'açoutes foi ferido. (CSM 422, v. 34-35)
verrá: FT; 3ps; S; s/p.

U **terrán** escrito | na frontes quanto fezeron,
di-ll' o que soffriste | quand' o ena cruz poseron. (CSM 422, v. 37-38)
terrán: FT; 3ppl; S; s/p.

E du o mar grande | **perderá** as semellança,
di-ll' o que soffriste | u lle deron cona lança. (CSM 422, v. 46-47)
perderá: FT; 3ps; S; s/p.

E u a terra fez, mostrou ben qual
poder avia; mas quen comidir,
por mais **terrá** u por nos remiir
andou en ela e sogreu gran mal. (CSM 423, v. 21-24)
terrá: FT; 3ps; S; s/p.

Diss' Erodes: «Creed' a mi,
ca bon consello vos **darei**:
id', e pois tornardes des i,
ar **y-lo-ei** eu connoçer.» (CSM 424, v. 38-41)
darei: FT; 1ps; S; procl.
yrei: FT; 1ps; S; mesocl.

Grand' alegria vos **será**;
ca o **veeredes** alá
en Galilea, u está
segund' vos el dit' avia.» (CSM 425, v. 45-48)
será: FT; 3ps; S; procl.
veeredes: FT; 2ppl; S; procl.

Mas ante les disse: “Ide preegar
o meu Evangeo per cada logar,
e quantos creveren e se batiçar
quiseren de grado, logo **serán** meus. (CSM 426, v. 20-23)
serán: FT; 3ppl; S; s/p.

Os que non creveren, perdudos **serán**;
mai-los outros diabres **deitarán**
dos omões e languages **falarán**
mais que aqueles que albergan romeus, (CSM 426, v. 25-28)
serán: FT; 3ppl; S; s/p.
deitarán: FT; 3ps; S; s/p.
falarán: FT; 3ps; S; s/p.

Nen lles **nuzirá** se beveren poçon,
e **guarrán** de todo mal e de lijón
aos enfermos.” (CSM 426, v. 30-32)

nuzirá: FT; 3ps; S; procl.

guarrán: FT; 3ps; S; s/p.

Ena maneira que o veedes dacá
subir ao ceo, ben assi verrá
joyga-lo mund' e os mortos fará
ressurgir, que non creen os fariseus.” (CSM 426, v. 40-43)

verrá: FT; 3ps; S; s/p.

fará: FT; 3ps; S; s/p.

Muitas veces lles fora prometer
Deus que per seu Espirito saber
lles **faria** todas [las] cousas entender
mellor que nunca sage en todo o mund' aprendeu. (CSM 427, v. 18-21)

faria: FP; 3ps; S; procl.

E porend' os dicipolos meter
se foran de su~u e atender
en hu~a casa por aquel don receber;
e estand' ali, **direi**-vos eu o que lles conteceu: (CSM 427, v. 23-26)

direi: FT; 1ps; S; encl.